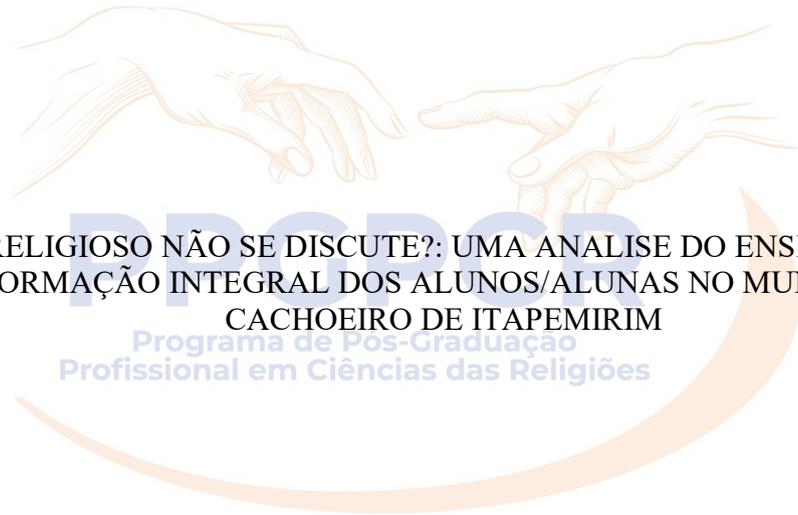


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ISABELLE ARAÚJO SILVA



ENSINO RELIGIOSO NÃO SE DISCUTE?: UMA ANÁLISE DO ENSINO RELIGIOSO
NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS ALUNOS/ALUNAS NO MUNICÍPIO DE
CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 13/03/2025.

VITÓRIA-ES
2025

ISABELLE ARAÚJO SILVA

ENSINO RELIGIOSO NÃO SE DISCUTE?: UMA ANÁLISE DO ENSINO RELIGIOSO
NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS ALUNOS NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DE
ITAPEMIRIM



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Orientador: Elcio Sant'Anna

Silva, Isabelle Araújo

Ensino Religioso não se discute? / Uma análise do Ensino Religioso na formação integral dos alunos no Município de Cachoeiro de Itapemirim / Isabelle Araújo Silva. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2025.

vi, 123 f. ; 31 cm.

Orientador: Elcio Sant'Anna

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2025.

Referências bibliográficas: f. 123-129

1. Ciência da religião. 2. Religião e Espaço Público. 3. Ensino Religioso. 4. Educação integral. 5. Laicidade. 6. Diversidade religiosa. 7. Formação de professores. - Tese. I. Isabelle Araújo Silva. II. Faculdade Unida de Vitória, 2025. III. Título.

ISABELLE ARAUJO SILVA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação Profissional da Faculdade Unida de Vitória – 13/03/2025.

ENSINO RELIGIOSO NÃO SE DISCUTE?:
UMA ANÁLISE DO ENSINO RELIGIOSO NA FORMAÇÃO INTEGRAL DOS
ALUNOS/ALUNAS NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM



Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Dissertação de Mestrado Profissional como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Área de Concentração: Religião e Sociedade. Linha de Atuação: Religião e Espaço Público.

Data: 13 mar. 2025.

Elcio Sant'Anna, Doutor em Teologia, UNIDA (presidente).

Claudete Beise Ulrich, Doutora em Teologia, UNIDA.

gov.br

Documento assinado digitalmente

CLEITON MACHADO MAIA

Data: 12/06/2025 17:52:06-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Cleiton Machado Maia, Doutora em Ciências das Religiões, URFRR.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde e disposição para que eu me dedicasse com determinação durante a realização deste trabalho, e por permitir o meu crescimento profissional diante de cada obstáculo encontrado, e assim, alcançar meus objetivos traçados ao longo da minha jornada acadêmica.

Agradeço também à minha família, meus pais, Joel da Cruz Silva e Maria das Neves Araújo, que com todo amor e companheirismo me apoiaram nos cuidados com meu filho em minha ausência para os estudos. Ao meu esposo, Marcos Pinheiro Mello, que sempre me incentivou a buscar meus sonhos. Aos meus filhos, Nathalia e Gabriel, que são minha maior motivação em tudo o que faço na vida, e compreenderam a minha ausência para os estudos.

Agradeço ainda aos professores que compartilham comigo esses 17 anos de magistério. Em especial, ao amigo Professor Fabiano Miranda Borges, por me apresentar o Mestrado Profissional da Faculdade Unida de Vitória. À minha colega Andreia Soares, que agora já é mestre pela Faculdade Unida de Vitória, por todos os conselhos, orientações, ajuda e também por dividir as angústias dessa caminhada. Meu muito obrigado. Você foi essencial na minha jornada. Ao Professor Horácio Neto, que também me orientou, compartilhou informações e me incentivou ao longo desses dois anos de estudo.

Ao meu professor/orientador, Dr. Elcio Sant'Anna, que, com muita paciência e maestria, conduziu-me para que eu trilhasse o caminho do conhecimento à luz das Ciências das Religiões.

Aos demais professores, que, pela transmissão dos ensinamentos, permitiram-me apresentar um desempenho mais sólido ao longo do curso.

Aos meus colegas e companheiros de jornada, que contribuíram com minha pesquisa e aceitaram participar do grupo focal, mesmo após um dia de trabalho cansativo.

A todos os meus amigos pelas palavras de ânimo.

A todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado.

RESUMO

Esta dissertação investiga a relação entre a religião e a formação integral do aluno no contexto escolar, analisando como a dimensão religiosa pode ser incorporada de maneira pedagógica e respeitosa nas práticas educacionais. Parte-se da hipótese de que existe uma lacuna na formação dos profissionais da educação, particularmente no que diz respeito ao preparo para abordar o fenômeno religioso e suas implicações no espaço escolar. A questão central da pesquisa consiste em verificar se é possível assegurar uma educação integral sem considerar aspectos fundamentais da condição humana, como a religiosidade. Para tanto, realizou-se um estudo em uma escola pública, utilizando a técnica de grupo focal para a coleta de dados, com a participação de docentes e funcionários. Os resultados indicam que, embora a religiosidade represente uma dimensão relevante da experiência humana, sua abordagem no ambiente escolar ainda é superficial, frequentemente em decorrência da insuficiência na formação docente. Essa carência contribui para a perpetuação de preconceitos e limita o potencial da escola como espaço de diálogo e inclusão. Como contribuição prática, propõe-se um projeto interdisciplinar que envolva a comunidade escolar, fomentando o debate crítico e reflexivo sobre a diversidade religiosa. Ademais, ressalta-se a necessidade de formação continuada para os professores, a fim de que possam lidar com a pluralidade religiosa de forma sensível e respeitosa. Conclui-se que a integração da religiosidade na educação integral é indispensável para a formação de cidadãos críticos, éticos e solidários, capazes de valorizar a diversidade e promover a convivência harmoniosa em uma sociedade plural.

Palavras-chave: Religião. Educação Integral. Laicidade. Diversidade Religiosa. Formação de Professores.

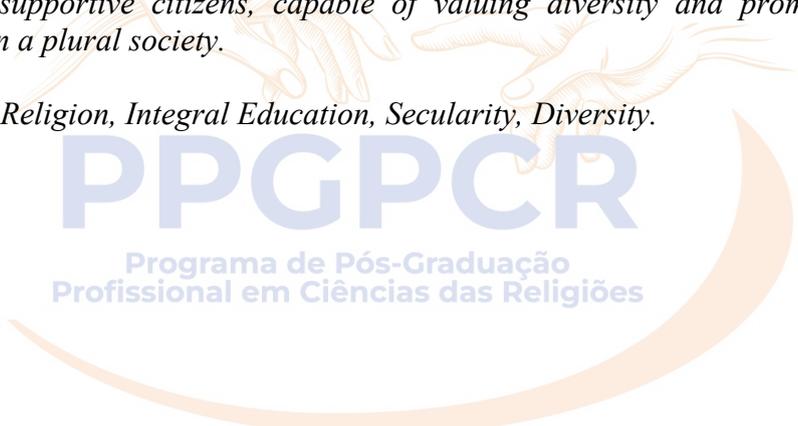


PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

ABSTRACT

This dissertation investigates the relationship between religion and the integral education of students in the school context, analyzing how the religious dimension can be incorporated in a pedagogical and respectful manner into educational practices. It is based on the hypothesis that there is a gap in the training of education professionals, particularly with regard to their preparation to address the religious phenomenon and its implications in the school environment. The central question of the research is to verify whether it is possible to ensure an integral education without considering fundamental aspects of the human condition, such as religiosity. To this end, a study was conducted in a public school, using the focus group technique for data collection, with the participation of teachers and staff. The results indicate that, although religiosity represents a relevant dimension of the human experience, its approach in the school environment is still superficial, often due to insufficient teacher training. This lack contributes to the perpetuation of prejudices and limits the potential of the school as a space for dialogue and inclusion. As a practical contribution, an interdisciplinary project is proposed that involves the school community, fostering critical and reflective debate on religious diversity. Furthermore, the need for ongoing training for teachers is highlighted, so that they can deal with religious plurality in a sensitive and respectful manner. It is concluded that the integration of religiosity into comprehensive education is essential for the formation of critical, ethical and supportive citizens, capable of valuing diversity and promoting harmonious coexistence in a plural society.

Keywords: Religion, Integral Education, Secularity, Diversity.



PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

SUMÁRIO

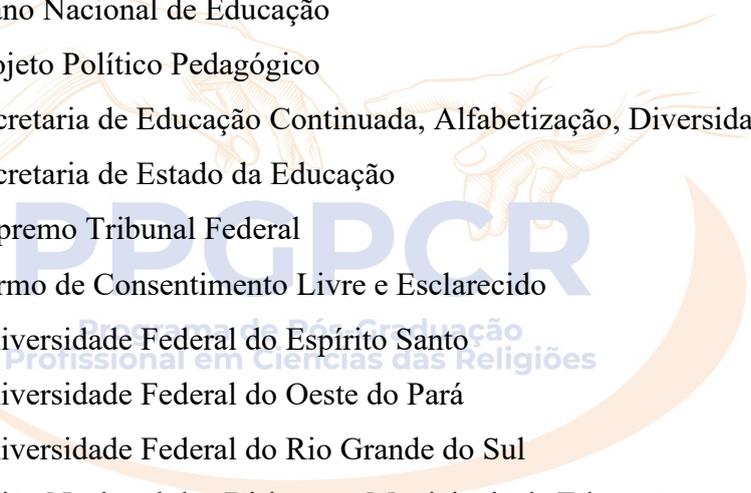
LISTA DE SIGLAS	10
INTRODUÇÃO.....	11
1 RELIGIÃO E ESPAÇO ESCOLAR	18
1.1 CONCEITOS DE RELIGIÃO.....	18
1.1.1 RELIGIÃO E ESPAÇO ESCOLAR	34
1.1.2 A IMPORTÂNCIA DA LAICIDADE.....	37
1.1.3 DESAFIOS DA DIVERSIDADE RELIGIOSA	41
1.1.4 A PRESENÇA DA RELIGIÃO NO COTIDIANO DA ESCOLA.....	43
2 EDUCAÇÃO INTEGRAL: CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS LEGAIS.....	46
2.1 EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL: DO IMPÉRIO A BNCC.....	47
2.2 A EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL: UMA ANÁLISE CONTEMPORÂNEA.....	56
2.3 DIMENSÃO RELIGIOSA NA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL	63
2.4 RELIGIÃO E ESFERA PÚBLICA: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INTEGRAL	69
3 RELIGIÃO NO ESPAÇO PÚBLICO EM UMA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL	73
3.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA.....	73
3.1.1 METODOLOGIA.....	74
3.1.2 APLICAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS NESTA PESQUISA	76
3.1.3 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES	78
3.1.4. PROCEDIMENTOS ADOTADOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS	80
3.2 CONCEPÇÕES SOBRE A RELIGIÃO NO ESPAÇO PÚBLICO E NA EDUCAÇÃO INTEGRAL- O QUE DIZEM OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	80
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE A	130
APÊNDICE B.....	131
APÊNDICE C.....	134
APÊNDICE D	176
ANEXO 1	180
ANEXO 2	183
ANEXO 3	185

ANEXO 4	188
ANEXO 5	191
ANEXO 6	194
ANEXO 7	195
ANEXO 8	198
ANEXO 9	201



LISTA DE SIGLAS

ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
IGBE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	LDB
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
SECAD	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
SEDU	Secretaria de Estado da Educação
STF	Supremo Tribunal Federal
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNDIME	União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
USP	Universidade de São Paulo



INTRODUÇÃO

Um dos princípios fundamentais da educação nacional, conforme definido pela Constituição Federal, é o dever de contribuir para o desenvolvimento pleno do ser humano. Esse princípio também é reafirmado em outros documentos legais do Brasil, como o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta última, um documento de caráter normativo, guia a formulação dos currículos dos sistemas e redes escolares no país, com o propósito de garantir um conjunto de aprendizagens essenciais para os estudantes brasileiros, visando a redução das desigualdades ainda prevalentes na Educação Básica. Segundo a BNCC:

A Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva¹.

Promover uma formação que contribua para o desenvolvimento pleno do educando exige que, ao elaborar o processo educativo, a escola leve em consideração todas as potencialidades do indivíduo. É necessário integrar suas diversas dimensões, “intelectual, física, emocional, social e cultural”², com o objetivo de prepará-lo para viver e atuar em sociedade. Portanto, é fundamental que o estudante desenvolva habilidades que o capacitem a conviver harmoniosamente em uma sociedade diversa, composta por múltiplas concepções de vida, pensamentos, ideologias e religiões. Essa convivência tem início no ambiente familiar e se expande, com desafios e confrontos, no espaço escolar.

As diversas concepções de vida, tais como questões étnico-raciais, de gênero, classe social, religião, entre outras, estão presentes na escola e refletem os impasses existentes na sociedade contemporânea. Nesse contexto, a escola se torna um espaço privilegiado para a promoção do diálogo entre os diferentes sujeitos que a compõem, visando à superação da intolerância e do preconceito diante das diferenças.

Ao longo da trajetória escolar observada, tanto no acompanhamento de professores e alunos quanto na atuação como docente da Educação Especial, diversas situações foram presenciadas nas quais questões religiosas eram debatidas nas interações entre alunos ou entre alunos e professores. Em muitas dessas ocasiões, notou-se que os docentes, incluindo a autora,

¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. [online]. p 14.

² CENPEC – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. O que é educação integral? [online].

não estavam adequadamente preparados para lidar com conflitos religiosos que surgem no cotidiano escolar.

Durante a formação atual no mestrado em Ciência das Religiões e a partir de leituras e reflexões sobre o tema, uma situação marcante foi vivenciada na escola de atuação. Uma professora de Ensino Religioso, recém-chegada à instituição, propôs um trabalho de pesquisa e apresentação para suas treze turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, com o tema “Modelos de Crenças e Convicções”. O objetivo era que os alunos apresentassem o resultado de suas pesquisas sobre a vida e as atribuições dos principais líderes religiosos de diversas religiões, como Budismo, Cristianismo, Espiritismo, Hinduísmo, Islamismo e Judaísmo.

Das treze turmas, apenas uma se recusou a realizar o trabalho, justificando que as religiões não cristãs eram "coisas do demônio". Professores de outras disciplinas, com o intuito de apoiar a colega, atribuíram pontos adicionais em suas respectivas matérias para incentivar os alunos a cumprir a proposta. Após essa iniciativa, a maioria dos alunos da turma apresentou a pesquisa, ainda que de forma bastante superficial.

Refletindo sobre esse episódio e considerando o objetivo de educar na integralidade, com empatia e respeito, observa-se que nem a professora de Ensino Religioso nem os demais envolvidos adotaram a postura necessária para lidar com a situação. Conforme orienta Paulo Freire, é necessário reconhecer o educando como sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem. Isso exige uma atitude de diálogo, que permita o confronto respeitoso de ideias, promovendo o reconhecimento da liberdade e da consciência individual de cada estudante.

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes³.

É importante salientar que o assunto religião, no ambiente escolar, surge em qualquer momento e em qualquer aula ou disciplina diante da heterogeneidade do local em que estamos e onde, muitas vezes, a religião ou a falta dela é identificada no indivíduo a partir de sua vestimenta, discurso, atitude etc. Pela imperícia de muitos, o assunto quando surge, é evitado pela premissa de que “religião não se discute, respeita-se”.

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 91

Na pesquisa apresentada por Andrea Paiva⁴ no contexto da religião no ensino de sociologia, constatou-se que muitos professores, embora reconhecessem a necessidade da abordagem religiosa e do próprio ensino religioso, consideravam falar sobre religião como uma questão "muito particular" e, assim, propensa ao conflito. Muitos relataram evitar o assunto, pois não dispunham de "método e diálogo" para abordá-lo adequadamente. No entanto, é sabido que muitos indivíduos são discriminados, privados e excluídos de várias ações e atividades no ambiente escolar por professar e/ou demonstrar possuir uma religião que difere daquela predominante. A ausência da abordagem deste tema na escola contribui para tais atitudes.

Dessa maneira, torna-se evidente a importância da construção de relações dialógicas entre professores e alunos em sala de aula, assim como a necessidade de que os professores estejam preparados e aptos para tratar do assunto. É fundamental estar ciente de que a religiosidade é um aspecto marcante na vida social, independentemente de o indivíduo professar ou não algum credo religioso. A religião molda o sentido da vida, aborda o íntimo das pessoas, e a construção ou desconstrução de pensamentos e atitudes deve ser realizada com consciência, respeito e empatia. Essa visão humanística⁵ da educação, "permite e exige que o educador se desenvolva plenamente, para que possa compreender e dar significado ao processo educativo".⁶

Acrescente-se a essa visão o fato de que, a partir do reconhecimento pelo Estado brasileiro da religiosidade como componente curricular da educação pública, é possível considerar a religiosidade como um aspecto constituinte da formação humana. Esse reconhecimento é estabelecido primeiramente pela Constituição Federal de 1988, que inclui a disciplina de Ensino Religioso na grade curricular, conforme o §1º do Art. 210: "O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental,"⁷ o que é reiterado pela LDB 9394/96 (a lei n.º 9.475)⁸, por fim a Base Nacional Comum Curricular, o Ensino Religioso é considerado como área de conhecimento e parte integrante da formação básica do cidadão, fundamentado na dignidade humana, independente da opção religiosa.⁹

⁴ PAIVA, Andrea. *Dinâmica do sagrado: falando de religião no ensino de sociologia*. Revista Inter-Legere, Natal, n. 18, jan./jun. 2016, p. 100.

⁵ A abordagem humanística da educação enfatiza o desenvolvimento integral do aluno, valorizando suas necessidades emocionais, sociais e intelectuais. Prioriza o respeito pelo aluno como indivíduo, buscando criar um ambiente de aprendizagem colaborativo e centrado no aluno, onde este é encorajado a explorar seus interesses e potenciais.

⁶ GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. Cadernos Cenpec, n. 2, jul./dez. 2006, p. 15-24. p. 16.

⁷ BRASIL. *Constituição Federal: Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, 1988. [online]. p. 121.

⁸ BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996. [online].

⁹ BRASIL, 2018, p. 14. [online].

Reconhecer a relevância das questões de religiosidade para o desenvolvimento pleno do ser humano e sua formação para o exercício da cidadania representa um avanço por parte do Estado brasileiro. Somente dessa forma, a educação poderá colaborar no desenvolvimento de seres humanos mais plenos de suas potencialidades positivas.

Assim, levanta-se a seguinte questão: se os sistemas escolares ignoram aspectos essenciais da condição humana, como a religiosidade, é possível garantir uma educação verdadeiramente integral? Ao abordar essa questão, busca-se explorar os possíveis preconceitos, lacunas e desafios dentro do sistema educacional em relação ao educar para a integralidade.

Pretende-se demonstrar, entre outras, a seguinte hipótese: existe uma lacuna na formação dos profissionais da educação no que se refere à promoção de uma educação voltada à integralidade, pois sua formação não os preparou adequadamente para isso, especialmente no que diz respeito ao fenômeno da religiosidade e suas implicações, uma vez que a religiosidade é uma das muitas dimensões que constituem o ser humano.

Para resolver a problemática apresentada e melhor compreender o assunto, esta pesquisa traçou como objetivo geral: analisar a educação integral, considerando a importância de reconhecer a dimensão da religiosidade nesta concepção de educação e como isso pode ser articulado ao reconhecimento de que os seres humanos estão em constante formação. O objetivo geral apresentado constitui o fundamento primordial para o desenvolvimento e construção deste trabalho, sempre ressaltando e articulando fundamentos metodológicos bibliográficos para o embasamento do texto.

Foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) Compreender a relação entre religião e Educação Integral no espaço escolar; b) Argumentar sobre o papel da dimensão religiosa na proposta de educação integral; c) Conhecer as falas e concepções de profissionais da educação, identificando, por meio da análise dos resultados de pesquisa de campo, como tais concepções se manifestam em um espaço público sobre a religião na educação integral; e d) Formular uma proposta para colaborar com a superação dos desafios encontrados nos diferentes espaços escolares no que se refere a educar na integralidade com foco na dimensão religiosa.

Para investigar essa questão, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo, utilizando o método dialético. A técnica de coleta de dados empregada foi o grupo focal, com a participação de nove funcionários atuantes na escola onde a pesquisadora exerce a função de pedagoga e vivenciou a situação relatada no início desta introdução, além de outras que serão expostas adiante. A pesquisa foi conduzida na Escola Estadual de Ensino Fundamental

Quintiliano de Azevedo, localizada no bairro Santo Antônio, no município de Cachoeiro de Itapemirim.

Mário Cardano afirma que o objetivo principal de um grupo focal é “gerar uma discussão focalizada dentro de um grupo sobre o tema proposto pelo grupo de pesquisa aos participantes”.¹⁰ Dessa forma, concluiu-se que, para investigar a presença de religiões e situações que envolvem essa temática no ambiente escolar, buscando caminhos para minimizar e até superar os desafios de educar na integralidade, o grupo focal seria a técnica mais proveitosa, pois possibilita:

Fornece um conjunto variado de informações expressas no entrelaçamento dos discursos dos participantes e nas relações, que ao lado e por meio desses discursos, tomam forma. Surge assim as atitudes, as crenças, a orientação de valor sobre o tema em discussão próprios dos participantes, mas além disso, surgem as razões – solicitadas pela discussão- adotadas para apoio das crenças, das atitudes, dos valores de cada um¹¹.

Além da prática do grupo focal, foi realizada, na primeira etapa, uma revisão bibliográfica e documental que trouxe as discussões a respeito das diretrizes gerais deste estudo.

A pesquisa bibliográfica baseia-se na análise e interpretação de livros, artigos, teses, dissertações e outros documentos impressos ou digitais disponíveis em bibliotecas, bancos de dados e fontes acadêmicas. Esse tipo de pesquisa busca identificar, analisar e sintetizar informações já produzidas por outros pesquisadores sobre um determinado tema. A pesquisa bibliográfica é fundamental para embasar teoricamente um estudo, fornecer um panorama do conhecimento existente e identificar lacunas que possam ser investigadas em pesquisas posteriores.¹²

A pesquisa documental concentra-se na análise e interpretação de documentos primários, como registros históricos, atas, cartas, diários, relatórios governamentais, legislações, entre outros. Esses documentos são fontes ricas de informações que podem auxiliar na compreensão de contextos, eventos e processos históricos. A pesquisa documental é amplamente utilizada em estudos históricos, sociológicos, jurídicos e em diversas outras áreas que requerem acesso a documentos originais.¹³

¹⁰ CARDANO, Mário. *Manual de pesquisa qualitativa: contribuição da teoria da argumentação*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 223.

¹¹ CARDANO, 2017, p. 224-225.

¹² GIL, Antonio. C. *Gestão de pessoas: enfoque nos Papéis Profissionais*. São Paulo: Atlas. 2006, p. 53.

¹³ GIL, 2006, p. 75.

Quanto à estruturação da pesquisa, foi adotado um modelo no qual, após a breve introdução, apresenta-se o primeiro capítulo, cujo objetivo é dissertar sobre religião e seus conceitos, explorando os significados históricos e culturais do termo "religião" e suas diferentes interpretações. O capítulo analisa a relevância da laicidade no ambiente escolar, assegurando a neutralidade e a liberdade religiosa, conforme garantido pela Constituição brasileira. Também discute os desafios impostos pela diversidade religiosa, destacando a importância de respeitar diferentes crenças para evitar preconceitos e promover um ambiente inclusivo. O capítulo conclui com uma reflexão sobre como a religião influencia as identidades e as dinâmicas de convivência escolar, com o intuito de fomentar práticas que garantam harmonia e respeito à diversidade cultural e religiosa, preceitos básicos de uma educação integral.

No segundo capítulo, são apresentadas as concepções de modelo de Educação Integral, abordando a evolução histórica desse conceito no Brasil, desde o período imperial até as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). São discutidas as mudanças ideológicas e políticas que moldaram suas práticas e legislações. O capítulo também destaca o debate contemporâneo sobre o modelo de educação em tempo integral e a inclusão da dimensão religiosa, reconhecida como parte fundamental da formação integral, dada sua relevância no desenvolvimento humano e na construção de valores éticos. A inclusão da religiosidade no currículo é defendida como uma forma de promover a diversidade cultural e religiosa, contribuindo para a formação de indivíduos éticos e respeitosos em uma sociedade plural.

O terceiro capítulo, de caráter prático, será baseado na análise dos dados sobre as reflexões propostas a partir do grupo focal realizado com professores de uma escola estadual, conforme já mencionado nesta introdução. O objetivo é investigar a percepção e as práticas dos professores em relação à presença da religião no espaço escolar e superar os desafios no que diz respeito à educação integral, com a finalidade de tornar o ambiente escolar mais acolhedor, promovendo o debate, a discussão e a superação do preconceito e da intolerância religiosa diante das diferenças que nos constituem como seres humanos. Serão abordados temas como a presença de discursos religiosos em sala de aula, as abordagens adotadas pelos professores e as percepções dos docentes em relação à diversidade religiosa e à formação integral do aluno.

Como resultado da pesquisa, foi elaborado um projeto pedagógico interdisciplinar, estruturado como um instrumento de intervenção prática, com o objetivo de ser apresentado como sugestão à escola participante. Este projeto é direcionado aos docentes e visa promover a Educação Integral, destacando o papel da religiosidade dentro dessa abordagem. O produto final será submetido à direção e à coordenação pedagógica da escola.

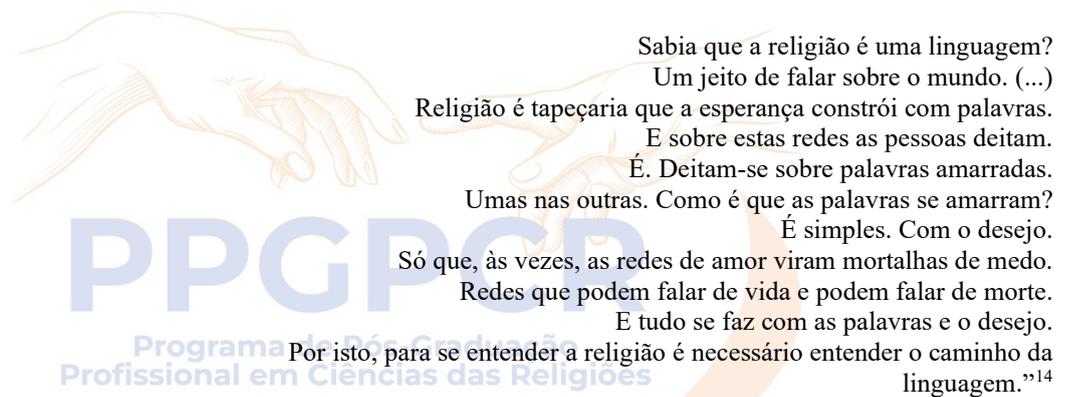
Ao concluir esta pesquisa, busca-se contribuir para a conscientização da comunidade escolar quanto à responsabilidade compartilhada de promover uma sociedade que respeite e valorize as diferenças culturais, religiosas e sociais. A integração da religiosidade à prática pedagógica da Educação Integral é um passo essencial para formar sujeitos plenos, éticos e preparados para viver em uma sociedade complexa e plural. Ressalta-se, portanto, a importância da formação continuada dos educadores e da construção de projetos pedagógicos inovadores que fomentem o diálogo intercultural e inter-religioso, pilares de uma escola mais justa, inclusiva e promotora da cidadania.



1 RELIGIÃO E ESPAÇO ESCOLAR

Diante da hipótese levantada sobre as possíveis dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação no ambiente escolar, especialmente no que se refere à promoção de uma educação voltada para a integralidade no contexto do fenômeno da religiosidade, acredita-se que, primeiramente, o professor deve estar ciente do vocábulo "religião", compreendendo sua origem, suas variações e as diferentes formas como o termo pode ser concebido no contexto escolar. É importante considerar as conceituações associadas às expressões de uma diversidade de contextos e temporalidades.

1.1 Conceitos de Religião



Em seu uso cotidiano, ou mesmo para fins acadêmicos, o conceito de religião pode parecer bastante claro. De fato, empregamos a palavra com desenvoltura, como se seu sentido fosse transparente para nós e para nossos interlocutores. No entanto, será que podemos assumir a noção de religião como algo tão natural?

Acreditamos que o conceito de religião não seja tão claro, pois trata-se de um fenômeno complexo e multifacetado que tem sido objeto de estudo ao longo dos séculos. Diferentes culturas, tradições e pensadores têm oferecido uma variedade de concepções sobre o que constitui a essência da religião e como ela se manifesta na vida humana. Aqui, exploraremos algumas dessas concepções e as formas como elas influenciam nossa compreensão do fenômeno religioso.

A etimologia da palavra "religião" é complexa e amplamente debatida. Existem diferentes teorias sobre sua origem e significado, que geram questionamentos e discussões

¹⁴ ALVES, Rubem. O enigma da religião. Campinas, SP: Papyrus, 1984. p. 45.

acadêmicas há séculos. Inicialmente, o termo latino *religio* estava associado a um conjunto de normas e práticas, sem necessariamente envolver divindades, rituais ou mitos, como entendemos atualmente. Sobre esse aspecto, Silva observa:

O próprio termo ‘religião’ originou-se da palavra latina *religio*, cujo sentido primeiro indicava um conjunto de regras, observâncias, advertências e interdições, sem fazer referência a divindades, rituais, mitos ou quaisquer outros tipos de manifestação que, contemporaneamente, entendemos como religiosas. Assim, o conceito ‘religião’ foi construído histórica e culturalmente no Ocidente adquirindo um sentido ligado à tradição cristã. O vocábulo ‘religião’ – nascido como produto histórico de nossa cultura ocidental e sujeito a alterações ao longo do tempo – não possui um significado original ou absoluto que poderíamos reencontrar. Ao contrário, somos nós, com finalidades científicas, que conferimos sentido ao conceito. Tal conceituação não é arbitrária: deve poder ser aplicada a conjuntos reais de fenômenos históricos suscetíveis de corresponder ao vocábulo ‘religião’, extraído da linguagem corrente e introduzido como termo técnico.¹⁵

Nestor Figueredo¹⁶, em sua tese, analisa de forma detalhada a evolução etimológica do termo “religião”, explorando as ressignificações promovidas por pensadores cristãos e as disputas em torno de sua origem latina. Segundo o autor, o termo “religião” deriva da palavra latina *religio*, que, em sua concepção inicial, estava associada aos cultos romanos anteriores à ascensão do cristianismo como religião dominante. Figueredo identifica duas principais interpretações etimológicas para o termo, cada uma refletindo diferentes contextos históricos e filosóficos.

Ele também aborda em seu texto uma disputa etimológica sobre a origem do termo. Na concepção latina, a origem de *religio* teria dois entendimentos ou proveniências: de um lado, a partir da literatura clássica latina, particularmente nos textos de Cícero, um escritor romano que viveu entre 106 e 43 a.C., associado ao termo *relegere*; de outro, em Lactâncio, filósofo romano, professor de retórica e autor de vários livros que viveu entre 240 e 320 d.C., associado ao termo *religare*.

Cícero defende a interpretação de *relegere*, que significa “retornar ao que tinha sido abandonado”, sugerindo um vínculo com as práticas ritualísticas romanas, caracterizadas pela repetição atenta e reverente de atos religiosos. Segundo essa perspectiva, *religio* estaria ligada à observância rigorosa e à reflexão meticulosa sobre os ritos, sem necessariamente envolver um aspecto transcendente.

¹⁵ SILVA, E. M. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 2, p. 1-14, 2004. p. 4.

¹⁶ FIGUEIREDO, Nestor. Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 20, n. 3, p. 271-294, 2020. p. 272-274.

Por outro lado, Lactânncio propõe que o termo deriva de *religare*, que significa "ligar novamente". Para ele, a religião seria uma forma de reconexão do ser humano com Deus ou com o transcendente, introduzindo um aspecto espiritual e relacional ao conceito de religião, em oposição às práticas ritualísticas romanas.

Figueredo¹⁷ argumenta que essas duas interpretações coexistiram ao longo da história, mas a ressignificação cristã acabou predominando, moldando profundamente o entendimento do termo no Ocidente. Essa ressignificação não apenas transformou a palavra, mas também redefiniu a maneira como religião é concebida, deslocando o foco das práticas rituais para a relação entre o homem e o transcendente.

Não vamos nos aprofundar nessa discussão neste momento, mas é importante reconhecer que, independentemente da origem etimológica da palavra "religião", seu significado é vasto e complexo. Ele engloba uma diversidade de crenças, práticas e tradições que se desenvolveram ao longo da história e em diferentes culturas. As dúvidas e debates sobre o significado da religião refletem a própria natureza desafiadora e enigmática desse fenômeno humano tão fundamental. Carlos Roberto Jamil Cury fala justamente sobre essa diversidade de interpretações:

Para uns, a religião é um retorno ampliado a uma comunhão cósmica e telúrica. Para outros, o surgimento da vida, o encantamento como céu estrelado e com a consciência interior de cada qual inspiram postular a passagem do universo terreno ao universo da transcendência ou, em outros termos, no encontro de outro com o Outro. Esta passagem – para uns, uma questão de argumento lógico, para outros um salto na fé– significou o aparecimento de múltiplas modalidades de expressar a religião do homem com o Transcendente. Ao mesmo tempo, tal religião foi a oportunidade para que muitos também expressas sem um humanismo radical no âmbito exclusivo da terrenalidade e da temporalidade¹⁸.

Neste tópico, examinaremos as perspectivas de alguns pensadores e como suas definições contribuíram para a compreensão do fenômeno religioso. Nossa intenção não é realizar um estudo aprofundado, mas, diante das diversas definições existentes, utilizaremos autores cujas concepções mais se aproximam das causas do comportamento que analisaremos, especialmente no que se refere ao comportamento de alunos e professores.

¹⁷ FIGUEIREDO, 2020, p. 272-274.

¹⁸ CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: ANPED, set./out./nov./dez. 2004. p. 188.

Para tanto, abordaremos sucintamente a ideia de religião sob a ótica dos sociólogos Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber, dos antropólogos Mircea Eliade e Clifford Geertz e, por fim, do teólogo, filósofo e escritor brasileiro Rubem Alves.

Émile Durkheim, sociólogo francês, destacou-se no final do século XIX e início do século XX como um dos fundadores da sociologia moderna, ao lado de Karl Marx e Max Weber. Para Durkheim, "a sociedade é uma realidade *sui generis*"¹⁹, ou seja, a sociedade possui propriedades que transcendem as individualidades de seus membros. Essa realidade coletiva emerge a partir do que Durkheim chama de fatos sociais, que são "modos de agir, pensar e sentir externos ao indivíduo, dotados de um poder coercitivo pelo qual se impõem". Tais fatos, como normas, costumes e instituições, estruturam a vida social e operam independentemente das vontades individuais.

Durkheim argumenta que a sociedade é mais do que a soma de suas partes, sendo o resultado de uma síntese social. Os indivíduos, ao interagirem, criam uma ordem que não pode ser explicada unicamente pelas consciências ou ações individuais. Assim, compreender os fenômenos sociais exige analisá-los como entidades autônomas, distintas dos comportamentos individuais.

No campo da religião, Durkheim propôs que esta é um produto da atividade humana, e não de intervenção divina, tratando-a como um fato social *sui generis*. Em sua obra "As Formas Elementares da Vida Religiosa,"²⁰ sua análise concentra-se na religião totêmica dos aborígenes australianos, considerada na época como a forma mais primitiva de religião. Para Durkheim, um sistema religioso pode ser qualificado como primitivo quando está presente em sociedades "cuja organização não é ultrapassada por nenhuma outra em simplicidade (...) e que seja possível explicá-lo sem fazer intervir nenhum modelo tomado de uma religião anterior"²¹. Estas religiões primitivas são fundamentais para compreender a essência da religião em sua forma mais pura, revelando como práticas e crenças religiosas são moldadas pelas necessidades sociais básicas e formam a coesão comunitária.

Durkheim buscava identificar os elementos permanentes da religião, ou seja, aquilo que define sua essência e universalidade. Ele propôs uma abordagem científica, "analisando as religiões em sua realidade concreta para destacar características comuns a todas"²². Nesse sentido, ele afastou definições que vinculavam a religião exclusivamente ao sobrenatural ou à

¹⁹ DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 9. ed. Lisboa: Presença, 2004. p. 25.

²⁰ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 13-25.

²¹ DURKHEIM, 2003, p. 39.

²² DURKHEIM, 2003, p. 4.

ideia de Deus, argumentando que esses aspectos não abrangem toda a diversidade religiosa. Durkheim enfatizou que a religião é um fenômeno social que deve ser compreendido em termos de suas funções na sociedade, particularmente em relação à coesão social e à identidade coletiva.

Para Durkheim, a religião desempenha um papel fundamental ao prescrever normas de conduta e organizar a vida coletiva, de maneira semelhante às práticas morais. Ele enfatizou que a religião emerge de processos contínuos de interação social, sendo um elemento integrador e estruturante da sociedade. Através da religião, são estabelecidos laços sociais que promovem a coesão e a solidariedade entre os indivíduos, reforçando assim a estabilidade e a continuidade da ordem social.

Na busca por uma definição científica, Durkheim decompôs o fenômeno religioso em suas partes elementares: crenças e ritos. As crenças, definidas como “representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e sua relação com as coisas profanas”²³, estabelecem valores e ideias comuns ao grupo. Os ritos, por sua vez, são “regras que determinam como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas”, reforçando as crenças por meio de práticas prescritas que promovem coesão social²⁴.

A distinção entre sagrado e profano é central à definição de religião de Durkheim. As coisas sagradas, separadas e protegidas por regras específicas, estabelecem os fundamentos da conduta religiosa, enquanto as coisas profanas pertencem ao cotidiano. Essa separação reflete e reforça a ordem social, ajudando a organizar a vida coletiva e a manter a coesão dentro da sociedade.

Durkheim também diferenciou religião e magia, argumentando que a religião implica a existência de uma “comunidade moral unida por crenças e práticas compartilhadas, chamada igreja”²⁵. Ele afirmou que “não existe igreja mágica”²⁶, destacando que apenas a religião é capaz de unir os indivíduos em torno de uma estrutura moral coletiva. Por fim, Durkheim chegou à sua definição clássica de religião “Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas e proibidas; crenças e práticas reunidas na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que à ela aderem”.²⁷

Enquanto Durkheim vê a religião como uma força essencial para a coesão social, estruturando a vida coletiva e legitimando normas compartilhadas, Karl Marx adota uma

²³ DURKHEIM, 2003, p. 24

²⁴ DURKHEIM, 2003, p. 37

²⁵ DURKHEIM, 2003, p. 37.

²⁶ DURKHEIM, 2003, p. 29.

²⁷ DURKHEIM, 2003, p. 37.

abordagem crítica que desafia essa perspectiva funcionalista. Para Marx, a religião não é apenas uma expressão da vida social, mas também um reflexo das condições materiais de opressão e desigualdade. Se, para Durkheim, a religião fortalece a solidariedade ao unir os indivíduos em torno de valores comuns, para Marx, ela mascara as divisões de classe, operando como uma ideologia que perpetua a alienação e legitima a exploração.

Essa mudança de foco, da função integradora à função ideológica da religião, marca uma ruptura significativa. Karl Marx é frequentemente lembrado como um revolucionário e ativista, cuja obra inspirou a fundação de diversos regimes comunistas no século XX. Segundo o sociólogo, a religião é uma forma de ideologia que reflete as condições materiais e econômicas de uma sociedade. Ele a define como "o ópio do povo", pois atua como um consolo ilusório diante das dores provocadas pela exploração, desviando o olhar dos oprimidos das causas reais de seu sofrimento. Para Marx, a religião é "a consciência invertida do mundo, porque ela é a expressão de uma sociedade que vive em um estado de opressão". Nesse contexto, ela é instrumentalizada pelas classes dominantes como mecanismo de controle, oferecendo conforto simbólico que sustenta a aceitação das desigualdades e das injustiças sociais. Dessa forma, para Marx:

PPGPCR

A angústia religiosa é, por um lado, a expressão da angústia real e, por outro, o protesto contra a angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito das condições sociais, de que o espírito está excluído. Ela é opium do povo.²⁸

Enquanto a teologia cristã tradicional afirma que Deus criou o homem à sua imagem, Marx adotou a inversão dessa ideia proposta por Ludwig Feuerbach: a noção de que os seres humanos criaram Deus à sua própria imagem. Feuerbach argumentava que “a adoração a Deus afastava os indivíduos de suas capacidades humanas, projetando seus próprios poderes em um ser abstrato e infinito, o que resultava em alienação”²⁹. Embora Marx tenha aceitado grande parte dessa análise, ele criticou Feuerbach por não identificar as raízes materiais dessa alienação e, conseqüentemente, por ser incapaz de propor um caminho efetivo para superá-la³⁰.

²⁸ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1984. v. 1, p. 247-257.

²⁹ DRESCH, Paulo Cesar. Feuerbach e a ideia de Deus: a natureza como confluência intrínseca entre o homem e a religiosidade. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, [S.l.], v. 1, n. 7, p. 1-12, 28 set. 2018. [online].

³⁰ YANG, Baohong. *Crítica ao pensamento de Feuerbach por Marx e Engels através da reflexão sobre o texto da ideologia alemã*. *Trans/Form/Ação*, Marília, SP, v. 47, n. 1, p. e0240002, 2023. [online].

Para Marx, a religião não é apenas um erro intelectual a ser corrigido por meio da persuasão, mas uma resposta às condições materiais de alienação. Ele sustentava que a religião só poderia desaparecer quando a emancipação material fosse alcançada.

Apesar de sua análise sobre a alienação religiosa, Marx dedicou maior atenção à alienação no trabalho. Nos Manuscritos de 1844, ele identifica quatro dimensões dessa alienação no contexto do capitalismo: os trabalhadores são separados (1) do produto de seu trabalho, que não lhes pertence e os domina; (2) da própria atividade produtiva, frequentemente desgastante física e mentalmente; (3) de outros indivíduos, que passam a ser vistos como meios para fins próprios; e (4) de sua essência humana, incluindo a capacidade para o trabalho criativo e comunitário.³¹

Essas formas de alienação, conforme descritas por Marx, não se limitam a queixas comuns sobre o trabalho no capitalismo, como baixos salários ou condições inseguras. Mesmo um trabalho bem remunerado e seguro pode ser alienante, pois a alienação, em essência, diz respeito à desconexão dos indivíduos de suas próprias criações, relações e natureza humana no contexto das relações capitalistas. Assim, para Marx, a superação da alienação requer uma transformação estrutural das condições materiais e sociais, não apenas mudanças superficiais.

Dessa forma, a religião, que é condicionada pela economia, desempenha um papel importante na sociedade e, em sua visão, é frequentemente utilizada pelas classes dominantes como uma ferramenta de controle social e alienação, mantendo a classe trabalhadora em um estado de submissão e aceitação das injustiças sociais. Marx afirma que o homem vive numa conjuntura que o explora e oprime; e que, uma vez inserido em tal realidade, necessita de ilusões. Daí a busca pela religião, onde os seres humanos projetam seus próprios poderes e capacidades em uma entidade divina externa, em vez de reconhecerem seu próprio potencial para transformar o mundo ao seu redor.

Dito de outra maneira, a religião não tem uma substância própria, é puro resultado das condições sociais fabricadas pelos homens. Esta concepção dá margem a conseqüências práticas. Marx afirma que a religião desaparecerá, não terá mais razão de existir; não como resultado de uma ação anti-religiosa, mas como efeito de uma transformação social. E seguindo a cadência do seu pensamento, acredita que uma vez que o homem cria as condições que fazem a religião existir, ele pode gerar uma realidade contrária.³²

³¹ GOMES, Leandro. Para Marx, a alienação era central para a compreensão do capitalismo. *Jacobin Brasil*, 10 jan. 2022. [online]. [n.p.].

³² LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 5.

Em resumo, para Marx, a religião é fundamentalmente uma forma de alienação, um reflexo das condições materiais de desigualdade e opressão. Ele a define como "o ópio do povo", servindo para consolar os oprimidos e legitimar estruturas de poder que perpetuam a exploração, sendo uma resposta às condições materiais alienantes do capitalismo. Já Weber, embora também veja a religião como relacionada às condições sociais, foca no papel ativo da religião na formação das estruturas econômicas e culturais. Sua análise em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*³³ argumenta que determinadas crenças religiosas, como as do protestantismo calvinista, tiveram um impacto direto no desenvolvimento do capitalismo moderno, moldando atitudes em relação ao trabalho, ao lucro e à racionalidade. Enquanto Marx vê a religião como um reflexo passivo das condições materiais, Weber a interpreta como uma força potencialmente transformadora, capaz de influenciar o curso da história ao lado de fatores econômicos.

Max Weber estudou Direito, Economia, História, Filosofia e Teologia, buscando compreender o mundo moderno a partir de uma análise das religiões mundiais. Seus estudos concentraram-se em entender o mercado capitalista, o direito e a burocracia estatal, elementos que ele identificou como produtos de um amplo processo de racionalização. Embora esse processo aumentasse a produtividade e a eficiência, também impunha aos indivíduos um enfraquecimento do sentido da vida e da liberdade.

Weber compreendia a religião como uma resposta racional a questionamentos sobre a complexidade da vida e do destino. Em sua obra mais destacada, *a ética protestante e o espírito do capitalismo*³⁴, analisou de que forma as crenças religiosas influenciam a organização social e os comportamentos econômicos dos indivíduos, contribuindo, inclusive, para a formação da racionalidade capitalista. Diferentemente de Émile Durkheim, que buscava identificar a essência do fenômeno religioso e suas características comuns a todas as religiões, Weber estava interessado em entender como as crenças religiosas moldavam os comportamentos e estruturas sociais, além de suas implicações históricas. As formas mais elementares de comportamento motivado por fatores religiosos ou mágicos eram, para Weber, orientadas ao mundo terrestre. Os atos religiosos ou mágicos visavam à felicidade e à longevidade na terra.³⁵

³³ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 45-50. [online].

³⁴ WEBER, 2004, p. 45-50. [online].

³⁵ WEBER, 2004, p. 45-50. [online].

Weber argumentava que as condições materiais e sociais influenciam a vivência religiosa dos indivíduos, numa relação em que a religião emerge como resposta às necessidades cotidianas. Essa perspectiva sugere uma inversão na relação entre racionalidade e irracionalidade, em que a religião é vista tanto como um processo de explicação simbólica quanto de alienação.

Para Max Weber, a religião, na medida em que produz a perda da consciência de que o mundo humano é um mundo socialmente criado e mantido, constitui-se no agente privilegiado da falsa consciência e da alienação. Embora use estes últimos termos, sua análise nada tem de marxista, pois o que se oculta não é a dominação de classe, mas o caráter social da construção da sociedade.³⁶

A alienação religiosa, segundo Weber, ocorre quando a religião contribui para a perda da consciência de que o mundo humano é socialmente construído e mantido. Essa forma de "falsa consciência" distancia os indivíduos da compreensão de que a realidade é produto de suas próprias ações e interações. Contudo, diferentemente de Karl Marx, Weber não via a alienação como um mecanismo exclusivamente relacionado à dominação de classes, mas como um fenômeno mais amplo ligado à interpretação social e à ordem simbólica.

Nesse processo, Weber enfatiza a dimensão ética da religião. Ele introduz a categoria de ethos, que representa “o conjunto de disposições e valores compartilhados por uma coletividade”³⁷. Para Weber, a religião impõe posturas éticas que orientam o comportamento dos indivíduos. Quando alguém não se alinha a essas normas, sua conduta é percebida como desatino ou falta de dever religioso. Assim, a dimensão religiosa não existe a priori, mas surge e se define no contexto das reflexões e interações sociais.³⁸

A alienação religiosa também condiciona os indivíduos a aceitar hierarquias sociais como expressão da vontade divina, limitando a capacidade de questionar estruturas sociais injustas. A ideia de que a posição social de um indivíduo é determinada por Deus perpetua desigualdades e conformismos. Nesse sentido, a religião, em vez de promover emancipação, pode atuar como ferramenta de controle social.

³⁶ STIGAR, Robson. A concepção de religião para Max Weber: um olhar a partir da Ciência da Religião. *Kerygma*, Engenheiro Coelho, v. 11, n. 2, p. 167-174, 2017. [online]. p. 168.

³⁷ WEBER, 2004, p. 45. [online].

³⁸ WEBER, 2004, p. 45. [online].

Weber ilustra essa dinâmica ao discutir como a ética protestante moldou o “espírito do capitalismo”³⁹. Ele cita máximas de Benjamin Franklin, como “Lembra-te de que tempo é dinheiro” e “Lembra-te de que o crédito é dinheiro”⁴⁰, para demonstrar a influência da ética do trabalho protestante no comportamento econômico. Essa ética, inicialmente motivada por valores religiosos, tornou-se um pilar para o desenvolvimento do capitalismo ao valorizar o trabalho metódico e racional, aliado à busca do lucro.

Mesmo com o processo de secularização, que reduziu a influência direta da religião na sociedade, os valores associados à ética do trabalho protestante se consolidaram no Ocidente. Com o tempo, a busca pelo lucro se desvinculou de suas origens religiosas, mas manteve sua relevância. Weber observa que:

O puritano queria tornar-se um profissional, e todos tiveram que segui-lo. Pois, quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob este sistema (...), e quem sabe o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta.”⁴¹

Assim, Weber sugere que a ética protestante ajudou a construir uma ordem jurídica fundamentada na crença de que a posição social do indivíduo é uma expressão da vontade divina. Nesse contexto, o trabalho tornou-se um meio de seguir um caminho ético e religioso, além de uma forma de aproximação com o divino. Essa relação entre ética, trabalho e capitalismo explica por que as sociedades protestantes desenvolveram o sistema capitalista com maior intensidade.

Os estudos de Weber sobre a sociologia da religião devem ser compreendidos à luz de sua abordagem metodológica. Contrariando o positivismo dominante de sua época, ele introduziu o método compreensivo, que valoriza tanto a objetividade quanto o significado subjetivo das ações humanas. Essa perspectiva permitiu uma análise mais rica e complexa da religião como fenômeno social.

Em síntese, Weber demonstrou como a religião, ao moldar comportamentos e valores, desempenhou um papel central na formação do capitalismo moderno. Suas análises continuam

³⁹ WEBER, 2004, p. 29. [online].

⁴⁰ WEBER, 2004, p. 26. [online].

⁴¹ WEBER, 1996, p. 131

relevantes, oferecendo subsídios para a compreensão das relações entre crenças, racionalização e as dinâmicas sociais contemporâneas.

A perspectiva de Max Weber sobre a religião, centrada na ação social e no significado subjetivo, contrasta e complementa a abordagem de Mircea Eliade, que foca na experiência do sagrado e na estrutura simbólica da religião. Enquanto Weber analisa a religião como um fenômeno social, buscando entender como as crenças e práticas religiosas moldam comportamentos e estruturas sociais especialmente no contexto da modernidade e da racionalização, Eliade explora a religião a partir da experiência humana com o sagrado, que ele considera universal e central na formação da consciência e da cultura humanas. “Aquilo que nele existe de único e irreduzível, ou seja, o seu caráter sagrado”⁴²

Mircea Eliade, que foi um cientista da religião com verdadeira formação universal,⁴³ concentra-se na dimensão atemporal da religião, destacando como os mitos e rituais conectam o ser humano ao transcendente e estruturam a percepção do mundo. Apesar dessas diferenças, ambos reconhecem que a religião é mais do que mera superstição ou ilusão: Weber a vê como um fator transformador nas dinâmicas sociais e econômicas, enquanto Eliade enfatiza sua função ontológica, unindo o homem ao sagrado e ao cosmos. Essa complementaridade entre o enfoque sociológico de Weber e a fenomenologia simbólica de Eliade oferece uma visão mais ampla sobre a religião, que pode ser entendida tanto como uma força histórica de organização social quanto como uma expressão profunda da busca humana por sentido.

O principal objetivo de Eliade era identificar e descrever os padrões subjacentes na mentalidade com a qual as pessoas que pertencem a religiões tradicionais historicamente abordaram o mundo ao seu redor e seu lugar dentro dele. Embora essa mentalidade tenha se manifestado naturalmente de diferentes maneiras entre os adeptos de diferentes religiões, o que Eliade buscava eram as principais semelhanças na mentalidade religiosa em si. Ele via a religião como uma categoria irreduzível da experiência e história humanas, sugerindo que a religião fosse estudada com critérios religiosos, pois o sagrado não se submete ao reducionismo das Ciências Sociais, História ou Psicologia, isso porque faz parte de uma categoria *sui generis*.

A relação entre o sagrado e o profano, para Eliade, é essencialmente ontológica:

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica

⁴² ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1992. p. 5.

⁴³ ELIADE, 1992, p. 10-15.

nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano”⁴⁴

Para Eliade, a religião é, no fundo, uma questão de experimentar o sagrado, que Eliade pensa ser essencialmente sinônimo do divino ou numinoso. Existem “dois modos de estar no mundo”: o modo sagrado e o modo profano.

O sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história. Tais modalidades refletem o que fora conquistado pelo homem. O mundo sagrado é um mundo que precisa ser fundado e que não pode passar a existir do caos, ao contrário, deve ser criado ex-nihilo, ou seja, do nada⁴⁵

O sagrado é visto como algo fundante, criador, que estabelece ordem no caos. No modo profano, as coisas e ações existem por si mesmas, enquanto no modo sagrado, qualquer coisa pode ter o potencial de conectar o ser humano com o numinoso, com o divino. Esta capacidade de transformar o cotidiano em sagrado é o que caracteriza a experiência religiosa.⁴⁶

De acordo com Eliade, as hierofanias acontecem porque o ser humano do tipo religioso tem uma necessidade existencial de viver em uma atmosfera impregnada pelo sagrado. Em sua perspectiva, este tipo humano acredita que ele:

Faz parte da criação dos deuses, ou seja, em outras palavras, ele reencontra em si mesmo a santidade que reconhece no cosmos”. Segue se aí que a sua vida é assimilada à vida cósmica: como obra divina, está se torna a imagem exemplar da existência humana.⁴⁷

Dessa forma, o ser humano religioso tende a consagrar o mundo, a natureza e até a sua própria vida, sacraliza o espaço e o tempo.

⁴⁴ ELIADE, 1992, p. 13.

⁴⁵ ELIADE, 1992, p. 20.

⁴⁶ ELIADE, 1992, p. 14.

⁴⁷ ELIADE, 1992, p. 11.

Junto à importância desta diferenciação está a compreensão de que o modo profano de ser das pessoas e dos processos que elas desenvolvem são resultados da modernidade, onde a visão de mundo religiosa foi gradualmente substituída por uma perspectiva racional e científica. No entanto, ele também reconhece que o anseio pelo sagrado é uma constante da condição humana. Mesmo em um mundo desencantado, as pessoas continuam a buscar formas de reencontrar o sagrado e reintegrar o sentido espiritual em suas vidas. “o homem religioso assume um modo de existência específica no mundo, e, apesar do grande número de formas histórico religiosas, este modo específico é sempre reconhecível”.⁴⁸

Para Eliade, a religiosidade, mais do que uma série de práticas ou doutrinas, é uma experiência que resolve a crise existencial do ser humano. Ele vê a religião como uma solução para a crise interior do homem, moldando uma existência capaz de superar as adversidades pessoais e alcançar uma vida religiosa estável. Assim, a experiência do sagrado se torna uma maneira de o ser humano encontrar um sentido profundo e duradouro para sua existência.

Assim, para Eliade, é a experiência construída pelo ser humano do que ele atribui status de sagrado é que funda o mundo; à medida que seu inconsciente incorpora e aplica os resultados de suas inúmeras experiências religiosas já vividas ou sentidas, seu mundo se modifica, de modo que sua religiosidade ou religião tornam-se uma solução religiosa que resolve a crise interior, psíquica do homem, moldando uma existência susceptível que permite ao homem ao homem ultrapassar as situações pessoais e alcançar uma estável vida religiosa.

O antropólogo Clifford Geertz é o expoente estimado de uma abordagem interpretativa em vez de explicativa da religião e da cultura em geral. Geertz é aclamado tanto por sua defesa da interpretação quanto pelas interpretações particulares que ele oferece. Mas o que uma abordagem “interpretativa” significa é muito mais evasivo do que a frequência de sua invocação sugere. Pois há várias maneiras de definir “interpretação” e “explicação”, e está longe de ser claro que por todas ou mesmo qualquer uma delas Geertz prática interpretação em vez de explicação⁴⁹.

Clifford Geertz, em sua análise sobre o trabalho antropológico da religião, argumenta que os estudos no campo estavam estagnados, continuando a extrair conceitos de uma tradição intelectual estreitamente definida. Ele propõe um enfoque inovador, que denomina "dimensão cultural da análise religiosa"⁵⁰. Para Geertz, cultura é compreendida como:

⁴⁸ ELIADE, 1992, p. 97.

⁴⁹ ECCO, Clóvis; ARAÚJO, Cristiano Santos. A religião e o sagrado nas dobras de poder. *Revista Contemplação*, n. 10, 2015. [online].

⁵⁰ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1. ed. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2015. p. 66.

Um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos. Um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação a vida”.⁵¹

Essa definição reflete a visão de Geertz de que a religião não deve ser entendida apenas como um conjunto de crenças ou práticas isoladas, mas como uma rede de significados historicamente construída, que dá forma e sentido à vida dos indivíduos. Nesse sentido, ele caracteriza a religião como um "sistema simbólico". De forma geral, os símbolos sagrados, segundo Geertz,

Funcionam para sintetizar o ethos de um povo – o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos – e sua visão do mundo – o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangentes sobre a ordem”⁵².

Para ele, os símbolos sagrados não apenas representam crenças religiosas, mas atuam como meios poderosos de síntese, reunindo a visão de mundo e os valores de um povo em um sistema integrado que orienta o comportamento e o entendimento da realidade. Nesse sentido, a religião não só expressa a maneira como as pessoas devem agir, mas também molda como elas interpretam o mundo e a própria vida.

Em sua análise, Geertz buscou compreender como os símbolos se adequam as ações humanas à ordem cósmica, isto é, a visão de mundo descrita pela religião. Esses símbolos religiosos têm dois efeitos principais: apresentam preferências morais e estéticas como condições naturais de um mundo com uma estrutura específica, e reforçam essas crenças com sentimentos morais e estéticos, que são vividos como provas de sua verdade. Assim, os símbolos criam uma congruência entre um estilo de vida e uma metafísica, sustentando ambos com a autoridade de um ao outro.⁵³

A religião seria uma espécie de esfera reguladora das ações humanas a ordem cósmica, projetando esta ordem nas próprias ações. Portanto, para Geertz, religião é:

⁵¹ GEERTZ, 2015, p. 66.

⁵² GEERTZ, 2015, p. 66-67

⁵³ GEERTZ, 2015, p. 67

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderoso, penetrante, e modos de longa duração e motivações nos homens por (3) formulação de concepções de ordem geral da existência e (4) vestindo essas concepções com tal aura de factualidade que (5) os humores e motivações parecem singularmente realistas.²⁷ Assim, a análise de Geertz situa a religião na dimensão cultural.⁵⁴

Por último, mas não menos importante, Rubem Alves, teólogo e filósofo brasileiro, oferece uma visão da religião que vai além das práticas dogmáticas e rituais. Para ele, a religião não é simplesmente um sistema de crenças ou regras morais, mas uma expressão profundamente humana que busca dar sentido à vida e proporcionar uma compreensão mais profunda da existência. Alves vê a religião como uma força transformadora, capaz de moldar não apenas o ser interior, mas também as relações sociais, sendo um meio de transcendência, ou seja, de superar as limitações humanas por meio da busca por um propósito maior. Ele entende a religião como algo que nasce da experiência humana cotidiana, e não como um elemento imposto de fora, muitas vezes distante das realidades e dores do dia a dia.

A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como espelho em que nos vemos. Aqui a ciência da religião é também ciência de nós mesmos: sapiência, conhecimento saboroso.⁵⁵

Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

Alves valorizava a espiritualidade pessoal e a liberdade de interpretação religiosa, defendendo uma abordagem mais pluralista e inclusiva em relação às diferentes tradições religiosas⁵⁶. Para ele:

A religião fala sobre o sentido da vida. Ela declara que vale a pena viver. Que é possível ser feliz e sorrir. E o que todas elas propõem é nada mais que uma série de receitas para a felicidade. Aqui se encontra a razão por que as pessoas continuam a ser fascinadas pela religião, a despeito de toda a crítica que lhe faz a ciência. A ciência nos coloca num mundo glacial e mecânico, matematicamente preciso e tecnicamente manipulável, mas vazio de significações humanas e indiferente ao nosso amor. Bem dizia Max Weber que a dura lição que aprendemos da ciência é que o sentido da vida não pode ser encontrado ao fim da análise científica, por mais completa que seja. E nos descobrimos expulsos do paraíso, ainda com os restos do fruto do conhecimento em nossas mãos.⁵⁷

⁵⁴ GEERTZ, 2015, p. 68

⁵⁵ ALVES, 1984, p. 13.

⁵⁶ SANTOS, Romário M. O sentido da religião em Rubem Alves: uma análise a partir das ciências da religião. *Humanas e Sociais*, v. 9, n. 3, p. 215-224, 2022. p. 217.

⁵⁷ ALVES, 1984, p. 28-32.

Ele destaca que a religião cria um mundo simbólico que confere significado a todas as coisas, dando ordem e sentido à vida e, ao mesmo tempo, explora como ela pode ser uma ferramenta de liberdade ou opressão, dependendo de como é entendida e utilizada. Ou seja, ressalta a importância de uma conexão autêntica com o sagrado, que transcende as fronteiras religiosas e encontra expressão única em cada indivíduo. Embora haja difusões nas compreensões do sagrado ao longo das épocas, a sua essência de confronto com a humanidade sempre se fará presente.⁵⁸

As visões sobre a religião de Durkheim, Weber, Eliade, Geertz e Rubem Alves apresentam abordagens complementares, mas distintas, sobre o fenômeno religioso. Durkheim vê a religião como uma força social que promove coesão e solidariedade dentro das sociedades. Weber, por sua vez, foca na religião como uma força histórica que influencia a estrutura social e o capitalismo, analisando o significado subjetivo das crenças religiosas. Eliade, com uma perspectiva fenomenológica, entende a religião como uma expressão do sagrado, essencial para a compreensão do cosmos e da experiência humana. Geertz a vê como um sistema simbólico que organiza e dá sentido à realidade social e cultural. Já Rubem Alves oferece uma visão humanista, considerando a religião como uma busca existencial por sentido e transcendência. Juntas, essas abordagens fornecem uma compreensão abrangente da religião como uma força social, histórica, simbólica e espiritual.

Em resumo, as definições da religião propostas por esses autores destacam sua complexidade e multidimensionalidade. Desde o sentimento de dependência absoluta até sua função na coesão social, na mudança histórica e na experiência humana, a religião continua a ser um tema de profundo interesse e investigação para pensadores de todas as épocas.

À medida que os estudos sobre religião continuam a se expandir, torna-se impossível ignorar a diversidade que permeia esse campo. Mais do que pensar nas diferentes religiões, precisamos refletir sobre como entendemos e nos relacionamos com as múltiplas formas em que a religião se manifesta. Isso exige abandonar a busca por uma teoria ou metodologia única, que pretenda ser a resposta final. Hoje, é essencial reconhecer que os estudos religiosos precisam abraçar a riqueza da perspectiva multicultural e multidisciplinar, construindo caminhos interpretativos diversos e mais abertos ao diálogo e à complexidade humana.

⁵⁸ ALVES, Rubem A. *O que é religião?* São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. [n.p.].

1.1.1 Religião E Espaço Escolar

Diante da complexidade do tema e do reconhecimento de que a diversidade de compreensões pode resultar em desafios nos ambientes coletivos, o próximo tópico propõe analisar como se dá a presença da religião no espaço escolar. Para isso, será necessário investigar sobre a importância da laicidade e como os educadores e alunos lidam com a diversidade religiosa. Ao compreender essas dinâmicas, podemos avaliar melhor as práticas existentes e sugerir caminhos para uma convivência harmoniosa e inclusiva no ambiente escolar.

O debate sobre a presença da religião no espaço escolar e a institucionalização do ensino religioso ocupa lugar central nas discussões sobre educação e cidadania no Brasil. A Constituição Federal de 1988 assegura o ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, com matrícula facultativa, conforme disposto no Art. 210, §1º. A legislação brasileira, consolidada na LDB (Lei n.º 9.394/1996), reafirma a laicidade do Estado e estabelece diretrizes para que o ensino religioso seja ofertado de forma não confessional, respeitando a diversidade religiosa e cultural do país.

Entretanto, esse panorama jurídico contrasta com as práticas cotidianas no espaço escolar, onde a abordagem sobre religião, muitas vezes, permanece permeada por preconceitos, ausência de formação adequada dos docentes e resistência ao diálogo inter-religioso. Assim, compreender a complexa interação entre religião e educação é fundamental para refletir criticamente sobre os limites e possibilidades do ensino religioso como instrumento de promoção de respeito, inclusão e diversidade.

Giumbelli⁵⁹ destaca que o ensino religioso no Brasil é atravessado por disputas e ambiguidades que envolvem, de um lado, a tentativa de regulamentar uma disciplina que respeite a pluralidade e, de outro, a influência histórica de setores religiosos sobre o Estado. A sua pesquisa sobre o contexto do Rio Grande do Sul revela quadros exploratórios nos quais a assistência religiosa ainda se confunde com práticas escolares, tensionando o ideal de laicidade.

Complementando essa análise, Giumbelli e Carneiro⁶⁰ apontam, no estudo sobre o estado do Rio de Janeiro, as controvérsias que permeiam a implementação do ensino religioso. Segundo os autores, apesar da obrigatoriedade prevista em lei, sua efetivação nas escolas

⁵⁹ GIUMBELLI, E. (2011). Ensino religioso e assistência religiosa no Rio Grande do Sul: quadros exploratórios. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 11(2), 259–283.

⁶⁰ GIUMBELLI, E., & Carneiro, S. de S. (2004). Ensino Religioso no Estado do Rio de Janeiro - Registros e Controvérsias. *Comunicações do Iser*, (60), 1–154.

encontra dificuldades que variam desde a resistência de professores até a carência de materiais pedagógicos adequados.

Carneiro⁶¹ reforça que a interface entre religião, política e educação revela um campo de tensão em que múltiplos interesses se articulam. Ela destaca que, historicamente, o ensino religioso foi instrumentalizado por determinadas tradições religiosas, notadamente a católica, o que ainda influencia as práticas pedagógicas e as percepções sociais sobre o tema.

A diversidade religiosa presente no Brasil, como destaca por Silva analisada neste trabalho, é um traço constitutivo da sociedade brasileira e, conseqüentemente, do ambiente escolar. Nesse contexto, o ensino religioso apresenta-se como um campo que, se adequadamente desenvolvido, pode fomentar o respeito à diversidade e o diálogo intercultural.

Entretanto, como evidencia a pesquisa empírica realizada por Silva⁶², muitos professores ainda se mostram despreparados para lidar com a diversidade religiosa, frequentemente evitando discutir o tema por receio de conflitos ou por falta de instrumental teórico e metodológico. Esse déficit na formação docente acaba por perpetuar práticas excludentes e dificultar o pleno desenvolvimento das competências necessárias para uma convivência democrática e plural.

O ensino religioso, conforme disposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), integra a formação integral do estudante, ao contribuir para o desenvolvimento das competências socioemocionais e éticas. Segundo a BNCC (2017), a educação deve promover não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também preparar os estudantes para a convivência em uma sociedade diversa, multicultural e democrática.

Isabelle Araújo Silva⁶³ enfatiza que a integração da dimensão religiosa na formação integral dos estudantes é imprescindível, pois permite que eles reconheçam a pluralidade como um valor fundamental para a construção da cidadania. A autora propõe um projeto pedagógico interdisciplinar como instrumento para fomentar o debate crítico sobre a diversidade religiosa, superando práticas excludentes e promovendo o respeito mútuo.

A laicidade do Estado, princípio consagrado pela Constituição, estabelece que o ensino religioso deve ocorrer sem qualquer caráter confessional, preservando a neutralidade e assegurando a liberdade de crença. Contudo, a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), na

⁶¹ CARNEIRO, S. de S. *Religião, política e educação no Rio de Janeiro*. 2004. p. 123-148.

⁶² SILVA, I. A. *Religião e a formação integral do aluno*. 2025. p. 1-22.

⁶³ SILVA, I. A.. 2025. p. 1-22.

ADI 4439/2010, que validou a possibilidade do ensino religioso confessional em escolas públicas, gerou intenso debate sobre os limites entre liberdade religiosa e laicidade.

Para Carneiro⁶⁴ e Giumbelli⁶⁵, a decisão do STF representa um retrocesso no que tange à garantia da neutralidade do Estado, potencializando riscos de práticas pedagógicas que promovam uma religião específica em detrimento de outras, o que compromete a convivência democrática no espaço escolar.

O estudo de Silva⁶⁶ ilustra bem esse dilema ao relatar episódios vivenciados em uma escola pública, onde a resistência de estudantes à abordagem de religiões não cristãs evidencia como as práticas escolares podem reproduzir preconceitos e reforçar estereótipos. A autora argumenta que a falta de formação continuada dos docentes é um dos principais obstáculos para a superação dessas dificuldades, sendo fundamental investir em processos formativos que capacitem os professores para lidar com a pluralidade religiosa com sensibilidade e competência.

A promoção do diálogo inter-religioso no espaço escolar é uma das funções essenciais do ensino religioso, conforme propõem diversos estudiosos da área. Para Giumbelli e Carneiro⁶⁷, a construção de uma educação que valorize a diversidade passa, necessariamente, pela desconstrução de preconceitos e pela formação de uma consciência pluralista.

Nesse sentido, o ensino religioso não deve ser visto apenas como transmissão de conteúdos sobre tradições religiosas, mas como espaço privilegiado para a promoção de valores como o respeito, a empatia e a solidariedade. Essa perspectiva é compartilhada por Silva⁶⁸, que defende a necessidade de uma abordagem pedagógica que valorize o protagonismo dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos ativos na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A revisão bibliográfica realizada permite compreender que o ensino religioso no espaço escolar é um campo complexo, atravessado por múltiplas tensões políticas, sociais e culturais. As pesquisas de Giumbelli, Carneiro e Silva evidenciam que, apesar dos avanços normativos, persistem desafios relacionados à formação docente, à efetivação da laicidade e à promoção do diálogo inter-religioso.

⁶⁴ CARNEIRO, S. de S. 2004. p. 123-148.

⁶⁵ GIUMBELLI, E. 2011. p. 259-283.

⁶⁶ SILVA, I. A.. 2025. p. 1-22.

⁶⁷ GIUMBELLI, E.; Carneiro, S. de S. 2004. p. 1-154.

⁶⁸ SILVA, I. A.. 2025. p. 1-22.

Assim, para que o ensino religioso cumpra seu papel na formação integral dos estudantes, é imprescindível que ele seja concebido como espaço de reflexão crítica, diálogo intercultural e valorização da diversidade. Investir na formação continuada de professores e na elaboração de materiais pedagógicos que contemplem a pluralidade religiosa é fundamental para a construção de uma escola inclusiva e promotora de cidadania.

1.1.2 A importância da laicidade

O Estado Moderno se constituiu a partir de um processo de laicização, ou seja, em um movimento de separação entre Estado e religião, garantindo a neutralidade das instituições públicas, incluindo as escolas, em questões religiosas. O princípio da laicidade assegura que o Estado brasileiro não deve privilegiar ou adotar qualquer religião, garantindo liberdade de crença e a neutralidade em relação às questões religiosas. Esta separação no Brasil está garantida principalmente pela Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 5º, Inciso VI quando diz que: "É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias."⁶⁹ Esse artigo garante a liberdade religiosa, permitindo que qualquer pessoa possa escolher, praticar ou não praticar uma religião. Também assegura que o Estado não deve interferir nos cultos e práticas religiosas. No Artigo 19, Inciso I diz que :

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.⁷⁰

Este artigo define a separação entre o Estado e as religiões, proibindo o Estado de apoiar financeiramente ou estabelecer alianças com qualquer religião. Isso reforça a neutralidade do Estado em relação a questões religiosas.

Sobre a Laicidade nas escolas, a LDB estabelece, em seu Artigo 33, que o Ensino Religioso pode ser ofertado como componente curricular nas escolas públicas de Ensino Fundamental, desde de que seja facultativo e não confessional, ou seja, não deve promover

⁶⁹ BRASIL, 1988, p. 5. [online].

⁷⁰ BRASIL, 1988, p. 37. [online].

uma religião específica. Esse componente curricular não pode privilegiar ou promover determinada religião, respeitando assim o princípio da laicidade do Estado.⁷¹

Em outras palavras, a religião deixou de dominar a esfera pública, caracterizando as diferenças efetivas entre o que era público, defendido pelo Estado laico, e o que era privado. Nesse contexto, as religiões passaram a ser entendidas como um direito individual, não cabendo, dessa forma ao Estado criar nenhum tipo de relação com nenhuma religião a fim de respeitar as diferentes manifestações religiosas da população. Como pontua Curry:

O Estado se tornou laico, vale dizer tornou-se equidistante dos cultos religiosos em assumir um deles como religião oficial. A modernidade vai se distanciando cada vez mais do *cujus regio, ejus religio*. A laicidade, ao condizer com a liberdade de expressão, de consciência e de culto, não pode conviver com um Estado portador de uma confissão. Por outro lado, o Estado laico não adota a religião da irreligião ou da antirreligiosidade. Ao respeitar todos os cultos e não adotar nenhum, o Estado libera as igrejas de um controle no que toca à especificidade do religioso e se libera do controle religioso. Isso quer dizer, ao mesmo tempo, o deslocamento do religioso do estatal para o privado e a assunção da laicidade como um conceito referido ao poder de Estado⁷².

A laicidade não exclui, no entanto, as religiões e suas manifestações públicas, nem o Ensino religioso, muito menos deve interferir nas convicções pessoais daqueles que optam por não professar nenhuma religião. Consideramos como Maria José Werebe, que:

O laicismo não significa a imposição de uma orientação anti-religiosa ao ensino e à sociedade, mas define-se pela tolerância, pela aceitação, pelo respeito ao outro, diferente e ao mesmo tempo igual em deveres e direitos. O verdadeiro laicismo pauta-se na liberdade de crença⁷³.

A laicidade garante também aos cidadãos que nenhuma religião, crença ou igreja poderá cercear os direitos do Estado ou apropriar-se dele para seus interesses. Esta separação entre Igreja e Estado é que garante a “pacificação” entre as diversas crenças religiosas, uma vez que não privilegia nenhuma delas. Assim, em nome da liberdade religiosa, a laicidade do Estado deve ser garantida de forma que “todos possam conviver sem ter que manifestar essa dimensão da vida, fazendo-o apenas se quiser”⁷⁴.

⁷¹ BRASIL, 1996. p. 22. [online].

⁷² CURY, 2004, p. 183.

⁷³ WEREBE, Maria José Garcia. A laicidade do ensino público na França. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: ANPED, set./out./nov./dez, 2004. p. 196.

⁷⁴ FISCHMANN, Roseli. Estado laico, educação, tolerância e cidadania: para uma análise da concordata Brasil-Santa Sé. São Paulo: Factash Editora, 2012. p. 20.

Segundo Peters⁷⁵, autor da teoria da secularização, conforme a qual a modernidade provocaria necessariamente um declínio da religião, questionou sua própria teoria por uma teoria do pluralismo religioso. Argumentou que o “Pluralismo é uma característica inevitável da modernidade e que as sociedades contemporâneas enfrentam o desafio de lidar com essa diversidade de maneiras construtivas”⁷⁶.

Roseli Fischmann, também traz contribuições sobre a importância da laicidade para o respeito e tolerância com a diversidade:

Sendo a pluralidade humana a base do poder, entendido como agir em concerto, a laicidade do Estado passa a ser condição para a existência dessa pluralidade e, portanto, da própria construção democrática; nessa, a pluralidade de modos de crer e não crer passa a ser tema central, particularmente tomando o sentido da construção da igualdade⁷⁷.

A laicidade não deve ser confundida com a liberdade religiosa, o pluralismo e a tolerância. Estas são conseqüências, resultados da laicidade. No contexto escolar, ela desempenha um papel fundamental na promoção da igualdade, da liberdade e do respeito à diversidade religiosa e de crenças. Ao assegurar um ambiente inclusivo, em que os alunos de todas as convicções são respeitados e nenhum grupo religioso é privilegiado em relação a outro, a escola contribui para a construção de uma convivência mais harmoniosa. Ao promover a laicidade no espaço escolar, é possível prevenir conflitos e divisões baseadas em diferenças religiosas.

No entanto, em 2017, o o Supremo Tribunal Federal (STF) julgou a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4439/2010⁷⁸, que discutia a constitucionalidade do Ensino Religioso confessional nas escolas públicas. O STF decidiu que o ensino religioso confessional é permitido, desde que seja oferecido de forma facultativa e que as escolas respeitem a diversidade religiosa, sem obrigar alunos a participar de uma religião específica. Essa decisão gerou debates sobre a aplicação prática da laicidade, sendo considerada por muitos como um retrocesso. Segundo as pesquisadoras, Anna karolina Braga Pereira e Morisa Martins Jajah:

Com base nos estudos realizados na doutrina e fazendo uma análise crítica do assunto, é possível perceber que a decisão do STF fere a Constituição, já que não leva em consideração a laicidade estatal ao permitir o ensino religioso confessional nas escolas

⁷⁵ PETERS, Gabriel. Como se Deus não existisse: da secularização ao pluralismo na sociologia da religião de Peter Berger. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, n. 50, 2019, p. 296-311. p. 298.

⁷⁶ PETERS, Gabriel. 2019, p. 298.

⁷⁷ FISCHMANN, 2012, p. 22.

⁷⁸ BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Ação Direta de Inconstitucionalidade n.º 4439/2010*. Relator: Ministro Luís Roberto Barroso. Brasília, DF: STF, 2017. p. [n.p.].

públicas, mesmo que facultativo, já que, dessa forma, cria vínculo direto com as religiões.⁷⁹

Após a decisão do STF sobre a ADI 4439/2010 e, três meses depois, em 20 de dezembro de 2017 aconteceu a homologação da BNCC pela Portaria nº 1.570/2017⁸⁰, com a inclusão do Ensino Religioso não confessional. O art. 2º dessa Portaria dizia que “Após a publicação do Acórdão do Supremo Tribunal Federal no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade no 4439, o Ministério da Educação poderá solicitar ao Conselho Nacional de Educação reavaliação do disposto para o ensino religioso na BNCC.”⁸¹ E isso não ocorreu. Segundo SILVA, Andressa Martins:

Diante disto, a decisão do STF criou um problema sério, pois está em flagrante contraste com o art. 33 da LDBEN nº 9394/1996 e contra a BNCC. Os argumentos apresentados pelos ministros, hoje, contratam diretamente com o texto da BNCC. Restam evidentes os conceitos errôneos trazidos em seu voto no Acórdão na ADI 4.439/2010, e, conseqüentemente, replicados em âmbito nacional, contribuindo para a desinformação populacional do papel do Ensino Religioso nas escolas públicas, bem como do seu real objetivo enquanto disciplina, e da importância do seu objeto de ensino para a formação dos estudantes e sua contribuição para uma cultura de paz, de inclusão e cidadania.⁸²

Diante do exposto e da decisão do STF na ADI 4.439/2010, nos colocamos diante desafio de conciliar a prática do Ensino Religioso com o princípio da laicidade do Estado brasileiro. Em nossa opinião, as escolas precisam assegurar que o Ensino religioso não privilegie uma religião em detrimento de outras, respeitando a diversidade e promovendo a inclusão de alunos de diferentes crenças. Dessa forma, contribuirão para a formação integral de seus estudantes.

Para Taíssa Tavenar,⁸³ “Um Estado que é religioso, segrega, beneficia algumas matrizes e exclui outras. Essa exclusão estimula a intolerância e o racismo religioso”⁸⁴ e para Fernanda Moura⁸⁵, a negação da laicidade é um enorme retrocesso no campo dos direitos das crianças.⁸⁶

⁷⁹ PEREIRA, Anna Karolina Braga; JAJAH, Morisa Martins. O ensino religioso confessional nas escolas públicas e a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4439. *Revista Alpha*, Patos de Minas: Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), v. 20, n. 1, p. 27.

⁸⁰ BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 1.570, de 20 de outubro de 2017. Dispõe sobre a implantação da Base Nacional Comum Curricular - BNCC. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 out. 2017.

⁸¹ BRASIL, 2017.

⁸² SILVA, Andressa Martins e; BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. A ADI 4.439/2010 sobre o ensino religioso: análise dos equívocos e desconhecimentos. *Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas*, Pouso Alegre, v. 38, n. 2, p. 14.

⁸³ Professora doutora da faculdade de Licenciatura em Ciências da Religião, da Universidade do Estado do Pará

⁸⁴ LIMA, Célia Fernanda. Respeito à diversidade religiosa começa com o conhecimento. *Lunetas*, 30 mar. 2023.

⁸⁵ Integrante do Observatório da Laicidade na Educação (OLÉ)

⁸⁶ LIMA, 2023.

O mesmo artigo traz a contribuição de Tavernar sobre a importância de trabalhar a laicidade na escola:

Trabalhar a laicidade com as crianças nas escolas é necessário não apenas para ensinar sobre respeito, mas também para construir a noção de quebra de monopólios sobre a verdade. Isso só pode ser feito, segundo ela, com uma “educação inclusiva e multicultural”. Daí a importância de garantir que o Estado, a escola e as instituições públicas sejam laicas. “Uma escola que privilegia uma religião em detrimento das demais é uma escola que estimula a segregação e o preconceito.”⁸⁷

A abordagem de Tavernar e Moura reforça a necessidade de um compromisso público com a laicidade como um pilar essencial para a promoção da igualdade e do respeito à diversidade no Brasil. A escola, nesse contexto, desempenha um papel central como um espaço de formação cidadã, onde crianças e jovens devem ser incentivados a reconhecer e valorizar a pluralidade religiosa e cultural. Garantir que instituições públicas e escolas não sejam capturadas por interesses religiosos específicos é, portanto, um imperativo ético e político para uma convivência pacífica e igualitária em um país plural como o Brasil.

1.1.3 Desafios da diversidade religiosa

“Se não dou direito para a diversidade existir, eu fomento o preconceito”⁸⁸

Partindo do pressuposto do antropólogo e pesquisador do Núcleo de Estudos de Religião da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Emerson Giumbelli, não permitir a existência da diversidade religiosa cria um terreno fértil para o preconceito e a intolerância. Proteger a diversidade religiosa é essencial para combater o preconceito e garantir uma sociedade mais plural, inclusiva e harmoniosa, onde as pessoas possam viver suas crenças sem medo de discriminação ou violência.

Desde as religiões mundiais⁸⁹ até as práticas espirituais indígenas e tradições menos conhecidas, a humanidade abraça uma variedade impressionante de sistemas de crenças. Essas tradições não apenas diferem em suas doutrinas e rituais, mas também influenciam profundamente a identidade cultural, moral e social de seus seguidores.

⁸⁷ TAVERNAR, Taissa. Se não dou direito para a diversidade existir, eu fomento o preconceito. In: LUNETAS. Respeito à diversidade religiosa começa com o conhecimento, 2023.

⁸⁸ TAVERNAR, 2023.

⁸⁹ WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996. p. 309.

Em se tratando do Brasil, nosso país é constituído por uma grande diversidade religiosa que, segundo Bittencort Filho, inicia-se na colonização. Ele avalia a matriz religiosa brasileira, constituída pela composição das raízes do catolicismo ibérico, das religiões indígenas e religiões africanas. O Brasil emerge assim em uma religiosidade com características próprias. A mistura dessas etnias e raças deram origem ao povo brasileiro.⁹⁰

Como o Brasil é oficialmente um Estado laico, o que significa imparcialidade em assuntos religiosos, todas as manifestações de fé são respeitadas e protegidas por lei. É direito de todo cidadão ter liberdade para seguir a sua crença religiosa. Quem não pratica nenhuma religião ou é ateu, também tem seus direitos resguardados. Para refletir sobre a liberdade religiosa, inclusive a liberdade de não ter uma religião, Hans Küng oferece uma perspectiva valiosa. Ele resgata a ideia de Immanuel Kant em seu ensaio "Was ist Aufklärung?" ("O que é Iluminismo?"⁹¹), que destaca a importância de superar a dependência intelectual e usar a própria razão como base para uma ética fundamentada na autonomia. Segundo Küng, hoje "Defendem uma autonomia ética, que também a ética cristã não pode simplesmente anular. Exige-se hoje um mínimo, isto é, o respeito mútuo, um respeito mútuo entre crentes e não-crentes".⁹²

Todavia, apesar do quadro religioso brasileiro ser marcado pela diversidade, que desafia o ser humano a viver de forma respeitosa, sabemos que esse ainda é um longo caminho a ser percorrido. Considerando que toda essa diversidade se dá dentro do ambiente escolar, assim como acontece em outros ambientes da sociedade, acontecem relações harmoniosas e conflituosas. Bordieu e Passeron citam que:

A convivência do educando dentro das escolas está sujeita a enfrentamento e contradições entre as partes, uma vez que, o espaço escolar, assim como outros espaços, onde se evidenciam relações entre indivíduos, possui contradições que lhes são inerentes e que se reproduzem pelas mais diversas razões, como conflitos, estes gerados pelas mais diversas influências.⁹³

No contexto escolar, essa diversidade religiosa se reflete na composição dos alunos, professores e funcionários. As representações e manifestações da religiosidade são expressadas pelos educandos e educadores por meio de suas falas, em seus textos e vestimentas que demarcam a sua história de vida e cultural. Porém, como afirma Andréia Lúcia Paiva:

⁹⁰ BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Vitória: Editora Unida, 2019. p. 40-41.

⁹¹ KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial: uma moral para a sobrevivência da humanidade*. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 209.

⁹² KÜNG, 1993. p. 209.

⁹³ BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 12.

É preciso se ater que a ação religiosa nem sempre age de forma ‘inocente’. É neste sentido que ela se coloca na posição de estratégia junto ao poder que se firma nas relações sociais”. Nesse movimento, ela faz com que um indivíduo e instituição imponham as suas vontades sobre os outros concretizando, através de um conjunto de simbolismo, dominação e legitimidade: “Se a religião, em si, expressa liberdade de crença, de culto e de formas de organizações, por sua vez este sentimento (ou ação) se confunde na leitura de alguns fiéis conduzindo para a prática da intolerância religiosa, o desrespeito a outras religiões”⁹⁴.

Dessa forma, compreendemos que a temática religiosa é um desafio constante para a educação. É necessário que os professores estejam preparados e aptos para tratar desse assunto, tendo consciência da complexidade do tema e do fenômeno religioso na vida dos alunos. É preciso refletir sobre como os educadores trabalham as representações e manifestações de religiosidade dos alunos.

Essa questão vai além do debate sobre o Ensino Religioso como matéria de conhecimento, pois envolve as relações intersubjetivas nas práticas pedagógicas escolares. Assim, entendemos que é responsabilidade de todos os professores. Portanto, analisar as representações e manifestações de religiosidade presentes nas práticas educativas, observando como os educandos expressam sua religiosidade no processo de aprendizagem dos conteúdos escolares e como os docentes trabalham pedagogicamente essas manifestações em sala de aula, nos ajuda a pensar a religiosidade nos espaços educativos de forma ampla. Isso traz a religiosidade para o debate sobre o pluralismo religioso e a inclusão escolar, que perpassa pela compreensão das diferenças religiosas em suas dimensões históricas, culturais e políticas.

1.1.4 A presença da religião no cotidiano da escola

Considerando a significativa influência da religião na identidade e na vida das pessoas, bem como as complexidades que envolvem sua presença no ambiente escolar, tais como a diversidade cultural, a liberdade religiosa e a laicidade do Estado, é essencial refletirmos sobre como essas questões se manifestam nas escolas. Nesse sentido, vamos explorar a experiência vivida pela autora ao longo de sua jornada, destacando as diversas formas pelas quais essas dinâmicas se refletem no contexto educacional.

Sabemos que, em algumas instituições, a religião pode desempenhar um papel significativo, seja por meio da realização de atividades religiosas, como orações ou celebrações,

⁹⁴ PAIVA, Andreia Lúcia da S. de. Quando a religião vai à escola: desafios e perspectivas no campo educacional brasileiro. *Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, (29), 2023, p. 52-53.

seja pela presença de símbolos religiosos nas dependências da escola. Esses são exemplos que acontecem na escola que foi campo de estudo dessa pesquisa. Relataremos aqui algumas situações vivenciadas pela autora.

Logo acima do portão de entrada principal da Escola Quintiniano de Azevedo, encontra-se uma imagem imponente de Nossa Senhora Aparecida e, na secretaria, próxima ao acesso principal, há um crucifixo na parede, ambos símbolos do cristianismo católico. Em uma conversa com o diretor, no início do ano letivo de 2023, a pesquisadora compartilhou uma experiência vivida em uma de suas antigas escolas, chamada Santa Cecília, que também exibiu uma imagem religiosa na entrada. No entanto, com a chegada de uma nova gestora, decidiu-se, em acordo com o padre da paróquia local, doar a imagem à Igreja Católica. O diretor, participante da conversa, discordou da decisão, argumentando que a imagem fazia parte da história da escola, assim como na nossa escola, mesmo que esta não faça referência a um nome santo. Ele afirmou, ainda, que não considerava a possibilidade de retirar a imagem dali.⁹⁵

Ainda em 2023, durante o planejamento das ações do terceiro trimestre, a pesquisadora observou um "incentivo", embora não obrigatório, por parte do diretor à realização de atividades para o Dia de Ação de Graças, uma tradição de origem norte-americana, coordenadas pela professora de Ensino Religioso. No entanto, atividades relacionadas ao Halloween, também parte da cultura norte-americana e potencialmente associadas ao conteúdo de língua inglesa, eram proibidas.

Outra situação observada ocorreu em novembro deste mesmo ano, durante o desfile em celebração ao Dia da Consciência Negra. Um aluno, orgulhoso de sua recente participação em um ritual de sua religião de matriz africana, compareceu com vestes características de sua fé e foi alvo de risos e deboches por parte de outros alunos. Em relação às atitudes em relação às religiões de matriz africana, a pesquisadora, na função de pedagoga da escola, frequentemente recebe alunos em sua sala relatando medo de colegas participantes dessas crenças, temendo que realizem "macumbas" contra eles após discussões ou incidentes, o que evidencia um ambiente permeado por preconceito e desinformação.

Recentemente, em abril de 2024, um aluno procurou a pesquisadora expressando seu desejo de não participar mais das aulas de Ensino Religioso. Miguel, considerado um aluno exemplar pela escola, afirmava ter sua própria religião e não estar interessado em aprender

⁹⁵ Essa conversa aconteceu, em fevereiro de 2023, entre a pedagoga, pesquisadora e o diretor da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Quintiniano de Azevedo, em reunião de planejamento para ações pedagógicas para o ano letivo. Os outros fatos relatados nesse tópico também foram vivenciados pela autora no ano de 2023, ano que a pesquisadora chegou à escola e o ano atual de 2024.

sobre outras. Mesmo após muita conversa e argumentações sobre a importância do conhecimento e do respeito às diferentes tradições religiosas, o aluno continuou convicto de sua opinião. A equipe gestora, temendo possíveis implicações, como a divulgação da não obrigatoriedade da participação nas aulas de Ensino Religioso e a possível falta de espaço para acolher alunos optantes por não participar da aula, convenceu o aluno a permanecer em sala sem participar da dinâmica proposta pela professora.

Diante das situações relatadas, podemos refletir e afirmar que é imprescindível que, embora atividades religiosas possam ocorrer, estas respeitem a diversidade religiosa presente na comunidade escolar, garantindo um ambiente inclusivo para todos os estudantes, independentemente de sua crença ou da ausência dela. A religião, no contexto escolar, deve ser abordada com sensibilidade e respeito à pluralidade, assegurando que todos os alunos se sintam acolhidos e valorizados em sua individualidade. Essa abordagem não apenas reforça o respeito mútuo, mas também contribui para a formação integral dos estudantes, preparando-os para uma convivência harmoniosa em uma sociedade diversa.

Por isso, além de refletirmos sobre o tratamento da religião no espaço escolar, será necessário, no próximo capítulo, aprofundarmos a discussão sobre a educação integral, abordando suas concepções, seus fundamentos legais e o papel que ela desempenha na promoção de uma formação cidadã e humanista, essencial para o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

2 EDUCAÇÃO INTEGRAL: CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS LEGAIS

Para compreendermos a Educação Integral em suas nuances, se fez necessário realizar uma análise histórica dos fatores que influenciaram as perspectivas atuais sobre o tema. Esse estudo envolve, necessariamente, a discussão sobre os conceitos de Educação Integral e educação em tempo integral, pois essas ideias, apesar de interligadas, possuem nuances que precisam ser elucidadas.

No Brasil, o conceito de Educação Integral está associado a um contexto sócio histórico que vem sendo construído desde o século XX. A respeito do tema, Carlos Azevedo argumenta que:

Compreender o significado da expressão de “educação integral” requer, primeiramente, a consciência de que não existe hegemonia quanto a sua definição, uma vez que ao longo da história, encontram-se diferentes interpretações acerca desta educação ampla para o indivíduo, com objetivos político-ideológicos distintos. De modo semelhante, para compreender os matizes ideológicos que fundamentam as concepções e práticas de educação integral que se disseminam no Brasil, no decorrer do século XX, torna-se imperioso refletir sob uma perspectiva sócio-histórica.

A história da Educação Integral escolar é marcada por uma trajetória de desafios, avanços e transformações ao longo dos anos. No contexto brasileiro, a implementação da Educação Integral enfrenta desafios significativos, mas também apresenta oportunidades para transformar o sistema educacional do país. Desde as primeiras iniciativas que marcam ao Período Imperial, as definições e concepções de Educação Integral, são concebidas de conformidade com as vinculações epistemológicas e as condições históricas vividas por seus autores. O critério, portanto, aqui adotado para a definição do conceito de Educação Integral, é a natureza epistemológica de políticas educacionais, expressa por suas experiências pedagógicas e pelas legislações vigentes.

Neste capítulo, inicialmente, buscaremos as origens, no Brasil, das propostas e concepções da Educação Integral, que, ao longo da história, buscou uma educação inovadora e diferenciada daquela praticada nas diversas correntes pedagógicas existentes. Assim, dialogando com os objetivos desta pesquisa, chegaremos à concepção de Educação Integral com a qual compactuamos. Em seguida, apresentaremos o debate atual sobre Educação Integral no Brasil e, por fim, uma análise do papel da dimensão religiosa na concepção.

2.1 Educação Integral No Brasil: Do Império A Bncc

No final do século XIX, com a transição do Brasil de Império para República, ocorreram significativas transformações na estrutura econômica e social do país. Essa mudança marcou a transição de uma economia predominantemente rural e agrária, baseada na escravidão, para uma sociedade urbana e comercial. Nesse período, Ruy Barbosa apresentou as primeiras ideias sobre Educação Integral, propostas na forma de uma reforma ao ensino da época. Essa proposta estava ligada à necessidade de modernização do Brasil e de modificação da condição em que o país se encontrava, estagnado após anos de exploração colonial. No projeto de Ruy Barbosa, havia uma preocupação com o ensino que deveria "fornecer ao estudante a capacidade de ver, sentir, esquadriñar, executar, inventar", contrastando com a crítica à repetição ou memorização de conteúdos escolares".⁹⁶

Para Rui Barbosa, educação integral significa ampliação da formação do aluno no ensino primário “numa recapitulação tão completa quanto se possa, do progresso que a humanidade tem efetuado por entre o curso dos séculos”. Significa assim trabalhar, na escola, “da maneira mais completa possível, todas as suas faculdades físicas e intelectuais”; em outras palavras, significa ensinar as disciplinas das ciências físicas e naturais, a língua materna, a matemática, a história e a geografia, mais a educação física, a música, o desenho, o canto, os “rudimentos de economia política”, cultura moral, cultura cívica ou seja todas as que [...] constituem as habilidades físicas, cognitivas e estéticas que completam, no sujeito, o seu SER humano.⁹⁷

Já no início do século XX, no Brasil, diferentes movimentos começaram a coexistir, debatendo a educação, a escola e sua função na sociedade como pilares na integração nacional. A educação foi valorizada como uma possível solução para os problemas sociais e econômicos do país. Nessa perspectiva, propostas de educação integral surgiram em diversas ideologias e teorias metodológicas, incluindo concepções socialistas (como o pensamento anarquista), conservadoras (católica e integralista) e liberais (escolanovismo).⁹⁸

O Movimento Anarquista, surgido no século XX, preconizava a abolição do capitalismo e do Estado, promovendo a autogestão e a justiça social. Defendia uma escola próxima à classe

⁹⁶ PAULA, Júlia da M. M.; MARTINS, Marcelo L. D. R.; ANGELO, Vitor A. *Educação em tempo integral no Espírito Santo: história, conceitos e metodologias*. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2021. E-book. [online]. p. 24-25.

⁹⁷ BONATO, Nailda M. C.; COELHO, Lígia Martha C. da C.; MENEZES, Janaína S. da S. Educação integral, ensino integral e tempo no pensamento de Rui Barbosa. Revista HISTEDBR, Campinas, n. 44, p. 275-292, 2011. [online]. p. 283.

⁹⁸ YAMAZATO, Marcelo O.; NASCENTE, Renata Maria M. Concepções, projetos e experiências de educação integral no Brasil. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 13, n. 32, p. 1–20, 2020. [online].

trabalhadora, visando sua emancipação. No Brasil, impulsionado pela imigração europeia e por pensadores locais, o movimento reconheceu a necessidade de uma educação que servisse para disseminar sua propaganda e libertar os cidadãos das amarras sociais durante a Primeira República, especialmente devido ao alto índice de analfabetismo.⁹⁹

Romário Santos, sobre a educação anarquista, destaca que:

As escolas anarquistas, de forte influência da Escola Moderna, foram uma resposta ao ensino dogmático e burguês fornecido pela Igreja e pelo Estado de forma raramente acessível ao trabalhador pobre. Com sua conformação muito avançada para o período que vai de 1890 a meados de 1930, essas escolas escandalizavam as camadas mais conservadoras da sociedade ao propor a coeducação entre sexos e a igualdade de gênero, por meio de um ensino único para meninos e meninas. [...] A pedagogia anarquista propõe a educação integral do indivíduo, preparando-o para a vida social, dissociando o trabalho manual do trabalho intelectual. Esse tipo de educação, jamais poderia ser oferecido pelo Estado, pois não serve aos seus interesses.¹⁰⁰

A Educação Integral, no âmbito anarquista, busca a formação completa do indivíduo, unindo trabalho manual e intelectual em um único processo de aprendizagem. A separação dessas esferas, comum no modelo tradicional, é vista como um mecanismo de controle social que restringe a classe trabalhadora ao trabalho físico, enquanto reserva o trabalho intelectual às elites. A pedagogia anarquista, portanto, propõe a superação dessa divisão, capacitando cada pessoa a participar ativamente na construção de uma sociedade livre e igualitária.

Devido a essa abordagem, muitas escolas anarquistas foram perseguidas pela Igreja, principalmente por promoverem a educação de ambos os sexos, e pelo Estado, sendo frequentemente acusadas de responsabilidade por “atos terroristas”. Como resultado, muitas dessas escolas foram fechadas e inúmeros registros se perderam durante a ditadura militar.

Na contramão, tanto em termos de ideologia quanto de modelo pedagógico, do que pregava o movimento anarquista, surgiram as escolas do movimento integralista. No Brasil, liderado por Plínio Salgado, a Educação Integral foi concebida como uma ferramenta fundamental para a formação de um “homem integral”, alinhado aos valores de Deus, Pátria e Família. Esses princípios, vistos como essenciais na visão integralista, serviam tanto para formar uma sociedade ideal quanto para moldar o caráter individual, direcionando-o para um propósito nacionalista e espiritual. Essa perspectiva buscava uma educação que ultrapassasse o

⁹⁹ SANTOS, Romário P. *Uma breve retrospectiva histórica da Educação Integral no Brasil e os marcos legais para sua implantação nos estados da federação*. VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO – Conedu. Maceió. [online]. p. 3.

¹⁰⁰ SANTOS, [s.d], p.4

desenvolvimento intelectual, envolvendo também aspectos morais e éticos, sempre em sintonia com a missão de criar uma consciência nacional e leal aos ideais do movimento. Ana Maria Cavaliere analisa a concepção de Educação Integral para o movimento integralista:

Para a Ação Integralista Brasileira (AIB), transformada em partido em 1935, a educação integral envolvia o Estado, a família e a religião, postos em sintonia pela escola, numa intensiva ação educativa. Tendo a AIB sido criada como um movimento cultural, que pretendia ser mais do que um partido político, seus planos envolviam a criação de uma nova concepção política e filosófica de mundo, para a qual a escola teria papel fundamental. Em seus documentos doutrinários, pregava que a educação escolar das massas não se limitava à alfabetização, mas visava elevar o nível cultural da população envolvendo aspectos físicos, intelectuais, cívicos e espirituais da formação dos indivíduos. O movimento tinha como lema a educação integral para o homem integral.¹⁰¹

Sobre a ideia de uma Educação Integral para o homem integral, Plínio Salgado, líder do movimento, definiu educação e instrução como elementos distintos: enquanto a instrução visava aprimorar o intelecto e o conhecimento técnico, a educação deveria moldar o caráter e fortalecer o componente curricular, subordinando-se à hierarquia e à moral. Essa distinção reflete a visão integralista de que o desenvolvimento pleno do ser humano dependia de uma educação voltada para a construção de uma “escola moral”, que pudesse reforçar o componente curricular e o civismo entre os adeptos¹⁰²

Na prática, a Educação Integral promovida pelo integralismo visava preparar os jovens para o cumprimento de suas responsabilidades como cidadãos nacionais, com foco em virtudes como lealdade, obediência e dedicação ao bem comum. Essa abordagem moralista e conservadora buscava moldar comportamentos alinhados à ideologia integralista, incentivando o respeito à hierarquia e o componente curricular, considerados essenciais para a construção de uma sociedade forte e unida. Assim, a educação integralista transcendeu a esfera acadêmica, constituindo-se como um projeto político e social que integrava aspectos religiosos, cívicos e patrióticos¹⁰³

Sobre esse movimento, é importante ressaltar que seus membros rejeitavam a laicização da educação, posicionando-se contra a exclusão da religião do ensino público. Para eles, o processo educativo deveria integrar valores religiosos e familiares, concebendo a educação como uma forma de doutrinação moral e cívica. Em vez de separar Estado e religião, como

¹⁰¹ CAVALIERE, Ana Maria. *Anísio Teixeira e a educação integral*. Paidéia, Rio de Janeiro, v. 20, n. 46, p. 249-259, 2010. p. 249.

¹⁰² COELHO, Lígia Martha. *Integralismo, anos 30: uma concepção de educação integral*. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. 2003. p. 3.

¹⁰³ COELHO, 2003, p. 3.

pregavam setores mais laicos, o movimento defendia a educação como meio de formar o “homem integral”, unindo ensinamentos espirituais e patrióticos como fundamentos para uma sociedade ideal, sustentada pelos valores de Deus, Pátria e Família.

Leite, Carvalho e Pimentel, ao realizarem uma análise sobre os movimentos integralistas e anarquistas, pontuam que:

Os anarquistas, com o princípio da igualdade e da verdade humana, faziam uma clara opção pelos aspectos emancipadores da formação humana. Já os integralistas, ao enfatizarem a espiritualidade, o nacionalismo cívico e a disciplina, explicitavam aspectos da formação humana de cunho mais conservador.¹⁰⁴

Diferentemente das propostas anteriores, o movimento Escola Nova, talvez um dos mais conhecidos e um dos que mais impactaram a história da educação brasileira, ficou amplamente conhecido pelo Manifesto dos Pioneiros da Educação, publicado em 1932, e teve influência do pensamento de John Dewey¹⁰⁵. O manifesto, dirigido por Fernando Azevedo, “defendia a Educação Integral como direito Biológico de cada indivíduo e como dever do Estado”¹⁰⁶ Para o movimento, não era apenas uma concepção de educação, mas de um direito de todos. O movimento rompia com os ideais tradicionais de educação, pregava um ensino laico, educação para meninos e meninas, e centrava a ação do educador enquanto um facilitador da aprendizagem. Como afirma Cavaliere, “a defesa de uma escola com funções ampliadas, visível nas reformas dos anos 1920, se aprofundou entre os intelectuais reformistas e apareceu no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932”¹⁰⁷

Leite, Carvalho e Pimentel, ao analisarem o pensamento de John Dewey e o movimento Escola Nova, destacam que, para eses autores: “A educação deve ter como eixo norteador a vida-experiência e a aprendizagem, reiterando que a função da escola é propiciar uma reconstrução permanente da experiência e da aprendizagem dentro da vida de cada indivíduo.”

108

¹⁰⁴ SANTOS, Romário P. Uma breve retrospectiva histórica da Educação Integral no Brasil e os marcos legais para sua implantação nos estados da federação. In: VII CONGRESSO DE EDUCAÇÃO – Conedu, Maceió, 2022.

¹⁰⁵ John Dewey que, sem dúvida, é um dos principais teóricos da educação do século XX e sua obra continua produzindo impactos ainda no século XXI. Principal referência do chamado movimento da Escola Nova, ou Educação Progressiva. FREITAS, Cezar Ricardo de; FIGUEIREDO, Ireni Marilene Zago. As concepções de educação integral e integrada em John Dewey. *Trabalho & Educação*, v. 29, n. 2, p. 197-215, 2020. P. 198

¹⁰⁶ GADOTTI, Moacir. *Educação integral no Brasil: inovações em processo*. São Paulo, 2009. p. 22.

¹⁰⁷ CAVALIERE, 2010, p. 257.

¹⁰⁸ CAVALIERE, 2010, p. 17.

Em matéria de projetos aplicados, temos como referência inicial dois pensadores da educação brasileira que figuram como precursores deste projeto educacional no país: Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro.

Por volta da década de 1950, Anísio Teixeira funda, à frente da Secretaria de Educação e Saúde da Bahia, iniciou a primeira experiência concreta de Educação em Tempo Integral no Brasil, com o Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), baseada no modelo pedagógico da Escola Nova. Sua proposta de escola em tempo integral buscava oferecer uma educação completa, que incluía aspectos físicos, morais e cívicos.¹⁰⁹

Segundo Gadotti:

A proposta visava a alternar atividades intelectuais com atividades práticas, como artes aplicadas, industriais e plásticas, além de jogos, recreação, ginástica, teatro, música e dança, distribuídas ao longo de todo o dia. Alguns alunos órfãos ou abandonados podiam residir na escola.¹¹⁰

Dessa forma, defendia uma abordagem interdisciplinar, com ênfase na experiência e na autonomia dos estudantes e professores/as. “Pelo seu caráter inédito e materialização, pode-se afirmar que, nessa experiência, a escola foi o centro de toda a organização do tempo integral, configurando-se como modelo de escola de tempo integral”¹¹¹.

Sobre uma educação que se preocupe com a formação de hábitos de pensar e de fazer, de conviver e participar em uma sociedade democrática, Anísio Teixeira afirma:

Não se pode conseguir essa formação em uma escola por sessões, com os curtos períodos letivos que hoje tem a escola brasileira. Precisamos restituir-lhe o dia integral, enriquecer-lhe o programa com atividades práticas, dar-lhe amplas oportunidades de formação de hábitos de vida real, organizando a escola como miniatura da comunidade, com toda a gama de suas atividades de trabalho, de estudo, de recreação e de arte.¹¹²

No entanto, apesar da relevância teórica das ideias de Teixeira, a implementação prática dessas reformas encontrou dificuldades. A expansão do sistema escolar e a melhoria de sua qualidade muitas vezes entraram em conflito, como destacado pela crítica de Teixeira à redução da jornada escolar como uma solução para aumentar o número de matrículas. Segundo Gadotti, “o próprio Anísio Teixeira reconhecia que o projeto havia sido desconfigurado: dando

¹⁰⁹ PAULA; MARTINS; ANGELO, 2021, p. 28-29.

¹¹⁰ GADOTTI, 2009, p. 24.

¹¹¹ CAVALIERE, Ana Maria. *Escolas de tempo integral versus alunos em tempo integral*. Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 51-63, 2009. p. 53.

¹¹² TEIXEIRA, 1994, p. 63. Apud CAVALIERE, 2010. p. 256.

prioridade ao número de matrícula, o tempo integral havia suprimido. ”¹¹³ Cavaliere observa que "as reformas dos anos 1920, em seu conjunto, não puderam efetivamente contrarrestar o movimento histórico de perda de qualidade"¹¹⁴

O projeto se concretizou na cidade de Salvador, capital do Estado da Bahia, em quatro Centros, e tinha como meta levar esse currículo flexível para outras escolas, o que não se concretizou. Mais tarde, em Brasília, como diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), Anísio Teixeira pretendia criar 28 Escolas-Parque. Algumas foram realmente construídas, mas o projeto de educação integral não foi adiante.¹¹⁵

Já na década de 1980, Darcy Ribeiro, durante sua vice-governança no Rio de Janeiro, idealizou os Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), que retomaram o projeto de escola pública de tempo Integral de Anísio Teixeira. Com o objetivo de oferecer educação de qualidade e atender às necessidades das comunidades de baixa renda, os CIEPs não apenas priorizavam o ensino, mas também ofereciam serviços sociais, como refeições, cuidados de saúde e atividades físicas.¹¹⁶ Sobre os CIEPs, o próprio Darcy Ribeiro afirma:

A escola universal que várias constituições brasileiras reclamaram, reiteradamente, mas que nunca conseguimos concretizar. Uma escola prática e eficiente, que não é preparatória a estudos posteriores, porque tem um fim em si mesmo, que é dar a todos o domínio básico da leitura e do cálculo, a capacidade de continuar aprendendo, promover o desenvolvimento da inteligência, a formação do caráter e a preparação para viver solidariamente. A generalização destes atributos a todos os brasileiros de amanhã é direito do cidadão e necessidade da Pátria.¹¹⁷

Quanto ao tempo de permanência, Lúcia Veloso Maurício, ao analisar o projeto, afirma que:

O horário integral aparece como essencial no processo de aprendizagem, e a diferença de um semi-internato por ter justificativa estritamente pedagógica: a educação integral prevê a socialização, a instrução escolar e a formação cultural, vista como parte essencial do processo de aprendizagem e não como adereço, tornando-se a escola espaço social privilegiado para a formação do cidadão.¹¹⁸

¹¹³ GADOTTI, 2009, p. 24.

¹¹⁴ CAVALIERE, 2010, p. 259.

¹¹⁵ GADOTTI, 2009, p. 23.

¹¹⁶ PAULA; MARTINS; ANGELO, 2021, p. 32-34.

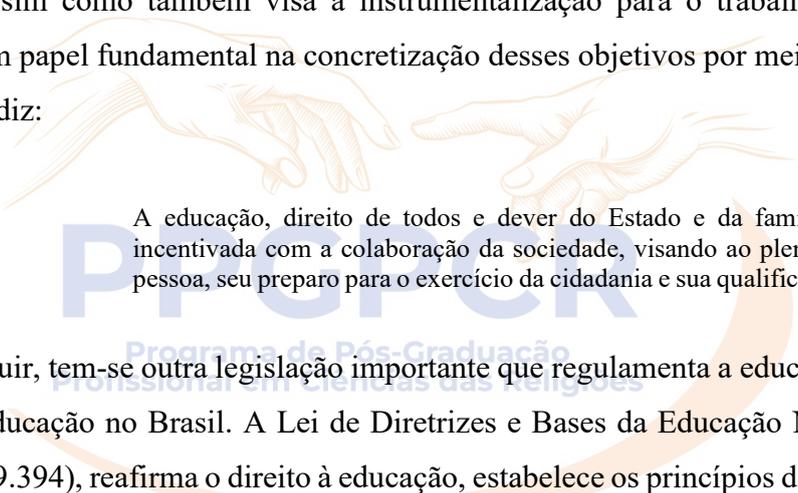
¹¹⁷ RIBEIRO, 1994, p. 7. Apud CAZZANELLI; LIMA; BORDIGNON, 2023.

¹¹⁸ MAURÍCIO, Lúcia Veloso. O impacto da globalização na educação: um desafio para o século XXI. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 25.

Embora os CIEPs não tenham alcançado seu pleno potencial, sua concepção permaneceu e serviu de referência para outros projetos, como os “Centros Integrados de Atendimento à Criança” (Ciacs), no governo de Fernando Collor, e os “Centro de Atenção Integral à Criança” (Caics), entre outros.¹¹⁹

Enquanto experiências e pensadores da época buscavam maneiras de implementar uma educação integral de qualidade, um marco importante para a educação integral no Brasil foi estabelecido com a Constituição de 1988. De acordo Jaqueline Moll, ao afirmar uma série de direitos ao cidadão, a Constituição traria um “espírito de integralidade formativa ao firmar o direito de todos à educação, ao esporte, ao lazer, à cultura, à moradia”¹²⁰.

Ao anunciar os direitos, a Constituição conjuga a complementaridade entre políticas que têm por objetivo fornecer ao ser humano base integral, a fim de prepará-lo para o exercício da cidadania, assim como também visa à instrumentalização para o trabalho. Desta forma, a sociedade tem papel fundamental na concretização desses objetivos por meio da educação. Em seu Art. 205 diz:



A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho¹²¹.

A seguir, tem-se outra legislação importante que regulamenta a educação nacional, a lei que rege a educação no Brasil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 (Lei nº 9.394), reafirma o direito à educação, estabelece os princípios da educação e define os deveres do Estado em relação à educação escolar pública, além de definir a Educação Básica e outras modalidades educacionais. Pontos relevantes para a educação em tempo integral incluem a previsão da ampliação progressiva da jornada escolar no ensino fundamental e a possibilidade de oferta do ensino em tempo integral, conforme critérios estabelecidos pelos sistemas de ensino. Assim, a LDB introduz o conceito e a necessidade de pensar e implementar a educação em tempo integral no Brasil. Em seu Art. 34, já se fazia referência à ampliação do tempo de permanência diário do estudante na escola, conforme se lê:

Art. 34: a jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de

¹¹⁹ GADOTTI, Carlos. *A educação contra a barbárie: por uma ética mundial*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 26-27.

¹²⁰ MOLL, Jaqueline. *A política de Educação Integral no Brasil: Mais Educação*. In: CENPEC. Colóquio Educação Integral. São Paulo, 2010. p. 73.

¹²¹ BRASIL, 1988, p. 99. [online].

permanência na escola...§ 2º, que diz: o ensino fundamental será ministrado progressivamente, em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino ¹²².

Outro marco importante para a Educação Integral no Brasil foi a criação, em 2007, do programa educacional “Mais Educação”, uma iniciativa do governo federal brasileiro com o objetivo de ampliar a jornada escolar e a oferta educativa nas escolas públicas. O programa repassava recursos diretamente às escolas para a compra de materiais pedagógicos e alimentação. Seu propósito era proporcionar atividades complementares aos estudantes — como esportes, artes, cultura, lazer, entre outras — no contraturno escolar. O programa buscava promover a integração entre educação, cultura e esporte, além de contribuir para a melhoria da qualidade da educação básica, oferecendo oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento integral aos alunos.

Jaqueline Moll, que foi Diretora de Currículos e Educação Integral da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, estando à frente do desenvolvimento dessa política de Educação Integral, aponta que:

O Mais Educação constitui-se também como uma ação pedagógica que trabalha com uma perspectiva de política afirmativa ou como uma ação de discriminação positiva, necessária em um país que sempre distribuiu bens, saberes e serviços tardia e desigualmente.¹²³

Em 2014, foi promulgada a Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014, que institui o Plano Nacional de Educação (PNE), plano decenal com metas e estratégias para diversos segmentos da educação brasileira. A proposta busca o comprometimento de todos os entes federativos para sua implementação e, entre outros pontos, aborda a ampliação da Educação em Tempo Integral no Brasil. A Lei traça diretrizes e metas para a educação em conformidade com o contexto da Educação de Tempo Integral, buscando “ampliar progressivamente a jornada escolar, de modo a abranger um período de pelo menos sete horas diárias”¹²⁴. Em sua meta 6, o PNE define: “Oferecer educação em tempo integral em, no mínimo, 50% (cinquenta por cento) das escolas públicas, de forma a atender, pelo menos, 25% (vinte e cinco por cento) dos (as) alunos (as) da educação básica”.¹²⁵

¹²² BRASIL, 1996. p. 23. [online].

¹²³ MOLL, 2010, p. 73.

¹²⁴ BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Educação 2014-2024: lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014*. Brasília, DF: MEC, 2014. [online].

¹²⁵ BRASIL, 2014, p. 15, [online].

Em dezembro de 2018, com a promulgação da nova Base Nacional Comum Curricular, que define os conteúdos essenciais a serem trabalhados em sala de aula, “tem-se, mais forte a ideia de integralidade, buscando a formação completa do estudante, aliando as áreas cognitivas, afetivas, éticas, morais e simbólicas”.¹²⁶ O documento visa à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse processo, Segundo o Documento:

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades.¹²⁷

Nesse sentido, a BNCC reforça que, independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de Educação Integral defendido pelo referido documento está voltado: “À construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea”.¹²⁸

Em relação às experiências educativas mais recentes, as possibilidades de implementação de uma educação integral, do ponto de vista da formação integral dos estudantes, e integrada, no sentido da articulação curricular e da ampliação dos tempos e espaços educativos são, para alguns autores, bastante limitadas na BNCC. Segundo Jane Bittencourt:

A BNCC, embora afirme o compromisso com a educação integral e acate todas as orientações dos documentos curriculares vigentes, não apresenta um desenho curricular nem baseado, nem favorável à educação integral e integrada. Isso se dá devido à organização curricular por competências que foi adotada, além da desconsideração do tempo ampliado, dos espaços ampliados de aprendizagem, assim como da ampliação dos saberes, tanto no que tange à sua diversificação como à sua integração.¹²⁹

Complementa:

¹²⁶ SANTOS, Matheus da S. *Perspectivas e desafios da educação integral*. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 22792–22804, 2022. p. 22796. [online].

¹²⁷ BRASIL, 2017, p. 14.

¹²⁸ BRASIL, 2018, p. 14.

¹²⁹ BITTENCOURT, Jane. Educação integral no contexto da BNCC. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1759-1780, out./dez. 2019. p.1776.

Resta o argumento de que, em se tratando apenas de uma base, que pretende definir uma parte do currículo, a parte diversificada, a ser complementada de acordo com as necessidades de cada rede de ensino, poderia assumir a tarefa de complementar o currículo com novos saberes, novas referências culturais, assim como temáticas sociais e culturais relevantes para os estudantes e as coletividades. Poderia prever outros espaços de aprendizagem, assim como a inserção das atividades artísticas e culturais que têm fortemente caracterizado o contraturno da educação integral até o momento.¹³⁰

Dessa forma, acreditamos que, apesar de seus limites, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um ponto de partida para a construção de projetos pedagógicos que valorizem a integralidade da formação, desde que haja vontade política e investimentos que garantam essa ampliação nas práticas educacionais.

Como pudemos perceber, o conceito de educação integral foi sendo construído a partir das lutas de muitos atores e foi influenciado por fatores históricos, econômicos, sociais e culturais, que moldaram as concepções de educação em cada período, refletindo projetos político-ideológicos próprios. Tornou-se imprescindível compreender como esses processos ocorreram ao longo das décadas e suas relações com a luta pela democratização do acesso e qualificação da educação pública.

Verificamos que a educação integral está diretamente associada à formação do ser humano em sua totalidade, considerando as características de cada período, que influenciaram tanto a concepção de ser humano quanto a definição da educação necessária, ou desejada, para sua formação. Observamos, ainda, que a educação integral tem como característica a ampliação curricular, tanto no que diz respeito à extensão dos espaços e tempos escolares, quanto à diversificação dos saberes, com vistas não apenas à jornada escolar ampliada, mas também à elaboração de projetos formativos que promovam o desenvolvimento integral dos estudantes.

2.2 A Educação Integral no Brasil: Uma Análise Contemporânea

O debate contemporâneo sobre Educação Integral no Brasil é marcado por uma rica interseção entre diferentes perspectivas acadêmicas e políticas públicas. Essas abordagens foram se moldando ao longo das décadas, como vimos no tópico anterior, impulsionadas por uma série de estudos e legislações voltadas ao aprimoramento da formação integral de crianças e adolescentes. Refletem, assim, a necessidade de um projeto educativo que vá além da simples

¹³⁰ BITTENCOURT, 2019, p. 1776.

ampliação da jornada escolar e que se preocupe em contemplar às múltiplas dimensões da formação humana. Jaqueline Moll, em entrevista ao Centro de Referências em Educação Integral, afirmou:

Estamos falando de uma mudança de paradigma, de uma nova forma de pensar nossas relações sociais, pressupondo horizontalidade nos processos educativos, valorização dos saberes comunitários no currículo e uma efetiva ação intersetorial para garantir os direitos sociais dos indivíduos”¹³¹.

Nesse contexto, a horizontalidade nos processos educativos, como destacada por Jaqueline Moll, reflete a necessidade de uma educação que valorize o protagonismo dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. Ao romper com a estrutura verticalizada, onde o conhecimento é imposto de forma unilateral pelo educador, a educação integral propõe uma troca constante de saberes entre educadores, alunos, famílias e a comunidade, criando um ambiente de aprendizagem colaborativa e de corresponsabilidade pela formação dos jovens. Além disso, a autora fala sobre a importância da valorização dos saberes comunitários no currículo e sobre a necessidade da ação intersetorial para a efetivação da proposta educativa. Falaremos sobre esses aspectos mais adiante.

Dentre os desafios atuais, a ampliação da jornada escolar é temática ainda central em muitas discussões, mas não deve ser confundida com a implementação de uma Educação Integral. De acordo com Natasha Costa, a essência da Educação Integral vai além da simples extensão do tempo escolar, estando profundamente relacionada a um compromisso pedagógico com o desenvolvimento integral dos alunos. Segundo a pesquisadora, tem-se que “Isso pode acontecer na jornada regular, na jornada ampliada dentro da escola ou na jornada ampliada que articula espaços dentro e fora da escola. Não é, portanto, o tempo que define uma Educação Integral. É o compromisso com esta concepção”¹³².

Existe um consenso entre estudiosos e pesquisadores em diferenciar a Educação Integral com a educação em tempo integral, como pontua Costa. Ainda assim, reconhecemos a importância de ampliar o tempo de atendimento educacional para as famílias que optarem por essa modalidade, além de enfatizar que as políticas públicas sobre essa temática devem estar alinhadas a um Projeto Político Pedagógico fundamentado nos princípios de uma Educação Integral.

¹³¹ MOLL, Jaqueline. *Entrevista concedida ao Centro de Referência em Educação Integral*. Porto Alegre, 2013. [n.p.].

¹³² COSTA, Natasha. *É hora de territorializar a escola pública brasileira*. [online], 2020. p. 4.

A ampliação do tempo escolar frequentemente foi, e ainda é, associado a uma perspectiva de proteção social. Cavaliere destaca que a Educação Integral foi inicialmente compreendida como um recurso para proteger crianças e jovens em contextos vulneráveis, enfatizando a necessidade de “um espaço protegido que pudesse garantir a segurança e o desenvolvimento social do estudante”¹³³ Apesar do seu aspecto social, a pesquisadora ressalta que é preciso estar atento para que a:

Ampliação da jornada escolar, especialmente para as classes menos favorecidas, não se configure a partir de uma lógica que se mantém cristalizada historicamente na organização da escola pública brasileira e no processo de escolarização, que tem o foco na transmissão do conhecimento e, ainda assim, falha nesse processo”.¹³⁴

De acordo com Vitor Henrique Paro, o que temos hoje é uma escola à qual se vai, pretensamente, para aprender as disciplinas de matemática, física, geografia etc, “mas à qual não se vai para aprender a dançar, a cantar, a brincar, a amar, a discutir política, a conviver com o outro, a ser companheiro”.¹³⁵ Miguel Arroyo também enfatiza a necessidade de refletir sobre a qualidade da educação e não apenas sua quantidade. Sobre o tema, ele reflete: “Se um turno já é tão pesado para tantos milhões de crianças e adolescentes condenados a opressivas reprovações, repetências, evasões, voltas e para tão extensos deveres de casa, mais uma dose do mesmo será insuportável”.¹³⁶

Um estudo conduzido pelo Itaú Social, intitulado Cada Hora Importa¹³⁷, destacou a relevância de aumentar o tempo de exposição ao aprendizado, especialmente para crianças e jovens de baixa renda. A pesquisa revelou uma diferença de até 7.124 horas de aprendizado entre estudantes de famílias ricas e pobres ao final do 9º ano, o que equivale a 7,9 anos de ensino regular. Esse déficit, relacionado à menor participação em atividades educativas extracurriculares, reflete desigualdades que poderiam ser reduzidas com escolas em tempo integral.

¹³³ CAVALIERE, 2002, p. 34.

¹³⁴ CAVALIERE, 2002, p. 34.

¹³⁵ PARO, V. H. *Educação integral em tempo integral: uma concepção de educação para a modernidade. Educação integral em tempo integral: estudos e experiências em processo*. Tradução. Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ, 2009. p. 19.

¹³⁶ ARROYO, 2012, p. 33. Apud MOLL, Jaqueline et al. *Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 33-45.

¹³⁷ ITAÚ SOCIAL. *Cada hora importa: desigualdades educacionais no Brasil*. [S. l.: s. n.], 2021. [online].

Outra pesquisa, desta vez conduzida por Julia Dietrich,¹³⁸ doutoranda da USP, investigou os efeitos do tempo escolar na proficiência de estudantes latino-americanos do 3º e 6º anos da Educação Básica. O estudo indicou que aumentar a jornada de 4 para 5 horas diárias já traz benefícios consideráveis, com o ideal situado entre 6 e 7 horas. No entanto, a pesquisadora enfatiza que essa ampliação só é eficaz quando associada a elementos estruturais, como infraestrutura, suporte social e estratégias pedagógicas, alinhando-se ao conceito de Educação Integral.

Com esse mesmo pensamento, Jaqueline Moll argumenta que, embora a extensão do tempo escolar tenha sua relevância, ela deve ser acompanhada de uma “proposta pedagógica coerente e integrada, que considere as especificidades locais e culturais de cada comunidade”

¹³⁹ Bernadete Gatti também reflete sobre o assunto:

Quanto à educação em horário integral, ela se configuraria como uma ampliação do tempo escolar diário, porém, não penso que deveria, esse tempo, ser utilizado na forma de horário disciplinar. Esta ampliação comportaria um processo educativo pensado segundo outras premissas, realizado por atividades, oficinas, experiências, onde (sic) os alunos pudessem trabalhar, não só com os saberes, mas com coisas, cultivar artes aplicadas, cultivar elementos artísticos, criar projetos e desenvolvê-los, sob orientação de profissionais diversificados.¹⁴⁰

Portanto, a ampliação do tempo escolar na Educação Integral deve ser encarada como uma oportunidade de repensar a forma como educamos nossas crianças e adolescentes, não apenas prolongando a jornada de ensino acadêmico, mas oferecendo um ambiente que promova o desenvolvimento humano em sua totalidade. Mais do que garantir a aprendizagem de conteúdos escolares, é essencial proporcionar ao aluno a oportunidade de desenvolver outras faculdades humanas.

Além da ampliação do tempo, a Educação Integral exige uma reflexão sobre os espaços educativos. A extensão da jornada escolar deve ser acompanhada por uma reestruturação das instalações escolares, com a criação de ambientes que favoreçam o aprendizado em suas diversas formas. Como preceitua as Diretrizes Curriculares Nacionais, em seu artigo 12, parágrafo 1º

¹³⁸ DIETRICH, Julia Nader. *O tempo na educação latinoamericana: análise sobre a relação entre a quantidade de horas na escola e a proficiência em linguagens e matemática de estudantes do 3º ano da educação básica*. 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

¹³⁹ MOLL, 2012, p. 27.

¹⁴⁰ GATTI, Bernadeth citado em GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. *É Impensável educar Integralmente*. Cadernos de Educação. São Paulo, 2006, p. 50.

§ 1º Deve-se ampliar a jornada escolar, em único ou diferentes espaços educativos, nos quais a permanência do estudante vincula-se tanto à quantidade e qualidade do tempo diário de escolarização quanto à diversidade de atividades de aprendizagens”¹⁴¹

Sobre a ampliação de tempo escolar e a necessidade de repensar os espaços educativos, Cavaliere afirma que:

No Brasil, o modelo de organização para ampliação do tempo escolar foi configurado em duas vertentes, que nomeia de “escola de tempo integral” e “alunos em tempo integral”. A primeira se dá no fortalecimento da instituição escolar, em que esta deveria passar por mudanças no seu interior, criando condições físicas e educacionais para que o aluno permanecesse durante todo o dia nesse espaço, realizando atividades diversificadas. A segunda enfoca na oferta de atividades diversificadas aos alunos no turno alternativo às aulas, fruto da articulação com instituições multissetoriais, sendo que as atividades poderiam acontecer dentro e também fora das unidades escolares, mas, preferencialmente fora delas, haja vista que poderiam utilizar espaços e agentes que não fossem da instituição educacional.¹⁴²

Sobre a primeira opção, Cavaliere reflete que os modelos que dividem a oferta de atividades educativas em diversos ambientes, com a complementação realizada no contraturno e fora do espaço escolar, podem ser interpretados como uma espécie de renúncia ou abandono do papel central da escola.

Um reconhecimento tácito de que a escola não tem solução”. Isso nos leva a fazer uma constante análise dessas políticas, a fim de verificar sua real importância e como essas outras instâncias públicas podem ou não contribuir para o enriquecimento da educação pública, uma vez que a participação de organizações da sociedade civil e de outras instâncias da administração pública na educação “[...] é desejável e pode ser enriquecedora, desde que isso não signifique pulverização das ações e sim o fortalecimento da instituição escolar”¹⁴³

A segunda opção, como defendido por Jaqueline Moll, refere-se à articulação entre diversos setores, ou seja, à intersectorialidade que é um princípio fundamental para a efetivação da Educação Integral. “É o diálogo entre esses diversos setores que permite construir um conjunto de ações integradas, capazes de responder com maior eficiência aos desafios propostos pela integral.”¹⁴⁴

¹⁴¹ BRASIL, 2010, p.4.

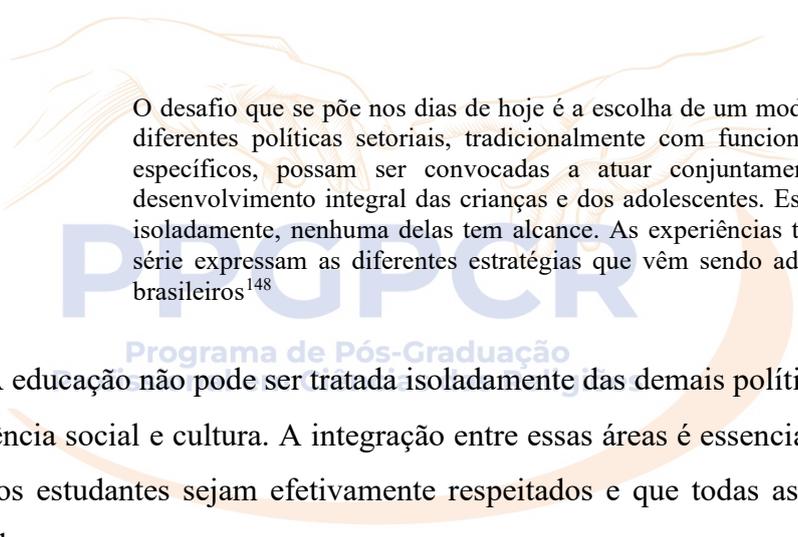
¹⁴² CAVALIERE, 2009, p. 53.

¹⁴³ CAVALIERE, 2007, p. 1032

¹⁴⁴ MOLL, Jaqueline. *Fórum nacional de educação integral*. Intersetorialidade na Educação Integral. *Educação Integral*, 2021. [online]

Segundo as pesquisadoras Giselle Monnerat e Rosimary de Souza, “ a gestão neste modelo é a que consegue minimizar as características históricas das políticas sociais”¹⁴⁵ e complementam: "Com a crescente complexidade da ‘questão social’, mais desafios se apresentam ao sistema de proteção social – por isso, é necessário encontrar formas inovadoras de formular e implementar tal modelo." ¹⁴⁶

A intersetorialidade permite que as escolas contem com o apoio de outras instituições e serviços para lidar com questões complexas, como desigualdades sociais, racismo e violência, que afetam diretamente o aprendizado e o desenvolvimento dos estudantes. Como afirma Stella Ferreira, “é necessário construir objetivos comuns entre os diversos setores para evitar a sobreposição de ações, garantindo uma atuação mais eficaz e integrada”¹⁴⁷. No entanto, esse é um dos desafios atuais mais significativos para a implementação da Educação Integral no Brasil.



O desafio que se põe nos dias de hoje é a escolha de um modo de gestão no qual as diferentes políticas setoriais, tradicionalmente com funcionamentos autônomos e específicos, possam ser convocadas a atuar conjuntamente para promover o desenvolvimento integral das crianças e dos adolescentes. Este é um resultado que, isoladamente, nenhuma delas tem alcance. As experiências trazidas ao longo desta série expressam as diferentes estratégias que vêm sendo adotadas nos municípios brasileiros¹⁴⁸

A educação não pode ser tratada isoladamente das demais políticas públicas, como saúde, assistência social e cultura. A integração entre essas áreas é essencial para garantir que os direitos dos estudantes sejam efetivamente respeitados e que todas as suas necessidades sejam atendidas.

Mais do que a infraestrutura, é essencial que o currículo seja adaptado para contemplar as diversidades culturais e regionais dos alunos. O currículo da Educação Integral deve ser um espaço de valorização das experiências dos estudantes, onde saberes locais e comunitários sejam reconhecidos e integrados ao processo de aprendizagem. A escola deve, assim, “deixar de ser um espaço distante da realidade dos alunos, tornando-se um local de identificação e pertencimento”, como afirmam Gabriel e Cavaliere.¹⁴⁹ A proposta de uma agenda curricular plural é essencial para “atender à diversidade dos contextos sociais e culturais dos educandos,

¹⁴⁵ MONNERAT, Giselle Lavinias; SOUZA, Rosimary Gonçalves de. *Política social e intersetorialidade: consensos teóricos e desafios práticos*. SER Social, Brasília, v. 12, n. 26, p. 200–220, 2010. [online]. p. 203.

¹⁴⁶ MONNERAT; SOUZA, 2010, p. 203.

¹⁴⁷ SHE, Lucia Helena Nilson; GOUVEIA, Maria Julia Azevedo; FERREIRA, Stela da Silva. “Educação Integral e Intersectorialidade”, do Salto para o Futuro/TV Escola, do Ministério da Educação, 2009, p. 20.

¹⁴⁸ SHE, 2009, p. 20.

¹⁴⁹ CAVALIERE, 2012, p. 109.

promovendo uma formação que abranja as várias dimensões do desenvolvimento humano.”¹⁵⁰ Assim, o currículo da Educação Integral deve ser pensado de forma a romper com a concepção tradicional de ensino, que se limita ao conteúdo do componente curricularr. De acordo com o Relatório Delors, “a aprendizagem deve transcender o tempo e o espaço da escola, sendo um processo contínuo ao longo da vida”¹⁵¹. Esse pressuposto, juntamente como os quatro pilares da educação (aprender a conhecer, a fazer, a viver com os outros, a ser), também sugeridos pelo mesmo documento, foram incorporados à BNCC como uma de suas principais diretrizes pedagógicas.

A Base Nacional Comum Curricular, ao adotar os quatro pilares propostos pelo Relatório Delors, reafirma o compromisso com uma educação que valorize tanto o desenvolvimento acadêmico quanto as competências necessárias para a convivência e a realização pessoal.

Nesse sentido, a escola exerce um papel fundamental na articulação entre os conhecimentos construídos em seu âmbito e os saberes prévios de seus educandos. “Se o homem é o sujeito de sua própria educação, não é somente objeto dela; como ser inacabado, não deve render-se, mas interrogar e questionar. Escola e comunidade estão convidadas a fazer este exercício”¹⁵².

Colaborando para esse pensamento, Isa Guará afirma que a concepção de educação como formação integral:

Traz o sujeito para o centro das indagações e preocupações da educação. Agrega-se à ideia filosófica de homem integral, realçando a necessidade de desenvolvimento integrado de suas faculdades cognitivas, afetivas, corporais e espirituais, resgatando, como tarefa prioritária da educação, a formação do homem, compreendido em sua totalidade.¹⁵³

Por fim, a formação dos professores é um aspecto essencial para a efetivação da Educação Integral. Os educadores precisam estar preparados para atuar de maneira integrada, considerando as diversas dimensões do desenvolvimento dos alunos. Além disso, é fundamental que eles estejam alinhados aos princípios da Educação Integral, compreendendo que o processo

¹⁵⁰ CAVALIERE, 2012, p. 109.

¹⁵¹ DELORS, Jacques (coord.). *Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez Editora. Brasília: Unesco, 1998. [online].

¹⁵² BRASIL, 2009, p.15.

¹⁵³ GUARÁ, 2006, p. 16.

de ensino não se resume à transmissão de conteúdos acadêmicos, mas envolve também a formação de cidadãos críticos, criativos e responsáveis.

A Educação Integral requer uma maior interação com os estudantes de pedagogia e das licenciaturas em seu universo cotidiano. A escola pautada pela Educação Integral representa um laboratório permanente desses futuros profissionais que, desde o início de seus cursos, passarão a manter intenso contato com as crianças e com os jovens, numa troca de experiências úteis para a formação e o trabalho de ambos, bem como para o aprimoramento das instituições - básica e universitária - que poderão adequar os seus conteúdos programáticos teóricos e práticos, ao longo desse processo inter-relacional.¹⁵⁴

Nesse sentido, a formação continuada dos professores deve ser uma prioridade nas políticas educacionais, garantindo que eles estejam constantemente atualizados em relação às metodologias e práticas pedagógicas mais adequadas à Educação Integral.

Em resumo, a Educação Integral no Brasil é uma proposta que visa à formação completa dos estudantes, considerando suas diversas dimensões humanas e culturais. Para que essa concepção se torne uma realidade, é necessário repensar o tempo escolar, os espaços educativos, o currículo e a gestão das políticas públicas, promovendo uma integração entre diferentes áreas e garantindo que as necessidades dos estudantes sejam atendidas de maneira holística. A Educação Integral não se resume à ampliação da jornada escolar, mas sim à transformação da própria prática pedagógica, visando a formação de indivíduos plenos, preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

2.3 Dimensão Religiosa na Concepção De Educação Integral

Ao se compreender o homem como um ser multidimensional, a educação se insere em um horizonte mais amplo de desenvolvimento humano, passando a responder a diversas expectativas do próprio sujeito. Nesse sentido, a integralidade do homem não é um conceito definitivo ou absoluto, e, portanto, não pode ser compreendida de forma neutra ou desvinculada de um projeto de sociedade. A educação integral, ao buscar atingir as potencialidades de cada indivíduo, incorpora um conjunto de práticas sociais e pedagógicas que pressupõem uma certa concepção de ser humano. Entretanto, o que, quando e quem define quais as qualidades e atributos de um sujeito integral são aspectos que devem ser observados com atenção, a fim de se interpretar as conotações políticas e sociais envolvidas nesse conceito.

¹⁵⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação integral: texto referência para o debate nacional*. Brasília, DF: MEC/SECAD, 2009. [online]. p. 38-39.

Segundo o Centro de Referência em Educação em Tempo Integral, essa concepção de educação busca garantir o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: intelectual, física, afetiva, social e cultural. Para isso, pressupõe a construção permanente de um projeto educativo compartilhado por gestores, professores, estudantes, famílias e comunidades locais.¹⁵⁵

Haja vista, porém, a inquestionável influência que a religiosidade exerce no cotidiano das pessoas, como visto no primeiro capítulo, tanto em nível pessoal quanto social, independentemente da adesão ou não a algum credo religioso específico ou da participação ou não em atividades religiosas de qualquer instituição eclesial, acreditamos ser necessário considerar que o ser humano possui, uma dimensão religiosa. Wolfgang Gruen, antropólogo e estudioso sobre o Ensino Religioso no Brasil, discorre sobre essa dimensão religiosa.

Ao sentido radical da sua existência, seja qual for o modo como é percebido esse sentido. Não se trata de mais uma atitude ou função: a religiosidade é a dimensão mais profunda de todas as funções da vida humana, ou melhor, da totalidade da vida humana¹⁵⁶.

Paul Tillich,¹⁵⁷ ao tratar das dimensões humanas, ressalta que todas devem ser consideradas de forma integrada, incluindo a religiosidade. A perda dessa integração é vista pelo autor como uma forma de enfermidade. Tillich também defende que o desenvolvimento da dimensão religiosa impacta tanto o âmbito sagrado quanto o profano da vida do indivíduo, capacitando-o a se tornar protagonista de sua própria existência e a seguir em direção àquilo que lhe confere uma perspectiva de sentido.

De acordo com Laude Erandi Brandenburg,¹⁵⁸ uma educação que se proponha a humanizar e a tratar integralmente todas as dimensões da pessoa está, também, promovendo o desenvolvimento da espiritualidade. Destaca-se, nesse sentido, a contribuição do pensamento religioso para a construção de uma visão integral do ser humano.

Gleides P. Paixão¹⁵⁹ realiza um recorte sobre a influência da religião na formação social de jovens no município de Santa Teresa, no Espírito Santo. A pesquisadora conclui, em seus

¹⁵⁵ CADERNO 1. *O que é educação integral*. Currículo e Educação Integral: uma referência para estados e municípios. [online]. p. 1-10.

¹⁵⁶ GRUEN, Wolfgang, 1974, [sp]. Apud BRASIL, Taciana. *O ensino religioso na educação integral: contribuições metodológicas*. Educação, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 1-10, 2022, p. 2.

¹⁵⁷ TILlich, 1970, [sp]. Apud BRASIL, 2022, p. 2.

¹⁵⁸ BRANDENBURG, 2013, [sp] citado BRASIL, 2022, p. 2.

¹⁵⁹ PAIXÃO, Gleides Pulcheira. *A religião na formação social de jovens*. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unidade Vitória, Vitória, 2017.

estudos, que a religião exerce grande influência na formação social desses jovens, independentemente da tradição religiosa à qual estejam inseridos.

Thiago de Camargo,¹⁶⁰ em seu artigo sobre espiritualidade e Educação Integral, afirma que a busca pela espiritualidade, em qualquer de suas múltiplas formas, traz inúmeros benefícios para o desenvolvimento humano, contribuindo para a construção de potencialidades positivas da personalidade.

José Carlo Silva¹⁶¹ destaca que, no mundo moderno, é comum tratar a dimensão física do ser humano sem considerar seu aspecto espiritual. Ele enfatiza a contribuição da religião para desfazer essa dicotomia, demonstrando, a partir do vocabulário de diferentes tradições, que a esperança espiritual também possui um aspecto temporal.

Dom Geraldo, em entrevista à Agência Brasil, afirmou considerar a religião uma parte importante no processo educacional. Segundo ele, "Uma educação integral envolve também o aspecto da dimensão religiosa ao lado das outras dimensões da vida humana". O fato do Estado Brasileiro ser laico, ou seja, separar a religião da estrutura estatal, não impede que sejam ministradas aulas religiosas nas escolas públicas. "Estado laico não significa Estado antirreligioso, nem Estado ateu", considerou o presidente da CNBB. A presença da fé nas salas de aula estaria de acordo com a formação cultural da sociedade brasileira, na avaliação de Dom Geraldo. "O Estado é laico, mas a sociedade não é laica. Os alunos não são arreligiosos", destacou.¹⁶²

Esses autores consideram a religiosidade como dimensão fundamental do ser humano, por lhe oferecer sentido e orientação para seu projeto de vida. Tal como a definem, o conceito torna-se mais abrangente, pois permite incluir tanto as interpretações da realidade baseadas em narrativas religiosas quanto aquelas fundamentadas em filosofias de vida. Somadas a essas visões, e como destacado na introdução dessa pesquisa, há um reconhecimento, por parte do Estado, da religiosidade como dimensão constitutiva do ser humano. O reconhecimento da relevância das questões religiosas para o desenvolvimento pleno do ser humano e sua formação para o exercício da cidadania representa um avanço significativo do Estado brasileiro.

¹⁶⁰ CAMARGO, Thiago D. de. *Educação Integral e espiritualidade: os benefícios dessa relação para a formação integral do ser humano* (Trabalho de conclusão de especialização). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. p. 1-21.

¹⁶¹ SILVA, J. C. *O Currículo e o Ensino Religioso na BNCC: reflexões e perspectivas*. Revista Pedagógica, 20(44), 56-65, 2009. p. 58.

¹⁶² CÁRMES, Ana. *Para CNBB, ensino religioso faz parte da educação integral*. UOL Educação, 23 ago. 2009. [online].

Acreditamos que, ao considerar a dimensão religiosa na educação integral, a escola contribui de forma significativa para a formação de indivíduos plenos, capazes de atuar de forma ética, responsável e respeitosa em uma sociedade diversa e interconectada. Não há como negar o poder e a capacidade de influência da religião ditando os valores e comportamentos humanos para sua vivência em sociedade. Assim, independentemente da tradição religiosa seguida, é importante que cada cidadão compreenda que a religião tem o intuito de trazer um conforto espiritual e tornar a vida melhor e mais harmoniosa.

Além disso:

A diferença é a característica que distingue um ser de outro ser. Os indivíduos são caracterizados pela associação de seus hábitos, conceitos e crenças. Para conviver em sociedade, as pessoas precisam reconhecer e conviver com os aspectos que constituem a diversidade humana: cultura, religião, economia, aparência física, etnia, entre outros¹⁶³.

Clemildo Anacleto da Silva e Mário Bueno Ribeiro postulam que a essência da religião compreende muito mais do que a experiência com o sagrado e o transcendente, ela engloba também a luta pela igualdade, fraternidade, solidariedade, a busca pela paz, pela comunhão e pela construção de um mundo melhor.¹⁶⁴ Sobre essa questão, Libâneo afirma:

É preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à vida e aos direitos básicos, como suportes de convicções democráticas.¹⁶⁵

Joelma Gonçalves Fritz,¹⁶⁶ em sua pesquisa sobre a diversidade religiosa de discentes em situação de vulnerabilidade social, que é possível pensar a construção e a transformação da escola em um ambiente inclusivo, humano e acolhedor, especialmente para estudantes marcados pela pobreza, intolerância, abandono, violência e discriminação, promovendo, assim, uma educação emancipadora.

¹⁶³ CAETANO, Andressa M.; GOMES, Vitor. *Educação e inclusão*. Vitória: UFES, Secretaria de Ensino a Distância, 2011. p. 18.

¹⁶⁴ SILVA, Clemildo A. da; RIBEIRO, Mário B. *Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 17.

¹⁶⁵ LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus, professor, adeus professora?* São Paulo: Cortez, 2002. p. 62.

¹⁶⁶ FRITZ, Joelma G. C. C. *Inclusão digital e diversidade religiosa: um estudo de caso na escola de Ensino Fundamental Adilson da Silva Castro no Município de Vitória/ES*. 2021. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021. p. 55.

A escola, como instituição social, precisa acompanhar as transformações da sociedade e, sobretudo, contribuir para o desenvolvimento da capacidade de pensar e agir com autonomia, compreendendo e redefinindo os objetivos e processos de socialização. Acredita-se que o Ensino Religioso, palco de intensas disputas ao longo da história da educação brasileira, constitui um dos componentes curriculares que mais sintetizam a força das mudanças sociais e culturais no ambiente escolar. Para Alves:

A escola, por se caracterizar como espaço socializador do conhecimento, deve ter inserido em seu contexto o ensino sobre a religião, pois entendemos que o conhecimento religioso é também um conhecimento humano, e que o mesmo deve estar acessível a todos aqueles que buscam uma maior expansão de seus horizontes para reflexão histórica das produções humanas.¹⁶⁷

A expressão religiosa do(a) aluno(a) é, portanto, um elemento agregador de sua identidade nas expressões culturais da escola, pois o modo de pensar e agir de cada estudante se configura como resultado de sua vivência religiosa familiar, gerando conflito e desconforto quando ausente nas ações pedagógicas. Para Laude Brandenburg, “falar sobre identidade é tocar numa questão muito ampla, interdisciplinar. Identidade não é uma palavra que existe em si, pois está relacionada a algo ou a alguém.”¹⁶⁸ Assim, a religião não tem como limite as paredes da casa ou da igreja. Ela faz sentido na medida em que abrange toda a vida, envolvendo o cotidiano, inclusive o escolar.

O aluno sente a necessidade de evidenciar sua identidade e o desejo de participar das ações pedagógicas, seja em festas culturais ou em qualquer outro tipo de festejo de cunho religioso. Contudo, ele é, por vezes, impedido por restrições impostas pela religião de seus familiares. Essa tensão evidencia a necessidade de a escola adotar uma postura de respeito e acolhimento à diversidade religiosa presente em seu ambiente, reconhecendo-a como parte integrante das vivências e identidades dos alunos.

Promover espaços de diálogo e atividades que valorizem a pluralidade cultural e religiosa permite que os estudantes se sintam incluídos, respeitados e engajados. Além disso, contribui para a construção de uma convivência mais harmônica e empática. Dessa forma, a escola pode ser um lugar onde a diversidade se transforma em aprendizado mútuo, evitando

¹⁶⁷ ALVES, Alan Nickerson. A influência pedagógica do ensino religioso para a formação cidadã. *Diversidade Religiosa*, v. 1, n. 2, 2015. p. 8.

¹⁶⁸ BRANDENBURG, Laude Erandi. Identidade e educação – muito além do currículo? In: KLEIN, Remí; BRANDENBURG, Laude; WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). *Ensino Religioso: diversidade e identidade: V Simpósio de Ensino Religioso – 29 a 31 de maio de 2008*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 18-25. p. 18.

conflitos e promovendo uma formação integral que considere todas as dimensões do ser humano.

Considerar a dimensão religiosa na educação também promove o respeito e a compreensão da diversidade cultural e religiosa. Em sociedades pluralistas, onde diferentes crenças e práticas coexistem, é crucial cultivar uma convivência harmoniosa. Essa abordagem fomenta a aceitação e valorização das diversas tradições religiosas, preparando os alunos para interagirem de maneira respeitosa e inclusiva com pessoas de diferentes origens e que seja “capaz de promover mudanças substanciais nas relações entre os diferentes, atentando para o fato de que a mera aceitação do outro, do diferente, não é suficiente para a superação das desigualdades que estão presentes nas relações sociais.”¹⁶⁹

Além disso, a religião pode desempenhar um papel central na formação de valores e ética. Incorporar essa dimensão na educação pode contribuir para o desenvolvimento de indivíduos mais conscientes e responsáveis, que ajam com integridade e respeito pelos outros. A formação ética e moral, muitas vezes influenciada por princípios religiosos, é fundamental para a construção de uma sociedade justa e solidária.

Corroborando essa perspectiva, a BNCC afirma que “competência é a mobilização de conhecimentos, conceitos e procedimentos, habilidade, atitudes e valores que contribuem para resolver questões complexas do dia-a-dia, do exercício pleno da cidadania e do mundo do trabalho.”¹⁷⁰ Dentre as competências gerais da Educação Básica, destacam-se:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeita repromovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sempre conceitos de qualquer natureza. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários¹⁷¹.

Finalmente, no mundo contemporâneo, é essencial que os indivíduos sejam capazes de interagir de maneira construtiva com pessoas de diferentes crenças e culturas. A educação integral que inclui a dimensão religiosa prepara os alunos para serem cidadãos globais, abertos ao diálogo inter-religioso e intercultural. Essa preparação é vital para a construção de uma sociedade mais pacífica, cooperativa e respeitosa da diversidade.

¹⁶⁹ COLARES, Anselmo A.; GOMES, Marco Antonio de O.; COLARES, Maria Lília I. S. História e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas: uma reflexão necessária. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 10, n. 38, p. 197–213, 2012. p. 200.

¹⁷⁰ BRASIL, 2018, p. 8.

¹⁷¹ BRASIL, 2018, p. 9.

Diante dessa concepção de educação, é importante que a escola e cada professor estejam preparados para abordar a temática da religião quando esta surgir, principalmente no decorrer de suas aulas. Afinal, a religião faz parte da vivência de cada aluno inserido no ambiente escolar, e cabe ao professor garantir que este aluno se sinta incluído no processo de ensino-aprendizagem. Para isso, é fundamental que o educador valorize a história de vida, os conhecimentos e as crenças de cada estudante.

Essa postura contribui significativamente para a formação integral dos alunos e para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária, conforme aponta a BNCC. Acreditamos que, dessa forma, a educação será capaz de colaborar efetivamente para o desenvolvimento de seres humanos mais conscientes e plenos de suas potencialidades positivas.

Após refletirmos sobre concepções de Educação Integral que reconhecem a importância da religiosidade para a formação do ser humano, passaremos agora a discutir a relevância de a escola estar preparada para esse desafio. No próximo capítulo, será apresentada a análise das falas e concepções dos profissionais da educação sobre o tema, com base nos discursos obtidos por meio do grupo focal, entrelaçados com o referencial teórico adotado.

2.4 Religião e Esfera Pública: Implicações para a Educação Integral

A inter-relação entre religião e esfera pública constitui-se como um tema complexo e relevante para a compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas, sobretudo no contexto educacional. Até aqui abordamos educação integral, enquanto proposta formativa que visa o desenvolvimento pleno dos indivíduos, não pode se furtar a esse debate, considerando que a religião, enquanto fenômeno social e cultural, influencia diretamente valores, práticas e políticas públicas.

O conceito de esfera pública, desenvolvido inicialmente por Habermas¹⁷², refere-se ao espaço social onde indivíduos se reúnem para debater questões de interesse comum, influenciando as decisões políticas. Tradicionalmente, esse espaço foi concebido como separado da religião, especialmente nos Estados laicos, onde se busca preservar a neutralidade do Estado em relação às diversas crenças.

¹⁷² HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução: Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 398.

Entretanto, conforme argumenta Montero¹⁷³, essa separação não é absoluta. Pelo contrário, as religiões têm cada vez mais se posicionado como atores legítimos no debate público, elaborando discursos que incidem sobre temas sociais, políticos e educacionais. Assim, a autora propõe que as religiões devem ser entendidas, para além de sistemas de crenças privadas, como discursos que competem na arena pública, disputando legitimidade e influência.

Essa concepção amplia significativamente o escopo de análise sobre o papel da religião na sociedade contemporânea, pois rompe com a visão reducionista que a restringe ao espaço privado. Na medida em que as religiões participam da esfera pública, elas também moldam políticas públicas, incluindo aquelas relativas à educação.

A partir dessa perspectiva, percebe-se que a religião atua não apenas como matriz de valores morais e éticos, mas também como agente político ativo na formulação de políticas públicas. No Brasil, exemplos dessa atuação podem ser observados em diversas frentes: desde o debate sobre direitos sexuais e reprodutivos, passando pela definição de conteúdos escolares, até a participação em políticas de segurança pública.

Neste último aspecto, destaca-se a análise de Birman¹⁷⁴, que investiga o fenômeno das “Cruzadas pela Paz” no Rio de Janeiro. Segundo a autora, práticas religiosas voltadas para o enfrentamento da violência urbana articulam-se com projetos seculares, configurando um campo de atuação híbrido onde fronteiras entre o religioso e o político se tornam cada vez mais tênues.

Birman¹⁷⁵ demonstra que, longe de serem meras manifestações espirituais, essas iniciativas representam estratégias de intervenção social que buscam regular comportamentos, estabelecer normas e contribuir para a pacificação de territórios marcados pela violência. No entanto, essas mesmas ações podem também reforçar mecanismos de controle social e exclusão, especialmente quando associadas a discursos moralizantes e conservadores. “A esfera pública, nesse contexto, torna-se um espaço permeado por disputas simbólicas e políticas, nas quais agentes religiosos operam como protagonistas na definição de agendas sociais e políticas públicas”¹⁷⁶

A atuação das religiões na esfera pública, embora legítima, traz consigo inúmeros desafios para a promoção de um diálogo inclusivo e democrático. Conforme salientam

¹⁷³ MONTERO, P. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Religião e Sociedade*, 32(1), 2012. p. 167-183.

¹⁷⁴ BIRMAN, P. Cruzadas pela Paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à violência no Rio de Janeiro. *Religião e Sociedade*, 32(1). 2012. p. 209-225.

¹⁷⁵ BIRMAN, P. 2012. p. 209-225.

¹⁷⁶ BIRMAN, P. 2012. p.211.

Montero¹⁷⁷ e Birman¹⁷⁸, a pluralidade religiosa e a crescente visibilidade de grupos religiosos minoritários ampliam a diversidade de vozes presentes no espaço público, mas também potencializam tensões e conflitos.

Um dos principais desafios consiste em assegurar que o debate público não seja capturado por discursos religiosos hegemônicos que buscam impor valores particulares como normas universais. Tal risco é particularmente sensível no campo educacional, onde o ensino religioso, se não adequadamente regulado, pode converter-se em instrumento de proselitismo, violando o princípio constitucional da laicidade do Estado.

Nesse sentido, a educação integral deve ser pensada como espaço de construção de um ethos democrático, onde o respeito à diversidade e a promoção do diálogo inter-religioso sejam valores fundamentais. Para tanto, é imprescindível formar professores capacitados para lidar com as distintas manifestações religiosas, evitando tanto a exclusão quanto a imposição de perspectivas particulares.

A análise das tensões entre secularismo e religiosidade, é essencial para compreender os limites e possibilidades da presença religiosa na esfera pública. O secularismo, enquanto princípio orientador dos Estados modernos, busca garantir a neutralidade estatal em relação às religiões, assegurando a liberdade de crença e a igualdade entre todos os cidadãos.

Contudo, como observa Montero¹⁷⁹, essa neutralidade não implica a exclusão da religião do espaço público, mas exige que sua presença se submeta às regras do debate democrático. Assim, as religiões podem participar da esfera pública, desde que o façam na qualidade de discursos sujeitos à crítica, ao diálogo e à deliberação racional.

A convivência entre distintas referências morais e éticas, decorrente dessa pluralidade de discursos, enriquece o debate público e fortalece os princípios democráticos. No entanto, também gera conflitos, especialmente quando determinadas tradições religiosas buscam impor suas visões de mundo sobre o conjunto da sociedade, desafiando a laicidade do Estado e ameaçando direitos fundamentais.

As reflexões de Montero¹⁸⁰ e Birman¹⁸¹ possuem importantes implicações para a concepção e implementação da educação integral. Em primeiro lugar, elas evidenciam a

¹⁷⁷ MONTERO, 2012. p. 167-183.

¹⁷⁸ BIRMAN, P. 2012. p. 209-225.

¹⁷⁹ MONTERO, 2012. p. 167-183.

¹⁸⁰ MONTERO, 2012. p. 167-183.

¹⁸¹ BIRMAN, P. 2012. p. 209-225.

necessidade de que a educação não se limite ao desenvolvimento cognitivo, mas aborde também as dimensões éticas, culturais e espirituais dos sujeitos.

Por outro lado, ressaltam os riscos de uma educação que incorpore práticas religiosas sem a devida atenção aos princípios da laicidade e da pluralidade. A educação integral deve, portanto, promover o respeito às diferenças religiosas, incentivando a convivência entre crenças distintas e a valorização do pluralismo como elemento constitutivo da democracia.

No âmbito das políticas públicas educacionais, isso implica a necessidade de regulamentar o ensino religioso de forma a garantir sua natureza não confessional e facultativa, conforme estabelecido pela Constituição¹⁸² e pela LDB¹⁸³. Além disso, demanda o fortalecimento da formação docente, para que professores estejam preparados para abordar criticamente as questões religiosas em sala de aula, sem recorrer a práticas proselitistas ou discriminatórias.

A proposta de Montero¹⁸⁴ de pensar a religião como discurso oferece uma chave analítica fundamental para a educação integral. Ao compreender as religiões como narrativas que constroem sentidos, valores e identidades, a educação pode assumir o papel de mediação entre distintas tradições religiosas e a construção de uma cidadania democrática.

Essa mediação exige, por parte da escola, uma postura de abertura ao diálogo, mas também de firmeza na defesa dos direitos humanos e da igualdade. Assim, a educação integral deve operar como espaço de formação para o reconhecimento da diversidade e para o desenvolvimento de competências que permitam aos sujeitos navegar em um mundo plural, onde múltiplas referências éticas e morais coexistem.

Para a educação integral, as reflexões acima indicam a necessidade de superar concepções reducionistas e instrumentalizadoras da dimensão religiosa, promovendo uma abordagem que reconheça sua importância cultural e social, mas que também assegure a liberdade de crença, a laicidade do Estado e o respeito à diversidade.

Assim, a construção de uma educação integral plural e democrática passa, necessariamente, pela valorização do diálogo inter-religioso, pela crítica ao proselitismo e pela promoção de uma cultura de paz, na qual todas as tradições religiosas sejam respeitadas e reconhecidas como legítimas expressões da humanidade.

¹⁸² BRASIL, 1998.

¹⁸³ BRASIL, 1996.

¹⁸⁴ MONTERO, 2012. p. 167-183.

3 RELIGIÃO NO ESPAÇO PÚBLICO EM UMA CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

Neste terceiro capítulo, fundamentado em pesquisa de campo realizada em Cachoeiro de Itapemirim (ES), investigam-se as concepções dos profissionais da educação em relação à presença da religião e suas manifestações no espaço escolar. Reflete-se, ainda, sobre os desafios encontrados nos diferentes espaços escolares no que diz respeito à educação para a integralidade, com a finalidade de tornar o ambiente escolar um local mais acolhedor, que favoreça o debate, a discussão e a superação do preconceito e da intolerância religiosa frente às diferenças que nos constituem como seres humanos.

3.1 Descrição da Pesquisa

A presente pesquisa consiste em analisar as percepções e práticas dos profissionais de uma escola pública com relação à diversidade religiosa, buscando compreender como esses educadores abordam esse tema em suas atividades pedagógicas e de que maneira essa abordagem pode contribuir para a formação integral dos alunos e uma educação que os prepare para conviverem em uma sociedade plural, promovendo valores como empatia, respeito e tolerância.

A presente pesquisa consiste em analisar as percepções e práticas dos profissionais de uma escola pública em relação à diversidade religiosa, buscando compreender como esses educadores abordam esse tema em suas atividades pedagógicas e de que maneira essa abordagem pode contribuir para a formação integral dos alunos e para uma educação que os prepare para conviver em uma sociedade plural, promovendo valores como empatia, respeito e tolerância.

Para responder a essa questão, o estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e exploratória. Esse tipo de abordagem permite descrever e interpretar, de maneira aprofundada, as percepções dos sujeitos investigados, o que é essencial para captar as nuances e complexidades que envolvem o tema da religião no ambiente escolar e no âmbito da concepção pedagógica da educação integral. Como destaca Gil, as pesquisas exploratórias “têm por objetivo primordial a descrição das características de determinadas populações ou

fenômenos”¹⁸⁵, sendo uma metodologia adequada para captar as experiências e percepções dos educadores em relação a temas sensíveis e complexos.

O contexto da pesquisa é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Quintiliano de Azevedo, situada no bairro Santo Antônio, no município de Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo. A experiência cotidiana da pesquisadora nesse contexto contribui para uma compreensão mais aprofundada das práticas, relações e tensões que envolvem a presença de múltiplas manifestações religiosas na escola.

Na sequência, será apresentado o material coletado na pesquisa de campo, com o objetivo de conhecer e analisar as falas das profissionais de educação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Quintiliano de Azevedo sobre a temática abordada. Embasados nos teóricos que fundamentam esta dissertação, propomos não apenas analisar os dados, mas também dialogar com eles, promovendo uma reflexão crítica e contextualizada.

3.1.1 Metodologia

Após a revisão bibliográfica e documental realizada nos capítulos anteriores, compreendeu-se que a pesquisa deveria ser de natureza qualitativa, por se entender que números ou estatísticas não seriam suficientes para alcançar os objetivos propostos. A intenção da pesquisa foi explorar e interpretar os significados e as dimensões das opiniões e representações sobre a presença da religião e suas manifestações no espaço escolar, refletindo também sobre os desafios enfrentados nos diferentes contextos escolares no que se refere à educação para a integralidade.

Nesse sentido, Mario Cardano destaca que a pesquisa qualitativa é uma abordagem que privilegia a qualidade e a profundidade das informações. O autor ressalta que essa modalidade de pesquisa se baseia na análise interpretativa dos dados, em vez de sua mensuração quantitativa. Para Cardano, a pesquisa qualitativa é especialmente útil para investigar questões complexas e multidimensionais, que não podem ser plenamente compreendidas apenas por meio de dados numéricos. Segundo o autor:

As técnicas de pesquisa qualitativa tem a ver com uma adoção de um estilo de pesquisa que prefere o aprofundamento do detalhe à reconstrução do todo, os estudos intensivos (sobre pequenos número) aos extensivos (sobre um grande número). Com essa escolha metodológica a pesquisa qualitativa responde forma específica a uma exigência geral

¹⁸⁵ GIL, 2006, p. 27

que recobre o inteiro domínio da pesquisa social, aquela de guiar a complexidade dos fenômenos em estudo.¹⁸⁶

Para esta pesquisa, utilizou-se o grupo focal como método de coleta de dados. De acordo com Mario Cardano, "o grupo focal é uma técnica valiosa em pesquisas qualitativas, pois permite uma exploração aprofundada de temas específicos por meio da interação entre os participantes, gerando insights ricos que emergem da troca de perspectivas e experiências." Trata-se de uma técnica especialmente eficaz para investigar temas sensíveis ou complexos, como a presença da religião e suas manifestações no ambiente escolar, pois possibilita aos participantes expressarem suas opiniões, confrontarem visões e construir compreensões coletivas sobre o tema.

Conforme argumenta Cardano, o grupo focal é:

[...] uma técnica de pesquisa qualitativa concebida para gerar uma discussão focalizada dentro de um grupo sobre um tema proposto [...] aos participantes, [e] fornece, portanto, um conjunto variado de informações expressas no entrelaçamento dos discursos dos participantes e nas relações que, ao lado e por meio desses discursos, tomam forma.¹⁸⁷

Essa abordagem é particularmente relevante para temas que envolvem experiências e sentimentos pessoais, como os desafios da educação integral em um contexto de diversidade religiosa. A metodologia do grupo focal permite observar "o entrelaçamento dos discursos dos participantes e nas relações que, ao lado e por meio desses discursos, tomam forma", revelando atitudes, crenças e valores.

O número ideal de participantes em um grupo focal não é consensual entre pesquisadores. Cardano sugere que esse número fique entre seis e dez participantes. A decisão sobre a quantidade de sujeitos participantes deve buscar um equilíbrio entre a necessidade de promover uma discussão suficientemente rica e o risco de formar um grupo excessivamente grande, no qual seria difícil que todos pudessem se expressar.¹⁸⁸

Não existe um número ideal previamente definido de sessões de grupo focal. Recomenda-se que os encontros sejam realizados até atingir o ponto de saturação, ou seja, até que novas informações relevantes deixem de emergir nas discussões. A duração dos encontros, bem como a definição das datas, deve considerar a disponibilidade dos participantes. Entre os pesquisadores da área, sugere-se como referência um tempo de duração entre 90 e 120 minutos

¹⁸⁶ CARDANO, 2017, p. 24.

¹⁸⁷ CARDANO, 2017, p. 48.

¹⁸⁸ CARDANO, 2017, p. 234.

por sessão, o que permite um aprofundamento suficiente dos temas debatidos sem causar desgaste aos participantes.¹⁸⁹

Os grupos focais devem ser mediados por um moderador, responsável por conduzir a discussão, tendo em vista os objetivos previamente estabelecidos na pesquisa. Além do moderador, deve haver a presença de um observador, encarregado de registrar informações não verbais associadas às interações verbais produzidas pelo grupo.

Ampliando a discussão sobre o papel do moderador, Cardano afirma que esse profissional deve evidenciar as características comuns entre os participantes e orientá-los quanto à perspectiva que devem adotar para discutir o tema proposto. Cabe ao moderador informar ao grupo os objetivos do estudo, bem como os critérios que fundamentaram a escolha de cada participante. Na sequência, o moderador propõe o tópico de discussão de forma a incentivar os participantes a expressarem suas opiniões à medida que interagem, possibilitando a emergência de contradições, exemplos, distinções, especificações, entre outros elementos relevantes. É essencial que o moderador reforce que os participantes foram convidados a contribuir como integrantes de um grupo, e não como indivíduos isolados, favorecendo, assim, uma dinâmica coletiva e dialógica.¹⁹⁰

No que diz respeito às características dos participantes, o grupo focal deve buscar um equilíbrio entre homogeneidade e heterogeneidade. Os participantes não devem ser tão distintos a ponto de comprometer a interação, nem tão semelhantes a ponto de a troca de ideias não gerar elementos novos e relevantes para a pesquisa. Outro aspecto fundamental é a seleção de pessoas que estejam diretamente envolvidas com as questões a serem discutidas, garantindo, assim, que possuam vivências, conhecimentos ou experiências suficientes para contribuir de forma significativa nas interações do grupo.¹⁹¹

3.1.2 Aplicação dos grupos focais nesta pesquisa

Organizamos o encontro do grupo focal da seguinte forma: convidamos todos os participantes pessoalmente ou por meio de contato telefônico. O convite foi realizado com base na orientação de fornecer "informações adequadas sobre o estudo ao qual se pede para cooperar

¹⁸⁹ CARDANO, 2017, p. 230.

¹⁹⁰ CARDANO, 2017, p. 230.

¹⁹¹ CARDANO, 2017, p. 254.

e um conjunto de garantias sobre a natureza da discussão que os envolverá".¹⁹² Nesse sentido, foi informado que a conversa teria como objetivo promover um diálogo sobre o tema "Religião na concepção da Educação Integral", sendo parte integrante de uma pesquisa acadêmica. O detalhamento sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa foi apresentado de maneira clara, a fim de possibilitar que as possíveis participantes avaliassem livremente seu interesse em participar da atividade. Tal cuidado visou também evitar que pessoas que se sentissem desconfortáveis em interações grupais se sentissem pressionadas a participar.

Informamos, ainda, que os dados seriam registrados por meio de gravação da reunião e anotações. Como todas as participantes concordaram com essas condições, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apresentado no Apêndice A, no qual nos comprometemos a utilizar o conteúdo coletado exclusivamente para fins desta pesquisa, garantindo a preservação da identidade de todas as participantes.

Como forma de garantir a participação de todas as pessoas convidadas, o horário escolhido para a realização do grupo focal foi o noturno, em formato online, por meio do aplicativo de reuniões Google Meet. Essa opção também possibilitou a participação do orientador desta pesquisa, que atuou como observador durante o encontro.

De acordo com Abreu, Baldanza e Gondim, a realização de grupos focais em formato online apresenta diversos benefícios, entre os quais se destacam: a possibilidade de inclusão de participantes residentes em localidades distantes, que não poderiam se reunir presencialmente; a diminuição de possíveis constrangimentos ao se abordar temas sensíveis na presença física de outros; e a eliminação da necessidade de deslocamento, o que gera otimização de tempo e redução de custos, tanto para os participantes quanto para o pesquisador. Entretanto, os mesmos autores alertam para desafios inerentes a essa modalidade, como a maior probabilidade de dispersão dos participantes, uma vez que o ambiente doméstico pode favorecer distrações e a realização simultânea de outras atividades que não ocorreriam em um encontro presencial.¹⁹³

O encontro foi marcado para o dia 30 de setembro de 2024. Todas as pessoas convidadas compareceram no horário marcado, totalizando sete profissionais da educação, além do moderador e do observador. As discussões foram orientadas por um roteiro com perguntas previamente elaboradas, disponível no Apêndice B. A sessão foi gravada, com o consentimento

¹⁹² CARDANO, 2017, p. 254.

¹⁹³ ABREU, Nelsio Rodrigues de; BALDANZA, Renata Francisco; GONDIM, Sônia M. Guedes. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. JISTEM: Journal of Information Systems and Technology Management, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 323-342, 2009.

dos participantes, para posterior transcrição, análise e comparação com as anotações realizadas pelo observador convidado.

Convidamos o professor Élcio, orientador desta pesquisa, para atuar como observador do encontro, com a função de registrar "as palavras com as quais cada um dos participantes abre o próprio turno de interlocução; isso ao início da discussão e, mais adiante, no meio do percurso".¹⁹⁴, bem como analisar as interações presentes durante o processo grupal. Essa técnica, segundo Cardano¹⁹⁵, fornece um conjunto variado de informações expressas no entrelaçamento dos discursos dos participantes e nas relações que emergem ao longo do encontro.

3.1.3 Caracterização das participantes

Os sujeitos desta pesquisa são profissionais que atuam nas séries finais da Escola Estadual de Ensino Fundamental Quintiliano de Azevedo, localizada no bairro Santo Antônio, em Cachoeiro de Itapemirim. Participaram do grupo focal sete profissionais da escola: um professor de Arte, um de Ciências, um de História, uma professora de Matemática, uma de Ensino Religioso, uma pedagoga e um coordenador pedagógico. Além desses, contamos com a presença do observador, cuja função foi registrar aspectos do encontro que pudessem escapar à pesquisadora, que atuou como moderadora da atividade, responsável por dinamizar as discussões. A seleção dos participantes baseou-se no interesse pelo tema e na disponibilidade para participar do encontro. O contato com os profissionais foi realizado diretamente pela pesquisadora, mediante autorização prévia do gestor da escola.

Acreditamos que "quando os sujeitos se sentem implicados com a pesquisa, instigados pelas questões que movem a investigação, cúmplices do objeto de pesquisa construído pelo pesquisador, é possível levar a termo as intenções iniciais."¹⁹⁶ Os professores demonstraram engajamento com a pesquisa, tanto por desejarem colaborar com a colega de trabalho quanto por se identificarem com a temática proposta. A diversidade de histórias, vivências e trajetórias profissionais dos participantes enriqueceu consideravelmente o processo investigativo.

Para garantir o anonimato e, ao mesmo tempo, proporcionar uma melhor contextualização, os participantes foram identificados por nomes fictícios, tornando seus discursos reconhecíveis ao longo da análise. Os professores foram nomeados com as iniciais de suas respectivas

¹⁹⁴ CARDANO, 2017, p. 255.

¹⁹⁵ CARDANO, 2017, p. 255.

¹⁹⁶ https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8721/8721_5.PDF

disciplinas, conforme segue: Arte (Professor A), Ciências (Professor C), História (Professor H), Matemática (Professora M), Ensino Religioso (Professora ER). A pedagoga será identificada por sua função (Pedagoga), e o coordenador pedagógico pelas iniciais do seu cargo (CP).¹⁹⁷

Sem a intenção de expor particularidades individuais, mas com o propósito de situar o leitor quanto às características gerais dos participantes, apresentamos a seguir um quadro com o objetivo de oferecer um retrato dessa diversidade, que será explorada ao longo da análise.

Quadro 1 – Participantes da pesquisa

Profissional	Idade	Formação	Disciplina	Situação Funcional	Tempo no Magistério
Professor C	30	Mestre em Biociências e Biotecnologia.	Ciências	Estatutário	7 anos
Professor A	25	Graduação: Licenciatura em Teatro (IFF), Pós-Graduação: Educação Especial Inclusiva e Inovação Tecnológica (UFRRJ).	Arte	Estatutário	5 anos
Professora M	27	Licenciatura em Matemática, Pós-Graduação em Gênero e Sexualidade para Educadores, Educação Especial e Pedagogia Social, e matemática para o Mundo do Trabalho.	Matemática	Estatutário	3 anos
Professora ER	25	Graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Ensino Religioso e Artes.	Ensino Religioso	Contrato Temporário	17 meses
Professor H	40	Mestre em Educação	História	Estatutário	10 anos
Pedagoga	50	Graduação em Pedagogia e Mestranda em Educação pelo IFES.	Pedagoga	Estatutário	30 anos
CP	33	Mestrando em Química pelo IFES.	Coordenador Pedagógico	Estatutário	8 anos

Fonte: coleta de dados realizada pela autora, 2024.

Os profissionais demonstraram, desde o início do encontro do grupo focal, disposição e interesse em refletir e compartilhar suas ideias acerca da temática proposta por meio de narrativas. Essa postura colaborativa contribuiu significativamente para a fluidez do diálogo e possibilitou uma imersão mais profunda nos pensamentos e nas experiências compartilhadas pelos participantes.

¹⁹⁷ Os nomes mencionados nas falas dos participantes também serão substituídos, caso alguém cite o nome de outro durante a conversa ou interação, garantindo a coerência no uso dos novos nomes ao longo do texto ou diálogo

3.1.4. Procedimentos adotados para a análise dos dados

As informações foram analisadas com base na técnica da análise de conteúdo, que consiste na identificação de categorias e temas recorrentes nas falas dos participantes. De acordo com Cardano, a análise de conteúdo aplicada a grupos focais possibilita uma "interpretação detalhada e profunda dos significados expressos coletivamente", atendendo ao objetivo de "interpretar e revelar significados comuns a partir das experiências individuais."

A utilização desse método permite também a identificação de convergências e divergências nas percepções dos educadores, sendo útil para destacar a complexidade do tema. Passamos, então, à leitura do material coletado e transcrito do grupo focal.

Seguindo os pressupostos de Bardin, as fases da análise são: a pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação.

Na primeira fase, os dados transcritos são reunidos para formar o corpus da pesquisa. Em seguida, é feita uma leitura flutuante dos registros, de maneira a formular hipóteses acerca do seu conteúdo, tendo como base a revisão bibliográfica do trabalho. Além disso, devem ser selecionadas categorias para a organização dos dados.

Inicialmente, as falas foram transcritas utilizando o site Clipto, o que agilizou significativamente o processo de trabalho. No entanto, a transcrição apresentou diversas falhas, como palavras incorretas, repetições de trechos e ausência de pontuação, conforme ilustrado no anexo. Com a transcrição em mãos, tornou-se necessário assistir novamente à sessão gravada para revisar o conteúdo e dar início ao tratamento dos dados e à análise das interações.

Na segunda fase, as decisões tomadas na pré-análise são colocadas em prática. Realiza-se, então, a categorização, ou seja, a organização dos dados de acordo com as categorias previamente planejadas. Na terceira e última fase, os dados, já codificados e organizados com suas categorias correspondentes, são interpretados. Essa interpretação tem como base o referencial teórico da pesquisa, bem como os objetivos estabelecidos.

3.2 Concepções Sobre A Religião No Espaço Público E Na Educação Integral- O Que Dizem Os Profissionais Da Educação

Neste tópico, apresento o material coletado na pesquisa de campo, com o objetivo de conhecer e analisar as concepções das profissionais de educação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Quintiliano de Azevedo, em Cachoeiro de Itapemirim, acerca da presença da religião e suas manifestações no espaço escolar. Refletimos também sobre os desafios

encontrados nos diversos ambientes escolares no que diz respeito à educação para a integralidade.

Para que os processos de coleta e análise dos dados alcançassem os objetivos da pesquisa, foi fundamental observar, ouvir, anotar e gravar os discursos produzidos pelos colegas de trabalho durante o grupo focal; reunir os tópicos pertinentes à discussão; utilizar um tempo adequado e um ambiente favorável; e dedicar-se à leitura e interpretação das falas transcritas, buscando captar os significados e sentidos presentes no contexto e na situação registrada. Dessa forma, destacam-se aqui as falas desses profissionais e, a partir delas, e embasada nos teóricos que sustentam este trabalho, realizamos reflexões e interpretações sobre os discursos dos participantes para responder às questões levantadas nesta dissertação.

Todo o processo de pesquisa foi um desafio. Durante o grupo focal e na análise de dados, buscamos afastar nosso olhar de praticantes religiosos e a pesquisadora de sua função de pedagoga, para, dentro do possível, compreendermos os discursos enunciados pelos profissionais.

Foram planejados onze perguntas¹⁹⁸ para a condução do grupo focal, das quais sete foram efetivamente utilizadas durante a conversa. O encontro teve duração aproximada de duas horas e trinta minutos e foi realizado de forma online, conforme já mencionado anteriormente.

A pesquisa começou com a mediadora apresentando o tema do trabalho e agradecendo a colaboração de todos. Em seguida, iniciou-se o grupo focal com o primeiro tópico, a partir da seguinte pergunta: "Como você define a religião e qual a importância dela em sua vida?" Essa pergunta teve como objetivo conhecer o lugar de fala dos integrantes do grupo, permitindo uma melhor compreensão de suas reflexões e posicionamentos ao longo do debate. Sobre as respostas: o professor H iniciou respondendo:

Eu costumo pensar assim, tipo, sei lá, a gente nunca se livra da nossa parentalidade, né? Porque assim, ou você é afirmação de algo que são seus pais, ou você é deliberadamente uma negação daquilo que é seus pais. Então, assim, nesse sentido, mesmo eu sem religião, eu não me afasto de um norte de religião, mesmo que eu negue. Mesmo que eu, eu tô negando alguma coisa que tem um potencial social muito grande, sabe? (...) Eu muito mais questiono e me digladio com questões religiosas, porque, entre coisas que dão sentido pra vida, tudo bem, pra muitas pessoas é religião e tal, eu prezo muito pelo social, sabe? Assim, luta social mesmo, sabe, tipo... E quando eu percebo que, muito da religiosidade, fica, no meu ponto de vista, mais preocupado com o espírito do que com uma prática social. Minha relação com a religião é uma relação de questionamento e conflito, basicamente. [...]

E continua:

¹⁹⁸ Conforme roteiro do grupo focal em anexo.

Do ponto de vista, pra mim, do sagrado, eu perceber e, e requerer a intervenção do sagrado na minha vida, particularmente, sou totalmente nulo, sabe? Nulo. Assim, não vou dizer que não exista, nem que exista, não sei. Minha vida que segue.” (...) Mas, assim, o que eu digo, assim, não oro, não agradeço e a vida segue em termos materiais, sabe? Em termos palpáveis. Essa é a minha relação com a religião, assim. É uma relação de questionamento e conflito, basicamente.

A professora M que iniciou sua fala dizendo ser uma pessoa sem religião e complementou que:

A religião, pra mim, é um meio de me conectar com a minha família e tudo mais. É algo que te traz pra perto de um ambiente que você quer estar, com pessoas que você quer estar, que acreditam na mesma coisa que você, ou não, mas que têm algum propósito de estar ali."

O CP diz:



Eu já olho também a religião de uma forma um pouco mais ampla. Porque a minha religião, ela é o que determina a minha cosmovisão, né? Então, minha cosmovisão, ela é toda pautada em cima da minha religião. Então, meu estilo de vida, o que eu faço, o que eu deixo de fazer, coisas que eu evito, coisas que eu busco... Então, tá tudo pautado nela. E, quando eu vejo a religião como aquilo que guia e que dá base pra minha cosmovisão, eu vejo que todo mundo tem a sua religião nesse ponto."

O professor C afirmou que:

Eu acho que não tem como a gente estar alienado da religião, alienado de qualquer uma, porque, assim, por exemplo, eu, particularmente, hoje, eu não sigo nenhuma denominação religiosa, mas, durante a minha criação, eu fui criado por pais religiosos. Então, grande parte da minha vida, do que eu penso como ética, como moral, os princípios que me fundamentaram enquanto pessoa, são princípios que seguem essas bases. Isso faz parte de mim, de quem eu sou. Então, assim, eu acho que, independente das nossas escolhas de hoje em dia, para mim, a religião é algo que é parte de mim. Independente de eu frequentar ou não algum tipo de culto, a religião, ela está, é um fio, né, que perpassa a minha vida de qualquer forma.

E continuou:

A religião pode ser usada como um caminho de controle social, mas, ainda assim, é um lugar de paz. Ainda, independente da religião, e eu vejo isso em todas as pessoas, e também em mim, é onde você sente um abraço. A ligação que eu tenho com o divino, ela é fazer com que as pessoas sigam regras, sejam pessoas corretas, sejam pessoas honestas, tenham um norte da vida, né? Não que quem não foi criado numa igreja não tenha isso. Mas eu também tive muitos dos conceitos de o que é certo, o que é errado, do que eu posso fazer, do que eu não posso fazer, pautada naquela religião. Então,

acredito que a religião é essa ligação com o divino. É a ligação de ser uma pessoa honesta, é ser uma pessoa que segue regras, ser uma pessoa correta. Acredito que, pra mim, a religião é isso. Tá? “E, pra mim, mesmo eu não participando de nenhuma denominação, a religião ainda é uma conexão.”

A professora ER concordou com professor C sobre a relação que ela tem com o divino e com a religião, que “é fazer com que as pessoas sigam regras, sejam pessoas corretas, sejam pessoas honestas, tenham um norte na vida.” E então foi interrompida pelo professor H que perguntou: “Então eu não sigo regras, eu não tenho norte, eu não tenho valores éticos morais?” A professora continua respondendo de forma positiva:

Sim, sim, tem só que, normalmente, as pessoas acreditam que estar neste lugar também te traz este norte. Quando você é criado dentro de uma igreja, como eu fui, a gente tem também... Não que quem não foi criado numa igreja não tenha isso, mas eu também tive muitas, muitas do que é certo, do que é errado, do que eu posso fazer, do que eu não posso fazer, pautada naquela religião. Então, acredito que a religião é essa ligação com o divino, é a ligação de ser uma pessoa honesta, é ser uma pessoa que segue regras, ser uma pessoa correta. Acredito que, pra mim, a religião é isso, tá? E, pra mim, mesmo eu não participando de nenhuma denominação, a religião ainda é uma conexão, uma conexão com a família... É um lugar de paz.

O professor H complementa expondo sua visão sobre o cristianismo:

A minha preocupação com seguir religião é o seguinte: vamos pensar no cristianismo, que é majoritariamente a religião da América Latina. O ícone máximo do cristianismo morreu combatendo injustiças sociais de onde ele vivia, né? (...) e foi às últimas consequências, sabendo do risco que ele tava vivendo, pra combater uma série de injustiças. Esses valores, assim, isolando só o cristianismo, né? Então, assim, as escolhas, não divinas, mas as escolhas humanas de ter sido dada ênfase em um discurso, em umas passagens e não em outras passagens, eu acho isso muito problemático, sabe? Então, tipo, são questões assim, apaga-se uma série de lutas sociais mais enfáticas e mais fortes, sabe? Assim, tipo, isso eu acho, quando isso acontece com o discurso religioso, e tem acontecido, assim, sei lá, nivelando por baixo nos últimos dois mil anos, sabe? (risos) Tipo, de fazerem desse discurso extremamente incendiário, sabe, com a potência muito grande de transformação, como apaziguamento, sabe, como uma forma de não se pensar por si, sabe, tipo, não conseguir ou não estar disposto ou não estar fortalecido de enfrentar injustiças que estão na nossa frente, sabe? E aí, quando eu me deparei com isso, eu acho que a leitura do *Capital* me transformou. Eu acho que teve mais valia do que a leitura bíblica, sabe, tipo, da forma que foi citada as ênfases sobre essas leituras."

O professor A também expoe sua visão sobre o cristianismo:

Quando a gente percebe que a religião é sobre moldar uma determinada cosmovisão, a gente vai perceber que a religião, independente de qual seja ela, é mais um espaço social e um espaço, por excelência, de educação do que qualquer outra coisa (...).A minha vivência com o cristianismo foi uma vivência bem genuína. Embora tenha sido uma vivência que me machucou muito, assim, por conta dos grupos sociais onde eu me encontrava naquele momento. Tem gente que tem experiências positivas com o cristianismo, eu não tenho. Embora seja uma experiência genuína, eu prefiro me... Eu tô no meu momento, né, de tentar me curar das experiências ruins que eu tive.

E complementa sobre o que seria religião para ele:

Pra mim, pra religião ser um espaço de educação, de domínio social como ela é, independente do que a gente estiver falando, ela é uma construção humana. E ela parte, pelo menos no ocidente, também de uma relação com o que é profano. Eu não só crio uma relação com isso que é divino, que é maior que eu, que pode ser um, ou vários deuses, que podem ser 3 mil coisas diferentes, mas a relação que a religião cria pra instituir essa moral, essa ética, também é uma relação de o que é profano, o que é que está errado, e como a gente lida com o que está errado(..) Só que a gente está instutualizando como sociedade a religião só nesse lugar da relação com o sagrado que a nossa religião com o profano tem sido cada vez mais tortuosa.

O professor H volta a falar:

Eu não falei de religião quanto controle social, porque, assim, é óbvio que ela é. E, se não for ela, vai ser o torcer para o Flamengo. E, se não for torcer para o Flamengo, vai ser comprar um carro, comprar uma casa, casar, não casar, sabe? Está solteiro, pegador... Qualquer coisa vai servir de elemento de controle, mas, ao mesmo tempo, também de coesão social, sabe? Tipo, a mesma coisa que faz com que a gente vá todos os dias, no mesmo horário, trabalhar e tal, com a experiência de controle, isso cria elementos e vínculos entre as pessoas. E aí, eu acho que tem a sua... Assim, se não for isso, vai ser outra coisa.

E complementa:

Eu lembrei, nessas conversas de religião, como que a lente, a partir da qual cada um percebe a sua religiosidade, pode ser muito diferente. E aí, novamente, me incomoda como esses elementos poderosos de condução social, eles podem ser dirigidos. Então, assim, muito mais, penso eu, do que o divino, é a relação que a pessoa tem com a coisa, sabe? Então, tipo, como que é isso...? A lente está nela, sabe? Eu não sei em que medida. A relação que se tem com o divino, com o trabalho, com o casamento, com a literatura, com a arte, vai realmente, transformar muito, ou só conduzir determinadas tendências, sabe? Eu não sei o poder que esses elementos de intervenção na vida da pessoa realmente têm, sabe?

Se não for religiosidade a dar sentido, vai ser sexualidade, vai ser trabalho, vai ser criar os filhos, vai ser qualquer outra coisa, porque, assim, somos animais gregários,

né? A gente precisa ter um sentido comum partilhado entre nós, né? Tipo, a julgar por, sei lá, aluno expulso da semana passada, né? Portando uma faca na escola, começo do ano, quando descobriu que eu não tinha religião, tentou me evangelizar. E semana passada ele estava com uma faca na escola, sabe? Tipo, e aí? Eu, sem religião, nunca levei uma faca para a escola, sabe? Então, qual é o poder que realmente isso tem de conter, sabe? Realmente não sei, não sei."

O professor C concordando com a fala de professor H, toma a palavra:

Só para juntar, talvez, tem uma frase que eu gosto muito dela, que tem sido falada ultimamente, que é assim: 'Jesus é um cara muito massa, mas o fã-clube dele acaba com tudo'. Entendeu? O fã-clube dele é péssimo. Então, como o "Professor H" falou, a religião, a religiosidade, ela é muito particular. E ela, eu acho que até certo ponto, ela precisa ser particular. Dependendo da doutrina que você seguir, acho que todas, você, existe o culto comunitário, mas a relação religiosa, ela precisa ser particular. Não de todas as pessoas, mas a religião hoje, ela tem sido usada dentro dessa teologia do domínio, como um instrumento para agora a gente conseguir o poder político. Então, a gente tem um discurso um pouco mais complexo, mas, enfim, a gente tem uma ascensão política que agora as igrejas começam a ganhar esse poder e a gente começa a ver isso dentro."

Por fim, a pedagoga faz um relato sobre a grande importância que a religião tem em sua vida e na de sua família, dizendo que precisa dela para encontrar equilíbrio, paz e orientação em momentos de desorientação, além de ser essencial para reflexão e fortalecimento diante dos desafios e conflitos constantes da vida.

A religião, para mim, para minha família, ela me traz de volta. Muitas das vezes, eu vou ao encontro de um caminho; de repente, eu estou meio que perdida, meio desorientada. Então, ela me traz de volta para o meu lugar, para esse lugar que eu preciso pensar parar, refletir (...). Somos seres constantemente em transformação. Vivemos numa sociedade de muitas mudanças e, constantemente, nós passamos por muitos conflitos, (...). E aí a gente tem que estar sempre voltando, pensando, parando, refletindo, para a gente poder continuar (...)eu preciso da religião assim como eu preciso comer. Então, assim, eu não me vejo sem a religião. Eu não me vejo sem estar indo à igreja. (...) Eu não me vejo. Eu só me encontro. A paz que eu preciso ter, mediante a tanta situação de conflito, eu encontro nessa religião. É isso aí."

As falas dos participantes revelaram uma rica diversidade de perspectivas sobre a religião e seu papel nas vidas de cada um. O professor H destaca a dificuldade de se desvincular das influências parentais em relação à religião, mesmo quando se está em desacordo com elas. Ele expressa um ceticismo crítico, destacando uma tensão entre religiosidade e práticas sociais, e enfatiza a importância da luta social em detrimento da busca por sentido na espiritualidade. Adota uma postura questionadora, refletindo sobre a ausência de uma conexão mais profunda

com o sagrado. Suas falas também abordam a relação entre religião e injustiça social, destacando a desconexão entre os ensinamentos originais do cristianismo e sua interpretação atual. Ele critica a maneira como certos aspectos do discurso religioso têm sido utilizados para silenciar lutas sociais importantes, refletindo sobre o poder transformador da religiosidade versus sua potencialidade como mecanismo de apaziguamento.

O professor A propõe que a religião é uma construção humana, ressaltando que, apesar de suas experiências negativas com o cristianismo, a religiosidade desempenha um papel fundamental na educação e formação social. Sua fala sugere uma crítica à forma como as doutrinas religiosas moldam a moralidade e a ética, ressaltando a necessidade de uma reflexão crítica sobre essas influências.

Nas reflexões dos professores H e A, podemos nos basear nas reflexões de Karl Marx. Identificamos a crítica à religião como um instrumento ideológico que perpetua desigualdades sociais. O professor H ressalta a desconexão entre os ideais cristãos e suas interpretações contemporâneas, enquanto o professor A aborda a religião como uma construção humana que molda normas sociais e éticas.

A professora M, por outro lado, aborda a religião como um meio de conexão familiar e comunitária, valorizando o aspecto social e o ambiente que a religião pode proporcionar. Essa visão mostra como a religiosidade pode ser um fator de união, independentemente da crença específica.

O professor C compartilha uma experiência de formação religiosa que, mesmo não se manifestando atualmente em uma prática religiosa, continua a influenciar sua ética e moral. Ele vê a religião como um fio que perpassa sua vida, sugerindo que, mesmo fora de um culto, os princípios religiosos ainda o moldam. Sua menção à religião como um espaço de controle social aponta para um reconhecimento crítico da forma como a religiosidade pode ser usada para governar comportamentos e valores. Contudo, ele também concorda quanto à religião como fonte de paz e segurança emocional, visão partilhada com a professora ER.

A partir de Émile Durkheim, destacamos o papel da religião na promoção da coesão social e união comunitária, aspectos evidenciados nas falas da professora M e do professor C. Para Durkheim, a religião opera como um "fato social" que reforça os laços entre os indivíduos, promovendo solidariedade e integração no grupo.

Quanto ao professor A, sua análise crítica sobre a adaptação da religião às condições históricas e culturais alinha-se com Clifford Geertz, que define a religião como um sistema

simbólico. Segundo Geertz, a religião modela significados compartilhados e proporciona um "quadro de referências"¹⁹⁹ para interpretar a realidade.

O CP traz uma perspectiva mais integradora, afirmando que sua religião molda sua cosmovisão e suas ações no cotidiano. Ele percebe a religião como um guia fundamental, indicando que todos possuem alguma forma de religião que influencia suas vidas, mesmo que não seja institucionalizada. Nas falas do CP, do professor C e da professora ER, é possível traçar paralelos com Max Weber, que entende a religião como uma força estruturante da ética e da prática cotidiana. Ambos os participantes revelam como a religiosidade influencia suas visões de mundo e condutas, mesmo fora de contextos institucionalizados.

A Pedagoga traz uma perspectiva mais pessoal e emocional, afirmando que a religião a ajuda a encontrar seu caminho em momentos de confusão e crise. Ela vê a religiosidade como essencial para sua paz interior, destacando a importância da prática religiosa em sua vida diária. A perspectiva da pedagoga reflete o pensamento de Mircea Eliade, particularmente em sua ênfase na busca pelo sagrado e pela transcendência. A religião aparece como um recurso de paz e orientação em momentos de crise, ecoando a concepção de Eliade sobre a função organizadora do sagrado na vida humana.

Gostaríamos ainda de trazer uma reflexão trazida em algumas falas sobre a ética religiosa, sobre uma vida moral com ou sem religião, para isso citamos Hans Küng em seu livro Projeto de Ética Mundial:

É inegável, pois, que muitas pessoas secularizadas vivem hoje uma moral, que se orienta pela dignidade de qualquer pessoa humana. Conforme compreensão contemporânea, dessa dignidade humana fazem parte hoje a razão, a autonomia, a liberdade de consciência, a liberdade religiosa e os demais direitos da pessoa humana como foram sendo conquistados no decorrer da história. (...). Muitas vezes, o estabelecimento de direitos humanos aconteceu numa luta ferrenha com as religiões estabelecidas.

E a favor da paz mundial, ele complementa:

Para a paz entre os povos, para a cooperação internacional na política, na economia, na cultura e em organizações internacionais como a ONU e a UNESCO, é de grande importância que as pessoas religiosas (...) reconheçam que pessoas não religiosas, quer se entendam como "humanistas" ou "marxistas", a seu modo, também se engajam pela dignidade humana e pelos direitos humanos. Também elas podem defender uma

¹⁹⁹ KÜNG, 1993, p. [n.p.].

ética humana. Pois, na verdade, tanto crentes quanto não-crentes defendem o 1º artigo da declaração dos direitos humanos, referendado, após a Segunda Guerra Mundial e após o holocausto, no dia 10 de dezembro de 1948: "Todas as pessoas nascer livres, com os mesmos direitos de dignidade. Todas as pessoas estão imbuídas de razão e consciência e devem relacionar-se umas com as outras no espírito de irmandade."²⁰⁰

As experiências e reflexões dos participantes revelam que a religião pode atuar tanto como uma fonte de conflito e questionamento quanto como um espaço de conexão e paz. A complexidade das interações sociais e pessoais com a religiosidade é um tema central, indicando que as crenças e práticas religiosas são sempre moldadas por contextos sociais, familiares e históricos.

Para aprofundar a compreensão dessas diversas facetas, resgatamos a definição de Geertz, que entende a religião como:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo suas concepções com tal aura que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.²⁰¹

Essa abordagem integradora nos ajuda a entender as múltiplas formas como a religião é vivenciada, contestada e transformada pelos participantes, revelando a complexidade de seu papel nas esferas pessoal e social. Assim, os símbolos estão intimamente relacionados às motivações e disposições com respeito às ações religiosas, trazendo significado no contexto e momento em que acontecem para quem as pratica. É por meio dos sistemas de símbolos que as verdades da religião são estabelecidas; são eles que causam as disposições e criam os pensamentos de ordem para o fiel.

O segundo tópico questionava se é possível perceber a presença de fenômenos religiosos dentro do ambiente escolar e o que se pensa sobre a manifestação pública de religiosidade, como orações, símbolos ou celebrações religiosas dentro do ambiente escolar. Sobre esse aspecto, o professor A se apressa em responder:

Escola não é lugar para você ter que assistir a um culto, para você ter que fazer uma oração, para você ter que participar de nada que tenha esse fundo religioso. Então, não é uma coisa que você pode fazer. Não acho certo ter oração no início de ano, no início de aula. Não acho certo ter oração no início de conselho de classe. Não acho certo ter oração no início de JPP. Não acho certo ter, enfim, oração em todos esses momentos que são coletivos e que elas aparecem sempre como uma espécie de imposição. [...]

E faz ponderação sobre a imposição que é feita na escola sobre

²⁰⁰ KÜNG, 1993, p. 61.

²⁰¹ GEERTZ, 2015, p. 66.

Ah, mas ninguém está te obrigando a participar dessa oração, não sei o quê (...) está te obrigando, sim, quando a proposta vem de um líder do trabalho, tipo, de alguém que está acima de você. Se é o diretor que está fazendo, se é o coordenador pedagógico, se é até mesmo o pedagogo dentro de sala, se é o professor que está puxando os alunos, é uma imposição no sentido dessa coerção social. É o seu chefe que está dizendo que, naquele momento, é aquilo que vai ser feito. Então, sim, é um negócio que me incomoda. Eu acho que não deveria acontecer. Eu acho que é errado.

O professor H concordou com o professor A e acrescentou que considera a religiosidade como prática individual e contextualizou a noção de prática coletiva:

A noção de prática de identidade coletiva para uma uma construção mais individualizada foi construída por volta de 1500, 1600. Foi uma resposta às guerras de religião. Foi o iluminismo, basicamente, que fez essa recolocação na religião como prática. O momento que a gente está vivendo, vamos falar de Brasil, pelo menos assim... E isso tem ido para programas de televisão, jogadores de futebol e escola de uma forma muito mais forte. E aí, retomando isso assim, fatalmente, é sinal de uma composição belicista da religião novamente, igual nos 1600. Estão formando exércitos, e esses exércitos vão se enfrentar em algum momento, sabe?

O professor também traçou paralelos históricos, como o enfrentamento entre europeus e povos indígenas no período colonial, para ilustrar a lógica do "nós contra eles" que persiste em disputas religiosas modernas:

Isso já aconteceu na chegada de europeus no Brasil, sabe? Você se reafirmar religiosamente para enfrentar o outro grupo. E é aquela velha lógica: é o "nós contra eles". Em alguns momentos, eles podem ser cristãos também. Eles podem ser, por exemplo... Tem comunidades no Rio de Janeiro, de grupos de traficantes, que estão expulsando candomblecistas dos morros, sabe? E isso tem sido conduzido numa postura deliberada de lideranças religiosas tentando formar pequenos exércitos, sabe? Então, assim, isso é preocupante. Por isso que, claro, o meu achar não vai interferir muito nisso, porque faz parte da coisa. Mas, assim, a manifestação pública de religiosidade nas escolas e em ambientes públicos oficiais, principalmente, é sintoma, é reflexo dessa militarização da religião. É dominar espaços, é demarcar espaços e avançar nesses espaços.

Sobre o assunto, o professor C faz suas ponderações:

A culpa não é da religião em si, da doutrina em si, mas das pessoas que estão propagando essa doutrina ou da forma que elas estão fazendo isso. E aí, esse já é o problema. Mas o que agora está sendo um ensinamento? De novo, de pregar o amor, a bondade do evangelho? Ou agora, a ideia da dominação? Se você não tem a mesma religião que eu, então a gente tem agora uma briga pra fazer, pra lutar. Porque, se Deus é o Todo-Poderoso, por que você precisa defender Ele? E a gente vê os alunos fazendo isso, travando essas guerras. E não só os alunos, e professores que estão lá, levantando a bandeira. Nossa, nós estamos certos, né?

E continua sua fala expondo uma estratégia que utiliza para tentar diminuir o preconceito

Se tem uma coisa que eu faço com os meus alunos é, cada semana, eu falo que tenho uma religião diferente com eles, né? Então, porque eu sou professor de ciências, a minha religião não deveria fazer diferença para aquele aluno em si. Ela não deveria fazer diferença, porque o que eu ensino ou o que eu falo, a minha prática, né? Eu, enquanto professor de ciências, saber qual é a minha religião não vai levar o meu aluno a ter aprendizagem. É indiferente para mim. Talvez, para a ‘professora ER’, que é professora de ensino religioso, seja um pouquinho mais importante, mas para mim, não é. Então, um aluno: "Nossa, professor, você é ateu?" "Sim, eu sou ateu." Na semana seguinte: "Qual é, professor?" "Eu? Que Thor te abençoe. Vá com Odin." Eu consegui convencer uma aluna de que eu fiz uma oração para Thor e não choveu naquele dia, né? É... Mas, porque as nossas religiões, o que a gente pensa... Não, essa história é maravilhosa, mas, enfim... É... Mas as nossas religiões não deveriam interferir.

E continua sua reflexão sobre a manifestação pública das religiosidades no espaço público:

E o que eu falo, o que eu penso, é o seguinte: o que o crucifixo na porta da escola ou em qualquer outro lugar, ou a oração cristã que é feita antes do ano letivo começar com todos os alunos, o que ela causa nos alunos que não seguem aquela religião? Sabe? Porque, pensa assim: eu já ouvi falando que a época da igreja era boa, na época em que a gente entrava no centro de macumba, quebrava tudo, destruía, expulsava todos os espíritos e salvava aquelas almas para Jesus. Eu já ouvi isso dentro de uma igreja. Mas e se é o professor de ensino religioso que fez o curso de teologia dele numa instituição confessional? Ele não dá aula de ensino religioso, ele dá aula de catequese. Aí complica. Porque aí o aluno que não segue aquela religião pode ter ouvido a mesma coisa. Se o aluno foi apedrejado por um cristão na rua — porque já aconteceu no Brasil, já aconteceu não, acontece todo dia, né? — e o professor vem com crucifixo ou imagem de Maria, pode ir, não tem problema nenhum, tá, gente? Quem sou eu pra mandar na roupa das pessoas. Mas o que isso causa no seu aluno? Uma vez eu briguei com um aluno e a criança começou a chorar loucamente porque falou que eu lembrava o pai dela, que gritava com ela. O que a imagem da gente, enquanto professando a nossa religião claramente, pode trazer de positivo e negativo para os nossos alunos? É realmente necessário?

A professora ER opina sobre o assunto:

Esse diálogo que você trouxe, “Moderadora”, é um diálogo que, normalmente, eu tento trazer para os meninos do oitavo, do nono ano. Acredito que o ambiente escolar não é um ambiente de ficar fazendo culto, rezando. Acredito que não é o local. Todos nós, seres humanos, temos direitos, e o direito de exercer a sua fé é um direito também. Mas até que ponto o seu direito vai ferir o meu direito? Eu posso exercer a minha fé na minha casa, com os meus familiares, na instituição que eu vou, no meu particular. Acredito que, na escola, seja a mesma coisa. Por mais que seja apenas uma reza, apenas uma oração, é coisa pouca, não vai fazer mal para ninguém. Mas não acho que a escola é um local onde a gente deva manifestar apenas uma oração.

E fala sobre a importância de respeitar a diversidade religiosa no ambiente escolar:

Se eu tenho uma escola com uma diversidade religiosa, se eu posso falar da minha religião cristã, eu também posso falar da religião do fulano de tal, que é da Umbanda.

Se eu posso falar sobre um, eu também posso falar sobre outro. Então, acredito que a escola não é um lugar de ser encaixado ou de colocar numa caixinha apenas uma religião a ser abordada. Não acho certo. Converso com os meninos todo santo dia que eles precisam respeitar todas as pessoas, todas as religiões. Eu acho que a escola é um ambiente que você pode ser livre. Só isso mesmo.²⁰²

O CP faz sua contribuição: concordando com os demais:

Eu sou cristão, num país laico, um estado também, mas que é predominantemente cristão... E, mesmo sendo cristão, eu discordo que, na escola pública, haja essas manifestações tendendo para um lado religioso apenas. Tenho que respeitar todas as religiões; eu não posso chegar e tentar impor a minha se estou num ambiente público. Porque, por mais que eu seja cristão, num meio predominantemente cristão, eu sou contrário a essas manifestações dessa forma direcionadas. Porque, assim como os meninos falaram muito bem, eu vejo o que fere a quem não é da mesma crença, da mesma religião. Estou muito tranquilo com relação a isso.

As falas dos professores presentes no grupo revelam diferentes perspectivas sobre a presença de manifestações religiosas no ambiente escolar, especialmente no que se refere a orações, símbolos religiosos e celebrações. De forma geral, todos compartilham a visão de que a escola deve ser um espaço laico, onde a diversidade religiosa seja respeitada, e a prática religiosa não deve ser imposta aos alunos.

A maioria dos professores compartilha a visão de que, embora a prática religiosa seja uma questão pessoal, ela não deve ser imposta no ambiente escolar. As manifestações religiosas, seja na forma de orações ou símbolos, podem gerar um ambiente excludente, especialmente em um país com uma diversidade religiosa significativa, como o Brasil. A escola deve ser um espaço de respeito à pluralidade religiosa, onde a laicidade do Estado é garantida e as práticas religiosas não interferem nos direitos dos outros. Isso está em consonância com o princípio da laicidade, que busca garantir que o Estado não favoreça nenhuma religião específica e que a escola seja um espaço de inclusão e liberdade para todos.

Pensando enquanto espaço formal de educação, as falas refletem a preocupação com as implicações éticas e pedagógicas de permitir ou incentivar práticas religiosas no ambiente escolar. Como o professor C aponta, as práticas religiosas podem transformar a escola em um campo de disputa e divisão, prejudicando o processo educacional e a convivência harmoniosa entre alunos de diferentes crenças. A escola, nesse sentido, deve ser um espaço neutro, onde o foco seja o aprendizado e o desenvolvimento de competências, e não a promoção de uma religião ou crença específica. Segundo Márcia Gilda Cosme, diretora do Sinpro-DF:

²⁰² Esse discurso foi reduzido com ideia principal e a fala encontra de forma integral no anexo.

Além de ser local de compartilhamento de conhecimento, a escola é o legítimo lugar de combate aos preconceitos que matam. É espaço de inclusão. O Brasil consolidou o direito de ser um Estado laico na Constituição de 1988. Alguns artigos garantem a laicidade, como o art. 18 e o inciso VI, do artigo 5º, que fala sobre a inviolabilidade da consciência de crença. Isso significa que a escola, enquanto instituição pública, tem o dever de ser laica também. Ou seja, a religião não deve interferir na escola e na construção do conhecimento porque o conhecimento é, historicamente, produzido por todos e todas, não só pelo(a) professor(a). A escola é ambiente para a prática da laicidade e da pluralidade religiosa, de ideias etc. Espaço legítimo de acolhimento e divulgação da diversidade cultural, religiosa, de gênero, social.

E continua:

O conhecimento é produzido pela interação entre estudantes e professores(as). É por isso que o Estado brasileiro e suas instituições públicas são laicas: para assegurar os direitos de todas e todos. Ser laico não significa ser ateu ou agnóstico. Ser laico é defender que a religião não deve ter ingerência nos assuntos de Estado. Essa ideia foi responsável pela separação moderna entre a Igreja e o Estado e ganhou força com a Revolução Francesa (1789-1799).²⁰³

As falas dos participantes, de forma geral, reforçam a necessidade de uma escola laica e plural, onde as crenças religiosas não sejam impostas nem favorecidas. A presença de manifestações religiosas, como orações e símbolos, pode gerar desconforto e exclusão, violando os princípios de liberdade religiosa e respeito à diversidade. Portanto, a laicidade deve ser garantida como uma forma de assegurar que a escola seja um espaço inclusivo, onde todos os alunos, independentemente de suas crenças religiosas, possam se sentir respeitados e integrados.

O terceiro tópico reflete sobre: "Quais são os maiores desafios em se tratar a religiosidade no contexto educacional?" O professor A pediu novamente para iniciar e, após, fez uma reflexão dizendo que, na escola, os alunos frequentantes de religiões de matrizes africanas têm dois extremos: um que quer esconder para não sofrer racismo religioso e o outro que quer mostrar como forma de amedrontar outras crianças. Sobre isso, ele complementou:

Então, assim, isso mostra como essas pequenas coisas são importantes e também mostra que, talvez, o nosso principal desafio para trabalhar com religiosidade sejam os estigmas, né? São todos esses estigmas aí, muito presentes. Porque a atividade, como é que dizia lá, 'só Jesus salva', uma coisa assim. Agora, se eu der uma atividade em arte para fazer um mural dizendo que Exu é o caminho, eu duvido se eu não vou ter uma conversa de umas duas horas com alguém.²⁰⁴

²⁰³ COSME, Márcia Gilda Moreira. *A laicidade do Estado e da escola pública*. 18 jun. 2021. [online].

²⁰⁴ Nesse momento estava se referindo a uma conversa na pedagogia ou direção da escola.

O professor H inicia relatando sua experiência com a religiosidade afro na sala de aula:

Tá na BNCC que eu tenho que trabalhar africanidades e tal, né? E aí, quando chegou na parte de África, eu quis fazer uma questão de religiosidade afro, né? O trabalho que eu ia pedir era fazer um desenho de algum dos orixás. E eu lembro que eu fiz uma pergunta assim: qual era o dia da semana, qual era a cor, alguma coisa assim. Só que, ao longo das aulas, só quando eu falava candomblé afro, tinha um menino que começava a fazer sinal da cruz, aqueles pequeninhos de sexto ano falavam "Deus me livre", não sei o quê e tal. Eu falei: gente, eu tô tendo problemas com isso aqui. Deixa-me ir devagar.

E complementa sobre como lidou com a situação:

Aí, eu comuniquei com o pedagógico. Eu falei: olha, vou fazer um trabalho nesses e nesses termos. E eu tava temendo que viesse alguma mãe, alguma coisa, né? Falar que tá querendo fazer essas coisas pro meu filho, não sei o quê. Eu vou alertar o pedagógico. Pois o pedagógico, muito enfaticamente, me orientou. Quer dizer, fez aquela sugestão assim: "Você não acha melhor passar este filme aqui?" Sabe? E tipo, aí eu percebi que eu não teria o apoio do pedagógico ao fazer isso, sabe? E aí, eu não fiz. Porque eu poderia comprar uma guerra com aquelas famílias e tal, sabe? Prefiro não fazer.

Prossegue comparando essa experiência com outra abordagem e reflete sobre exemplos concretos que evidenciam o racismo:

O fato é o seguinte, alguns meses depois, no outro trimestre, eu fiz a mesma proposta de trabalho com divindades gregas. Não foi problema nenhum, sabe? Nenhum. Então, assim, eu acho que um desafio é a gente ainda se livrar, na América Latina, desse estigma do escravismo colonial, sabe? Tipo, a intolerância religiosa que se tem no Brasil, não é intolerância religiosa, é racismo. Basicamente isso, sabe? Porque, tipo, indo para Aracruz, tem aquele Buda enorme na beira da estrada, lindo, sabe? E tá tudo bem colocar um Buda enorme. Agora, coloca um São Jorge enorme ali, pra você ver. Não, São Jorge ainda, né? Vão ser legais eu colocar São Jorge, né? Pra dizer que é católico ali. Cara, assim, você coloca algum ali, acabou daquele tamanho, sabe? A coisa vai ser apedrejada. E quando eu estive lá no Buda, você via famílias claramente evangélicas de boa com Buda.

Por fim, o professor conclui sobre o que considera as raízes do problema:

Então, assim, o problema não é a outra religião. O problema é preto, sabe? Qualquer coisa, seja religião, seja cabelo, seja lábios grossos, sejam narizes mais largos, qualquer coisa que seja de origem de África, tipo, é pouco tempo, né? 136 anos de fim de escravidão, né? É pouco tempo pra se livrar disso, sabe? Então, assim, o problema não é de fundo, na real, religioso. O problema é de fundo racista.

O professor C inicia relatando experiências com alunos que se recusavam a participar de atividades devido a suas crenças religiosas:

Eu já tive aluno, na época que eu dava aula de inglês bilingue, que não participava do St. Patrick's, do dia de São Patrício, que não participava do dia de São Valentim, porque era dia de um santo. Então, o filho dele, a filha, nunca poderia comemorar a festa do santo. E olha que é do dia do amor, o São Valentim. O St. Patrick's, que a criança só ia se vestir de verde e comer um chocolate. Era só isso.

E continua com uma reflexão sobre o papel do preconceito na sociedade:

Mas eu acho que o grande desafio seja, realmente, a sociedade, como o professor H disse, ela tem preconceito. E é uma coisa que, assim, não preconceito especificamente, não preconceito no geral, mas especificamente o racismo. Mas eu também queria trazer para o pensamento que é quase um preconceito de tudo que não seja aquilo que eu acredito. Sabe? O racismo, ele é gritante. Ele é escancarado. Mas qualquer coisa que eu não acredito, eu também tenho preconceito. E não quero que meu filho entre em contato com essas coisas. Sabe? Eu acho que isso tem muito a ver com o que o CP falou antes, da cosmovisão. Como que, se a religião é um espaço de educação que molda uma visão de mundo, como é que essa visão de mundo entra em contato com outras visões de mundo? Como é que ela permite o diálogo com aquilo que não sou eu, com aquilo que é o outro? Acho que tem uma interrogação nisso, porque talvez seja esse o atrito, né? Entre o que sou eu e o que não sou eu.

Ele exemplifica o desconhecimento em relação ao sagrado de outras culturas:

E, às vezes, o que eu nem sei que não sou eu. Como o Buda, por exemplo. Tem gente que olha e fala, mas isso é religioso? Por uma completa falta de desconhecimento. Assim como se a gente colocar em perspectiva a mitologia grega e as mitologias afro-indígenas, sabe? As mitologias dos nossos povos indígenas daqui. Elas são tão mitologias quanto a mitologia cristã. Mas vai falar para um ser humano que o mito de Adão e Eva é um mito. Nossa, acabou o mundo para aquela pessoa. Sabe? Tipo, e aí vai explicar para um ser humano que, quando ela coloca o a cuca, saci, boto só como personagens folclóricos, ai, que bonitinho, folclore, ela, na verdade, está fazendo isso com algo que é sagrado, divino e encantado para alguém. Sabe? Pode não ser para você, mas, em algum lugar, os seres da natureza, os encantados, são encantados.

O CP abordando os desafios de tratar religião em um estado laico, mas predominantemente cristão, acrescentou:

Falando sobre o desafio, acho que o grande desafio para nós, no nosso contexto, é exatamente esse. Você tem duas coisas distintas. Você tem um estado laico, mas que é predominantemente cristão. Então, isso dificulta a forma como você vai abordar e trabalhar a religião dentro dos ambientes públicos. Muito difícil. Então, se você está ali, você está num estado laico, mas não vou dizer que cada um tem uma religião, porque os meninos aqui já falaram assim, “eu não tenho uma religião.

O CP expõe sua visão de que até mesmo não ter religião é, em certo sentido, uma forma de religiosidade e reflete sobre a dificuldade de trabalhar de forma imparcial com religião, dada a influência das crenças pessoais:

Apesar de, na minha concepção, não ter uma religião ser uma religião, na minha opinião pessoal. Mas aí, eu vou trabalhar. Nós estamos aqui, todos nós aqui, cada um trabalha o seu componente curricular, e a professora ER é quem trabalha o ensino religioso mais diretamente. Então, ela tem as convicções dela, a cosmovisão dela, e aí ela vai trabalhar um conteúdo mais amplo, mas que, infelizmente, não é todo mundo que tem maturidade suficiente para fazer esse discernimento e distinguir e trabalhar de forma imparcial as religiões. Então, acho que é difícil trabalhar de forma imparcial as religiões, sendo que você tem as suas crenças e suas convicções. Então, acho que é um pouco difícil. É um grande desafio para a gente abordar. Porém, apesar de eu não concordar de ter essas manifestações, ter ali os símbolos religiosos, sagrados, nos ambientes públicos, eu acho que é extremamente importante tratar de religião e falar de religião no ambiente escolar.

O CP enfatiza a importância de tratar de todas as religiões, dentro das possibilidades e conhecimentos disponíveis explora como a ausência de valores religiosos pode impactar a sociedade, mas com ressalvas sobre monopólio moral:

Mas aí, sim, falar de todas elas, ou pelo menos de todas que a gente tiver acesso, tiver conhecimento, tiver condições de trabalhar. Todas que for possível trabalhar, acho que seria ideal talvez ter ali pelo menos uma matriz mínima de quais religiões serem trabalhadas. Mas eu creio que todas devem ser, muito por causa do que foi falado pelos meninos aqui, aquela questão do afeto, do se sentir bem. Você se sente bem na sua, me sinto bem na minha, ele se sente bem na dele. E quando você não tem essa presença, isso muitas vezes pode formar uma sociedade sem princípios, sem valores, dependendo do que é ensinado. Aí professor H vai falar assim, “eu não tenho princípio, não tenho valor”? Não, calma, segura aí, não é isso que eu estou dizendo. Foi a ER que me acusou disso, foi a professora ER que ela colocou o monopólio dos valores morais na religião. Está gravado, está gravado, nunca falei.

E continua defendendo o estudo das religiões como forma de proporcionar escolhas e entender diferenças e flerte sobre traumas e preconceitos em relação ao cristianismo, diferenciando Cristo de seus seguidores:

Eu estou tentando abordar algo até que semelhante, porque eu vejo que as religiões são importantes, o estudo delas, e eu também acho muito importante. Eu acho muito importante, sabe, tratar de todas, e aí você tem um aluno ali que ouve de todas e ele vai tomar a decisão dele sobre qual é a melhor. Sabe, eu como cristão, vejo que o agir do Deus cristão é muito semelhante, porque desde o princípio ele dá opção de escolha. Ele não impõe um caminho só, ele dá opção de escolha, você escolhe o seu destino. E eu vejo que há muitas pessoas que têm traumas com relação ao cristianismo, têm problemas com relação ao cristianismo, nós já falamos muito disso aqui agora, por causa não de Cristo, Cristo é fera, mas o fã clube é terrível, não foi isso que foi falado aqui? Exatamente. Quando você olha para o cristianismo, é uma confusão geral. Eu sou cristão, mas o cristianismo é uma confusão geral. Como você pode ter um Cristo e mais de 45 mil denominações cristãs, cada um falando um negócio diferente? Entende? Olha o tamanho da confusão.

E por fim, CP defende que o estudo religioso nas escolas pode ajudar a disseminar valores morais e promover o bem:

Então, isso causa muito preconceito, isso causa muito sofrimento, dependendo da forma como você vai interpretando. Então, eu acho importante a religião no ambiente escolar e público ser trabalhada, porque os valores morais que as religiões pregam, dificilmente você vai ter uma religião pregando o mal, dificilmente. Sempre vai puxar para o lado do bem, do bom, do tratar bem, do respeitar. Então, isso é sempre muito positivo. Só que, infelizmente, nem todo mundo interpreta da maneira ideal. Agora, quem está interpretando correto? Só você estudando, examinando, tendo acesso a todos, e você tomando a sua melhor decisão. A gente tem que ter a cabeça aberta para isso aí. Então, acho que essa é a minha opinião.

Sobre os desafios relacionados ao tratamento da religiosidade no contexto educacional, foram levantadas questões importantes sobre os estigmas e preconceitos que ainda marcam as práticas educativas em muitas escolas. Esses estigmas e preconceitos frequentemente resultam em discriminação religiosa, dificultando a convivência plural e o respeito às diferenças dentro do ambiente escolar. O tratamento inadequado da religiosidade pode perpetuar a exclusão de estudantes que professam crenças diversas, além de fragilizar a proposta de uma educação verdadeiramente laica e inclusiva.

A partir das falas dos professores, refletimos sobre a complexidade de lidar com a diversidade religiosa no ambiente escolar, especialmente em uma sociedade que, apesar de ser formalmente laica, carrega influências de uma tradição predominantemente cristã. A reflexão sobre os maiores desafios de tratar a religiosidade no contexto educacional aponta para questões complexas relacionadas ao preconceito, estigmas históricos e à falta de compreensão entre diferentes sistemas de crença. Em um ambiente escolar, é inevitável que surjam dificuldades quando se trata de trabalhar com a diversidade religiosa, especialmente quando a sociedade, de maneira geral, ainda carrega o peso de uma herança histórica de intolerância e discriminação religiosa.

Dessa forma, em vez de se falar de liberdade religiosa, fala-se de tolerância religiosa. Edilair Gomes cita Thomas Paine, que faz uma crítica às ideias de religião dominante e de tolerância. No seu entendimento:

A tolerância dizia, no estudo sobre os Direitos do Homem, 'não é o oposto à intolerância, mas a sua falsificação. Ambas são despotismos. Uma se atribuiu a si

mesma o direito de impedir a liberdade de consciência, e outra, o de autorizá-la'. A 'tolerância' era resto de pensamento.²⁰⁵

A ideia de que "a tolerância não é o oposto à intolerância, mas a sua falsificação" nos leva a refletir sobre como a prática da tolerância pode, muitas vezes, se transformar em um controle disfarçado. Em vez de garantir a liberdade de consciência, ela pode se tornar uma aceitação superficial das diferenças, sem promover um respeito genuíno pela diversidade. No contexto educacional, isso significa que o Estado e as escolas devem ir além de uma tolerância formal e garantir um espaço onde todas as crenças e ideologias sejam realmente respeitadas e debatidas, sem discriminação ou imposição de um modelo dominante. A verdadeira tolerância implica em uma convivência plural, onde as diferenças não são apenas toleradas, mas valorizadas como parte de uma educação inclusiva e livre.

Uma das questões destacadas pelos professores é o estigma profundo que ainda recai sobre as religiões de matrizes africanas. A fala do professor A sobre os alunos de religiões como o Candomblé mostra como, em muitos casos, os jovens que pertencem a essas tradições sentem-se pressionados a esconder suas crenças para evitar o preconceito, enquanto outros buscam afirmar sua identidade religiosa de maneira mais agressiva. Esse contraste é um reflexo claro de uma sociedade onde o racismo religioso ainda é uma barreira invisível, mas extremamente presente, e que dificulta o entendimento e o respeito pela diversidade de crenças.

O professor H menciona a experiência de tentar trabalhar a religiosidade afro-brasileira com seus alunos, mas se deparando com um forte desconforto e resistência, até mesmo de colegas no ambiente pedagógico, o que revela como, muitas vezes, até a escola – um ambiente que deveria promover o respeito à diversidade – acaba sendo um local de perpetuação de estigmas e preconceitos. O temor de um "conflito" com as famílias, que poderiam ver a abordagem das religiões afro-brasileiras como algo "inapropriado", mostra o quão arraigados ainda estão os preconceitos religiosos e raciais no contexto educacional.

Além disso, ele faz uma crítica contundente ao que vê como um reflexo do racismo disfarçado de intolerância religiosa. Ele compartilha a experiência de como o simples ato de abordar a religiosidade afro-brasileira gerou resistência, ao passo que, ao tratar de divindades gregas, não houve qualquer reação. Essa diferenciação evidencia um problema mais profundo,

²⁰⁵ GOMES, Edilair Alcântara Barreto. Educação para diversidade religiosa no contexto da escola pública. In: III seminário nacional de sociologia - distopias dos extremos: sociologias necessárias, 2020, Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. 8 a 16 out. 2020. [online].

que vai além da religião em si e está intimamente ligado ao racismo estrutural presente na sociedade brasileira. Sobre esse ponto, Luiz Rufino afirma:

A diáspora negra é um acontecimento em aberto, é um contínuo (...) racismo/colonialismo/colonialidade marcam o nosso tempo. A raça e seus contratos de dominação (Mills, 2008) são os fundamentos alicerces da lógica colonial, perpetram a morte, aniquilamento, desencante e humilhação. A colonialidade é uma espécie de marafunda e carregamento colonial, ela opera como um sopro de má sorte que mantém o assombro e a vigência de um projeto de dominação nas dimensões do ser/saber/poder.²⁰⁶

A citação de Rufino destaca a diáspora negra como um processo aberto e contínuo, que se entrelaça profundamente com os legados do racismo, colonialismo e colonialidade. A "colonialidade", como descrita por Rufino, é mais do que um vestígio histórico; é uma força ativa que mantém o assombro e a dominação através das dimensões do ser, saber e poder. Esse "carregamento colonial" mantém vivos os projetos de subordinação e humilhação que atravessam as vidas dos negros, desde a escravidão até os dias atuais, e que exigem uma luta constante para sua superação. Em outras palavras, a colonialidade não é um evento do passado, mas uma estrutura persistente que continua a assombrar e operar no mundo contemporâneo, ainda que de formas sutis e disfarçadas.

Além disso, conseguimos perceber na fala do professor C a resistência a outras formas de religiosidade, como as religiões indígenas ou mitologias. Ele destaca a dificuldade de aceitar outras cosmovisões que não se alinham à visão de mundo de uma religião majoritária, como o cristianismo. Como ele bem colocou, é comum que as pessoas considerem as mitologias africanas e indígenas como "mitos", enquanto as mitologias cristãs, como a história de Adão e Eva, são tratadas com respeito e veneração. Isso se reflete diretamente no modo como a religiosidade é abordada na escola, muitas vezes de forma desigual e parcial.

Finalmente, o CP traz uma reflexão importante sobre o contexto de um Estado laico, mas predominantemente cristão. Em um cenário como esse, onde a maioria das pessoas e até dos educadores compartilham uma cosmovisão cristã, fica ainda mais difícil tratar a religiosidade de forma imparcial. O medo de causar controvérsias ou de enfrentar resistência por parte das famílias, que podem se opor a temas religiosos considerados "não cristãos", é um obstáculo constante para aqueles que tentam ensinar sobre todas as formas de religiosidade de

²⁰⁶ RUFINO, Luiz; SANTOS DE MIRANDA, Marina. Racismo religioso. *Problemata: Revista Internacional de Filosofia*, [S.l.], v. 10, n. Extra 2, p. 229-242, 2019. Edição especial dedicada a: Filosofia Africana: Pertencimento, Resistência e Educação. ISSN 2236-8612. p. 235. [online].

maneira equilibrada. Para nos ajudar a refletir sobre a liberdade religiosa, inclusive de ter ou não ter uma, cito novamente Hans Küng:

Por que a pessoa humana não deveria superar a sua "própria dependência" "a sua incapacidade de usar a sua razão sem recorrer a outrem" e não usar também a sua própria razão para fundamentar uma ética da razão? Assim já o reivindicava Immanuel Kant em seu escrito programático "Was ist Aufklärung?" ("O que é iluminismo?"). Conforme Kant, essa incapacidade não reside numa "falta de razão, mas na falta de coragem": "Tenha coragem de se servir de sua própria razão!" A partir daí muitos especialistas em ética filosófica e teológica defendem hoje uma verdadeira autonomia humana em todas as decisões práticas da pessoa humana. Defendem uma autonomia ética, que também a ética cristã não pode simplesmente anular. Exige-se hoje um mínimo, isto é, o respeito mútuo, um respeito mútuo entre crentes e não-crentes.²⁰⁷

No cenário descrito pelo CP, o desafio da escola é garantir um espaço de respeito mútuo entre crentes e não-crentes, como propõe Hans Küng, ao defender a autonomia ética humana e o uso da razão como fundamento para a convivência plural e democrática. Continuemos com as reflexões de Küng sobre a importância de se reconhecer que as religiões, apesar de suas diferenças, compartilham a busca por sentido, justiça e salvação, sendo fundamentais tanto para indivíduos quanto para a sociedade:

E todas as religiões, apesar de suas cosmovisões diferentes, oferecem similares caminhos de salvação: caminhos para fora da necessidade do sofrimento e da culpa existencial, através de um agir responsável nesta vida, para uma salvação duradoura, permanente, eterna. Tudo isso ao mesmo tempo significa: mesmo quem rejeita as religiões terá de levá-las a sério como uma fundamental realidade existencial social. Elas têm a ver com o sentido e falta de sentido na vida, com liberdade e escravidão das pessoas, com justiça e opressão dos povos, com guerra e paz na história presente.²⁰⁸

De acordo com Hans Küng, as religiões, apesar de suas diferenças, tratam questões humanas essenciais, como sentido da vida, liberdade e justiça, convergindo na resposta aos dilemas existenciais. Mesmo quem as rejeita deve reconhecer seu impacto social, cultural e histórico, moldando valores, conflitos e processos de paz.

Essas reflexões destacam os desafios de se lidar com a religiosidade na educação, especialmente em um contexto como o brasileiro, onde as questões raciais e religiosas estão profundamente entrelaçadas. A educação religiosa nas escolas precisa ser mais do que apenas uma matéria; ela deve ser um espaço de respeito e entendimento mútuo, onde todas as crenças são tratadas com equidade, sem imposição de valores. A construção de uma escola

²⁰⁷ KUNG, 1993, p.62

²⁰⁸ KUNG, 1993, p.174

verdadeiramente laica exige que a religiosidade seja abordada com sensibilidade, levando em conta a pluralidade de experiências e crenças dos alunos. A sociedade ainda precisa aprender a respeitar a diversidade religiosa sem estigmatizar ou discriminar aqueles que pertencem a crenças diferentes das predominantes.

A quarta questão traz uma reflexão sobre as seguintes perguntas: Como vocês agem concretamente quando discriminações e preconceitos religiosos se apresentam na sala de aula ou no ambiente escolar? Quais recursos vocês mobilizam e quais estratégias utilizam? E, antes que a discussão sobre essa questão terminasse, foi acrescentada a reflexão sobre o quinto tópico, que era sobre se sentir preparado para as situações que ocorrem no ambiente relacionadas ao tópico quatro.

A professora M começa respondendo:

Eu já passei inúmeras situações disso, até porque quem trabalha no oitavo 4 vê isso todas as vezes. Todos os dias, todas as semanas, no mínimo. É uma turma muito dividida. Tem muitos meninos ali que são do candomblé, da umbanda e tudo mais. E tem alguns que são católicos e alguns que são evangélicos. E ali tem todo dia. O xingamento na turma tal, uma outra turma qualquer, é o racismo explícito. Ok. Mas ali, naquela turma, se eu quero xingar alguém, isso os alunos, né? Se eu quero xingar alguém, se eu quero xingar o meu colega, eu vou chamar ele de macumbeiro. Ali é todos os dias. E todos os santos dias você tem que parar, falar sobre isso e tudo mais.

A professora continuou:

Aí, por exemplo, como que eles já falam? Eu quero ofender meu coleguinha, eu chamo ele de macumbeiro. Aí o próprio coleguinha já fala. Sim, sou. Aham, o que que tem? Então assim, já tá num ponto, já estamos em outubro, que eles mesmos já acostumaram com o que eles vão ouvir de mim. Então eles já, eles mesmos já se defendem. Mas que é toda semana no mínimo, é toda semana no mínimo. Então, quando eu falo assim, meu filho vai sentar, pelo amor de Deus, pelo amor de Ogum, pelo amor do que você quiser, faz favor pra mim. Então ali eles já estão super acostumados e têm diminuído. Mas assim, é dose. Todas as aulas você tem que parar e falar, existem várias religiões, não é só a sua que é legal, que isso, que aquilo. Não adianta muito não, mas até que tem, não adianta 100%, mas até que tem diminuído.

O professor C complementou:

Olha, falando, a minha estratégia, de que cada semana eu tenho uma religião, ela é muito útil nesse caso. Porque já quando aconteceu assim, a gente fala, ah, fulano é macumbeiro. Eu falo, eu também sou. Quando, eu falo para o aluno eu também sou e a cada semana eu sou de uma religião diferente, ele já vê que, ah, não, mas o professor também é. Então, geralmente, depois disso, nunca mais acontece. Só que assim, toda vez que eu vejo qualquer situação relacionada a qualquer tipo de preconceito, eu, a primeira coisa, né, se for em relação à religião, que é uma coisa simples, eu posso falar isso, mas dependendo, eu já respondo com um pouquinho mais de rispidez. Né? É, ah, tipo, um aluno fala que o outro tá agindo igual uma mulherzinha, aí eu, né, eu já falo, e qual o problema dele agir igual uma mulherzinha? Por que que eu faço isso?

Porque isso são crimes. Essas coisas são crimes. E, e, e, assim, nesse caso, e, talvez, assim, pra mim, e pelo menos é o que tem funcionado, eu acredito que ele precisa entender que isso é uma ação que não pode ser repetida.

O professor prosseguiu:

É, é, é um problema cultural, eu não vou resolver esse problema, isso também é muito ruim de dizer, mas, pelo menos, naquele ambiente, talvez aquilo não se repita com mais frequência. Porque, pensando, na criança, no adolescente, até uma certa idade, a gente tem que entender que ele também vive numa lógica social, que o mundo dele não é a escola. Então, ele vive lá fora, onde tudo isso tá dentro dele. Como eu falei mais cedo, ele provavelmente, o aluno evangélico, que faz esse tipo de preconceito, dentro da sala de aula, ele provavelmente tá sendo doutrinado em algum lugar a agir dessa forma. Porque, ele não trouxe isso de nada, não veio do vento, e ele do nada achou que o colega macumbeiro, que chamar alguém de macumbeiro é xingamento.

E continua:

Por isso que a postura deles muda quando você fala que você é macumbeiro também. Porque você é o adulto ali na sala, e aí você fala, ah, você tá xingando o coleguinha de macumbeiro? Mas eu também sou. Eles já olham, e já, meu Deus, tem um adulto que tá falando que tá tudo bem ser macumbeiro ou qualquer coisa do tipo. Porque eles chegam com uma bagagem ali, de um preconceito que vem da vivência deles, e algum adulto falou que não, não é bem por aí e tudo mais. Muda muito de figura. Coisa que eu não tenho com os meus alunos no ensino médio, por exemplo. É muito diferente, muito diferente mesmo essa questão de preconceito com outras religiões. É tipo assim, pra mim, eu acho que existem determinadas culturas que a gente não tem como, oi, querido, querida, não, você não pode fazer isso. Não, a gente tem que ser um pouco mais duro, um pouco mais ríspido, pra, porque a gente não sabe até onde aquilo pode escalar [...]

E complementou sobre estar preparado ou não para as situações que acontecem de preconceito, racismo ou intolerância religiosa.

É... mas, e assim, se eu me sinto preparado? Eu acho que nenhum professor está preparado pra nada dentro de uma sala de aula. Nenhum curso de formação de professores, nenhuma pós-graduação vai te preparar pra tudo que você vai encontrar na sala de aula. Então, seria muita soberba, talvez, dizer que a gente tá preparado pra lidar com situações que a gente não sabe. A gente não sabe nem de quem vem. Eu já presenciei professor falando que aluno não podia entrar com a vestimenta que era relacionada à religião. E como que você lida com isso? Que agora você tem que educar o professor? Não é o aluno? Sabe? Então, assim, não é só uma questão de... O ambiente escolar, de novo, ele reproduz uma lógica social. A gente precisa dizer: “Eu não entendo todas as religiões, eu não tenho conhecimento, né?”

Fala sobre a importância de conhecermos nossos alunos:

Será que a gente algum dia já ouviu, já parou pra ouvir os nossos alunos em relação a isso? O que a gente podia fazer pra acolher, é... A subjetividade dele? Como que isso seria possível? Vamos trazer um líder religioso pra escola, né? Já comentei isso de

brincadeira uma vez, mas não pode. Melhor fazer um culto ecumênico? Um culto ecumênico é um culto cristão, basicamente, né? Quem vai fazer vai ser o pastor, mas ele só não vai literalmente pregar o evangelho. Mas sabe por que a gente não pode? Porque a gente não pode fazer tanta coisa ainda.

O professor reflete sobre o sentimento de impotência diante dessas questões:

O que eu falo de preparado... Ele chega no lugar da impotência. Sabe, não é só um não estar preparado de não saber como lidar com a situação, é de sentir que você quase que não pode fazer nada além de falar com o seu aluno e respeitar aquela relação. Eu, aluno. Mas será que o aluno tá se sentindo bem naquele espaço como um todo?

Como a professora M falou, a gente numa sala que eu tenho que entrar todo dia e, talvez, discutir com o meu colega até o ponto de chegar: “Ah, sou querido, aham, tá bom, passa pra outra.

E continua:

E aí, o que eu volto... A gente trabalhando dentro da escola, que visa trabalhar o descritor que vai fazer uma competência socioemocional. Porque, até onde a gente sabe, antes do descritor ter uma competência, ter uma habilidade de ser trabalhada, então deveria ter o descritor. “Vamos formar seres humanos que são capazes de conviver em grupo e respeitar as diferenças dos nossos colegas”. Mas não tem como medir isso? Se ele chuta uma velhinha no meio da rua, se ele gasta um pedacinho, se ele faz... Então, não tem como fazer isso.

Por fim, o professor reforça a importância de agir no que está ao alcance e critica a falta de iniciativa de outros profissionais:

Mas sabe, talvez a resposta pra pergunta: se eu me sinto preparado? Na verdade, eu me sinto impotente. Impotente no sentido de não poder fazer mais. A única coisa que eu posso hoje é falar com o meu aluno, que qualquer coisa que seja mais ampla do que isso, eu não consigo fazer. Mas já é mais do que alguns fazem, porque o tanto de “Posso ir na coordenação? Aconteceu isso, isso e isso.” Ué, porque você não foi nessa aula? É porque o professor não fez nada. Então, assim, na minha aula eu brigo, eu converso, eu paro a aula pra falar sobre isso. Mas a gente sabe que não é todo mundo que faz isso.

Pudemos perceber nas falas dos participantes que a questão do enfrentamento de discriminação e preconceitos religiosos no ambiente escolar é um desafio contínuo e exige uma postura de reflexão e enfrentamento constante por parte dos educadores. A professora M compartilhou experiências diárias com estudantes que praticam diferentes religiões e observa como a intolerância se manifesta frequentemente na forma de xingamentos, como a palavra "macumbeiro", utilizada para ofender os colegas. Mesmo com essas manifestações de

preconceito, ela destaca a importância de abordar o tema constantemente, buscando desconstruir essas atitudes dentro da sala de aula. Embora a resistência ainda seja forte, o processo de diálogo e conscientização tem gerado algum efeito, como os próprios alunos começando a se defender diante de ofensas.

O professor C complementa a resposta, compartilhando uma estratégia interessante para lidar com o preconceito religioso: ele se apresenta como alguém que "é de todas as religiões". Ao afirmar isso, ele desarma as provocações dos alunos, mostrando que a diversidade religiosa deve ser respeitada, não importando a crença de cada um. Essa abordagem, além de desconstruir a ideia de que uma religião é superior a outra, fortalece a ideia de que todos têm o direito de seguir sua própria fé. Para o professor, a postura direta e, por vezes, ríspida, é necessária para deixar claro que certos comportamentos não serão tolerados. No entanto, ele reconhece que essas atitudes discriminatórias são frequentemente fruto de contextos externos, como o ambiente familiar e social dos alunos, onde muitas vezes há uma transmissão de preconceito. Para o professor, a abordagem mais eficaz é agir com firmeza quando necessário, de modo a evitar que comportamentos discriminatórios escalem.

A reflexão do professor C sobre a "falta de preparo" dos professores para lidar com essas situações é importante. Ele aponta que, muitas vezes, os educadores não estão preparados para enfrentar atitudes preconceituosas, principalmente quando elas vêm de dentro da própria escola, como no caso de um professor que impediu um aluno de usar vestimentas religiosas. Para ele, a escola não é um espaço isolado, mas sim um reflexo das normas e valores da sociedade. Isso exige uma mudança cultural tanto dentro da sala de aula quanto entre os próprios educadores. O professor também destaca a impotência que muitos sentem ao tentar lidar com questões tão profundas e complexas, como o preconceito religioso, e como isso pode ser frustrante, especialmente quando o apoio institucional é insuficiente.

O sentimento de impotência é amplificado pela percepção de que, mesmo que os professores se esforcem para educar os alunos sobre a diversidade religiosa, muitas vezes, a sociedade e as próprias estruturas da escola não apoiam de maneira adequada essa abordagem. Isso faz com que os professores se sintam sozinhos nessa tarefa de transformar atitudes, sendo muitas vezes os únicos a tentar combater o preconceito e a discriminação em um ambiente que ainda carece de recursos, treinamentos e apoio para enfrentar essas questões.

A fala do professor sobre trabalhar as competências socioemocionais também é relevante. A educação não deve se limitar apenas ao ensino acadêmico, mas deve formar cidadãos capazes de respeitar e conviver com a diversidade. A questão é como medir e garantir que os alunos realmente desenvolvam essas competências, especialmente quando as atitudes

preconceituosas ainda se manifestam fora da sala de aula. Isso aponta para a necessidade de uma abordagem mais ampla e integrada que envolva todos os aspectos da formação do aluno, não apenas em momentos pontuais de discussão, mas como parte de uma prática contínua de inclusão e respeito.

Essa reflexão traz à tona a importância de estratégias concretas para lidar com as questões de intolerância religiosa, como a postura firme do educador, o diálogo constante e a criação de um ambiente que respeite todas as crenças. No entanto, também revela que, para realmente avançarmos, é necessário um trabalho coletivo que envolva a formação contínua dos professores, a reflexão sobre as práticas pedagógicas e o fortalecimento de um ambiente escolar que respeite e celebre a diversidade religiosa. O enfrentamento do preconceito e da discriminação religiosa, portanto, não pode ser uma ação isolada ou pontual, mas deve ser uma construção diária que envolva todos os membros da comunidade escolar.

Ambos os professores ressaltam que o enfrentamento do preconceito religioso na sala de aula não é algo fácil nem imediato. A professora M aponta que, embora a resistência persista, seus alunos já se acostumaram com as discussões sobre religião e, eventualmente, começam a se defender. Isso revela que, mesmo em um ambiente de conflito, a educação e o diálogo contínuo podem ajudar a reduzir, ainda que lentamente, as atitudes preconceituosas. No entanto, ambos os educadores reconhecem que, fora da escola, as influências familiares e sociais frequentemente reforçam o preconceito religioso, o que torna a mudança ainda mais difícil dentro do ambiente escolar.

Em resumo, a reflexão traz à tona a necessidade urgente de um trabalho coletivo, tanto entre professores quanto entre alunos e a comunidade escolar como um todo, para enfrentar a discriminação religiosa. As estratégias individuais de cada professor são importantes, mas é fundamental que essas atitudes sejam apoiadas por uma mudança cultural e institucional mais profunda, que considere o contexto social e cultural em que os alunos estão inseridos. A formação continuada dos educadores e o fortalecimento de um ambiente escolar inclusivo e respeitoso são passos essenciais para que a escola se torne, de fato, um espaço de convivência harmônica e plural.

Seguindo para a sexta questão, a mediadora complementa: Enquanto nós ainda temos dúvidas de como fazer, se podemos fazer, as situações estão acontecendo na escola, e aí eu pergunto: Quais demandas, seja formações, instrumentos pedagógicos, o que vocês acreditam que poderiam favorecer uma prática mais satisfatória?

O professor A responde rapidamente:

Formação não, pelo amor de Deus, chega. Eu ia falar isso agora, para, pelo amor de Deus se eu tiver que ter outra formação qualquer assunto, fora que tipo assim, no geral as formações que são oferecidas pela nossa rede, elas são tanto quanto rasas e não dão conta do que realmente é importante para essa questão, que é o que M coloca, e que o C também coloca de certa forma, que é essa dimensão humana, assim a gente sabe, a gente tem que primeira coisa repreender a criança, porque ela fez uma coisa que não pode ser feita não pode ser repetida, mas como lidar com o fator humano, sabe como lidar com a sensibilidade de um caso que a gente não trata dessa forma porque talvez falte essa discussão mas é um caso de violência sempre, sabe, são casos de violência, então eu acho que o professor precisa de suporte humano para trabalhar com isso, não é só uma questão de a formação conhecer, não, ele precisa de suporte humano.

A professora M completa

É aquele negócio, né, que o óbvio precisa ser dito, né, a gente precisa de uma formação, a gente já está de saco cheio de formação rasa e que ninguém quer, e que ninguém está interessado e ficou por isso mesmo, (...) O óbvio precisa ser dito, é necessário uma formação e não um curso ou qualquer coisa do tipo, uma formação uma conversa ou qualquer coisa, é precisa sentar todo mundo na frente do Cefop para assistir a live e assinar a presença talvez não, mas conversar sobre isso de uma forma de um jeito que a gente forme opiniões que precisam ser mostradas para todo mundo, olha professor, você precisa conhecer a religião de todo mundo você precisa conhecer a religião do seu aluno, você precisa conhecer o aluno que você está lidando, porque se o seu aluno, se você chegar lá no oitavo quatro e o seu aluno chamar o outro de macumbeiro você não pode ser omissivo, tá bom, porque isso é errado então assim, você tem que ensinar para alguns professores que a intolerância religiosa e coisas do tipo, são erradas, porque as vezes parece que não, parece que não é óbvio para todo mundo.

A mediadora completa: "Talvez estejamos falando aqui também sobre como agir quando a situação já aconteceu, mas e se pensarmos em como evitar que isso aconteça? Um trabalho de conscientização, de prevenção, de redução, ou seja, um trabalho intencional, algo que a escola faz de forma proativa no enfrentamento do racismo."

O professor H relatou:

O que eu faço com história sempre que eu tenho oportunidade, tipo assim, tratar de religião todos os anos um recorte temporal ou outro eu vou abordar religião sabe gente(...) repare que quando a gente fala de problemas de intolerância religiosa é uma dicotomia cristianismo África na maioria das vezes né, Brasil e ai eu tento situar assim quem é você na fila do pão. Cristianismo ai eu aponto pra turma assim, sabia que tipo, pegando todas as denominações cristãs que existem por ai, ai eles vão falando quais são as deles e tal, e tem muito mais do que isso, da aproximadamente 31% da população mundial tipo não, cristãos não são maioria em geral eles ficam espantados assim, ai eu vou além sabe o 25 de dezembro Feliz Natal Jesus Nasceu pois é, 70% da população mundial assim nivelando por cima 70%, porque assim, ainda tem uma quantidade de ateus ai que aumenta né mas tipo, não tá nem ai em termos religiosos para o 25 de dezembro?

Continua:

E ai eu falo assim, por exemplo, hoje dia 30 de setembro na real pra maioria da população do mundo, hoje não é 30 de setembro de 2024 sabe, então tipo, não, vocês seja lá qual for a hegemonia da qual você acha que faz parte tem um discurso que tá inflacionando essa hegemonia, sabe, não que eu falo nesses termos pra uma turma de sétimo ano, mas a real é essa sabe assim, e ai eles começam a se perceber, assim, a se perceber quando acontece a coisa na hora tipo, ah, você é um macumbeiro, não sei o que, não sei o que primeiro, dou aquela explicação básica de macumba não é religião sabe, né ai falo do instrumento musical e tal e tal, quando já estão cientes disso e continuam em algumas aulas, eu faço um corte seco eu falo, obrigado fulano esse foi um exemplo de intolerância religiosa, obrigado pela sua contribuição na aula, sabe, e a pessoa vai ficando mais sem graça com isso[...]

E conclui sua fala:

Assim, sabe, eu acho que é dos vários problemas, claro que a gente está fazendo um recorte de problemas que acontecem na educação, mas a gente precisa de tempo sabe, tudo isso que a gente está falando demanda tempo demanda a gente sentar em volta de uma mesa conversar, propor e assim, a gente está cada vez mais sem tempo pra resolver qualquer das coisas que aparecem sabe, ainda mais essas coisas que tem essa sutileza e que não tem uma fórmula de resolver, sabe a gente precisa de trocar experiências, a gente precisa de um espaço institucional na escola pra fazer isso que a gente está fazendo aqui agora, sabe no ambiente lá, sabe, né.

Professor A:

Eu penso também que tem uma questão, assim, quando a gente pensa numa espécie de trabalho prévio, digamos assim, pra mim eu entendo o lugar pedagógico que se ocupa, etc mas eu acho que pra mim reside mais em que a minha prática sempre seja tão imbuída de uma de um pensamento já decolonial etc que o trabalho prévio seja simplesmente as aulas que a gente tem todos os dias, sabe tipo, de que esse assunto seja um assunto que está presente ali, não que ele é falado todos os dias, mas porque há uma naturalidade, não tratar a religião alheia como excepcional não tratar a fé do outro como folclore, entender que dentro do nosso vocabulário também podem estar contidas palavras que remetem a outras religiões, e que isso é sim uma ação antirracista.

E continua:

Eu tive um professor na faculdade que todas as atividades que ele dava pra gente, foram coisas práticas, que ele ia fazer ele trocava a palavra licença de pedir licença pela palavra agô que é de Yorùbá é como você pede licença dentro de um terreiro você fala agô meu pai, agô minha mãe, agô meu mais velho enfim, pra pedir licença às vezes até mesmo pra pedir desculpa da criança porque o Yorùbá não se constitui do mesmo jeito que o português, mas sabe por que que a gente precisa tratar como exotificante sempre isso já é um pensamento racista que está embutido na gente de tratar sempre como exótico.

E discorre como a fala dos professores pode está reproduzindo preconceitos:

a própria questão de explicar a macumba não é religião, a macumba é um instrumento não sei até que ponto a gente está não está só reproduzindo uma fala colonialista, mas

também porque sim o macumbeiro é a pessoa que vai na macumba é macumbeira. A macumba também é o nome dessa reunião de pessoas dessa prática ancestral embora o nome da religião seja Umbanda, seja Candomblé seja tambor de crioula seja tambor de mina, seja batute tem um monte de nomes dependendo do lugar que você estiver mas, no Brasil inteiro você fala de uma pessoa de branco com si de conta e falou que é macumbeira e todo mundo já entende e aí? (...)

E conclui:

Então eu acho que assim eu não estou dizendo que é errado também dizer que a macumba é um instrumento eu estou questionando mesmo até que ponto a gente não está reproduzindo alguns colonialismos e pensar em fazer um trabalho prévio não seja mais um colonialismo trabalho prévio talvez precise ser esses nossos momentos de troca de experiência e conhecer outros espaços religiosos fazer digamos assim visitas técnicas já que se pensa numa formação se abrir para uma relação com o outro se abrir para uma relação com o outro que muitos professores não estão abertos para que muitos professores não estão abertos para.

O CP complementa:

A gente às vezes estava falando aqui e deu para perceber que, para agir com um aluno, é um pouco mais fácil. Agir com um jovem, agora, o problema é quando parte do outro adulto. Lidar com outro adulto é complexo. Com a criança, a gente fala, a gente é ríspido, a gente é mais enérgico. Agora, o problema é quando é com um adulto. A gente sabe que não tem muita distinção. Agora, a pergunta que estava falando é: o que a gente acha que poderia ser uma solução? Olha, eu sempre procuro tratar todo mundo com o máximo respeito possível, tudo por causa dessa cosmovisão. Volto a falar essa palavra. Então, procuro tratar todo mundo com respeito, todas as religiões, todas as denominações, tudo.

Fala sobre a importância do diálogo:

Mas esse diálogo aqui com pessoas de um grupo tão heterogêneo, poxa, me fez olhar com outro olhar que me agregou demais, entende? Então, um diálogo desse aqui, aberto, com alguém sendo a pessoa que vai, igual à “mediadora”, está fazendo aí, lançando as provocações, nos induzindo a refletir, foi muito positivo para mim. Tenho certeza que foi muito positivo para todos nós que aqui estamos, porque o professor C já comentou isso aí, não sei se foi no chat, o professor H já comentou. Então, esse é um formato de formação interessante, esse diálogo aqui heterogêneo, todo mundo expondo suas situações com muito respeito, né? Eu acho que é um dos caminhos aí para a gente diminuir esses preconceitos e, aí sim, conseguir trabalhar as religiões da melhor forma possível e extrair delas aquilo que elas têm de melhor para a nossa sociedade.

E sobre a importância de educar para integralidade, afirma:

Nós não estamos aqui formando cidadãos, nós não somos professores educadores, então a gente precisa formar o melhor profissional possível Não é o melhor em química, em arte, não. A gente vai formar um cidadão integral. Não é isso que a gente está falando? A educação integral? Então, quando eu falo integral, eu vejo que as religiões têm um papel muito importante, mas a gente tem que saber como usar e como

lidar com ela dentro desse ambiente. Então, esses preconceitos nossos têm que ser quebrados e eu acho que um meio de quebrar é a gente ouvir o diferente, ouvir a opinião que é diferente da minha, ver os diversos pontos de vista, como a gente está vendo aqui hoje. Para mim, agregou demais. Agradeço por estar participando desse momento tão importante, que foi importante para mim e tenho certeza que foi para os colegas. Eu acho que seria um dos caminhos para a gente ter uma escola cada vez melhor e realmente cumprindo o papel que a ela cabe.

A pedagoga pede a fala:

Gostaria de falar um pouquinho, gostei muito de participar também (...) Eu sempre vejo na escola uma busca ao conhecimento científico. E, quando até mesmo a própria LDB coloca a questão do ensino religioso, dessa diversidade, dessa pluralidade, de passar a informação correta, científica, para todos os alunos (...) Porque é o conhecimento que vai libertar (...) a partir desse conhecimento, elas vão começar a respeitar umas às outras, vão começar a conhecer a realidade de um e de outro, e perceber que nem todos nós somos iguais, que somos diferentes. São as diferenças que nos transformam e nos fazem ser quem somos. E são essas diferenças que nos completam. A escola, com toda essa diversidade, é o lugar onde a gente vê essa diferença. É nela que a gente vai se construindo, se transformando e respeitando.

E continua:

Mas eu vejo também que toda essa minha fala já não se vislumbra mais nas escolas. A gente não consegue ver nada disso nas escolas, porque hoje a escola virou um espaço de disputa de poder. É um grande espaço de disputa de poder, onde o sistema, quando coloca o peso em notas externas e valores, inviabiliza o trabalho do professor. E, muitas das vezes, a gente não consegue nem chegar num diálogo com o aluno sobre diversidade. A gente não consegue passar o nosso conhecimento para esse aluno, não consegue fazer uma troca, um diálogo. Não tem como fazer uma formação como estamos conversando aqui, porque isso não existe.

E continua sua crítica sobre o sistema de avaliação:

Então, durante muito tempo, com a chegada dessas avaliações externas e das pontuações, nós, enquanto escola, perdemos o nosso poder de voz. Nós não temos mais poder de voz. Conseguiram nos calar dentro dos espaços escolares. Então, como pode um espaço que foi feito para o conhecimento científico, para a liberdade, se transformar num lugar de escravidão e obediência a um poder, por conta de um valor e uma pontuação?

E continua:

Então, hoje, se a gente parar para ver, a gente não consegue trabalhar o que a gente estudou, o que a gente acredita, o que a gente gostaria que o aluno aprendesse. A gente burla uma vez ou outra uma situação, mas estamos sempre voltando àquilo que está na "caixinha", que foi imposto e colocado para que nós possamos fazer. Então, falar sobre religião na escola, ou sugerir religião na escola, fica até difícil. Diante de todo o movimento de provas, notas e avaliações, conseguimos realmente levar isso para dentro da escola e debater? Não nos é permitido isso, por conta das notas.

Sobre o cenário atual, reflète:

Se a gente parar para ver, hoje o Brasil inteiro está correndo atrás das avaliações. Os alunos fazem mais avaliações do que aprendem²⁰⁹. E, pensando que não, eles se tornam também violentos, porque, ao não conseguir atingir uma pontuação, eles se frustram. E, na sua frustração, buscam um sentido: por que ele não consegue ou o outro sim? Ele não aceita isso. Isso gera violência dentro da escola, que tem a ver com essa questão de pontuação. Eu não sei como a gente poderia ter uma possibilidade de abrir a mente para trabalhar a questão da religião na escola, do ensino religioso, de conversar sobre religiões, sobre religiosidade. Fico pensando em que momento, nessa loucura de hoje, que estamos vivendo enquanto escola, será que vamos conseguir ter esse momento? Será que vamos conseguir conversar? Será que vamos conseguir dar aula? Será que vamos voltar a conseguir ensinar ou trocar informações com os alunos? Ou mostrar algo a eles que não temos mostrado há muitos anos? Tem muitos anos que a gente não tem mostrado.

Continua:

Porque, na verdade, eu vejo assim: nós estamos igual cachorro correndo atrás do rabo dentro da escola. E assim, não conseguimos nem passar, nem aprender, nem fazer falar, nem haver troca, nem diálogo, nem crescimento, nem conhecimento. Então, que bom seria se esses momentos que estamos aqui conseguíssemos se repetir nos nossos espaços. A gente não consegue. Mal vemos as pessoas passando nos corredores de cabeça baixa. As pessoas, às vezes, não falam, se anulam ou aprendem a entrar nesse sistema. É igual aquele filme de Charles Chaplin, aquele filme em que ele está na empresa, batendo aquele martelo, e o dia vai passando, vai passando, entra e sai, mas no final, o que você deu de conteúdo? O que você fez? O que nós fizemos? Em que momento vamos falar sobre isso? Nos é dado esse momento ou não? De que maneira posso fazer ou não?

Continua sua reflexão:

A impressão que dá é que estamos caminhando para tornar as pessoas cada vez mais violentas, mais agressivas, mais arrogantes, mais impacientes, mais sem religião, mais desrespeitosas. Porque é isso que vemos hoje. Os professores, a escola hoje, somos reféns das famílias que ditam o que temos que fazer, o que temos que dar. Somos reféns. E isso tudo por causa de quê? Por causa de um sistema que delimita aquilo que temos que fazer. E hoje, somos apenas meros executores.

E, ao continuar sua crítica ao sistema de avaliação escolar externa, a pedagoga complementa:

Então, é muito complicado a gente dar uma fala, dar uma sugestão, se a partir do momento em que chegam as pontuações, pensam até em colocar números, etiquetar

²⁰⁹ Neste momento a professora está fazendo uma crítica ao sistema de monitoramento da aprendizagem proposto pela Secretaria de Educação do ES. Em nossa escola, os alunos faziam simulados de avaliações externas semanalmente em cinco disciplinas.

as escolas com números: "Essa é 10, essa é 9". Até que ponto essas avaliações realmente mostram uma realidade ou não? Isso é válido para a gente poder refletir? Que bom seria se pudéssemos dialogar, mas até isso nos foi tirado. Então, na verdade, somos calados. Estamos apenas executando. É muito difícil a gente ter uma ideia, levar uma ideia para uma direção, fazer algo. "Ah, vai fazer isso semana que vem, tem aquilo para fazer." É tanta coisa para fazer que acabamos nos deixando levar pelo movimento. É triste. É muito triste, mas essa é a minha opinião. Poderíamos ter mais tempo para isso, conversar mais, mas é assim. Eu não vejo nenhum momento em que, diante do que fazemos, eu veja tempo para isso. E nem sei se vão querer nos dar tempo para isso, porque, na verdade, ninguém quer. Ninguém que pensa, ninguém quer. Ninguém que fala, ninguém quer. Ninguém que articula, ninguém quer. Ninguém que debate, ninguém quer nada disso. Ninguém quer nada, ninguém, no sentido do sistema, do que se impõe, do que se coloca. E essa taça vai entornando em todos, até respingar na base. E aí, vemos uma base frágil, fraca, sendo levada por qualquer informação. É muito triste.

A reflexão apresentada aborda questões fundamentais sobre o papel da educação na promoção do respeito à diversidade religiosa, enfrentando o desafio de lidar com a intolerância religiosa nas escolas. Diversos professores e educadores expressaram suas opiniões sobre como o sistema educacional, as formações oferecidas aos profissionais e as exigências externas impactam o trabalho pedagógico relacionado à religião e à construção de uma sociedade mais tolerante.

O Professor A inicia destacando que as formações atuais oferecidas pela rede de ensino muitas vezes são superficiais e não abordam adequadamente as questões humanas e sociais, como o tratamento de casos de intolerância religiosa. Ele sugere que os professores necessitam de suporte humano, ou seja, um apoio que vá além do conhecimento técnico e pedagógico, para lidar com a sensibilidade das situações de violência e intolerância, que muitas vezes estão presentes no ambiente escolar.

A Professora M concorda com a crítica às formações rasas, apontando a importância de abordagens mais profundas e significativas. Ela defende que as escolas precisam de espaços de reflexão onde todos os envolvidos possam discutir questões essenciais, como a intolerância religiosa, e como trabalhar para que os professores compreendam e respeitem as diferentes crenças de seus alunos. Para ela, a escola deve ser um lugar onde as questões de diversidade sejam discutidas com seriedade e onde se possa atuar ativamente na formação da cidadania, livre de preconceitos.

A mediadora, por sua vez, destaca a necessidade de um trabalho de prevenção e conscientização, além de intervenções pontuais em situações de intolerância. A proposta de um trabalho de conscientização intencional dentro da escola é essencial para evitar a violência religiosa antes que ela aconteça.

Professor H compartilha sua experiência com a educação religiosa em sala de aula. Ele aborda a relação entre cristianismo e religiões africanas, trabalhando com seus alunos para que compreendam a pluralidade religiosa e as diferenças entre as práticas e crenças. Ele destaca a importância de ensinar sobre essas diferenças de forma não exótica ou folclórica, mas como parte do processo de decolonização do pensamento e das práticas pedagógicas. Segundo ele, uma abordagem naturalizada da diversidade religiosa pode ser mais eficiente do que treinamentos formais, e ele sugere que seja realizado um diálogo constante e práticas pedagógicas que englobem a diversidade, como visitas e trocas de experiências.

O CP também observa que muitas vezes a maior dificuldade está em lidar com os adultos, sejam eles outros professores ou pais, que têm visões preconceituosas e frequentemente não estão abertos ao diálogo. Ele reforça a importância de criar espaços de conversa aberta e respeitosa, onde todos possam compartilhar suas opiniões e refletir sobre o que é mais importante para uma educação inclusiva e livre de preconceitos.

Por fim, a Pedagoga reflete sobre a situação atual da educação, especialmente com a pressão das avaliações externas e a busca por resultados quantitativos, que acabam prejudicando o trabalho pedagógico e a promoção de uma educação baseada no conhecimento e no respeito à diversidade. Ela lamenta que a escola, em vez de ser um espaço de pesquisa, reflexão e transformação, tenha se tornado um espaço de disputa de poder, onde a liberdade e a autonomia do professor são cerceadas pelas exigências do sistema.

Sobre o assunto trazemos a reflexão de:

Se é verdade que os processos de desenvolvimento do currículo são centrais para se pensar a qualidade do serviço educativo prestado, é igualmente verdade que uma avaliação dessa qualidade focada nos resultados que os alunos obtêm em provas de exames nacionais terá influências no que passará a ser considerado fundamental nesses processos curriculares.²¹⁰

Embora a disputa política pelo delineamento do sistema educacional seja relevante, o ciclo iniciado e concluído pelas avaliações externas foi implantado de tal maneira que, mesmo quando há discursos bem-intencionados sobre os objetivos da educação em uma rede de ensino, como a promoção da formação ampla dos sujeitos, esses discursos acabam sendo absorvidos pela ênfase nos resultados dessas avaliações em larga escala.²¹¹

²¹⁰ FIGUEREDO; LEITE; FERNANDES, 2016, p. 649. Apud ALMEIDA, Luana Costa. Quando o foco passa a ser o resultado na avaliação externa em larga escala: evidências de uma rede. Educação em Revista, v. 36, e233713, 2020. p. 3-4. [online].

²¹¹ FIGUEREDO, LEITE, FERNANDES, 2016, p. 649.

Sobre as reflexões desse tópico, destacamos o desafio de incorporar o respeito à diversidade religiosa no cotidiano escolar, considerando não apenas a formação dos educadores, mas também as condições estruturais e políticas que, muitas vezes, dificultam a promoção de uma educação mais inclusiva. Para que isso aconteça, é necessário um trabalho conjunto que envolva sensibilização, diálogo constante e a criação de espaços de troca de experiências dentro da escola, onde a pluralidade religiosa possa ser discutida e respeitada de maneira natural e integrada no currículo escolar.

Para finalizar as reflexões do grupo focal, a mediadora pergunta: Quais mudanças vocês gostariam de ver na abordagem da religiosidade na escola para que ela contribua efetivamente para a formação humana, para essa formação integral? Quando eu falo de formação integral, refiro-me a esse ser que é constituído pela religiosidade ou não.

Professor C:

Eu não gosto muito da palavra "formação". Acho que ela é um termo que, sempre que participo de uma formação, me leva a perguntar aos meus colegas: "E aí, se sentiram formados?" Porque, o que para mim é a formação? A formação é diferente de uma capacitação, é diferente de um curso, é diferente de uma roda de conversa, é diferente de muitas coisas. A formação, o objetivo dela, é dar forma. Sempre que escuto a palavra formação, penso em "formar", mas no sentido de dar forma, de trazer a forma. E por que a formação nunca funciona? Ninguém sai formado, porque parece que estamos ensinando um padrão.

E continua sobre o termo "formação":

Quando a essência da pedagogia é não ter padrão, é se adaptar às situações, é ter ferramentas que você usa quando necessário. Então, quando participamos de uma formação, estamos tentando dar forma a algo que deveria ter. Acho que, se for propor algo, não deve ser chamado de "formação", porque o nome "formação" já assusta, porque é aquela coisa maçante e enjoada que vai dar uma forma e, no final, todo mundo olha e pensa: "Gente, isso nunca vai funcionar aqui." Isso funcionou para alguém em algum lugar, mas não aqui, sabe?

E sobre as demandas atuais da escola, pondera:

A única coisa que talvez eu diria é que, em um congresso que participei, ouvi de um professor muito famoso, especializado em ensino de ciências, que ele disse: "Como se espera que um professor atenda a todas as subjetividades dentro da sala de aula? Não só dos alunos com necessidades especiais, mas também daqueles sem necessidades especiais, se as suas próprias subjetividades nunca foram atendidas e respeitadas? Se, durante todo o processo de formação desse professor, ele entrou na forma de um professor, aprendeu o que um professor deve ou não pode fazer, mas nunca teve a sua própria subjetividade respeitada?" (Pausa). Como? Como essa pessoa pode? Não que ela não possa, ela pode, mas é muito complexo, porque ela não viveu esse processo, ela não sabe de onde ele vem.

O professor continua refletindo sobre as subjetividades dos professores:

Então, acho que talvez o primeiro passo, se queremos alcançar o educando – vamos chamá-lo de educando nesse momento –, seja ouvir a subjetividade dos professores. O que ele fez? O que ele tem? O que ele traz? Eu nunca vi um lugar com apoio psicológico para os professores, porque eles também fazem parte do processo de aprendizagem. Eu vi assim: "Nossa, que maravilhoso! Temos agora atendimento de assistente social e psicólogo para nossos alunos!" Aí chegam as psicólogas e assistentes sociais, e a gente não consegue atender nem a demanda dos alunos. E os professores, tadinhos, têm que ensinar projetos de vida, lidar com todas as competências socioemocionais de 140 alunos. Eles não conseguem lidar com a própria competência socioemocional, estão destruídos emocionalmente. E como ficam? O que a pedagoga acabou de falar: estamos na lógica do capital, na velocidade da acumulação do capital, o neoliberalismo dentro da escola. Uhu! Dane-se ser uma pessoa, precisamos de um número no final. E tem uma pessoa que está ali no meio desse processo de ensino-aprendizagem e ninguém a está ouvindo, ninguém está escutando, ninguém está sabendo qual é a subjetividade dele. O que ele vai fazer?

E também reflete sobre a sobrecarga dos professores no sistema educacional atual

Eu acho que, se der para o professor mais alguma coisa para fazer, ele desmonta, cai no chão, desmaia, né? No meio dessa lógica. Mas, como falamos desde o começo, a religião tem um lugar na nossa vida, assim como tem um lugar na vida dos alunos, seja com ou sem uma doutrina a ser seguida. Então, existe esse lugar. A religião faz parte desse aluno. Eu não concordo que ela deva ser uma disciplina institucional, porque acho que isso abre brecha para que seja feita a catequese. Porque, assim, se tenho uma aula institucional de ensino religioso, corre um grande risco de ser um licenciado em teologia quem dá esse curso. E esse licenciado, formado em uma instituição confessional, vai catequizar os alunos. Isso já é uma opinião minha. Como sempre digo, as minhas opiniões podem ser jogadas fora, porque elas não valem de muita coisa, mas acho que, institucionalmente, corremos esse risco maior tendo esse tipo de abordagem.

O professor sugere a importância de envolver a comunidade escolar no desenvolvimento integral do aluno

Enfim, o que eu quero dizer é que talvez minha sugestão para o curso e para a formação dos alunos como seres é que isso seja visto como algo comum entre os professores. E depois, esse trabalho seja feito com os pais dos alunos. Quando vemos a LDB, a educação da criança é responsabilidade da sociedade, da família e do Estado. Então, precisamos ter um projeto que não tenha como finalidade a aprendizagem do aluno, porque o que estamos tratando aqui, dada a sua dimensão, não é uma habilidade a ser aprendida ou alcançada. Não vamos conseguir medir. Mas talvez seja um processo político-pedagógico que precisamos abraçar toda a comunidade escolar. Isso pode dar mais trabalho, mas é uma sugestão para a discussão da sua dissertação.

E conclui, refletindo sobre o papel da sociedade na formação do cidadão

Se queremos formar um cidadão com desenvolvimento integral, o desenvolvimento dele é em sociedade. Não podemos tirar essa pessoa, esse cidadão, esse ser subjetivo da sociedade e querer que ele aprenda uma habilidade social. Então, precisamos juntar todos – a comunidade, os líderes religiosos. Vamos ao terreiro, ao quilombo, ao culto. Vai que ninguém tenha ido ao culto, não sabe como funciona. Vai lá também, para a gente conhecer tudo e entender enquanto sociedade. Acho que é isso.

A Pedagoga pede para falar e começa refletindo sobre a importância da formação continuada:

Eu penso que tem que ter muita formação continuada. Eu sou uma defensora da formação; tem que ter, porque, se a gente não der continuidade naquilo que a gente estudou... Por exemplo, você é um professor que se formou no ano de 90. Se você não tiver uma formação continuada, como você vai estar com aquela ideia lá dos anos 90? Como você vai atuar e trabalhar com isso, com tantas demandas novas e com uma sociedade totalmente diferente daquele tempo em que você estudou?

E reflete sobre as limitações da formação imposta pela Secretaria de Educação (SEDU):

Então, assim, eu defendo muito a formação continuada. Não essa que a gente tem, que a SEDU impõe e coloca, define e determina. Porque essa formação que a gente faz na SEDU é água com açúcar, não faz diferença nenhuma, não muda em nada. É uma formação em serviço, onde a gente sai do planejamento para ir lá. Isso não é uma formação, mas é o que eles defendem. Enfim, eles predeterminam o que vai ser feito.

Fala sobre a necessidade de uma formação para o ensino religioso:

Mas eu acho que, com relação ao assunto do ensino religioso, precisamos ter conhecimento, precisamos ter formação relacionada a isso, para que possamos passar o conhecimento de maneira correta. Precisamos mostrar aos alunos que cada um ali, dentro da sala de aula, pertence a uma religião e que precisamos conversar sobre todas elas. Porque, senão, esse aluno vai aprender com quem? Em casa, ele não vai aprender. A escola é, sim, um espaço que precisa ter uma disciplina de ensino religioso. Eu também acredito nisso.

Argumenta sobre a importância do ensino religioso na escola como espaço de diversidade:

São assuntos polêmicos que, se o aluno não tiver ali, naquele espaço coletivo – que é exatamente o espaço correto para ele ter essa informação, já que ali há uma diversidade misturada – ele não vai poder trocar informações, conhecer, aprender e respeitar. A escola também é esse espaço de passar essa questão do respeito e do conhecimento. É ali que tem que estar mesmo. E nós precisamos ter tempo para também aprender e estudar sobre isso, porque muitas vezes, mesmo tendo boa intenção de estar passando, ensinando e informando, a maneira como fazemos isso não tem um embasamento teórico tão forte.

A pedagoga ainda critica a forma como a formação é pensada e não executada:

Porque tudo que vamos fazer é pensado demais, e acaba não sendo feito. Pensamos muito porque precisamos primeiro pensar no aluno, na família, no pedagógico, na

direção, no sistema. E aí, muitas vezes, a ideia nem é colocada em prática de tanto que se pensa. Pensa-se tanto, busca-se, fala-se tanto para tanta gente, que acabamos não concretizando.

E reafirma a importância da formação e do ensino religioso, e sugere alternativas:

Então, eu penso que tem que ter formação. Tem que ter ensino religioso na escola. Tem que ter troca de informações, tem que ter espaços de conversa, tem que ter rodas de conversa, tem que ter pesquisa, tem que ter campo de pesquisa. Precisamos falar sobre tudo o que precisa ser falado com os nossos jovens, porque na família e em casa eles não estão recebendo essas informações. E aí, se a gente não passar, se a escola não passar, se a gente não passar, com quem eles vão aprender? Como vão falar? Como vão debater? Vão ser levados pelas conversas de TikTok, de coach? Eles vão acreditar nisso que estão vendo, porque estão com o celular 24 horas na mão. Vão acreditar nesses personal influencers? Em quem eles vão crer?

Por fim, conclui a reflexão sobre a necessidade de mais diálogo e de criar condições para a mudança:

Não, a gente precisa estar conversando com os alunos sobre isso. Precisamos de espaço para isso e precisamos criar condições para isso. Ah, mas hoje nós não temos. Então, vamos criar condições para isso. Como? Vamos sentar e conversar. É conversando que conseguimos algumas coisas, né? Sempre conversando, porque somos seres inacabados, não somos completos. Passamos por transformações o tempo inteiro. Não somos os sabedores de tudo. Buscamos conhecimento constantemente, nos transformamos e nos fazemos o tempo todo. E é por aí que é o caminho. Eu penso assim.

As falas dos professores trazem reflexões importantes sobre o papel da religiosidade na escola e a formação integral dos indivíduos, especialmente no contexto de professores e alunos. Uma das principais questões levantadas é a formação dos professores. O Professor C critica a ideia tradicional de “formação” como algo que impõe uma “forma” ao indivíduo, sugerindo que essa abordagem não reconhece a diversidade das experiências e subjetividades dos educadores. Ele propõe que a subjetividade dos próprios professores seja respeitada e considerada, com apoio psicológico e espaços dedicados ao cuidado emocional. A mudança sugerida é que a formação dos educadores deve ser mais inclusiva, considerando suas experiências pessoais e oferecendo suporte para que suas necessidades emocionais sejam atendidas.

Além disso, o Professor C reflete sobre a religiosidade no ambiente escolar, alertando para o risco de institucionalizar o ensino religioso ao ponto de permitir a catequese, especialmente quando a formação dos professores está ligada a instituições confessionais. Ele sugere que a escola deve ser um espaço de diálogo, onde diferentes visões religiosas sejam respeitadas, sem a imposição de uma doutrina única. A mudança proposta é substituir um componente curricular formal de ensino religioso por um ambiente onde diversas crenças e

práticas religiosas sejam discutidas, promovendo a compreensão mútua entre professores, alunos, pais e a comunidade escolar.

Sobre este assunto, trouxemos as reflexões de Gruen, que distingue as funções da catequese, feita através da experiência cristã e da reflexão à luz da fé em Cristo, das funções do ensino religioso escolar, relacionado à educação da religiosidade. Esta tarefa, por sua vez, deve ser realizada através da experiência e da reflexão, na medida das possibilidades do educando. Desta forma, o conhecimento não seria o principal objetivo das aulas de ensino religioso escolar, mas sim o desenvolvimento da capacidade de reflexão.

Acerca da religiosidade, Gruen (1974) a define como:

A atitude dinâmica de abertura do homem ao sentido radical de sua existência. Não se trata de “mais uma” atitude ou função: a religiosidade é a dimensão mais profunda de todas as funções da vida humana –ou melhor, da totalidade da vida humana (cf. Paul Tillich).²¹²

Assim, Gruen concebe o “religioso” do Ensino Religioso a partir da religiosidade e pensa que seu papel escolar é oferecer “uma educação à abertura e ao questionamento, uma descoberta existencial da vida no que ela tem de mais amplo e profundo; ou seja, trata-se de uma educação no sentido pleno da palavra.” Ele destaca a importância de o docente utilizar a linguagem de um observador externo, e não de um participante daquele grupo ou ritual. Além disso, ressalta a importância de se evitar tanto o uso de uma linguagem dominada, caracterizada por ser despolitizada e alienada da realidade, quanto de uma linguagem dominadora, que só admite a própria voz e silencia as demais. “A linguagem e a metodologia no Ensino Religioso escolar devem gerar libertação, e não a sujeição do educando.”²¹³ Para ele;

O objetivo é preparar os professores para tratar questões religiosas de forma crítica e informada, respeitando a pluralidade de crenças. Além disso, é importante criar espaços de discussão e aprendizagem sobre as diversas crenças e práticas religiosas, promovendo o respeito e a inclusão.²¹⁴

Dessa forma, entendemos que a educação escolar deve contribuir para que os estudantes construam sentidos de vida diversos e de qualidade, orientando seus projetos de vida. Temas como autoconhecimento, diversidade familiar, afetividade, ética, direitos humanos, questões

²¹² GRUEN, 1974, p. 2. Apud BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; SIQUEIRA, Gisela do Prado. O ensino religioso, a relação educador-educando e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC e o Currículo Referência de Minas Gerais – CRMG. Revista Pistis Prax., Teologia e Pastoral, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 497-522, jan./abr. 2021. p. 507

²¹³ GRUEN, 1974, p. 5. Apud BAPTISTA; SIQUEIRA, 2021, p. 507.

²¹⁴ GRUEN, 1974, p. 5. Apud BAPTISTA; SIQUEIRA, 2021, p. 507.

ambientais e sociopolíticas são fundamentais nesse processo, e o Ensino Religioso (ER) na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aborda essas possibilidades de forma abrangente. O Ensino Religioso Escolar (ERE), inspirado em Gruen, coloca o educando no centro do processo educativo. Ele não se limita ao conteúdo sobre fenômenos religiosos ou à transposição das Ciências da Religião, mas se fundamenta na Educação, Filosofia e Ciências Humanas, respeitando o desenvolvimento psicopedagógico de crianças, adolescentes e jovens.²¹⁵

A formação continuada também é destacada pela Pedagoga, que enfatiza a necessidade de atualização constante dos professores para lidar com as mudanças sociais e educacionais, incluindo a diversidade religiosa. Costa sugere que a formação contínua deve incluir temas relacionados ao ensino religioso e à diversidade cultural e religiosa, com uma abordagem tanto teórica quanto prática.”²¹⁶

A Pedagoga também aborda a criação de espaços de diálogo, como rodas de discussão, onde os alunos possam aprender sobre a diversidade religiosa. Ela vê a escola como um lugar fundamental para o diálogo, alertando que, sem esses espaços, os alunos podem ser influenciados por informações distorcidas nas redes sociais. A mudança proposta é que a escola crie condições para que os alunos possam debater e aprender sobre questões religiosas e culturais de forma segura, respeitosa e reflexiva, desenvolvendo pensamento crítico e o respeito à diversidade.

Tanto o Professor C quanto a Pedagoga destacam a importância de uma abordagem comunitária e integrada para a formação integral do aluno. Isso implica envolver toda a comunidade escolar — professores, alunos, pais e líderes religiosos — em um processo educacional que respeite as diferenças e promova a convivência harmoniosa. A mudança sugerida é que a escola seja um reflexo da sociedade, onde a diversidade de crenças e culturas seja reconhecida e respeitada. Isso exige um esforço coletivo e contínuo, envolvendo todos os membros da comunidade escolar e local, com o objetivo de promover o respeito e a compreensão entre diferentes crenças.

Em resumo, as mudanças sugeridas incluem uma formação mais humana e integral para os professores, que valorize suas subjetividades e os prepare para lidar com a diversidade religiosa de maneira sensível e respeitosa. Propõe-se, ainda, a criação de espaços na escola para o diálogo e a troca de experiências religiosas, fundamentados em uma abordagem plural e

²¹⁵ BAPTISTA, PAULO AGOSTINHO NOGUEIRA; SIQUEIRA, GISELI DO PRADO. O Ensino Religioso, a relação educador-educando e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC e o Currículo Referência de Minas Gerais – CRMG. *Revista Pistis Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 497-522, jan./abr. 2021. p. 509-510.

²¹⁶ COSTA, 2018, p. 306-316.

inclusiva, sem qualquer imposição de doutrinas. A religiosidade, nesse contexto, deve ser compreendida como uma dimensão importante da vida dos indivíduos, mas sem ser rigidamente institucionalizada. A formação de cidadãos críticos, respeitosos e integrados na sociedade requer uma educação que valorize a diversidade e promova o diálogo entre diferentes culturas e crenças.

Dessa forma, ao se analisar os resultados práticos desta dissertação e com o objetivo de auxiliar as escolas na criação de ambientes propícios ao diálogo e ao respeito à diversidade, propõe-se o projeto de Formação Continuada para Professores sobre Diversidade Religiosa, detalhado no Apêndice D. Este projeto visa envolver toda a comunidade escolar, promovendo estratégias que fomentem o diálogo entre docentes e oportunidades para que alunos compartilhem experiências e aprendam sobre a diversidade religiosa de forma crítica e reflexiva.



CONCLUSÃO

Este estudo, ao analisar a abordagem da religiosidade nas escolas, permitiu refletir sobre a importância da religião dentro da concepção de educação integral do aluno. A educação integral é entendida como um processo que busca desenvolver todas as dimensões do ser humano — intelectual, emocional, social e espiritual — visando formar cidadãos plenos e capazes de atuar de maneira crítica e ética na sociedade. Dentro dessa perspectiva, a religião surge não apenas como uma área de conhecimento específico, mas como um elemento que permeia e potencializa o processo formativo, tanto no que diz respeito à identidade individual dos alunos quanto no desenvolvimento de suas habilidades sociais e emocionais.

No entanto, os dados e reflexões levantados durante o estudo apontaram que, apesar da religiosidade ser uma dimensão significativa da experiência humana, ela ainda é tratada de maneira superficial ou, muitas vezes, negligenciada no âmbito escolar. Isso se deve, em grande parte, à ausência de formação adequada dos educadores e à falta de espaços de reflexão sobre a diversidade religiosa dentro da escola. Quando a religião é abordada de maneira formal, como um componente curricular com conteúdos pré-definidos, há um risco alto de se transformar em um espaço de catequese ou de imposição de uma visão religiosa única. Além disso, a abordagem dogmática pode afastar os alunos da reflexão crítica sobre diferentes crenças e práticas religiosas, em vez de aproximá-los da compreensão e do respeito à pluralidade.

A religiosidade, quando tratada de forma reflexiva e plural, tem um papel fundamental no desenvolvimento integral do aluno. A escola, enquanto instituição educativa, deve ser um espaço onde o aluno tenha a oportunidade de refletir sobre sua própria identidade religiosa e compreender a diversidade de crenças presentes na sociedade. Isso vai além de ensinar sobre religiões ou doutrinas específicas; trata-se de criar um ambiente onde as questões religiosas possam ser debatidas de forma respeitosa, sem preconceitos ou discriminação. Esse processo de reflexão e compreensão das crenças alheias contribui diretamente para a formação de cidadãos mais empáticos, respeitosos e éticos, valores fundamentais para a convivência em uma sociedade plural.

Contudo, um dos principais pontos destacados pelos educadores foi a falta de uma formação sólida e adequada sobre a diversidade religiosa nas escolas. Muitos professores revelaram que a formação oferecida nas instituições de ensino é, em grande parte, superficial e não contempla adequadamente as dimensões espirituais e religiosas dos alunos. Para eles, o sistema de ensino não tem preparado os professores de forma suficiente para lidar com as complexas questões religiosas que surgem no cotidiano escolar, resultando em um ambiente

onde a diversidade de crenças e práticas religiosas pode ser tratada de maneira superficial ou até mesmo ignorada.

Nesse sentido, a formação continuada dos educadores foi apontada como um ponto fundamental para melhorar a abordagem da religiosidade nas escolas. Muitos participantes sugeriram que a formação dos professores não se limitasse a aspectos técnicos, no sentido de transmitir conteúdos curriculares, mas deve abranger também aspectos relacionados à ética, ao respeito à diversidade e ao cuidado com as subjetividades dos alunos. Como apontado pelos educadores participantes deste estudo, é fundamental que os professores recebam suporte emocional e psicológico para que possam lidar com suas próprias crenças e com a diversidade religiosa de seus alunos de maneira respeitosa e equilibrada.

O estudo também apontou a importância de a escola se tornar um espaço de convivência e aprendizado em que os alunos possam compartilhar suas experiências religiosas e culturais. Nesse sentido, a escola deveria ser um ambiente onde as diferenças religiosas sejam não apenas respeitadas, mas também celebradas, em um contexto de troca e enriquecimento mútuo. Para isso, é essencial que a escola crie espaços de diálogo, como rodas de conversa, grupos de estudo ou projetos interdisciplinares, nos quais a religiosidade seja tratada de maneira crítica, reflexiva e inclusiva. Isso permitirá que os alunos aprendam sobre as diferentes práticas religiosas não apenas como um conteúdo acadêmico, mas também como uma oportunidade para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, como empatia, respeito e capacidade de convivência com a diversidade.

No entanto, para que esses espaços de diálogo sejam efetivos, é necessário que os professores se sintam preparados e apoiados para tratar de questões religiosas com a devida sensibilidade. A formação docente, portanto, precisa incluir ferramentas que possibilitem aos educadores lidar com temas delicados de forma ética, sem recorrer a imposições ou abordagens dogmáticas. A mediadora do grupo focal destacou que um dos maiores desafios para os educadores é a pressão do sistema educacional por resultados quantitativos e avaliações externas. Muitas vezes, o foco excessivo no desempenho acadêmico prejudica a promoção de uma educação mais humanizada, que considere as diferentes dimensões da identidade dos alunos, incluindo a religiosa. Para reverter essa situação, seria necessário repensar as formas de avaliação escolar, para que estas não se limitem a medir apenas o conhecimento acadêmico, mas também o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e de convivência.

A criação de um ambiente escolar verdadeiramente inclusivo exige mais do que adaptações curriculares; ela exige uma mudança de mentalidade, que envolva tanto a formação de professores quanto o desenvolvimento de novas práticas pedagógicas. Além disso, é preciso

que haja uma conscientização de toda a comunidade escolar sobre a importância da tolerância religiosa e do respeito às diferenças, o que inclui tanto o respeito à diversidade de crenças quanto a promoção de valores como a paz, a solidariedade e a convivência harmônica.

Em última instância, a escola deve ser um espaço onde a religiosidade, longe de ser tratada como um tema marginal ou secundário, seja vista como uma dimensão importante da formação integral do ser humano. A educação, nesse sentido, deve ser compreendida como um processo que não se limita à transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas que envolve a formação de cidadãos plenos, capazes de refletir sobre sua própria identidade e respeitar a identidade dos outros. Nesse contexto, a religiosidade, quando abordada de maneira sensível e respeitosa, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de habilidades sociais e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

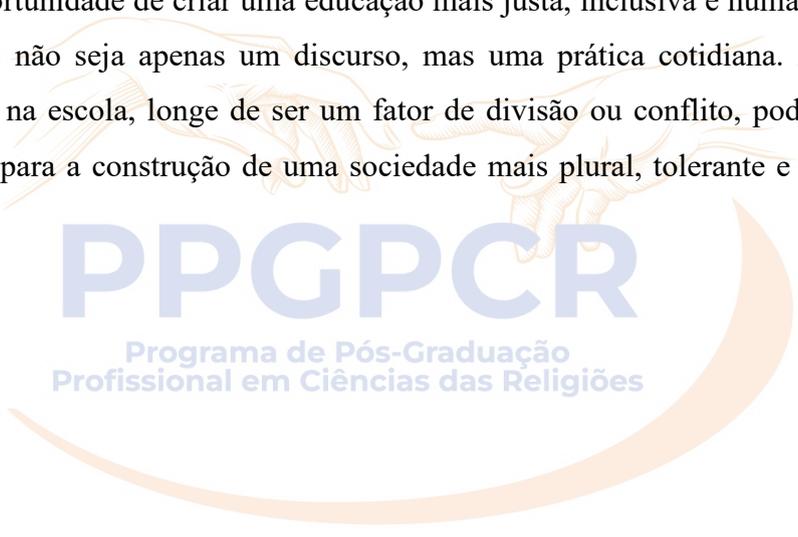
A educação integral, ao incorporar a religiosidade como uma dimensão importante da formação do aluno, contribui para a construção de uma escola que valoriza a identidade e as experiências individuais dos alunos, respeitando suas crenças e promovendo um espaço de diálogo intercultural e inter-religioso. A escola não deve ser um lugar onde a religião seja imposta, mas sim um ambiente onde os alunos possam explorar e discutir as diferentes visões de mundo e práticas religiosas, promovendo o desenvolvimento de um pensamento crítico, ético e solidário.

Além disso, ao integrar a religiosidade dentro do conceito de educação integral, a escola pode se tornar um espaço mais acolhedor e inclusivo, onde todas as crenças são respeitadas e onde os alunos são estimulados a compreender a importância da tolerância e do respeito à diversidade. Isso não só fortalece a formação moral e ética dos estudantes, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Ao tratar da religiosidade de forma reflexiva e crítica, a escola pode desempenhar um papel crucial na construção de uma sociedade que valorize as diferenças e respeite as crenças e culturas diversas.

Entretanto, para que a religiosidade seja efetivamente integrada na educação integral, é necessário um esforço conjunto de toda a comunidade escolar. Isso envolve a participação ativa dos pais, dos alunos, dos educadores e dos líderes religiosos, criando um ambiente de aprendizado que seja realmente inclusivo. Como sugerido pelos participantes do estudo, a religiosidade não deve ser tratada de maneira isolada, mas como parte de um processo mais amplo de construção de conhecimento e cidadania. A proposta de integrar práticas pedagógicas que promovam o diálogo entre diferentes religiões, por meio de atividades interdisciplinares e espaços de reflexão conjunta, é um caminho promissor para tornar a escola um espaço mais inclusivo e respeitoso.

Em síntese, a religiosidade, dentro da concepção de educação integral, deve ser entendida como uma dimensão vital do desenvolvimento humano, que deve ser abordada de maneira crítica, reflexiva e respeitosa dentro do ambiente escolar. O estudo apontou que, para que a educação religiosa contribua de fato para a formação integral do aluno, é necessário que a escola seja um espaço de diálogo, aprendizado e respeito à diversidade religiosa. Isso implica em uma mudança significativa na forma como a religiosidade é abordada na educação, indo além da simples transmissão de conteúdos e promovendo uma educação que forme cidadãos críticos, éticos e respeitosos. Portanto, a integração da religiosidade no conceito de educação integral é um passo fundamental para a construção de uma escola mais inclusiva, que valorize a diversidade e contribua para a formação de uma sociedade mais tolerante e solidária.

Esse processo de transformação educacional exige esforços contínuos, mas também oferece a oportunidade de criar uma educação mais justa, inclusiva e humana, onde o respeito às diferenças não seja apenas um discurso, mas uma prática cotidiana. Assim, o papel da religiosidade na escola, longe de ser um fator de divisão ou conflito, pode ser um elemento fundamental para a construção de uma sociedade mais plural, tolerante e consciente de suas diversidades.



PPGPCR
Programa de Pós-Graduação
Profissional em Ciências das Religiões

REFERÊNCIAS

- ALVES, Alan Nickerson. A influência pedagógica do ensino religioso para a formação cidadã. **Diversidade Religiosa**, v. 1, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dr/article/view/25445> . Acesso em: 11 jan. 2025.
- ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas, SP: Papirus, 1984.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- ALVES, Rubem. **O que é religião?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ARROYO, 2012. p..33. Apud MOLL, Jaqueline et al. Caminhos da Educação Integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: **Penso**, 2012. P. 33-45. p.37
- BAPTISTA, PAULO AGOSTINHO NOGUEIRA; SIQUEIRA, GISELI DO PRADO. O Ensino Religioso, a relação educador-educando e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC e o Currículo Referência de Minas Gerais – CRMG. **Revista Pistis Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 497-522, jan./abr. 2021. p. 509-510.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/YDnWhSkP3tzfXdb9YRLCPjn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2025.
- BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Vitória: Editora Unida, 2019.
- BITTENCOURT, Jane. Educação integral no contexto da BNCC. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 1759-1780, out./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2019v17i4p1759-1780>. Acesso em: 26 nov. 2024.
- BONATO, Nailda M. C.; COELHO, Lígia Martha C. da C.; MENEZES, Janaína S. da S. Educação integral, ensino integral e tempo no pensamento de Rui Barbosa. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 44, p. 275-292, 2011.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. A. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BRANDENBURG, Laude Erandi. Identidade e educação – muito além do currículo? In: KLEIN, Remí; BRANDENBURG, Laude; WACHS, Manfredo Carlos (Orgs.). Ensino Religioso: diversidade e identidade: **V Simpósio de Ensino Religioso** – 29 a 31 de maio de 2008. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 18-25. p. 18.
- BRASIL. **Constituição Federal**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRASIL. **Educação integral/educação integrada e(m) tempo integral**: concepções e práticas na educação brasileira – Mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil. Brasília: Ministério da Educação, 2009d.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases**. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação 2014-2024**: lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Brasília, DF: MEC, 2014.

BRASIL. **Redes de Saberes Mais Educação: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2009.

BRASIL. **Resolução CNE/CP n. 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CADERNO 1. **O que é educação integral**. Currículo e Educação Integral: uma referência para estados e municípios. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/curriculo-na-educacao-integral/wp-content/uploads/2019/01/part-1-o-que-e-educacao-integral.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

CAETANO, Andressa M.; GOMES, Vitor. **Educação e inclusão**. Vitória: UFES, Secretaria de Ensino a Distância, 2011.

CAMARGO, Thiago D. de. **Educação integral e espiritualidade: os benefícios dessa relação para a formação integral do ser humano**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CARDANO, Mário. **Manual de pesquisa qualitativa**: contribuição da teoria da argumentação. Petrópolis: Vozes, 2017.

CÁRMES, Ana. **Para CNBB, ensino religioso faz parte da educação integral**. UOL Educação, 23 ago. 2009. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2009/08/23/para-cnbb-ensino-religioso-faz-parte-da-educacao-integral.htm>. Acesso em: 24 nov. 2024.

CARNEIRO, S. de S. (2004). **Religião, política e educação no Rio de Janeiro**. Revista Rio de Janeiro, (13-14), 123-148.

CAVALIERE, Ana Maria. **Anísio Teixeira e a educação integral**. Paidéia, Rio de Janeiro, v. 20, n. 46, p. 249-259, 2010.

CAVALIERE, Ana Maria. **Escolas de tempo integral versus alunos em tempo integral**. Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 51-63, 2009.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM EDUCAÇÃO INTEGRAL. **Centro de Referência em Educação Integral**. Disponível em: <https://www.educacaointegral.org.br>. Acesso em: 10 maio 2024.

COELHO, Lígia Martha. **Integralismo, anos 30: uma concepção de educação integral**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. 2003. Disponível em: <https://www.teiaufmg.com.br/wp-content/uploads/2014/07/integralismo.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2024.

COLARES, Anselmo A.; GOMES, Marco Antonio de O.; COLARES, Maria Lília I. S. História e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas: uma reflexão necessária. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 38, p. 197-213, 2012.

COSTA, Natasha. **É hora de territorializar a escola pública brasileira**. Centro de Referência em Educação Integral, 2020. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/e-hora-de-territorializar-escola-publica-brasileira/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

COSTA, Waldney de S. R. **Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber**. Sacrilegens, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 3-24, 2017.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPED, set./out./nov./dez. 2004.

DRESCH, Paulo Cesar. Feuerbach e a ideia de Deus: a natureza como confluência intrínseca entre o homem e a religiosidade. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, [S.l.], v. 1, n. 7, p. 1-12, 28 set. 2018.

DIETRICH, Julia Nader. **O tempo na educação latinoamericana: análise sobre a relação entre a quantidade de horas na escola e a proficiência em linguagens e matemática de estudantes do 3º ano da educação básica**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Eduardo Lúcio Nogueira. 9. ed. Lisboa: Presença, 2004.

ECCO, Clóvis; ARAÚJO, Cristiano Santos. **A religião e o sagrado nas dobras de poder**. *Revista Contemporânea*, n. 10, 2015.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

FIGUEIREDO, Nestor. **Sobre a definição de religião: historiografia, críticas e possibilidades**. REVER: Revista de Estudos da Religião, v. 20, n. 3, p. 271-294, 2020.

FIGUEREDO; LEITE; FERNANDES, 2016, p. 649. Apud ALMEIDA, Luana Costa. **Quando o foco passa a ser o resultado na avaliação externa em larga escala: evidências de uma rede**. Educação em Revista, v. 36, e233713, 2020.

FISCHMANN, Roseli. **Estado laico, educação, tolerância e cidadania: para uma análise da concordata Brasil-Santa Sé**. São Paulo: Factash Editora, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Cezar Ricardo de; FIGUEIREDO, Ireni Marilene Zago. As concepções de educação integral e integrada em John Dewey. **Trabalho & Educação**, v. 29, n. 2, p. 197-215, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/19618>. Acesso em: 8 out. 2024.

FRITZ, Joelma G. C. C. **Inclusão digital e diversidade religiosa: um estudo de caso na escola de Ensino Fundamental Adilson da Silva Castro no Município de Vitória/ES**. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2021.

GADOTTI, Carlos. **A educação contra a barbárie: por uma ética mundial**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 26-27.

GADOTTI, Moacir. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. São Paulo: Cortez, 2009.

GATTI, Bernadeth citado em GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. **É Imprescindível educar Integralmente**. Cadernos de Educação. São Paulo, 2006, p. 50.

GEERTZ, Clifford. A religião como sistema cultural. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, Antonio. C. **Gestão de pessoas: enfoque nos Papéis Profissionais**. São Paulo: Atlas. 2006

GIUMBELLI, E., & Carneiro, S. de S. (2004). Ensino Religioso no Estado do Rio de Janeiro - Registros e Controvérsias. *Comunicações do Iser*, (60), 1–154.

GIUMBELLI, E. (2011). Ensino religioso e assistência religiosa no Rio Grande do Sul: quadros exploratórios. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 11(2), 259–283. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2011.2.9648>

GOMES, Leandro. **Para Marx, a alienação era central para a compreensão do capitalismo**. Jacobin Brasil, 10 jan. 2022.

GRUEN, 1974, p. 2. Apud BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira; SIQUEIRA, Gisela do Prado. O ensino religioso, a relação educador-educando e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC e o Currículo Referência de Minas Gerais – CRMG. **Revista Pistis Prax.**, Teologia e Pastoral, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 497-522, jan./abr. 2021. p. 507

GRUEN, Wolfgang, 1974, [sp]. Apud BRASIL, Taciana. O ensino religioso na educação integral: contribuições metodológicas. **Educação**, Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 1-10, 2022, p. 2.

GUARÁ, Isa Maria F. Rosa. É imprescindível educar integralmente. **Cadernos Cenpec**, n. 2, jul./dez. 2006.

GUARÁ, Isa Maria Ferreira da Rosa. **Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola.** Em Aberto, Brasília, DF, v. 22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.

ITAÚ SOCIAL. **Cada hora importa: desigualdades educacionais no Brasil.** [S. l.: s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/09/CadaHoraImportaVF.pptx.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2025.

KÜNG, Hans. **Projeto de ética mundial: uma moral para a sobrevivência da humanidade.** São Paulo: Paulinas, 1993. p.209.

KÜNG, H., **O princípio de todas as coisas.** Petrópolis: Vozes, 2007. p. 60.

LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus, professor, adeus professora? São Paulo: Cortez, 2002. p. 62.

LIMA, Célia Fernanda. Respeito à diversidade religiosa começa com o conhecimento. Lunetas, 30 mar. 2023. Disponível em: <https://lunetas.com.br/respeito-a-diversidade-religiosa-comeca-com-o-conhecimento/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel: Introdução. In: MARX, Karl. Textos Filosóficos. São Paulo: Martin Claret, 2005.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. O impacto da globalização na educação: um desafio para o século XXI. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 25.

MOLL, J. Entrevista ao Centro de Referências em Educação Integral. 2019. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MOLL, Jaqueline. A política de educação integral no Brasil: Mais Educação. In: CENPEC. Colóquio Educação Integral. São Paulo, 2010.

MOLL, Jaqueline. Entrevista concedida ao Centro de Referência em Educação Integral. Porto Alegre, 2013.

MOLL, Jaqueline. Fórum Nacional de Educação Integral. Intersetorialidade na Educação Integral. Educação Integral, 2021. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/intersetorialidade-na-educacao-integral/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MONNERAT, Giselle Lavinias; SOUZA, Rosimary Gonçalves de. Política social e intersetorialidade: consensos teóricos e desafios práticos. SER Social, Brasília, v. 12, n. 26, p. 200–220, 2010. DOI: 10.26512/ser_social.v12i26.12708. [online]. p. 203.

PAIVA, Andréa Lúcia da Silva de. A religião e seus retalhos. In: Humanidad en Red: Red de Intelectuales y Artistas en Defensa de la Humanidad. 2021. Disponível em: <https://2humanidadenred.blogspot.com/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

PAIVA, Andrea. Dinâmica do sagrado: falando de religião no ensino de sociologia. Revista Inter-Legere, Natal, ISSN 1982-1662, n. 18, jan./jun. de 2016, p. 95-115.

PAIVA, Andreia Lúcia da S. de. Quando a religião vai à escola: desafios e perspectivas no campo educacional brasileiro. *Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, (29), 2023.

PAIXÃO, Gleides Pulcheira. A religião na formação social de jovens. 123 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Faculdade Unida de Vitória, Vitória, 2017.

PARO, V. H. Educação integral em tempo integral: uma concepção de educação para a modernidade. *Educação integral em tempo integral: estudos e experiências em processo*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009, p. 13-20.

PAULA, Júlia da M. M.; MARTINS, Marcelo L. D. R.; ANGELO, Vitor A. Educação em tempo integral no Espírito Santo: história, conceitos e metodologias. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2021. E-book.

PEREIRA, Anna Karolina Braga; JAJAH, Morisa Martins. O ensino religioso confessional nas escolas públicas e a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4439. *Revista Alpha*, Patos de Minas: Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM), v. 20, n. 1, p. 18-29, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha>. Acesso em: 18 out. 2024.

PETERS, Gabriel. Como se Deus não existisse: da secularização ao pluralismo na sociologia da religião de Peter Berger. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 2, n. 50, 2019, p. 296-311.

RIBEIRO, Darcy. Educação integral: bases teóricas e práticas para a escola do futuro. Brasília: Editora Plano, 2020.

RODRIGUES de Abreu, Nelsio; BALDANZA, Renata Francisco; GUEDES GONDIM, Sônia M. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. *JISTEM: Journal of Information Systems and Technology Management*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 5-24, 2009.

RODRIGUES, Elisa. Ciências da religião e ensino religioso: efeitos de definições e identificações na construção dos campos. *Rever*, a. 15, n. 2, p. 55-60, 2015.

SANTOS, Matheus da S. Perspectivas e desafios da educação integral. *Brazilian Journal of Development*, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 22792-22804, 2022.

SANTOS, Romário P. Uma breve retrospectiva histórica da educação integral no Brasil e os marcos legais para sua implantação nos estados da federação. VII Congresso de Educação – Conedu. Maceió, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SHE, Lucia Helena Nilson; GOUVEIA, Maria Julia Azevedo; FERREIRA, Stela da Silva. “Educação Integral e Intersetorialidade”, do Salto para o Futuro/TV Escola, do Ministério da Educação, 2009.

SILVA, Andressa Martins; BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. A ADI 4.439/2010 sobre o ensino religioso: análise dos equívocos e desconhecimentos. *Revista da Faculdade de Direito do Sul de Minas, Pouso Alegre*, v. 38, n. 2, p. 1-19, jul./dez. 2022.

SILVA, Clemildo A. da; RIBEIRO, Mário B. Intolerância religiosa e direitos humanos: mapeamentos de intolerância. Porto Alegre: Sulina, 2007.

SILVA, Clemildo Anacleto; RIBEIRO, Mario Bueno. Intolerância Religiosa e Direitos Humanos. Porto Alegre: Sulina: 2007.

SILVA, E. M. Religião, diversidade e valores culturais: conceitos teóricos e a educação para a cidadania. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, n. 2, p. 1-14, 2004.

SILVA, J. C. O currículo e o ensino religioso na BNCC: reflexões e perspectivas. Revista Pedagógica, v. 20, n. 44, p. 56-65, 2018.

SILVA, Nirlanda Figueiredo da. O estado do conhecimento sobre educação integral em tempo integral nas dissertações do PPGE/UFOPA de 2016 a 2018. Santarém, 2019.

SILVA, Isabelle Araújo. Religião e a formação integral do aluno. **Revista Foco**, v. 18, n. 5, e8570, p. 01–22, 2025. DOI: 10.54751/revistafoco.v18n5-104. Disponível em: <https://revistafoco.emnuvens.com.br/foco/article/view/104>. Acesso em: 21 maio 2025.

TAVERNAR, Taissa. Se não dou direito para a diversidade existir, eu fomento o preconceito. In: **LUNETAS**. Respeito à diversidade religiosa começa com o conhecimento, 2023. Disponível em: <https://lunetas.com.br/respeito-a-diversidade-religiosa-comeca-com-o-conhecimento/>. Acesso em: 21 maio 2025.

TITTON, Maria Beatriz Pauperio; PACHECO, Suzana Moreira. Diálogos possíveis à construção de projeto político e pedagógico na perspectiva contemporânea da educação integral. Educação em Revista, v. 31, n. 4, p. 135-153, 2015.

WEBER, Max. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 45-50. [online].

WEREBE, Maria José Garcia. A laicidade do ensino público na França. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro: ANPED, set./out./nov./dez. 2004.

WILLAIME, Jean-Paul. Religião, educação e economia em Max Weber. Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 540-555, set./dez. 2014.

YAMAZATO, Marcelo O.; NASCENTE, Renata Maria M. Concepções, projetos e experiências de educação integral no Brasil. Revista Tempos e Espaços em Educação, São Cristóvão, v. 13, n. 32, p. 1-20, 2020.

YANG, Baohong. Crítica ao pensamento de Feuerbach por Marx e Engels através da reflexão sobre o texto da ideologia alemã. *Trans/Form/Ação*, Marília, SP, v. 47, n. 1, p. e0240002, 2023.

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **Religião e a formação integral do aluno**. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. O objetivo do grupo de discussão é **investigar as concepções dos profissionais da educação sobre a presença da religião e suas manifestações no ambiente escolar e promover uma discussão equilibrada sobre como a religiosidade pode desempenhar um papel significativo na formação integral dos alunos, respeitando as diversas perspectivas e experiências dos participantes**.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação (a pesquisadora assume responsabilidade em proteger e assegurar a privacidade).

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Isabelle Araújo Silva
Pesquisador e aluno do Programa Pós-graduação em Ciências das Religiões da
Faculdade Unida de Vitória- FUV

Luíz Pinheiro, 05, Independência, Cachoeiro de Itapemirim
29.306.345 - Cachoeiro de Itapemirim
Tel.: (27) 998058671

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da pesquisa

APÊNDICE B

ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL

Data: 30 de setembro de 2024

Moderador: Isabelle Araújo Silva

Observador: Élcio S'Antana

Objetivo do Encontro: O objetivo do grupo focal é investigar as concepções dos profissionais da educação sobre a presença da religião e suas manifestações no ambiente escolar e promover uma discussão equilibrada sobre como a religiosidade pode desempenhar um papel significativo na formação integral dos alunos, respeitando as diversas perspectivas e experiências dos participantes.

1. Abertura e Boas-Vindas (10 minutos)

Apresentação: Breve introdução do moderador sobre o objetivo do encontro.

Organização: Reforçar a importância do respeito mútuo, escuta ativa, confidencialidade, e que todas as opiniões são válidas e bem-vindas.

Apresentação dos Participantes: Solicitar que cada participante se apresente brevemente (nome, disciplina que trabalha na escola, religião).

2. Aquecimento (10 min)

Objetivo: Quebrar o gelo e iniciar a discussão com uma pergunta ampla.

“religião, cada um tem a sua e não se discute”.

Questão 1: O que vocês acham dessa afirmação?

3. Introdução ao tema:

Conhecendo os participantes (10 minutos)

Objetivo: Conhecer qual é o lugar de fala de cada participante para compreensão das suas opiniões.

Questão 2: Como você define religião e qual a importância dela em sua vida?

Questão 3: Qual é o papel da religião na formação do ser humano?

4. Religião no espaço público (30 minutos)

Objetivo: Avaliar a percepção dos profissionais da educação sobre a manifestação da religiosidade no espaço escolar

Questão 3: É possível perceber a presença de fenômenos religiosos dentro do ambiente escolar e, se sim, como ela acontece?

Questão 4: O que vocês pensam sobre a manifestação pública de religiosidade, como orações, símbolos religiosos, ou celebrações religiosas, dentro do ambiente escolar?"

4.1 Liberdade religiosa

Objetivo: Discutir a liberdade religiosa e suas implicações.

Questão 5: Como vocês veem a questão da liberdade religiosa no espaço público? Há limites?

4.2 Pluralismo Religioso:

Objetivo: Explorar as opiniões sobre a diversidade religiosa e a laicidade

Questão 6: Como vocês veem a convivência de diferentes religiões no mesmo espaço público? E a ausência de religião?

5- Religiosidade no Contexto Escolar (40 minutos)

Objetivo: Explorar as opiniões sobre como a religiosidade é tratada no contexto escolar, os desafios enfrentados, o impacto no desenvolvimento dos alunos, e as estratégias utilizadas pelos educadores. Identificar necessidades e propor melhorias que possam contribuir para uma abordagem mais inclusiva e eficaz da religiosidade nas escolas.

Compreender os maiores desafios enfrentados por educadores e instituições ao tratar a religiosidade no contexto escolar, incluindo questões relacionadas à diversidade religiosa e ao equilíbrio entre respeito à liberdade religiosa e o caráter laico da educação.

Questão 7: Quais são os maiores desafios em se tratar a religiosidade no contexto educacional?

Questão 8: Que impacto a abordagem ou a falta de abordagem da religiosidade na escola tem sobre o desenvolvimento pessoal dos alunos?

Questão 7: Como vocês agem concretamente quando as discriminações e preconceitos religiosos se apresentam na sala de aula ou no estabelecimento escolar? Quais recursos mobilizam e quais estratégias utilizam? Justifique suas escolhas.

Questão 8: Vocês se sentem seguros e preparados para lidar com a presença da religião no ambiente escolar

Questão 9: Quais demandas (formação, instrumentos pedagógicos, organização etc.) vocês acreditam que poderiam favorecer uma prática mais satisfatória?

Questão 10: Como a escola pode lidar com a diversidade religiosa de maneira respeitosa e inclusiva?

Questão 11: Que mudanças você gostaria de ver na abordagem da religiosidade nas escolas para que ela contribua mais efetivamente para a formação humana?

6- Encerramento e Conclusão (10 minutos)

- Resumo das Principais reflexões e pontos discutidos.
- Feedback dos Participantes: Perguntar se alguém tem algo mais a acrescentar ou algum comentário final.
- Agradecimento e Encerramento.



APÊNDICE C

Transcrição da reunião do grupo focal na integra feito pelo site Clipto

TRANSCRIÇÃO GRUPO FOCAL

Mediadora: Então, gente, agora iniciei. Está sendo gravado. A intenção é que essa conversa dure entre uma hora e meia, por aí. Tudo que for falado aqui, gente, como foi feito lá também, eu já enviei para vocês através do termo, é confidencial. Nada relacionado a... deixa eu só permitir o “CP” aqui... Tudo será confidencial, tá, gente? Não é utilizado nada sobre vocês, específicos de cada um, nem nome, nem nada disso.

Acho que a maioria dos meus colegas aqui faz mestrado, né? Então, já estão acostumados com isso. Hoje, como eu também enviei lá o objetivo do nosso grupo focal, é ouvi-los, né? Conversar um pouquinho. Na verdade, vocês conversarão sobre a temática, sobre a presença da religião. Quero ouvir as concepções de vocês sobre a presença da religião no espaço público — no caso, no nosso caso, no nosso ambiente escolar, que é o espaço público. E também sobre a religiosidade dentro dessa concepção de educação integral que a gente vive na escola. Então, iniciando, gente, eu queria... Boa noite, “CP”. Gente, boa noite! “CP” chegou aí agora.

CP: Boa noite, boa noite.

Moderadora: Vamos fazer uma pequena apresentação, né? Fiquem à vontade para falar. Todos da escola, tá, professor? Nós trabalhamos na mesma escola, na Escola Quintiliano de Azevedo.

Eu gostaria que a apresentação fosse bem sucinta, com o nome e a disciplina que cada um trabalha. Se quiserem, podem dizer há quanto tempo estão na educação ou na escola, né? O restante das informações, depois eu vou colher com vocês: tempo de atuação, formação e qual é a formação de cada um de vocês.

Mas, nesse momento, é só para a gente se situar. Começando por mim: eu sou a Isabelle. Sou pedagoga da Escola Quintiliano. Nem precisa falar que é da Escola Quintiliano, porque já sabemos! Eu trabalho como pedagoga há 14 anos — 14, 15 anos — e, na Escola Quintiliano, há dois anos. Ainda não completei dois anos, mas estou indo para o segundo ano de trabalho. Vocês podem ficar à vontade, tá, gente, para se apresentarem.

Pedagoga: Ah, então eu vou fazer, então. Meu nome é (pronuncia o nome), trabalho como pedagoga já há 18 anos na rede estadual, na Escola Quintiliano. Ah, é, não precisava

falar, mas eu estou também junto com a Isabelle. Só que eu trabalho com a EJA. Eu sou pedagoga da EJA, né, Educação de Jovens e Adultos, no noturno.

CP: Eu sou (pronuncia o nome), né. Sou, por formação, professor de Química. Eu atuo como coordenador pedagógico há cerca de três meses, né. Sou o caçula ali da equipe. Então, formado em Química, mas atuando como coordenador pedagógico.

Professor H: Ah, vou eu. Meu nome é (pronuncia o nome), eu sou professor de História no Matutino, então, estou com sexto e sétimo, então, devo ter aí uns 12 ou 13 anos de educação, com alguns períodos picados, né, que dá aula, depois não dá, não sei como é que contabiliza isso. No Quintiliano, comecei no ano letivo do ano passado e estou terminando o segundo ano este ano.

Professor C: Ah, então, deixa lá. Eu sou o (pronuncia o nome), né, o (pronuncia o nome), depende como chama, fica à vontade. Eu sou formado em Ciência da Natureza, Biologia. Eu leciono há mais ou menos aí 15 anos, 15, 14 anos, né, e já trabalhei em vários segmentos diferentes, desde cursinhos preparatórios até educação formal também, e algumas palestras de ensino superior. E a gente está aí trabalhando junto, né? Vamos lá.

Professor ER: Boa noite, gente. Eu sou a (pronuncia o nome), eu estou no Quintiliano há um ano, sou formada em Pedagogia e sou professora de Ensino Religioso.

Professora M: Acho que falta só eu, né? Eu sou (pronuncia o nome), professora de Matemática. Entrei no Quintiliano junto com o Professor C e com a Isabelle, no começo do ano passado.

Professora A: Bom, eu sou o (pronuncia o nome). A minha formação é em Teatro e em Educação Especial também, e estou no Quintiliano desde o início do ano, mas na sala de aula há uns cinco anos, mais ou menos.

.Mediadora: Ok, gente, agora que todos se apresentaram, eu vou iniciar para a gente quebrar o gelo e começar a falar um pouquinho sobre a temática com uma afirmação, e aí eu gostaria que vocês comentassem sobre essa afirmação. “Religião, cada um tem a sua e não se discute”. O que vocês acham dessa afirmação?

Professor H: Já começo discordando, porque eu não tenho a minha.

Professor C: A minha primeira questão com essa frase é por que eu tenho que ter uma religião? Por que cada um tem que ter uma religião? Mais do que eu não sei, eu acho que o não se discute é mais uma discussão pedagógica, talvez, mas por que cada um tem que ter a sua religião?

Professor ER: Acho que se discute com respeito.

Professor CP: Eu penso que depende do que seja esse se discute, né? Então, depende muito dessa questão do que é o se discute e a forma como é essa discussão.

Moderadora: Mais alguém?

Professor C : Bom, é assim: pensando em religião, cada um tem a sua. É algo discutível, dependendo do contexto. Eu gosto muito, talvez, de começar definindo os termos. Então, se a gente for pensar nas aulas de Ensino Religioso que temos, às vezes, eu gosto de começar exatamente por isso: definindo os termos.

Se a gente pensar nas aulas de Ensino Religioso, lá no começo, a gente trabalha com o significado da palavra "religião", né? Sempre se fala que vem do latim, *religare*, que significa religar o homem a Deus ou a alguma divindade. Partindo do princípio de que, para cada pessoa, esse Deus pode significar algo diferente ou ocupar algum lugar específico, talvez cada um tenha a sua visão.

Mas não necessariamente estamos falando de religião como uma doutrina — como ser católico, praticar uma religião de matriz africana ou outra. É mais sobre pensar no que seria esse contato com o divino, ou o que, para cada um, representa o divino. Talvez seja importante pensar primeiro nesse ponto sobre o que é religião.

Em segundo lugar, como os colegas já falaram, também é importante pensar no que seria "discutir". Porque discutir, no sentido de criticar ou brigar entre uma religião e outra, é uma das significações da palavra. Mas discutir também pode ser entendido como uma conversa, um entendimento, uma busca pelo saber ou pelo conhecer.

Talvez o que a gente esteja fazendo aqui hoje seja exatamente isso: discutir religião. Mesmo tendo pessoas que têm religião, pessoas que não têm, ou pessoas com religiões diferentes, isso ainda é uma discussão sobre religião.

Então, talvez, se a gente primeiro definisse os termos sobre o que é religião e o que seria essa discussão, poderíamos chegar mais facilmente a um denominador comum: que cada um tem a sua religião e que isso pode, sim, ser discutível ou não.

Professor A: Tem uma coisa nessa frase e nos discursos que a gente está produzindo aqui que me incomoda um pouco: o fato de que a frase está no singular. *A sua religião*. Então, cada um tem a sua. E aí, quando a gente vai discorrer sobre o assunto, a gente sempre coloca "religião" no singular.

Mas, espera aí, por que uma pessoa não pode ter duas ou três religiões? Quatro, cinco? Enfim, por que a nossa cultura cristalizou tanto essa ideia de uma religião única, unívoca, em que você segue aqueles dogmas e ponto?

Ao mesmo tempo, se a gente for ver o estudo de alguns teóricos sobre religiosidade no Brasil, vamos perceber que o sincretismo é algo que *bomba* no nosso país. Quando eu falo de sincretismo, não estou falando só de misturar elementos de uma religião com outra, mas de vivenciar duas religiões ao mesmo tempo, sabe?

Tipo, quem não conhece alguém que jura que é católico do pé roxo — e é mesmo —, mas, quando o negócio aperta, vai procurar um centro espírita ou um centro de umbanda, de candomblé? Aquele tio que é muito cristão, mas que, na hora do pagode, do samba, sempre joga uma cervejinha para o santo.

Sabe? É esse encontro. Por que não assumir que existe a possibilidade de viver mais de uma religião ao mesmo tempo?

Professor C: Não só isso. Eu até diria, “Professor A”, que não só no Brasil. Mas eu já vi muitos estudiosos, e aí, né, eu tenho que ir de algum lugar, porque isso não vem de mim. Já vi muitos estudiosos falando que as religiões que a gente conhece, até o próprio cristianismo, são resultado da união de várias outras religiões.

Existem histórias que se combinam e, assim, dependendo de quem você ouve, fala assim: “Não, mas essa história foi copiada de tal lugar” ou “veio de outra”. Ou tem alguma outra mitologia que já fala sobre isso.

Quando a gente vai ver, no Renascentismo, a imagem que a gente tem até hoje de Jesus Cristo, na verdade, foi tirada do deus Apolo, que é o deus Sol. A imagem, a pintura renascentista de Jesus Cristo, é com referencial grego. Então... (é interrompido pelo Professor H).

Professor H: E acrescentam, e o próprio grego também já foi retirado de Sumerios e Mesopotâneos. A coisa é toda uma colcha de retalhos.

Professor C: Isso. Então, por isso que eu acho muito interessante a gente começar definindo os termos, né? Então, o que é essa religião, de onde ela vem? E aí, eu acho que isso torna muito complexo. A coisa vai ficando, né, uma bola de neve quando a gente começa a pensar.

Mediadora: Ok. Então, agora, dando início, fora essa “quebra de gelo”, era exatamente essa pergunta. Para você, o que é religião? E se ela tem alguma importância na sua vida? E qual é essa importância, se tiver? (Pausa)

E se alguém achar difícil, né, definir religião? Pode falar, então, só da importância, se tem importância e qual é essa importância.

Professor H: Quando você fala isso na sua vida, em termos pessoais?

Moderadora: Pessoais, sua. É, o objetivo aqui é, dessa pergunta, é conhecer o seu lugar de fala, para depois compreender as próximas respostas, as próximas proposições que você vai fazer. Então, é de te conhecer. Você.

Professor H: Eu costumo pensar assim, tipo, sei lá, a gente nunca se livra da nossa parentalidade, né, porque assim, ou você é afirmação de algo que são seus pais, ou você é, deliberadamente, uma negação daquilo que é seus pais. Então, assim, nesse sentido mesmo, eu, sem religião, eu não me afasto de um norte de religião, mesmo que eu negue, mesmo que eu esteja negando alguma coisa que tem um potencial social muito grande, sabe?

Então, assim, pensando no meu histórico, já tive religião, para os católicos, sou oficialmente crismado, tipo, né, então, tem uma trajetória aí. Tem o irmão adventista, super praticante da religião adventista. Mas acaba que o que eu mais questiono e me digladio com questões religiosas é, porque, entre coisas que dão sentido para a vida, tudo bem, para muitas pessoas é religião e tal. Eu prezo muito pelo social, sabe assim, luta social mesmo, sabe? Tipo, e quando eu percebo que, que, que muito da religiosidade fica muito mais, assim, meu ponto de vista, sabe? Muito mais preocupado com o espírito do que com uma prática social. Tipo, pessoas passando fome e coisas irreais e violência. Não estou desqualificando ou não a noção do espírito, mas estamos aqui, sabe?

Então, em relação à religião, alunos me perguntam muito frequentemente isso, todos os anos, todas as turmas, qual é a minha religião. E, ainda mais quando eu começo a falar de reforma contra reforma, sabe? Aí me falam religião, aí falam assim, eu falo que não tenho religião, e aí falam assim, mas você é ateu? Eu falo, não sei, não necessariamente. E eles, mas, como assim não? Você não acredita? Eu falei, não sei. Com turma de ensino médio, dá para discutir a coisa de uma outra maneira. Com fundamental, é mais complexo, sabe? Colocar esse não sei. Por que eu falo não sei? Porque assim, existindo ou não existindo Deus, amanhã eu tenho que levar lixo, sabe? Existindo ou não existindo, a gente tem que fazer coisas. E aí, com turmas mais maduras, eu vou para o seguinte caminho. Imagine que exista um Deus, na sua concepção de Deus, criador de todas as coisas, do céu e da terra e tal. Aí a pessoa, mas eu acredito. Aí eu falo, tá, mas se eu não acreditar no seu Deus, ele vai deixar de existir? Aí a pessoa fala, não. Fala que não. Aí eu coloco, agora imagine o seguinte, que não exista. Definitivamente não existe. Não existe. Se eu acreditar, vai fazer ele existir? Aí ficam pensando, isso mais para o ensino médio, né? E falam, também não. Falei, então, percebi que eu acreditar ou não acreditar não faz muita diferença. Não abala a sua crença, sabe?

Assim, tenho profundos questionamentos religiosos, consulto a Bíblia com regularidade. E aí, leio, estava lendo mês passado um livro de um autor, um historiador, o Carlos

Ginzburg, que ele discute a construção da noção messiânica de Cristo a partir da presença nos evangelhos de elementos dessa presença messiânica no Velho Testamento. É como se ele fosse encaixado no Novo Testamento, elementos desde o Velho, para meio que confirmar uma religiosidade que já estava em escrituras muito maiores, mais antigas do que os evangelhos, sabe? Ele vai mostrando, citando, assim, existe uma instância de construção da própria imagem de uma religião, sabe? Em termos textuais mesmo, sabe?

Do ponto de vista, para mim, do sagrado, eu perceber e requerer a intervenção do sagrado na minha vida, particularmente, sou totalmente nulo, sabe? Nulo. Assim, não vou dizer que não exista, nem que exista, não sei. Minha vida que segue aí, pensando no que o Professor C falou do religare, né? Tipo, numa concepção de Deus onipotente e onipresente, a descrença de alguém seria capaz de desligar essa pessoa de Deus? Enfim, não sei.

Então, assim, eu não consigo definir exatamente como ponto final, sabe? Tipo, definitivamente. Mas, assim, o que eu digo, assim, não oro, não agradeço e a vida segue em termos materiais, sabe? Em termos palpáveis. Essa é a minha relação com a religião, assim. É uma relação de questionamento e conflito, basicamente.

Professor M: Eu acho que eu não consigo falar, puxar essa mesma reflexão toda que o “Professor A” e “Professor H” e tudo mais. Mas, trazendo para o lado pessoal, respondendo de uma forma bem mais simples, o que é religião? Eu pensei que o “Professor H” ia falar que é meio de controle social, mas tudo bem. Professor C até balançou a cabeça. Mas, assim, para mim, o que é religião? O que é religião da minha forma pessoal? Qual a importância na minha vida? Seria muito hipócrita da minha parte, como uma pessoa que não tem religião, falar qual a importância? Não tem importância nenhuma. Por quê? Porque eu sou filha de um pai espírita, uma mãe evangélica e neta de uma avó super católica. Então, e todos os três, um não fala com o outro, um não convive com o outro. Então, se eu estava na casa do meu pai, qual era o meio de eu estar com o meu pai? Vamos no centro? Vamos embora. Quando eu estava com a minha mãe, vamos na igreja? Vamos embora. E a vida inteira eu estive na igreja católica, a infância inteira fazendo catequese. Eu não sou batizada em igreja nenhuma. Eu fiz catequese até a parte da crisma. Chegou ali, eu não achei que fazia mais sentido para estar com o meu irmão, porque ele fazia. Então, eu ia muito para a igreja católica para estar com a minha avó. Na época da faculdade, eu rezava o terço todos os dias, porque eu morava sozinha, tinha medo de morar sozinha, mudei para fazer faculdade, rezava o terço todo dia, porque a minha avó me ligava para rezar o terço. E eu achava que aquilo era um meio de estar com a minha avó. Então, assim, a religião para mim é um meio de me conectar com a minha família e tudo mais. Hoje em dia, quais são as vezes que eu vejo o meu pai? Quando ele me liga e fala, minha filha, me leva no

centro? E aí eu vou e dou uma carona a ele. Ou eu ou meu irmão. Então, assim, não sei qual o grau de importância da religião em si para mim. Ou dizer o que é a religião e tudo mais. Mas é algo que, para mim, e acho que para muita gente também, é algo que te traz para perto de um ambiente que você quer estar com pessoas, que você quer estar, que acreditam na mesma coisa que você, ou não, mas que tem algum propósito de estar ali.

Mediadora: OK

CP: Eu posso falar?

Mediadora: Claro.

CP: Então, eu vejo a religião de algumas formas. Primeiro, aquela definição básica, que é o conjunto de crenças que vai proporcionar e vai, na verdade, delimitar como que vai ser o seu relacionamento com o sagrado, com o divino. Mas falando igual ao Professor C falou, vamos definir os termos. Eu já olho também a religião de uma forma um pouco mais ampla, porque a minha religião é o que determina a minha cosmovisão. Então, minha cosmovisão é toda pautada. É tudo pautado em cima da minha religião. Então, meu estilo de vida, o que eu faço, o que eu deixo de fazer, coisas que eu evito, coisas que eu busco. Então, está tudo pautado nela. E quando eu vejo a religião como aquilo que guia e que dá base para a minha cosmovisão, eu vejo que todo mundo tem a sua religião nesse ponto. Por quê, quando o “Professor H” fala assim, eu não tenho uma religião, mas eu tenho que ir lá, se Deus existe ou não, eu tenho que ir lá levar meu lixo. Então, pela religião, pelo que ele crê, pelo que ele acredita, ou pelas dúvidas que tem, ele tem uma cosmovisão e segue um estilo de vida. Assim como “Professora M” acabou de falar. Então, eu vejo muito que é a nossa religião que molda o nosso viver, a forma como a gente vai agir, o que vai fazer ou deixar de fazer. E isso aí, trazendo para um meio mais amplo, pode ter um divino ou não, mas é aquilo que vai nos norteando. E aí, quando eu falo da importância na minha vida, eu sou adventista do sétimo dia, assim como o irmão de Professor H. E essa denominação cristã é um ramo do cristianismo, mas ela é muito peculiar. Tem gente que tem medo dos adventistas, tem preconceito, não sabe como é. Esse dia eu estava até vendo um vídeo no YouTube de uma menina que ela falou que ela morria de medo dos adventistas, que o pessoal fala que é uma seita. Como que é? Eles bebem sangue? O que eles fazem? Como que é? E quando ela foi lá, foi no culto, se apaixonou, está lá já há oito anos, não quis sair mais de lá. Então, tem essas questões preconceituosas, mas como eu disse, é uma religião, uma denominação peculiar, porque ela rompe totalmente com aquele catolicismo medieval e busca seguir o princípio da reforma protestante. Né? Que é só escritura e toda a escritura, os dois princípios básicos da reforma protestante, que começou, teve a contrarreforma, deu aquela pausa, mas aí essa denominação seguiu em frente com essa reforma e é com base nela que eu

norteio toda a minha vida, tudo o que eu faço. Aí, voltando àquela questão de se discute ou não, só voltando um pouquinho, porque, né? Você chega num ponto que tem religiões igual o cristianismo, por exemplo, que se você crer realmente na Bíblia, crer realmente no cristianismo, crer realmente em Cristo, ele vai dizer assim, agora vai e prega de mim pra todo mundo. Aí você fica assim, e agora? Como que você não, se você tem que pregar pra todo mundo, eu preciso chegar lá e bater na porta de Professor H e pelo menos oferecer, se ele não quiser ouvir, tudo bem, mas eu teria que pelo menos bater na porta dele e tentar, de alguma forma, mas se ele não quiser, também não é obrigado, a gente não tem que ficar insistindo, né? Não é importunar ninguém, é o tentar diálogo, apresentar, pelo menos a religião, apresentar, mas claro, sempre com muito respeito, com muita educação e se a pessoa não quiser, é direito dela, porque se nem Deus impediu, com a visão do Deus do cristianismo, não impediu Adão e Eva de pecar, quem vão ser nós pra poder obrigar as pessoas a engolir o cristianismo? Não é igual ela abaixo, então não faz sentido algum, mas pra mim a religião na minha vida é o norteador, é a base da minha cosmovisão.

Professor C: Vide a parábola do semeador, né, mas, assim, respondendo, eu acho que não tem como a gente estar alijado da religião, alijado de qualquer uma. Porque assim, por exemplo. Eu, particularmente, hoje, eu não sigo nenhuma denominação religiosa, mas, durante a minha criação, eu fui criado por pais religiosos, então grande parte da minha, do que eu penso como ética, como moral, os princípios que me fundamentaram enquanto pessoa, são princípios que seguem essas bases.

Então. . Então, independente de hoje eu estar numa religião ou não, eu acho que estar, desculpa, numa religião ou não, de estar numa determinada doutrina, ou seguindo um determinado tipo de interpretação, acho que essas palavras ficam um pouco melhores. Isso faz parte de mim, de quem eu sou. Então, assim. Eu acho que, independente das nossas escolhas, hoje em dia, no ambiente em que você viveu, isso, a fala da “Professora M”, eu achei muito, achei sempre muito legal quando eu ouço ela falando isso, que assim, ela não tem uma religião, mas a religião pra ela tem um significado de proximidade com a família. Então, se ela quer se sentir perto da avó dela, ela reza o terço, se ela quiser se sentir perto do pai, é no centro. Sabe? Então, acaba passando por outras fases da vida, né, de outras coisas, então eu acho que pra mim, a religião seria isso, na verdade, de novo eu volto, na sua relação com algo que é superior a você, não importa o que que seja superior a você, mas pra mim é, a religião é algo que forma, é parte de mim, independente se eu frequento ou não algum tipo de culto, a religião, ela tá, é um fio, né, que perpassa a minha vida de qualquer forma, né, não tem como. E a segunda pergunta é qual a importância que ela tem na minha vida hoje, né?

Moderadora: Isso.

Professor C: Ou qual a importância dela na minha vida. Eu acho que, assim. A importância é exata, talvez seja, e aí o que a “Professora M” falou, que achou que o Professor H e achou que eu iria falar, o que eu iria falar, mas talvez a gente fale lá na frente, é de exatamente a religião ser usada como um poder, aliás, desculpa, da religião poder ser usada como um caminho de controle social, e aí dependendo de que você vai falar, se é autossucesso, se é Foucault, se é Feuerbach, enfim, mas cada um vai falar de um jeito. Mas, ainda assim, é um lugar de paz, ainda, independente da religião, e eu vejo isso em todas as pessoas e também em mim, é onde você sente um abraço, um abraço, independente do quê. Então, se acontecer alguma coisa no seu dia, é um abraço da religião, e se acontecer é o, “ai meu Deus”, porque parece que independente do Deus é só Deus que vai resolver aquilo, entendeu? Nossa, você vai conseguir um salário melhor, “se Deus quiser”, é o lugar de paz, é o lugar talvez de conforto, de abraço então esse seria o meu lugar hoje sabe? então eu acho que é isso, o que seria religião e qual a importância pra mim.

Professora ER: Eu concordo plenamente com isso que você falou, “Professor C” porque eu também penso praticamente igual a você porque a ligação que eu tenho com o divino ela é fazer com que as pessoas sigam regras, sejam pessoas corretas, sejam pessoas honestas, tenham um norte da vida.

Professor H: Então eu não sigo regras, eu não tenho norte, eu não tenho valores éticos morais?

Professor ER: Sim, sim, tem só que normalmente as pessoas acreditam que estar neste lugar também te traz este Norte, quando você é criado dentro de uma igreja como eu fui, a gente tem também, não que quem não foi criado numa igreja não tem isso, mas eu também tive muitas do que é certo, do que é errado, do que eu posso fazer, do que eu não posso fazer pautada naquela religião. Então acredito que a religião é essa ligação com o divino, é a ligação de ser uma pessoa honesta, é ser uma pessoa que segue regras, ser uma pessoa correta. Acredito que pra mim a religião é isso tá? E pra mim mesmo eu não participando de nenhuma denominação a religião ainda é uma conexão, uma conexão com a família, igual o “Professor C” disse, com a família, com o divino, ser um lugar de paz, ser um lugar de coisas boas.

Professor H: A minha preocupação com seguir religião é o seguinte, vamos pensar cristianismo, que é majoritariamente a religião da América Latina. O ícone máximo do cristianismo morreu combatendo injustiças sociais de onde ele vivia, basicamente dominação de império romano e corrupção de elites locais que queriam estar numa condição de privilégio diante do domínio do império romano. Ele foi até as últimas consequências sabendo do risco

que ele estava vivendo para combater uma série de injustiças. Esses valores, assim, isolando só cristianismo, que pretensamente circulam na nossa sociedade, em muitas situações a gente, e eu saberia dizer nomes e situações de pessoas numa mesma escola, já que trabalhamos na mesma, a gente vê injustiça contra a gente mesmo e a gente é incapaz de lutar contra a injustiça contra a gente. É uma sociedade que se diz seguidora de alguém que lutou contra a injustiça contra os outros, então tipo, calma aí alguma lição não foi aprendida, alguma lição foi terrivelmente ignorada, sabe, porque fica uma instância de paz e de amor e de compreensão. E aí o problema assim, não é a lição original, o problema pra mim é como foi dada a condução disso, sabe, porque assim, o Cristo foi uma figura extremamente explosiva, sabe, tipo, os seguidores dele basicamente contribuíram com o fim do império romano, sabe, tipo, e aquela imagem de paz e compaixão até a paciência de Cristo tem limite, sabe, quando ele vê fazendo comércio na casa do pai dele, picudo nas barraquinhas tudo, sabe, então assim, as escolhas não divinas, mas as escolhas humanas de ter sido dada ênfase em um discurso, em umas passagens e não em outras passagens, eu acho isso muito emblemático, sabe, então tipo, são questões assim, apaga-se uma série de lutas sociais mais enfáticas e mais fortes, sabe. Isso eu acho, quando isso acontece com o discurso religioso e tem acontecido assim, sei lá, nivelando por baixo nos últimos dois mil anos, sabe, tipo de fazerem desse discurso extremamente incendiário, sabe, com a potência muito grande de transformação, como apaziguamento, sabe, como uma forma de não se pensar por si, sabe, tipo, não conseguir ou não estar disposto ou não estar fortalecido de enfrentar injustiças que estão na nossa frente, sabe. E aí quando eu me deparei com isso eu acho que a leitura do Capital me teve mais valia do que leitura bíblica, sabe, da forma que foi citada as ênfases sobre essas leituras.

Professor H: Professor A, vai lá, por favor²¹⁷.

Professor A: Tem uma coisa que eu acho que aparece nas falas até agora e que aparece muito nas falas de Professor C e Da Professora M, que é a relação da religião com a conexão com o divino ou com a conexão com quem te é querido, a conexão com algo bom, né? A religião com esse espaço de socialmente ir atrás de bondade, de construir valores morais e tal. Não que ela seja o único lugar de construir valores morais, mas ela, até por sua função social, né, pela função que ela tem na sua criação, é um lugar que vai te induzir à criação desses valores, como o que se fala de cosmovisão, né?

²¹⁷ O Professor A tinha levantado a mão, pedindo a fala.

Eu acho que quando a gente percebe que a religião é sobre moldar uma determinada cosmovisão, a gente vai perceber que a religião, independente de qual seja, é mais um espaço social e um espaço por excelência de educação do que qualquer outra coisa. Tem um livro da Estela Caputo que é maravilhoso sobre educação no terreiro e crianças de terreiro na escola. E aí você percebe como esse espaço, e aí eu vou tirar um pouco do cristianismo justamente porque, sei lá, tenho tentado não dar tanta atenção para ele assim, pessoalmente falando. Porque essa coisa de ser criada num espaço que é tão religioso, líder do grupo jovem, minha avó, durante anos, virou e perguntava toda vez que me via: "Quando você vai montar na igreja? Quem fez isso aqui hoje?" Hoje em dia ela até desistiu, mas ainda fala: "Você é uma pessoa boa, conhecedora da palavra, conhece os caminhos de Cristo." E pra ela isso significa o que é bom. E não está errada. Eu conheço mesmo. Assim, a minha vivência com o cristianismo foi uma vivência bem genuína, embora tenha sido uma vivência que me machucou muito por conta dos grupos sociais com os quais eu convivia naquele momento. Tem gente que tem experiências positivas com o cristianismo, eu não tenho, embora seja uma experiência genuína.

Eu prefiro me... Eu tô no meu momento, né, de tentar me curar das experiências ruins que eu tive durante muito tempo. Eu me afastei de qualquer signo religioso, de qualquer forma, talvez muito por conta disso. Porque se é um lugar que a gente vai pra se sentir bem, pra estar confortável, pra ficar bem socialmente falando, nesse lugar, pra mim, era um lugar onde eu não ficava bem. Então, pronto. Religião nunca mais. Religião é aquela cabeça dos 18 anos. Religião vai se explodir. Isso daí é só pra me controlar. Talvez agora eu esteja considerando que eu sou uma pessoa bem genuína, né? Depois de muita terapia, enxergar melhor como socialmente a forma da igreja se construir como um espaço de educação social acabou sendo violento pra caramba pra mim. E aí talvez agora eu esteja conseguindo lidar melhor com essas violências e me ligar melhor com a religião²¹⁸.

Mas voltando ao que os colegas colocaram, nessa ideia de bondade, me chama a atenção porque, pra mim, a religião sendo muito boa, né, ela é um espaço de educação de domínio social. Como ela é, independente do que a gente estiver falando, uma construção humana. E ela parte, pelo menos no ocidente, também, de uma relação com o que é profano. Eu não só crio uma relação com isso que é divino, que é maior que eu, que pode ser um ou vários deuses, que podem ser três mil coisas diferentes, mas a relação que a religião cria pra instituir essa moral, essa ética, também é uma relação com o que é profano, o que está errado e como a gente lida

²¹⁸ O professor fala sobre os traumas vividos, provavelmente se referindo à sua identidade de gênero, que é de conhecimento público.

com o que está errado. Me chama muita atenção isso na fala do Jorge, na hora de pensar que Jesus tinha um caráter de luta por justiça social. Nesse contexto bíblico, ele estava lidando diretamente com o que é considerado profano. Só que a gente está institucionalizando como sociedade a religião só nesse lugar da relação com o sagrado, e a nossa relação com o profano tem sido cada vez mais tortuosa. Ao invés de, por exemplo, tentar um exemplo mais leve, trair a sua mulher ou seu esposo ou quem quer que seja, que é considerado moralmente errado, eticamente errado (isso está inclusive nas nossas leis de certa forma), mas tem esse princípio que é considerado errado, mas as pessoas continuam traindo. A religião, qualquer que seja ela, não conseguiu erradicar essa prática da traição no mundo. (É interrompido pelo Professor H.)

Professor H: Mas licença, e aí (É interrompido pelo Professor A).

Professor H: Só posso completar essa frasezinha. E aí o que me chama atenção, na verdade, é como a gente lida com esse profano hoje. No caso da traição, por exemplo, como que uma traição vira uma morte? E aí a gente está falando de pessoas religiosas, no geral, em muitos casos. Então, acho que era isso que eu queria contar: a forma como a gente lida com o que é profano também.

Professor H: Fazendo a defesa das religiões, a ideia não é servir de contenção total dos males sociais. A ideia é conduzir para o norte, o rumo é esse. Eventualmente, pessoas se desviarão do rumo. É tipo assim, você tem uma bússola, ela aponta para lá. Você pode se desviar dela. Eu não falei de religião quanto controle social, porque assim, é óbvio que ela é. E se não for, vai ser torcer para o Flamengo. E se não for torcer para o Flamengo, vai ser comprar um carro, comprar uma casa, casar, não casar, sabe? Está solteiro, pegador, qualquer coisa vai servir de elemento de controle, mas ao mesmo tempo também de coesão social, sabe? Tipo, a mesma coisa que faz com que a gente vá todos os dias no mesmo horário trabalhar e tal. Com a experiência de controle, isso cria elementos de vínculo entre as pessoas, sabe? E aí eu acho que tem: se não for isso, vai ser outra coisa. Se não for religiosidade a dar sentido, vai ser sexualidade, vai ser trabalho, vai ser criar os filhos, vai ser qualquer outra coisa. Porque assim, somos animais gregários, a gente precisa ter um sentido comum partilhado entre nós.

Eu lembrei nessas conversas de religião, como que a lente a partir da qual cada um percebe a sua religiosidade pode ser muito diferente. E aí, novamente, me incomoda como esses elementos poderosos de condução social podem ser dirigidos. Tenho duas histórias interessantes. Duas mulheres que eu conheci na vida — não mulheres que estiveram comigo efetivamente, não nesse sentido de mulher. Uma é uma avó de um amigo meu que, um dos netos dela, com 19, 20 anos, teve câncer e morreu. Essa senhora é extremamente católica. Enquanto ele estava fazendo o tratamento, rezava terços, rezava novenas e fazia promessas e

fazia um monte de coisas. E o neto morreu. E depois dessa morte, já deve até ter morrido essa senhora também. Depois da morte desse neto muito jovem, ela passou a ter uma relação com o divino que era de um conflito muito grande. Tipo assim, "Deus, você me tirou o meu neto apesar da minha grande fé." E tal, ela ficou indignada com Deus. Não sei, ela é de Minas, então depois nunca mais vi. Então assim, uma relação de indignação com Deus.

Corta para outra história. Uma outra mulher, criança logo após o parto morreu. E com essa mesma noção de Deus, também católica, ela teve uma relação de apaziguamento, de entender a vontade de Deus a partir da morte do próprio filho recém-nascido. Que acalentou essa mãe e indignou a avó. Então, assim, muito mais penso eu do que o divino, é a relação que a pessoa tem com a coisa. Como que essa lente está nela? Eu não sei em que medida a relação que se tem com o divino, com o trabalho, com o casamento, com a literatura, com a arte, vai realmente transformar muito, muito, muito, ou só conduzir determinadas tendências.

Eu não sei o poder que esses elementos de intervenção na vida da pessoa realmente têm. A julgar por aluno expulso da semana passada, portando uma faca na escola, começo do ano, quando descobriu que eu não tinha religião, tentou me evangelizar. E semana passada ele estava com uma faca na escola. Sabe? Tipo, e eu, sem religião, nunca levei uma faca para a escola. Qual é o poder que realmente isso tem de conter? Realmente não sei.

Professor C: É só para juntar talvez tem uma frase que eu gosto muito dela que é assim: "Jesus é um cara muito massa, mas o fã clube dele acaba com tudo." Entendeu? O fã clube dele é péssimo. Eu acho assim, eu já fui professor de escola dominical. Eu sempre me deparei assim, quando eu lia a Bíblia, eu acho que Deus olhava para o povo e falava assim: "Putz, Grego, de novo não, cara." Os moleques estavam fazendo tudo errado. Fui lá, mandei uma tábua explicando o rolê todo. Aí o pessoal entendeu tudo errado de novo. Ele falou, "Não, eu vou lá explicar o rolê para todo mundo." Acho que hoje está lá de cima o Deus cristão, vamos supor. Ele está lá, ele está virando e falando, "Não, cara, por que que eu falei que não ia destruir tudo de novo no rolê todo? Porque estava precisando dar um novo reset na parada, que o pessoal está ruim, está feio." Então, é durante o tempo eu aprendi talvez a separar a doutrina das pessoas que se dizem seguir aquela doutrina. Então, como o Jorge falou, a religiosidade é muito particular. Eu acho que até certo ponto ela precisa ser particular. No plano da doutrina que você seguir, acho que todas existe o culto comunitário, mas a relação religiosa precisa ser particular. Enfim, eu era da igreja presbiteriana, e aí da igreja presbiteriana a gente é motivado a estudar muito e a questionar muitas coisas. Eu estudei tanto e questionei tantas coisas que não estou mais lá. Depois, a gente tem que pensar: a gente vive a época da teologia do domínio. E isso vai explicar o rolê da faca. Mas a teologia do domínio é uma conversa que a gente ouve muito

em algumas igrejas. É de como as igrejas antigamente tinham uma vocação missionária e as igrejas esfriaram. E existe uma necessidade de reavivamento. E essa necessidade de reavivamento existe há 10 anos. Então, há 10 anos, todo mundo sabe que precisa reacender o espírito santo dentro das igrejas. Mas é porque o foco mudou. O foco de hoje não é mais buscar essas pessoas. É fazer ação social. Não de todas as pessoas, mas a religião hoje tem sido usada dentro dessa teologia do domínio como um instrumento para agora conseguir o poder político. Então, a gente tem uma ascensão política, que agora as igrejas começam a ganhar esse poder, e a gente começa a ver isso dentro. Porque pensando no tema que a Isabelle propôs, ela falou assim: "Eu nunca trabalhei numa escola que não tivesse um símbolo religioso na entrada, um crucifixo, uma imagem de um santo." A nossa próxima questão é: eu nunca trabalhei numa escola que não tivesse um símbolo religioso cristão, diga-se de passagem, na entrada. E eu também acho muito, muito engraçado algumas coisas. E aí eu volto na fala do Professor A, que é assim: é um crucifixo na entrada e uma "comigo ninguém pode" dentro da sala. (pausa) (inaudível) de uma pessoa da imagem do santo. Mas eu também acho isso interessante. O terceiro movimento que poucas pessoas perceberam, mas eu gosto muito de cinema, e tem dois filmes que se eu não me engano, um é "Exorcismo no Vaticano" e o outro é "Exorcismo de Emily Rose". Esses dois filmes falam uma coisa muito interessante, que é mais fácil a gente evangelizar com o mal do que com o bem. No "Exorcismo de Emily Rose", a história que ela conta é que tudo aquilo que ela passou durante a possessão demoníaca foi um avanço de demônio, uma cambada lá dentro dela. Mas ela fala que passou tudo isso para evangelizar as outras pessoas. Para as pessoas verem o que aconteceu com ela, e depois elas se converterem a Cristo e a Santa Maria. E no "Exorcismo do Vaticano", o padre, no final, ele fala exatamente isso. Que, na verdade, ele era um padre que não queria mais ser padre, estava em dúvida e foi mandado para o Vaticano para ele ser treinado por um exorcista principal. Enfim, no final ele fala exatamente isso. Que a gente está vivendo num tempo que é mais fácil as pessoas serem evangelizadas pelo conhecimento do diabo. Então, fala-se mais do diabo do que de Deus. Porque se você acredita no mal, você acredita no bem. Então é mais fácil você acreditar na existência do mal, e a partir dele você chegar no bem, do que você realmente viver só na parte boa da coisa, sabe? É meio que essa dicotomia. Eu acho que era isso que eu tinha que falar até agora.

Moderadora: Falta a Pedagoga. Quer falar, Pedagoga?

Pedagoga: Fala a pergunta, Ana. Fala a pergunta, Gina. Eu vou me perdendo na pergunta para eu retomar.

Moderadora: Tá bom. O que você define como religião e qual a importância dela na sua vida? Ou só qual é a importância, se não quiser fazer uma definição? Mas qual a importância, se tem alguma importância a religião na sua vida? Entendeu?

Pedagoga: Entendi. Eu sou católica, sou criada na igreja católica, já passei por outras religiões, na igreja evangélica, e eu fiz o meu caminho de volta, né, para a igreja católica, onde eu cresci com a minha família, desde pequena, direcionando a esse caminho. Todos nós lá em casa somos católicos. Meu irmão é evangélico e temos um relacionamento muito bom com relação a isso. A religião, para mim, para minha família, ela me traz de volta, muitas das vezes, me encontro, eu vou ao encontro de um caminho, de repente, estou meio que perdido, meio desorientada, então ela me traz de volta para o meu lugar, para esse lugar que eu preciso pensar, parar, refletir, e aí eu começo a pensar e retomar novamente a minha busca, a minha caminhada. Eu, particularmente, eu preciso dela. Ela é que me faz assim, como é que eu vou colocar a palavra? (Pausa) Eu me sinto muito bem. Eu me sinto muito bem, porque nós somos seres constantemente em transformações. Vivemos numa sociedade de muitas mudanças e constantemente nós passamos por muitos conflitos, sejam eles emocionais, sejam eles, são várias situações que nós, enquanto pessoas, nós temos que fazer. Passamos no dia a dia. São relacionamentos, são conversas, são contradições. Então a gente constantemente se debate com essas diferenças e muitas das vezes elas nos fazem refletir. E aí a gente tem que estar sempre voltando, pensando, parando, refletindo para a gente poder continuar a resposta devolutiva. Eu preciso da religião. Assim como eu preciso comer, eu preciso da religião. Então, assim, eu não me vejo sem a religião. Eu não me vejo sem não estar indo à igreja. Eu não me vejo não fazendo os meus devocionais. Eu não me vejo, eu só me encontro na paz que eu preciso ter mediante a tanta situação de conflito, eu encontro nessa religião. É isso aí.

Moderadora: Acho que todos responderam. Obrigada. Agora nós vamos para a próxima.

Eu queria saber o que vocês pensam sobre a manifestação pública de religiosidade, que é o que o “Professor C” acabou de falar, como orações, símbolos religiosos ou celebrações religiosas dentro do ambiente escolar. E aí eu acabei pulando a pergunta anterior, mas assim, se quiserem complementar também, se vocês percebem a presença de fenômenos religiosos no ambiente escolar, essa seria antes, né, e como ela acontece, uma acaba complementando a outra. Vocês podem falar de uma forma geral sobre isso, essa manifestação pública da religiosidade nesse ambiente, nosso ambiente escolar.

Professor A: Eu queria começar respondendo essa, porque eu acho que a minha resposta para isso, ela é muito, eu acho que é muito, ela é muito curta e grossa, isso até me assusta, que

é tipo assim, escola não é lugar para você ter que assistir um culto, para você ter que fazer uma oração, para você ter que participar de nada que tenha esse tipo de religioso.

Então, não acho certo ter oração no início de ano, no início de aula, não acho certo ter oração no início de conselho de classe, não acho certo ter oração no início de J, não acho certo ter enfim, em todos esses momentos que são coletivos e que elas aparecem sempre como uma espécie de imposição. Ah, mas ninguém está te obrigando a participar dessa oração, não sei o que. Vira uma espécie de estar te obrigando sim, quando a proposta vem de um líder do trabalho, de alguém que está acima de você. Se é o diretor que está fazendo, se é o comandante pedagógico, se é até mesmo o pedagogo, dentro de sala, se é o professor que está puxando com os alunos, é uma imposição no sentido dessa coerção social, é o seu chefe que está dizendo que naquele momento é aquilo que vai ser feito.

Então, sim, é um negócio que me incomoda, eu acho que não deveria acontecer, eu acho que é errado. E fico me perguntando, nesse exemplo da cruz, se a cruz está na porta de um lugar ou em cima de alguma coisa, nos espaços públicos, e do lado tem uma espada de São Jorge, primeiro que a maioria das pessoas nem sabe o que significa o raio da espada de São Jorge ali. Mas ela sempre está no cantinho, sempre está meio escondida, então tudo bem. Agora eu quero ver se junto com a cruz lá, tu estendeu umas palhas de Mario ali, que também é para proteção. Vamos botar? Vamos passar, deixar uns negócios assim? Será que as pessoas vão saber o que é? Será que as pessoas vão ter essa leitura?

As pessoas que tiverem essa leitura, será que elas vão achar que isso as representa, de fato? Ou elas vão olhar e perguntar assim, mas o que você está fazendo aqui? Isso era para estar em outro lugar. É só isso que eu tinha para comentar sobre isso aqui.

Professor H: Só uma observação, tem as escolas confessionais também, que aí é outra proposta, também acho válido colocar o daí.

Professor A: Eu estou falando da escola pública.

Moderadora: Eu falei aqui, nesse espaço público, a nossa escola pública. Não, não precisa ser específico da nossa escola, algo que aconteça na nossa escola, mas no espaço público, escola pública.

Professor H: Eu, falando como professor de história, depois da Reforma Protestante, a Reforma Protestante ali, as teses do Lutero foram em 1517, mas assim, os próximos, o próximo século foi um século na Europa de crescimento de igrejas de linha protestante, a tal ponto que em 1600 e pouco, teve a Guerra dos 30 Anos, por exemplo, que foi basicamente de cunho religioso, batalhas e combates dentro de cidades, de pessoas exterminando as outras em nome da religião, ou seja, aquele elemento de coesão social, da pessoa se identificar com o grupo, e

eram assim, cristãos versus cristãos, sabe, e ruas de Paris ensanguentadas, banhos de sangue mesmo. E aí, a partir da Guerra dos 30 Anos, a intelectualidade europeia começou a se perguntar, caramba, como assim a religiosidade foi descambar nisso? E aí, como solução, isso que foi falado no começo, que é a religiosidade como prática individual, essa noção de prática individual, essa noção de identidade coletiva, 1500, 1600, para uma construção mais individualizada, foi uma resposta às guerras de religião, foi o iluminismo, basicamente, que fez essa recolocação na religião como prática individual, mas, tipo assim, desde os seguidores de Cristo, do Cristo ainda vivo, ela tinha um papel social coletivo muito grande, até os 1600 e pouco, que a coisa, entenderam que passou da conta.

E, se muita gente se engana, achando que os iluministas eram majoritariamente ateus ou contra a religião, não, eles não eram, muitos deles eram extremamente cristãos, tipo Kant, né, mas ele disse assim, olha, vamos fazer uma religiosidade mais internalizada para a gente não se matar. E o momento que a gente está vivendo, vamos falar de Brasil, pelo menos, assim, nos últimos 20, 20 anos, essa tentativa de tomada da religião para o aspecto político-democrático tem se voltado a dar um caráter coletivo à religião, e não individual, sabe? E não à toa, tipo, manifestações públicas de religiosidade, por exemplo, eu sou uma criança que, eu fui uma criança que assistiu TV década de 80, sabe, bastante. Década de 80 não era comum alguém ganhar uma prova, algum prêmio num programa de televisão, falar assim, eu quero agradecer primeiramente a Deus e não sei o que, não sei o que, sabe? Não tinha isso nos 80. Ah, as pessoas não eram religiosas? Eram, mas era uma prática individual reservada à sua casa, ao seu templo, no máximo. Dos 90 pra cá e dos 2 mil nem se fala, tem uma publicização mais forte do seu posicionamento em relação à religião. E isso tem ido para programas de televisão, jogadores de futebol e escola, de uma forma muito mais forte. E aí, retomando, isso, assim, fatalmente, assim, é sinal de uma composição belicista da religião, novamente, igual nos 1600, sabe assim, estão formando exércitos e esses exércitos vão se enfrentar em algum momento, sabe? Esse é meu problema, sabe, com essa coletiva. Isso já aconteceu na história da Europa, sabe? Isso já aconteceu, na chegada de europeus no Brasil, sabe? Você se reafirmar religiosamente para enfrentar o outro grupo.

E é aquela velha lógica, né? É o nós contra eles, né? Em alguns momentos eles podem ser cristãos também, eles podem ser, por exemplo, tem comunidades no Rio de Janeiro de grupos de traficantes que estão expulsando candomblesistas dos morros, sabe? E isso tem sido conduzido numa postura deliberada, lideranças religiosas tentando formar pequenos exércitos, sabe? Então, assim, isso é preocupante, por isso que claro que o meu achar não vai interferir muito nisso, porque faz parte da coisa, mas assim, a manifestação pública de religiosidade nas

escolas e em ambientes públicos, oficiais, principalmente, é sintoma, é reflexo dessa militarização da religião, sabe assim? É dominar espaços, é demarcar espaços e avançar nesses espaços.

Professor C: É, Jorge, só o que você citou, que é o seu nome no dano, o narcocristianismo, o narco-pentecostalismo, é não só de matriz africana, mas também de católicos, também, né? Imagens de santos que tinham, que estão sendo apagadas, substituídas por versículos bíblicos, principalmente quando é o território, (risos) como o Professor A colocou ali no chat, né? De a gente colocar, né? Toda essa região. Mas, o que você estava falando, assim, eu com meu pouco conhecimento pedagógico, eu sempre fui ensinado, eu fui doutrinado pedagogicamente a tudo que é feito dentro de uma escola, ele deve ter o objetivo de ensino, né? Deve ter o objetivo de ensino e elevar a aprendizagem. Então, quando tem, toda vez que tem alguma comemoração de caráter religioso, eu sempre viro e pergunto, assim, a pessoa fala assim, ah, vai ter tal coisa. Me dá uma ideia. Eu falo, vamos colocar uma pedra sacrificial no meio do pátio e imolar uma virgem? Um bode, um carneiro, alguma coisa assim?

Porque, todas essas festas religiosas que a gente tem hoje em dia, elas, até certo ponto, foram substituições de festas pagãs que já existiam. Então, existiam várias festas pagãs e durante o processo de catequização, talvez eu possa dizer catequização, não sei se se enquadra aqui, mas enfim. Durante o processo de cristianização, talvez seria melhor, foi necessário adaptar o calendário para que a gente combinasse as datas das festas pagãs com as novas festas cristãs. Então, a gente vê lá, a festa do São João é a festa da colheita, gente, pelo amor de Deus, é o Deus Milho que está sendo, né, cultuado ali, né, a ação de graças é o Thanksgiving, lá dos celtas, lindamente sendo feito com abóbora, com comida, é a mesma coisa.

E, assim, e quando a gente vai para o Alto Céu e que a gente vê que a escola é um aparelho ideológico de Estado, que ela faz parte de um mecanismo para reproduzir a lógica social, e quando a gente vê isso, que o “Professor H” falou, que no meio social a gente vê cada vez mais aumentando as guerras religiosas voltando a ser travadas, a necessidade agora desse povo, né, não só se afirmar enquanto identidade pessoal, mas como identidade coletiva de um Deus do Velho Testamento, que era um Deus que ia para a guerra, e a gente vê isso, isso depois é produzido na escola, né, essa fala violenta sendo reproduzida, porque, assim, quando eu vejo pessoas, cristãs, falando assim, não, mas o que está acontecendo em Israel está certo, já estava escrito lá na Bíblia que ia acontecer, é para matar todo mundo mesmo, é para passar o facão, é, Deus do Antigo Testamento, amor, amor do lá, mano, JC, não existe não, é, passa facão e todo mundo mata, sabe, porque, assim.. (é interrompido pelo Professor H).

Professor H: E aí, você, ignorando esse povo que judeus não são cristãos, né, tipo, é uma coisa...

Professor C: Nada, não, é o povo que tem aquela terra comprometida, a gente tem que voltar para lá, e aí depois a gente, assim, e foram uma das coisas que eu comecei a ver, comecei a ver esses discursos extremamente violentos dentro da igreja, e eu estava falando, existem crianças que estão ouvindo esses discursos violentos, e como o Arthur falou mais cedo, a igreja é um espaço de educação, porque a palavra, o que eu acho tão engraçado, não sei se é engraçado, se for ser perverso, talvez, que fala assim, ah, esses professores comunistas que querem doutrinar os nossos filhos, mas a palavra da igreja é ensinar a doutrina, é literalmente ensinar a doutrina da igreja, então a pessoa que está ensinando a doutrina vira para mim e fala, você está doutrinando o meu filho, eu ouvi essa frase, aí a gente vira e fala a frase mais séria, minha senhora, eu não estou conseguindo ensinar ciência, você acha que eu vou ter tempo de doutrinar teu filho, tua filha? Está acontecendo, mas assim, e retornando à pergunta da Isabelle, é assim, qual é, hoje em dia, qual é que a gente falou, coisas boas, o rolo lindo, reconectar, abraços, mas, qual é, o que é religião, o que é algumas religiões, ou o que é alguns religiosos, de novo, eu acho que a culpa não é da religião em si, da doutrina em si, mas das pessoas que estão propagando essa doutrina, ou da forma que elas estão fazendo isso, aí já é o problema, mas, o que agora está sendo um ensinamento? De novo, de pregar o amor, a bondade do evangelho, ou agora, a ideia da dominação? Se você não tem a mesma religião que eu, então, a gente tem agora uma briga para fazer, para lutar. Uma coisa que a minha mãe, eu sempre sinto, minha mãe não, minha mãe, vice-presidente da igreja durante muitos anos, e tudo mais, ela sempre perguntou assim, nossa, qual é essa visão que as pessoas têm de Deus? Porque se Deus é o Todo-Poderoso, por que você precisa defender Ele? Por que você precisa travar uma guerra com um Deus que pode tudo? Não faz sentido. Se você acredita que o seu Deus pode tudo, que Ele controla tudo, Ele manda em tudo, por que você precisa travar uma guerra por Ele? E a gente vê os alunos fazendo isso, travando essas guerras. E não só os alunos, mas professores que estão lá, uhul, levantando a bandeira, nossa, nós estamos certos, né? Atividade só Jesus salva. Atividade só Jesus salva, não tem como. Né? Assim, não tem como. Independente. Porque até uma coisa, Jorge, que eu faço com os meus alunos, é cada semana eu falo que eu tenho uma religião diferente com eles, né? Então, porque eu sou professor de ciências, a minha religião, ela não deveria fazer diferença para aquele aluno. Em si. Ela não deveria fazer diferença. Porque o que eu ensino, ou o que eu falo, a minha prática, eu, enquanto professor de ciências, saber qual é a minha religião, não vai levar o meu aluno a ter

aprendizagem. É indiferente, pra mim. Talvez pra “Professora ER”, que é professora de ensino religioso, seja um pouquinho mais importante, mas pra mim, não é. Então, eu, um aluno, eu pergunto, nossa, professor, você é ateu? Sim, eu sou ateu. Na semana seguinte, qual é o professor? Eu, que torça abençoe, vá com o Odin. Né? Consegui convencer uma aluna que eu fiz uma oração pra Thor, e não choveu naquele dia. Né? Mas, porque as nossas religiões, o que a gente pensa, é, não, essa história é maravilhosa, mas, enfim, mas as nossas religiões não deveriam interferir. E, o que eu falo, o que eu penso é o seguinte, o que a, o crucifixo na porta da escola, ou em qualquer outro lugar, ou a oração cristã que é feita antes do ano letivo começar com todos os alunos, o que ela causa nos alunos que não seguem aquela religião? Sabe? Porque, pensa assim, eu já ouvi falando que a época da igreja era boa, na época que a gente entrava no centro de Macumba, quebrava tudo, destruía, expulsava todos os espíritos, e salvava aquelas almas pra Jesus.

Eu já ouvi isso dentro de uma igreja. Mas, e se é o professor de ensino religioso que fez o curso de teologia dele, numa instituição confessional, ele não dá aula de ensino religioso, ele dá aula de catequese? Aí, complica. Porque, aí, o aluno que não segue aquela religião, ele pode ter ouvido a mesma coisa. Se o aluno foi apedrejado por um cristão na rua, porque já aconteceu no Brasil, já aconteceu não, acontece todo dia, né? E o professor fala, o professor vem com o crucifixo, a imagem de Maria. Pode ir, não tem problema nenhum, tá, gente? Quem sou eu pra mandar na roupa das pessoas? Mas, o que que isso causa no seu aluno? Uma vez eu briguei com um aluno, e a criança começou a chorar loucamente, porque falou que eu lembrava o pai dela que gritava com ela. O que que, o que que a imagem da gente, enquanto, é, professando a nossa religião claramente, pode trazer de positivo e negativo pros nossos alunos? É realmente necessário? Realmente, no ambiente escolar, leva o ensino e a aprendizagem dos meus alunos? A ele garantir alguma competência socioemocional? Qual é o objetivo daquilo?

Professor H: Qual é o descritor que tá sendo trabalhado? (Risos)

Professor C: Qual é o descritor que tá sendo trabalhado? Sabe? Então, Ok.

Moderadora: Alguém mais quer comentar?

Professor ER: Eu queria bater um papo aqui. É, esse diálogo que você trouxe, Isabelle, é um diálogo que, normalmente, eu tento trazer pros meninos do oitavo do nono ano, que já estão um pouquinho maior, e eles conseguem entender, mais ou menos, o que eu tento propor pra eles. Acredito que o ambiente escolar não é um ambiente de ficar fazendo culto, rezando, acredito que não é o local, acho que não é o momento de se fazer esse tipo de coisa. E sempre trago essa discussão pra sala de aula. Todos nós, seres humanos, temos direitos. E o direito de exercer a sua fé é um direito também. Todos nós temos esse direito de exercer a nossa fé. Mas

até que ponto o seu direito vai ferir o meu direito? Que é um diálogo que os meninos trouxeram. Eu posso exercer a minha fé. Acredito que é um pensamento que eu tenho, que eu tento trazer esse diálogo pra sala. Eu posso exercer a minha fé na minha casa, com os meus familiares que são cristãos. Eu posso exercer a minha fé na instituição que eu vou. Eu posso exercer a minha fé no meu particular. Mas, a partir do momento que eu tiro o microfone de uma palestra que está acontecendo dentro de uma escola, e a gente está falando sobre AIA e do nada eu puxo uma oração. Não acho certo. A gente está num, numa festa que está todo mundo na quadra, a gente está falando sobre isso, e aí do nada alguém fala, vamos fazer um isso, vamos fazer uma oração, vamos fazer uma reza. E aí a gente vem para aquele diálogo. Será que isso trouxe algo positivo para quem não é daquela religião? Será que aquela pessoa, muitas das vezes, eu tenho relatos de alunos que falam assim, nossa tia, a gente toda vez que vai fazer tal coisa lá na quadra, tem que rezar, e eu não me sinto confortável, porque eu sou de tal religião e tal. E eu falo assim, realmente, não é uma situação confortável, nem para mim que não tem religião, nem para quem não seja daquela religião específica, independente de qual reza seja. E é um diálogo que eu sempre tento propor. Essa semana agora, eu até comentei com os meninos do oitavo ano, é legal você, você está, por exemplo, no seu carro, em pleno sábado, e aí quando fecha o sinal, alguém passa com uma plaquinha, Jesus te ama, acho legal. É uma manifestação individual. A pessoa passou ali, estou deixando um recadinho para você. Se você gostar, legal. Se você não gostar, desculpa. Mas não acho legal você ter uma manifestação, por exemplo, que eu, quando andava, no carro de ônibus, via direto, num horário mais ou menos entre meio-dia e pouca, ter alguém no meio da praça, com uma bíblia na mão, falando para ele. Falando, falando, falando, falando, falando. Ah, porque você vai isso, você vai aquilo, você vai aquilo outro, vai acontecer isso com você, se você não entregar a vida para Jesus. Esse tipo de manifestação, eu já não acho correto. Porque isso tira a minha paz, o meu momento de eu estou esperando um ônibus, eu já estou estressada por estar num ponto de ônibus com milhões de pessoas. Então, assim, acredito que na escola seja a mesma coisa. Por mais que seja apenas uma reza, apenas uma oração, apenas, é coisa pouca. Não vai fazer mal para ninguém. Vai ter muita gente que vai gostar, que vai se sentir muito bem, que, às vezes, naquele momento, estava precisando daquela oração. Mas não acho que a escola é um local, é um lugar onde a gente deva manifestar apenas uma. Se eu tenho uma escola com uma diversidade religiosa, se eu posso falar da minha religião cristã, eu também posso falar da religião do plano de tal, que é da Umbanda. Acredito que, igual ela falou, se eu posso falar sobre um, eu também posso falar sobre outro. Se eu posso manifestar sobre tal religião, eu também posso manifestar sobre outras religiões. Então, acredito que a escola não é um lugar de ser encaixado ou de colocar numa caixinha apenas uma religião a ser

abordada. Não acho certo que eu converse com os meus meninos todos os dias, que eles precisam respeitar todas as pessoas, todas as religiões. E que a escola é um lugar que você pode ter o que você quiser, que você pode. O ponto é estou

Moderadora: Está travando só para mim, gente? Aqui também está travando. “Professora ER”? Está travando. Deu uma travadinha.

Professor H: Voltou! Voltei. A internet está ruim hoje, galera. (Risos). Mas, enfim, era só isso mesmo, que eu tento propor esses assuntos também, que é um assunto muito bom e que eu acho que a escola é um ambiente que você pode ser livre. Só isso mesmo.

Moderadora: Pessoal, dentro desse meu tópico de religião no espaço público, eu ainda teria uma pergunta sobre liberdade religiosa e também sobre pluralismo religioso. Mas, pensando nessas duas questões, vocês já responderam aí, a Emily acabou de falar sobre a liberdade religiosa, até qual é o limite para ela, e outros também já falaram. Eu já vou pular, então, mas vocês podem pensar nisso, tanto no pluralismo quanto na liberdade religiosa, para entrar já no meu tópico sobre religiosidade no contexto escolar. E aí eu venho para a minha próxima pergunta. Quais são os maiores desafios em se tratar a religiosidade no contexto educacional?

Professor A: Eu acho que eu vou começar de novo. (risos) Sei que você vai começar de novo. Mas, na verdade, com isso eu queria colocar uma outra questão também, que é a maneira como pequenas representações, às vezes, fazem todo sentido, sabe, tipo, eu, por exemplo, eu não sou uma pessoa, eu não sou um bandista praticante, pelo menos ainda, também não vou ao Pernoblé, não vou ao Quimbanda, não vou a nenhum, também não vou a outras religiões, não tenho elas como uma prática religiosa. Enfim, na minha cabeça, para eu dizer, olha, eu sou macumbeira, eu preciso estar fazendo macumba no mínimo, né, assim como para uma pessoa dizer que ela é cristã, ela precisa do mínimo estar em uma igreja cristã, seja ela qual for.

Mas, como eu me aproximo dessas espiritualidades e dessas religiosidades, de alguma forma, os alunos que também se aproximam disso, que realmente frequentam essas religiões, costumam identificar isso muito fácil, porque eu já percebi que a gente tem uma coisa com aluno de ensino fundamental, que são dois extremos. O primeiro extremo é aquela criatividade. A criança que fica muito quietinha e jamais vai falar para você que ela vai na macumba, na Umbanda, na Quimbanda, no Pernoblé, onde quer que seja, a menos que ela se sinta absolutamente muito confortável para aquilo, porque a gente vê, né, de vez em quando, um ou outro que vai com um fio de conta, vai com um contraponto no braço, tem uma coisa ou outra ali.

Então, esse é um extremo da criança que fica, ela esconde aquilo dentro da escola e, às vezes, até fala que é cristã ou de outra coisa. E aí, eu acho engraçado, porque gera umas situações muito curiosas, tipo, eu tinha uma aluna no ensino médio, claramente um bandista, ela ia com os fios de conta, não sei o quê, e toda vez que a gente conversava sobre alguma coisa, seja em aula ou fora de aula, que a gente estava falando sobre religião, ela se referia ao terreiro como a igreja dela. Ah, na minha igreja, a gente vai ter reza, a gente vai para a igreja. Não, não, a gente vai fazer uma festa na igreja. E aí, foi quando eu entendi que aquilo era um jeito dela de não sofrer preconceito, né, de não sofrer esse racismo religioso e tal.

Então, está dentro de um extremo. E o outro extremo é quando a criança, já identifica que você está em alguma proximidade com aquilo e já começa a jogar uma para cima de você, igual a criatura lá no oitavo ano, que virou para mim e falou, mas você tem uma cara de que é filho de mulando, que não sei o quê, que não sei o quê. E eu disse assim, tá bom, vamos seguir o baile nessa história e tal. Mas, para mim, isso mostra o quanto essas pequenas representatividades, às vezes, elas são importantes. E elas se dão. Porque, por exemplo, esse mesmo que falou isso, por que ele falou isso? Porque teve um outro momento que ele com as amigas estavam falando de Exu como se fosse para botar medo na gente.

E eu só virei e falei, mas esse daí eu conheço, né, assim que ele chega, não, tá doido? E aí, tipo assim, isso foi o que bastou, assim, sabe, para, eu nem precisei, tipo, dizer nada a mais. Eu simplesmente lidei com naturalidade com o que estava acontecendo, com o que eles estavam falando. Eles estavam brincando, eu brinquei também. Eu ia falar que eles foram capeta, tá doido? Jamais. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Então, assim, isso mostra como essas pequenas coisas são importantes. E também mostra que, talvez, o nosso principal desafio para trabalhar com religiosidade sejam os estigmas, né? São todos esses estigmas aí, muito presentes. Porque a atividade, como é que dizia ela, Jesus chama, só Jesus salva. Não é? Não é uma coisa assim.

Agora, se eu der uma atividade em arte para fazer um mural dizendo que Exu é o caminho, eu duvido se eu não vou ter uma conversa de umas duas horas com alguém. Duvido, sabe? Porque, tipo, às vezes tem coisas que não precisam ser ditas, mas a gente sabe como é a nossa comunidade.

Professor H: Dessas dificuldades, eu passei por uma vez numa escola, né? É, eu achei a escola, assim, percebi uma presença evangélica muito forte, uma marca evangélica muito forte na escola. Não eram pessoas que eram evangélicas, era levar isso com uma identidade muito forte da escola, sabe? Tanto estudantes como, depois já descobri que o pedagógico também,

sabe? Mas, de início, eu vi isso muito forte nos estudantes. Era ensino fundamental, sexto ano, já tem alguns anos isso já.

E aí, tá na BNCC que eu tenho que trabalhar, é, africanidades e tal, né? E aí, quando chegou na parte de África, eu quis fazer uma questão de religiosidade afro, né? Aí, o trabalho que eu ia pedir era fazer um desenho de algum dos orixás, e eu lembro que eu fiz uma perguntinha assim, qual era o dia da semana, qual era a cor, alguma coisa assim. Eu fiz três perguntinhas, tipo, um cartãozinho. Só que, ao longo das aulas que eu não ia falando, só quando eu falava, quando eu falava candomblé afro, tinha menino que começava a fazer sinal da cruz, e começava, não sei o quê, aqueles pequenininhos de sexto ano, e Deus me livre, não sei o quê, e tal.

Eu falei, gente, eu tô tendo problemas com isso aqui, deixa eu ir devagar. Aí, eu comuniquei com o pedagógico. Falei, olha, vou fazer um trabalho nesses e nesses termos, e eu tava temendo que viesse alguma mãe, alguma coisa, né? Falar que tá querendo, falar essas coisas do meu filho, não sei o quê. Eu vou alertar o pedagógico. Eu vou alertar o pedagógico. Muito enfaticamente, me orientou, quer dizer, fez aquela sugestão assim, você não acha melhor passar este filme aqui, sabe? E, tipo, e aí eu percebi que eu não teria o apoio do pedagógico ao fazer isso, sabe? E aí, eu não fiz, porque eu poderia comprar uma guerra com aquelas famílias e tal, sabe? Preferi não fazer. O fato é o seguinte, alguns meses depois, no outro trimestre, eu fiz a mesma proposta de trabalho com divindades gregas. Não foi problema nenhum, sabe? Nenhum. Então, assim, eu acho que um desafio é a gente ainda se livrar, na América Latina, desse estigma do escravismo colonial, sabe? Tipo, a intolerância religiosa que se tem no Brasil, não é intolerância religiosa, é racismo. Basicamente isso, sabe? Porque, tipo, indo para a Aracruz, tem aquele Buda enorme na beira da estrada, linda, lindo, sabe? E está tudo bem colocar um Buda enorme. Agora, coloca um São Jorge enorme ali para você ver. Coloca um, não, São Jorge ainda, né? Vamos ser legais e colocar São Jorge, né? Para dizer que é católico ali. Cara, assim, você coloca algum ali, acabou daquele tamanho, sabe? A coisa vai ser apedrejada. E quando eu estive lá no Buda, você via famílias claramente evangélicas de boa com Buda.

Então, assim, o problema. Não é a outra religião. O problema é preto, sabe? Qualquer coisa, seja religião, seja cabelo, seja lábios grossos, sejam narizes mais largos, qualquer coisa que seja de origem de África, tipo, é pouco tempo, né? 136 anos de fim de escravidão, é pouco tempo para se livrar disso, sabe? Então, assim, o problema não é de fundo, na real, religioso. O problema é de fundo racista.

Professor C: É rapidinho, é bem rápido. Eu só vi, “Professor H”, queria apontar que eu vi uma discussão esse ano no Instagram, porque um cartunista, ele fez um desenho de Iemanjá sendo uma mulher negra e gorda. Houve uma grande discussão, porque aquela não era a imagem de Iemanjá, não poderia ser, porque aquilo, não sei o que, aquela. Aí que depois eu descobri que era a Janaína. Quem era a Janaína? Que a Janaína é a visão da Iemanjá, mulher, branca, cabelo liso, longo, né? Aludindo às santas do catolicismo. Mas que, na verdade, a Iemanjá, ela é descrita como uma mulher negra, voluptuosa. E aí, as pessoas dizendo assim, gente, pelo amor de Deus, é uma deusa de uma religião de matriz africana. Como que ela vai ser branca, pelo amor de Deus? E um outro também que eu achei super legal, que era um meme, assim, que era assim, diga uma coisa que não tem na Bíblia, que todo mundo acha que tem. Aí colocaram assim, gente branca. A resposta é gente branca. Porque todas as visões que a gente tem, até do próprio cristianismo, são de pessoas brancas e não existe. Não, não. Gente branca.

Professor H: Paulo, talvez fosse.

Professor C: É, porque é grego, né? Mas, geograficamente, é imaginar que todo mundo que está ali era branco, pele clara, olho azul. E não faz sentido. Então, essas construções, ao longo do tempo, acabam fazendo isso. A gente aceita o Buda de boa. Mas, agora, eu vi, e aí, eu falei que ia falar rápido, mas eu nunca falo rápido, enfim. Eu vi uma obra de arte, no Museu de Arte do Rio, que chamava Exu nas Escolas. Que era uma cadeira, uma carteira escolar, e nela estava escrito o que estaria escrito num padê, em volta, assim. Toda a cadeira estava escrito naquilo. E aquilo era muito interessante, porque a gente, realmente, são pouquíssimas as práticas que a gente vê. E, talvez, o desafio seja, realmente, de novo, a gente falar da reprodução do que a gente vive na sociedade.

Porque é a primeira coisa que, quando você fala para a gestão, para a pedagogia, assim, vamos fazer a festa do São João. Não pode, São João. Não pode nem colocar o nome do São João na festa. Tem que ser um outro nome. Tem que ser a festa do São João. Tem que ser a festa junina. Tem que ser a festa do não sei o quê. Porque, se for do São João, já vai ter o pai que vai dizer que não pode. Eu já tive aluno, na época em que eu dava aula de inglês bilíngue, que não participava do St. Patrick's. Do dia de São Patrício. Que não participava do dia de São Valentim. Porque era de um santo, então, o filho dele, a filha, nunca poderia comemorar a festa do santo.

E olha que é do dia do amor. O São Valentim. O St. Patrick's. Que a criança só ia se vestir de verde e comer um chocolate. Né? Era só isso. Mas eu acho que o grande desafio seja, realmente, a sociedade que, como o Jorge disse, ela tem preconceito. E é uma coisa que, assim, o racismo, não o preconceito especificamente, assim, não o preconceito no geral, mas

especificamente o racismo, mas eu também queria trazer para o pensamento que é quase um preconceito de tudo que não seja aquilo que eu acredito. Sabe? O racismo, ele é gritante, ele é escancarado, mas qualquer coisa que eu não acredito, eu também tenho preconceito e não quero que meu filho entre em contato com essas coisas. Sabe?

Professor A: Eu acho que isso tem muito a ver com o que o “CP” falou antes da cosmovisão, assim. Como que, se a religião é um espaço de educação que molda uma visão de mundo, como é que essa visão de mundo entra em contato com outras visões de mundo? Como é que ela permite o diálogo com aquilo que não sou eu, com aquilo que é o outro? Acho que tem uma interrogação nisso, porque talvez seja esse o atrito, né? Entre o que sou eu e o que não sou eu. E, às vezes, o que eu nem sei que não sou eu, como o Buda, por exemplo. Tem gente que olha e fala, mas isso é religioso? Por uma completa falta de desconhecimento. Assim como se a gente colocar em perspectiva a mitologia grega e a mitologia, as mitologias afroindígenas, sabe?

As mitologias dos nossos povos indígenas daqui, elas são tão mitologias quanto a mitologia cristã. Mas vai falar para um ser humano que o mito de Adão e Eva é um mito. Nossa, acabou o mundo para aquela pessoa, sabe? E aí vai explicar para um ser humano que quando ela coloca a cuca, saci, boto, só como personagens folclóricos. Ai, que bonitinho, folclore! Ela, na verdade, está fazendo isso com algo que é sagrado, divino e encantado para alguém. Sabe? Pode não ser para você. Mas, em algum lugar, os seres da natureza, os encantados, são encantados.

Moderadora: Para quem não respondeu essa, mas gostaria de responder, eu vou complementar com uma outra aqui, se quiser falar. Mas pode falar sobre a anterior, sobre desafios.

CP: Estou com as três perguntas acumuladas aqui. Estou com as três perguntas acumuladas para te responder.

Moderadora: Então, vamos lá, pode responder.

CP: Mas pode falar, pode fazer a próxima.

Moderadora: Que impacto, a abordagem ou a falta de abordagem da religiosidade da escola tem sobre o desenvolvimento pessoal dos alunos? Que uma acaba complementando a outra ali. Mas pode falar sobre a anterior, sobre o desafio.

CP: Não vou deixar “Professor A” começar agora, não. (risos) Vocês estão me ouvindo bem? Tá. Eu quero só trazer, vou retomar algumas situações anteriores, mas vou ser breve, né “Professor C”? Vou realmente ser breve. (risos) Primeiro, quando a gente volta lá naquela questão dos símbolos religiosos e tal. Eu sou cristão, que a gente está aqui num país laico, no

estado também, mas que é predominantemente cristão. A gente sabe disso, a nossa região. E mesmo sendo cristão, eu discordo, que na escola pública haja essas manifestações tendendo para um lado religioso apenas. Deixo isso claro para vocês. Já fiz muitas orações ali na escola. Acho que eu nunca orei tanto. A escola que eu estou há três meses, acho que eu nunca orei tanto. Se for pegar todas as escolas que eu já passei, nunca orei tanto como eu orei na escola que a gente está atualmente. Mas vocês vão ver que nunca partiu de iniciativa de mim. Porque realmente eu não concordo. Porque, se estamos num estado laico, onde eu tenho que respeitar todas as religiões, eu não posso chegar e tentar impor a minha, se estou num ambiente público. Não digo das escolas confessionais, que aí já é outra história, que você vai matricular seu filho ali, você já sabe da fé que aquela escola professa, então você não tem do que questionar.

Então, só para fim também da sua pesquisa, Isabel, porque por mais que eu seja cristão, num meio predominantemente cristão, eu sou contrário a essas manifestações dessa forma direcionada, porque, assim como os meninos falaram muito bem, eu vejo que fere a quem não é da mesma crença, da mesma religião. Estou muito tranquilo com relação a isso. A pergunta anterior, que estava falando sobre o desafio, acho que o grande desafio para nós, no nosso contexto, é exatamente esse. Você tem duas coisas distintas. Você tem um estado laico, mas que é predominantemente cristão. Então, isso dificulta a forma como você vai abordar e trabalhar a religião, dentro dos ambientes públicos. Muito difícil. Então, se você está ali, você está num estado laico, mas não vou dizer que cada um tem uma religião, porque os meninos aqui falam assim, eu não tenho uma religião. Apesar de, na minha concepção, não ter uma religião é uma religião, na minha opinião pessoal. Mas aí, eu vou trabalhar, nós estamos aqui, todos nós aqui, cada um trabalha o seu componente curricular, e a “Professora ER” é quem trabalha o ensino religioso mais diretamente. Então, ela tem as convicções dela, a cosmovisão dela, e aí ela vai trabalhar um conteúdo mais amplo, mas que, infelizmente, não é todo mundo que tem maturidade suficiente para fazer esse discernimento e distinguir e trabalhar de forma imparcial as religiões. Então, eu acho que é difícil trabalhar de forma imparcial as religiões, sendo que você tem as suas crenças e as suas convicções. Então, eu acho que é um pouco difícil, é um grande desafio para a gente abordar. Porém, apesar de eu não concordar de ter essas manifestações tipo orações, ter ali os símbolos religiosos, sagrados ali nos ambientes públicos, apesar de eu não concordar, eu acho que é extremamente importante tratar de religião e falar de religião no ambiente escolar. Mas aí, sim, falar de todas elas, ou pelo menos de todas que a gente tiver acesso, tiver conhecimento, tiver condições de trabalhar. Todas que você, que for possível trabalhar, acho que seria ideal talvez ter ali pelo menos uma matriz mínima de quais religiões, religiões serem trabalhadas. Mas eu creio que todas devem ser muito por causa do

que foi falado pelos meninos aqui. Aquela questão do afeto, do se sentir bem. Você se sente bem na sua, me sinto bem na minha, você se sente bem na dele. E quando você não tem essa presença, isso muitas vezes pode formar uma sociedade sem princípios, sem valores, dependendo do que é ensinado. A Georgia fala assim, eu não tenho princípio, não tenho valor. Não, Professor H, calma, segura aí. Não é isso que eu estou dizendo.

Professor H: Foi a Professora ER que me acusou disso. (RISOS). Foi a Professora ER que colocou o monopólio dos valores morais na religião. Está gravado, está gravado.

Professora ER: Nunca falei. (Risos)

CP: Eu estou tentando abordar algo até que semelhante, porque eu vejo que as religiões são importantes, o estudo delas. E eu também acho muito importante quando se fala, volto lá naquela discute ou não. Eu acho muito importante, sabe? Tratar de todas. E aí você tem um aluno ali que ouve de todas e ele vai tomar a decisão dele por qual que é a melhor. Sabe, eu como cristão, vejo que o agir do Deus cristão é muito semelhante. Porque desde o princípio ele dá opção de escolha. Ele não impõe um caminho só. Ele dá opção de escolha. Você escolhe o seu destino. E eu vejo que há muitas pessoas que têm traumas com relação ao cristianismo, têm problemas com relação ao cristianismo. Nós já falamos muito disso aqui agora. Por causa não de Cristo. Cristo é fera, mas o fã clube é terrível. Não foi isso que foi falado aqui? Exatamente. Quando você olha para o cristianismo, é uma confusão geral. Eu sou cristão, mas o cristianismo é uma confusão geral. Como que você pode ter um Cristo e com mais de 45 mil denominações cristãs, cada um falando um negócio diferente? Entende? Olha o tamanho da confusão. Então, isso causa muito preconceito. Isso causa muito sofrimento, dependendo da forma como você vai interpretando. Então, eu acho importante a religião no ambiente escolar e público ser trabalhada, porque os valores morais que as religiões pregam, dificilmente você vai ter uma religião pregando o mal. Dificilmente. Sempre vai puxar para o lado do bem, do bom, do tratar bem, do respeitar. Então, isso é sempre muito positivo. Só que, infelizmente, nem todo mundo interpreta da maneira ideal. Agora, quem que está interpretando correto? Só você estudando, examinando, tendo acesso a todos e você tomando a sua melhor decisão. A gente tem que ter a cabeça aberta para isso aí. Então, acho que essa aí é a minha opinião. Espero que você tenha conseguido catar todas as ideias que eu falei aqui. No fim, é isso aí.

Moderadora: Gente, obrigada. Alguém mais quer continuar? Olha, gente, já passei muito do meu tempo, mas vocês são muito maravilhosas. Está sendo muito bom, muito legal. Melhor do que eu estava imaginando. Eu já sabia que seria muito bom escolher cada um de vocês com muito carinho, mas está superando as minhas expectativas. Mas eu preciso terminar isso. Fica mais um pouquinho comigo, porque agora eu entro numa parte que é importante

também para o meu trabalho. Tá bom, gente? Vamos falar agora de situações, situações concretas. Vamos lá. Como vocês agem concretamente quando há discriminações e preconceitos religiosos, quando as discriminações e preconceitos religiosos se apresentam na sala de aula ou no ambiente escolar, no estabelecimento escolar? Quais recursos vocês mobilizam e quais estratégias utilizam? Quais são as suas escolhas, as escolhas de vocês? Porque eu tenho certeza que em algum momento vocês já presenciaram nesse tempo de trabalho de vocês situações de preconceito, de discriminação com relação à religião. Então, eu gostaria de saber se vocês querem comentar alguma dessas situações e como foi que vocês agiram, o que vocês usaram de estratégia, ou querem falar, quem quiser falar. Tem gente que está mais quietinha, mas está tudo bem, tá, gente? Quem estiver mais quietinho, não acha que não está colaborando, colabora também. Podem, tem que se sentir à vontade.

Professora M: Eu já passei inúmeras situações disso, até porque quem trabalha no oitavo quatro vê isso todos os dias, todas as semanas, no mínimo. É uma turma muito dividida. Tem muitos meninos ali que são do candomblé, da umbanda e tudo mais, e tem alguns que são católicos e alguns que são evangélicos. E ali tem todo o dia o xingamento na turma tal, uma outra turma qualquer, é o racismo explícito, ok. Mas ali, naquela turma, se eu quero xingar alguém, isso os alunos, né, se eu quero xingar alguém, se eu quero xingar o meu colega, eu vou chamar ele de macumbeiro. Ali é todos os dias, e todos os santos dias você tem que parar, falar. Falar sobre isso e tudo mais. Aí, por exemplo, como que eles já falam? Eu quero ofender meu coleguinha, eu chamo ele de macumbeiro. Aí o próprio coleguinha já fala, sim, sou. Aham, o que que tem? Então assim, já tá num ponto, já estamos em outubro, que eles mesmos já acostumaram com o que eles vão ouvir de mim. Então eles já, eles mesmos já se defendem, mas que é toda semana, no mínimo, é toda semana, no mínimo. Então quando eu falo assim, meu filho vai sentar, pelo amor de Deus, pelo amor de Ogum, pelo amor do que você quiser, faz favor pra mim. Então ali eles já estão super acostumados e tem diminuído, mas assim, é dose. Todas as aulas tem que parar e falar, existem várias religiões, não é só a sua que é legal, que isso, que aquilo. Não adianta muito não, mas até que tem, não adianta 100%, mas até que tem diminuído.

Moderadora: E aí, quando vocês forem responder, vocês já podem responder a outra, que tem a ver, tá? Se vocês se sentem seguros e preparados para lidar com a presença da religião no espaço escolar. Então vocês vão dizer o que vocês fizeram, o que vocês já presenciaram, o que vocês disseram, e se vocês se sentem preparados.

Professor C: Olha, falando, a minha estratégia de cada semana eu tenho uma religião, ela é muito útil nesse caso. Porque já quando aconteceu assim, de falar, ah, fulano é macumbeiro, eu falo, eu também sou. Quando eu falo pro aluno assim, eu também sou, e eu sou de todas as religiões, a cada semana eu sou de uma religião diferente, ele sozinho. Ele já vê que, ah, não, mas o professor também é, então, tipo, tá. Geralmente, depois disso, nunca mais acontece. Só que assim, toda vez que eu vejo qualquer situação relacionada a qualquer tipo de preconceito, eu, a primeira coisa, né, se for em relação a religião, que é uma coisa simples, eu posso falar isso, mas, dependendo, eu já respondo com um pouquinho mais de rispidez. Ah, tipo, um aluno fala que o outro tá agindo igual uma mulherzinha, aí eu, né, eu já falo, e qual o problema dele agir igual uma mulherzinha, é alguma coisa melhor, né, é pior do que outra pessoa, por que que eu faço isso? Porque isso são crimes. Essas coisas são crimes. E, assim, nesse caso, talvez, assim, pra mim, e pelo menos é o que tem funcionado, eu acredito que ele precisa entender que isso é uma ação que não pode ser repetida. É um problema cultural, eu não vou resolver esse problema, mas, pelo menos, isso também é muito ruim de dizer, mas pelo menos naquele ambiente, talvez aquilo não se repita com mais frequência. Porque pensando, pensando na criança, no adolescente, até uma certa idade, a gente tem que entender que ele também vive numa lógica social, que o mundo dele não é a escola. Então, ele vive lá fora, onde tudo isso tá dentro dele. Como eu falei mais cedo, ele provavelmente, o aluno evangélico que faz esse tipo de preconceito dentro da sala de aula, ele provavelmente tá sendo doutrinado em algum lugar a agir dessa forma. Porque ele não trouxe isso de nada. Ele não veio do vento, e ele do nada achou que o colega macumbeira, que chamar alguém de macumbeira não é um movimento.

Professora M: Por isso que a postura deles muda quando você fala que você é macumbeiro também. Porque você é o adulto ali na sala, e aí você fala ah, você tá xingando o coleguinha de macumbeiro? Mas eu também sou. Eles já olham e já, meu Deus, tem um adulto que tá falando que tá tudo bem ser macumbeiro ou qualquer coisa do tipo. Porque eles chegam com uma bagagem ali de um preconceito que vem da vivência deles e algum adulto falou que não, não é bem por aí e tudo mais. Muda muito de figura. Coisa que eu não tenho com os meus alunos no ensino médio, por exemplo. É muito diferente, muito diferente mesmo essa questão de preconceito com outras religiões.

Professor C: É, é tipo assim, pra mim eu acho que existem determinadas culturas que a gente não tem como oi, querido, querida não, você não pode fazer isso não, a gente tem que ser um pouco mais duro um pouco mais ríspido pra, porque a gente não sabe até onde aquilo pode escalar. Por exemplo, eu já andei no corredor, vi um aluno olhando a bunda da professora

eu virei e falei, você tá doido? Você tá maluco? Tá fazendo o que aqui? Porque isso daí é uma ah, mas ele tava só olhando não, ele tá fazendo alguma coisa que ele não deveria fazer, hoje é só olhando daqui pra frente ele acha que ele pode fazer o que quiser com qualquer mulher que tá na rua que nada vai acontecer né, é só um menino né, aí é só um menino, a gente fala que é só um menino até quarenta anos de idade não, mas esse homem é assim mesmo, homem faz essas coisas É, é só um jogador de futebol milionário que estuprou uma menina no banheiro, tadinho É, mas ele é só um menino, ele tá aprendendo ainda sabe, ele ainda tá aprendendo né, ele é uma pessoa, quem conhece sabe né é, mas e assim, se eu me sinto preparado eu acho que nenhum professor está preparado pra nada dentro de uma sala de aula é, eu costumo dizer isso rotineiramente na sala de professores que é assim na educação você pode reclamar de qualquer coisa menos da monotonia e quando alguém vira fala assim você não acredita no que aconteceu, eu falo eu acredito, você pode me contar que eu vou acreditar no que você quiser porque vai acontecer nenhum curso de formação de professores, nenhuma pós-graduação vai te preparar pra tudo que você vai encontrar na sala de aula então seria muita soberba talvez dizer que a gente tá preparado pra lidar com situações porque a gente não sabe, a gente não sabe nem de quem vem eu já presenciei professor falando que aluno não podia entrar com um com uma vestimenta que era relacionada a religião e como que você lida com isso, que agora você tem que educar o professor? não é o aluno? sabe então assim não é só uma questão de é o ambiente escolar de novo, ele reproduz uma lógica social então a gente tá ali de novo dizer que a gente tá preparado pra lidar com esse tipo de situação é uma grande soberba a gente precisa dizer eu não entendo todas as religiões eu não tenho conhecimento eu precisaria chegar pros meus alunos e perguntar e aí? será que a gente algum dia já parou pra ouvir os nossos alunos em relação a isso? o que que a gente podia fazer pra acolher é a subjetividade dele? será que é possível? será que realmente nossa, não, vamos trazer um líder religioso pra escola, né já comentei isso de brincadeira de vez em quando mas vamos, vamos trazer pra gente ouvir aí ah não, mas não pode, melhor fazer um culto ecumênico um culto ecumênico é um culto cristão basicamente, né quem vai fazer vai ser o pastor mas ele só não vai literalmente pregar o evangelho, mas sabe porque que a gente não pode porque a gente não pode fazer tanta coisa ainda enfim o que eu falo de preparado ele chega no lugar da impotência sabe, de não é só um não estar preparado de não saber como lidar com a situação é de sentir você quase que não pode fazer nada além de falar com o seu aluno e respeitar aquela relação eu-aluno mas será que o aluno ele tá se sentindo bem naquele espaço como um todo como a Stephanie falou, gente, numa sala que eu tenho que entrar todo dia e talvez discutir com o meu colega até o ponto de eu chegar ah, sei mais como lidar ah, sou, querido, aham, tá bom passo pra próxima e aí o que eu volto aí, sim, a gente tá

trabalhando dentro da escola dentro da escola que visa trabalhar o descritor que vai fazer a competência socioemocional né, porque até onde a gente sabe antes do descritor ter uma competência ter uma habilidade pra ser trabalhada então, né, deveria ter o descritor vamos formar seres humanos que são capazes de conviver em grupo e respeitar as diferenças dos nossos colegas mas como não tem como medir isso, né, se ele chuta uma velhinha no meio da rua o que ele faz, então não tem como fazer isso, mas é sabe, talvez a resposta pra pergunta se eu me sinto preparado é, na verdade eu me sinto impotente, impotente no sentido de não poder fazer mais a única coisa que eu posso hoje é falar com o meu aluno que qualquer coisa que seja mais amplo do que isso, eu não consigo fazer.

Professora M: mas já é mais do que alguns fazem né, porque o tanto de posso ir na coordenação aconteceu isso, isso e isso, ué, porque você não foi nessa aula? é porque o professor não fez nada, então assim, na minha aula eu brigo eu converso eu paro a aula pra falar sobre isso mas a gente sabe que não é todo mundo que faz isso.

Moderadora: Então, gente, enquanto nós ainda temos dúvidas de como fazer, se podemos fazer, as situações estão acontecendo na escola e aí eu pergunto: quais demandas, seja formação, formações, instrumentos pedagógicos, o que que vocês acreditam que poderiam favorecer uma prática mais satisfatória?

Professor A: Formação não, pelo amor de Deus, chega.

Professora M: Eu ia falar isso agora também, pelo amor de Deus.

Professora A: Se tiver que ter outra formação qualquer assunto fora que, tipo assim, no geral, as formações que são oferecidas pela nossa rede, elas são tanto quanto rasas e não dão conta do que realmente é importante para essa questão, que é o que a Professora M coloca e que o Professor C também coloca de certa forma, que é essa dimensão humana, assim, tipo tá, a gente sabe, a gente tem que, primeira coisa, né, repreender a criança, porque ela fez uma coisa que não pode ser feita, não pode ser repetida, mas como lidar com o fator humano, sabe, como lidar com a sensibilidade de um caso que a gente não trata dessa forma porque talvez falte essa discussão, mas é um caso de violência sempre, sabe, são casos de violência. Então eu acho que o professor precisa de suporte humano para trabalhar com isso, não é só uma questão de, ah, formação com isso, não, ele precisa de suporte humano.

Professora A: É aquele negócio, né, que o óbvio precisa ser dito, né, a gente precisa de uma formação, a gente já tá de saco cheio de formação rasa e que ninguém quer e que ninguém tá interessado e ficou por isso mesmo, mas, por exemplo, como foi a aula do “CP” naquele dia, todo mundo prestou atenção, todo mundo fez, ah, porque valia dinheiro, ok, todo mundo prestou atenção, todo mundo fez, é, legal, você via gente anotando, você via gente prestando atenção,

gente tentando gravar, fazendo um método lá pra tentar gravar e tudo mais, ok, mas é aquele negócio, o óbvio precisa ser dito, é necessário uma formação e não um curso ou qualquer coisa do tipo, uma formação, uma conversa ou qualquer coisa é, falando olha professor, você não pode chegar na sala e você vai dar aula do descritor de controle remoto, você vai falar sobre controle remoto hoje, mas a primeira coisa que você vai fazer é pegar um versículo da Bíblia, copiar lá no quadro, mandar seus alunos copiarem que não tem nada a ver sua aula de controle remoto e o versículo fala de guarda-roupa, é, porque não vai acolher a turma inteira, a turma inteira precisa aprender sobre o descritor de controle remoto, mas o guarda-roupa é a sua opinião, é o que você pensa. Então assim, precisa sentar todo mundo na frente do Cefop pra assistir a live e assinar a presença, talvez não, mas conversar sobre isso de uma forma, de um jeito que a gente informe é, opiniões que precisam ser mostradas pra todo mundo, olha professor, você precisa conhecer a religião de todo mundo, você precisa conhecer a religião do seu aluno, você precisa conhecer o aluno que você tá lidando porque se o seu aluno é, se você chegar lá no oitavo quarto e o seu aluno chamar o outro de macumbeiro, você não pode ser omissa, tá bom, porque isso é errado. Então assim, você tem que ensinar para alguns professores que a intolerância religiosa e coisas do tipo são erradas porque às vezes parece que não é óbvio pra todo mundo.

Moderadora: Talvez a gente esteja falando aqui também de como trabalhar quando a situação acontece, mas e se formos pensar em para que não aconteça, né, um trabalho de conscientização, um trabalho de prevenção, um trabalho de redução, tipo que a gente faz um trabalho intencional, né, a escola faz um trabalho intencional com relação ao racismo.

Professor H: Olha, o preventivo que eu faço com história sempre que eu tenho oportunidade é, tipo assim, tratar de religião todos os anos com um recorte temporal ou outro eu vou abordar religião, sabe. Pô, gente, eu tava falando de racismo, racial, tá, só de raça mesmo e etnia e eu esqueci a palavra, sumiu na hora, mas é disso. E aí fazer a mesma coisa com essa discriminação religiosa, o racismo religioso. Pode continuar, Jorge.

Professor H: E assim, eu tento situar assim, repare que quando a gente fala de problemas de intolerância religiosa, é uma dicotomia cristianismo-África na maioria das vezes, Brasil. E aí eu tento situar assim, quem é você na fila do pão cristianismo? Aí eu aponto pra turma e digo, sabiam que, tipo, pegando todas as denominações cristãs que existem por aí, eles vão falando quais são as deles e tem muito mais do que isso, da aproximadamente 31% da população mundial. Cristãos não são maioria, em geral eles ficam espantados assim. Aí eu vou além, sabe o 25 de dezembro, feliz natal, Jesus nasceu. Pois é, 70% da população mundial assim, nivelando por cima 70%, porque assim, ainda tem uma quantidade de ateus que aumenta, né,

mas tipo, não tá nem aí em termos religiosos para o 25 de dezembro. E aí eu falo assim, por exemplo, hoje, dia 30 de setembro, na real, para a maioria da população do mundo, hoje não é 30 de setembro de 2024, sabe, então, tipo, não, vocês, seja lá qual for a hegemonia da qual você acha que faz parte, tem um discurso que está inflacionando essa hegemonia, sabe. Não que eu fale nesses termos para uma turma de 7º ano, mas a real é essa, sabe assim. E aí eles começam a se precaver assim, a se perceber quando acontece na hora, assim, tipo, ah, você é um macumbeiro, não sei o que. Primeiro, dou aquela explicação básica de macumba não é religião, sabe, ai, falo do instrumento musical e tal. Quando já estão cientes disso e continuam em algumas aulas, eu faço um corte seco, eu falo obrigado fulano, esse foi um exemplo de intolerância religiosa, obrigado pela sua contribuição na aula, sabe. E a pessoa vai ficando mais sem graça com isso, sabe. E eu acho que, para formações então, poderíamos ter uma formação dada por um “CP” então, sabe, sobre o assunto, já que gostamos da fala dele, tem experiência no assunto. Lembrando agora o que o “CP” falou antes das tantas orações que ele fez, realmente assim, eu tinha percebido uma linguagem corporal, assim, que tipo, ele nunca tomou iniciativa mesmo, assim, de fazer isso, assim, tipo processo consciente, sabe. Eu acho que dos vários problemas, claro que a gente está fazendo um recorte de problemas que acontecem na educação, mas a gente precisa de tempo, sabe. Tudo isso que a gente está falando demanda tempo, demanda a gente sentar em volta de uma mesa, conversar, propor. E assim, a gente está cada vez mais sem tempo para resolver qualquer das coisas que aparecem, sabe, ainda mais essas coisas que têm essa sutileza e que não têm uma fórmula de resolver. A gente precisa trocar experiências, a gente precisa de um espaço institucional na escola para fazer isso que a gente está fazendo aqui agora, sabe, no ambiente lá, sabe, né?

Professor A: Eu penso também que tem uma questão assim, quando a gente pensa nessa espécie de trabalho prévio, digamos assim. Para mim, eu entendo o lugar pedagógico que isso ocupa, etc., mas eu acho que para mim reside mais em que a minha prática sempre seja tão imbuída de um pensamento já decolonial, etc., que o trabalho prévio seja simplesmente as aulas que a gente tem todos os dias. Sabe, tipo, de que esse assunto seja um assunto que está presente ali, não que ele é falado todos os dias, mas porque há uma naturalidade em não tratar a religião alheia como excepcional, não tratar a fé do outro como folclore, entender que dentro do nosso vocabulário também podem estar contidas palavras que remetem a outras religiões e que isso é, sim, uma ação antirracista. Eu tive um professor na faculdade que todas as atividades que ele ia dar para a gente foram coisas práticas que ele ia fazer, ele trocava a palavra licença de pedir licença pela palavra agô, que é de Yorubá. É como você pede licença dentro de um terreiro, você fala "agô meu pai, agô minha mãe, agô meu mais velho" para pedir licença, às vezes até

mesmo para pedir desculpa no caso, porque o Yorubá não se construiu do mesmo jeito que o português. Mas sabe por que a gente precisa tratar como exotificante sempre isso? Já é um pensamento racista que está embutido na gente de tratar sempre como exótico. A própria questão de explicar macumba não é religião, macumba é um instrumento. Não sei até que ponto a gente está só reproduzindo uma fala colonialista também porque sim, o macumbeiro é macumbeiro, a pessoa que vai na macumba é macumbeira. A macumba também é o nome dessa reunião de pessoas dessa prática ancestral, embora o nome da religião seja umbanda, seja candomblé, seja tambor de crioula, seja tambor de mina, seja batute. Dependendo do lugar que você estiver, mas no Brasil inteiro você falou de uma pessoa de branco com um si de conta e falou que é macumbeiro, todo mundo já entende. E aí, dentro das próprias macumbas, se a gente olhar os livros de história da religião, de história da umbanda, por exemplo, a gente acha que a macumba nasce com Zélio de Moraes e isso é um grande preconceito que acontece institucionalmente falando porque ela só é constituída como tal porque a gente tem várias macumbas cariocas. Então macumba carioca é um negócio que existe, é um negócio que é denominado dessa forma. Sabe, então eu acho que assim, eu não estou dizendo que é errado também dizer que a macumba é um instrumento. Eu estou questionando mesmo até que ponto a gente não está reproduzindo alguns colonialismos. E pensar em fazer um trabalho prévio não seja mais um colonialismo. Trabalho prévio talvez sejam esses nossos momentos de troca de experiência, talvez seja ir conhecer outros espaços religiosos, fazer, digamos assim, visitas técnicas. Já que se pensa numa formação, se abrir para uma relação com o outro que muitos professores não estão abertos para.

Moderadora: É verdade, alguém quer complementar?

CP: A gente às vezes estava falando aqui para perceber que, para agir com um aluno, é um pouco mais fácil agir com um aluno, com um jovem. Agora o problema é quando parte do outro adulto. O lidar com outro adulto é complexo. Com a criança a gente fala, a gente é enérgico. Agora o problema é quando é com um adulto. A gente sabe que não tem muita distinção. Agora a pergunta que estava falando, o que a gente acha que poderia ser uma solução? Olha, eu sempre procuro tratar todo mundo com o máximo respeito possível, tudo por causa dessa cosmovisão, volto a falar essa palavra. Então procuro tratar todo mundo com respeito, todas as religiões, todas as denominações, tudo. Mas esse diálogo aqui com pessoas, com um grupo tão heterogêneo, poxa, me fez olhar com outro olhar que me agregou demais. Então, um diálogo desse aqui, aberto com alguém sendo a pessoa que vai, igual a Isabelle está fazendo aí, lançando as provocações, nos induzindo a refletir, foi muito positivo para mim. Tenho certeza que foi muito positivo para todos nós que aqui estamos porque “Professor C” já comentou isso

aí, não sei se foi no chat ali, “Professor H” já comentou. Então, esse é um formato de formação interessante, esse diálogo aqui, heterogêneo, todo mundo expondo suas situações com muito respeito. Eu acho que é um dos caminhos aí para a gente diminuir esses preconceitos e aí sim conseguir trabalhar as religiões da melhor forma possível e extrair dela aquilo que elas têm de melhor para nossa sociedade. Nós não estamos aqui formando cidadãos, nós não somos professores educadores. Então a gente precisa formar o melhor profissional possível, o melhor em química, em arte. Não, a gente vai formar um cidadão integral. Não é isso que a gente está falando da educação integral. Então, quando eu falo integral, eu vejo que as religiões têm um papel muito importante, mas a gente tem que saber como usar e como lidar com ela dentro desse ambiente. Esses preconceitos nossos têm que ser quebrados e eu acho que um meio de quebrar é a gente ouvir o diferente, ouvir a opinião que é diferente da minha, ver os diversos pontos de vista como a gente está vendo aqui hoje. Para mim, agregou demais. Agradeço por estar participando desse momento tão importante e foi importante para mim e tenho certeza que os colegas também. Eu acho que seria um dos caminhos aí para a gente ter uma escola cada vez melhor e realmente cumprindo o papel que a ela cabe.

Pedagoga: Eu quero falar um pouquinho, né? Gostei muito de participar também. Eu tenho alguns pensamentos com relação a essa questão do que fazer na escola, porque eu penso na escola como um lugar de pesquisa, conhecimento e reflexão o tempo todo. Eu sempre vejo na escola uma busca ao conhecimento científico. Eu sempre vejo a escola como esse lugar. E, quando até mesmo a própria LDB (Lei de Diretrizes e Bases) coloca a questão do ensino religioso, dessa diversidade, dessa pluralidade, de passar a informação correta científica para todos os alunos, do sexto ao nono ano, ensino médio, não ficar primando uma religião ou outra. Porque é o conhecimento que vai libertar, é passando a informação que vai fazer com que as pessoas venham a ter o conhecimento e, a partir do conhecimento, elas vão começar a respeitar um ao outro, vão começar a conhecer a realidade de um e de outro. Que nem todos nós somos iguais, que somos diferentes, e é por aí. São as diferenças que nos transformam e nos fazem ser quem somos. Nós não somos iguais, nem deveríamos de ser. E essas diferenças que nos completam. E a escola, com essa diversidade que ela tem, é dentro dela que a gente vê toda essa diferença e é nela que a gente vai se construindo e se transformando, respeitando. Mas eu vejo também que toda essa minha fala a gente não vislumbra mais nas escolas. A gente não consegue ver nada disso nas escolas, porque hoje a escola virou um espaço de disputa de poder. É um grande espaço de disputa de poder, onde o sistema, quando coloca o peso em notas externas, em valores, ele inviabiliza o trabalho do professor. Muitas das vezes, a gente não consegue nem chegar num diálogo com o aluno sobre diversidade. A gente não consegue passar o nosso

conhecimento para esse aluno. A gente não consegue fazer uma troca, um diálogo. Não tem como fazer uma formação como a gente está conversando aqui, porque isso não existe. Então, durante muito tempo, com a chegada dessas avaliações externas e das pontuações, nós, enquanto escola, perdemos o nosso poder de voz. Nós não temos mais poder de voz. Conseguiram nos calar dentro dos espaços escolares. Então, como que pode um espaço que foi feito para o conhecimento científico, para liberdade, ele se transformar num lugar de escravidão e de obediência a um poder acima, por conta de um valor e uma pontuação?

Hoje, se a gente parar para ver, a gente não consegue trabalhar o que a gente estudou, o que a gente acredita, o que a gente gostaria que o aluno aprendesse. A gente burla uma vez ou outra uma situação, mas a gente está voltando sempre aquilo que está na caixinha, que foi imposto e colocado para que nós possamos fazer. A questão de religião na escola, a religião é uma aula por semana, fica até difícil porque, diante de todo o movimento de prova, de nota e de avaliação, a gente conseguir levar isso para dentro da escola e debater isso dentro da escola, porque não nos é permitido também isso por conta das notas. Por conta de notas. Se a gente parar para ver hoje, o Brasil inteiro está correndo atrás dos alunos. Os alunos fazem mais avaliações do que aprendem. E pensando que não, eles se tornam também violentos. Porque ao passo de que ele não consegue atingir uma pontuação, ele se frustra. E, na sua frustração, ele busca um sentido. Por que que ele não consegue ou o outro sim? Ou ele não, ele não aceita. Isso gera uma violência dentro da escola, dentro do espaço, que gera essa questão de ponto. Então, assim, eu não sei como que a gente poderia ter uma possibilidade de abertura de ideia para poder trabalhar a questão da religião na escola, do ensino religioso, de conversar sobre religiões, sobre religiosidade. Eu fico pensando assim, que momento nessa loucura hoje que nós estamos, em que momento será que o sistema vai nos dar esse momento? Será que a gente vai conseguir conversar? Será que a gente vai conseguir dar aula? Será que a gente vai voltar a conseguir ensinar ou trocar informação com o aluno ou mostrar algo que a gente não tem mostrado há muitos anos? Tem muitos anos que a gente não tem mostrado, porque na verdade eu vejo assim que nós estamos igual cachorro correndo atrás do rabo. Dentro da escola, a gente está assim, correndo atrás do rabo e aí a gente não consegue nem passar, nem aprender, nem se fazer falar, nem haver troca, nem haver diálogo, nem haver conhecimento. Então, assim, que bom seria se esses momentos que a gente está aqui, a gente conseguisse ter lá nos nossos espaços. A gente não consegue. A gente mal vê as pessoas passando nos corredores, de cabeça baixa. As pessoas, às vezes, não falam ou aprendem a entrar nesse sistema. É igual aquele filme de Charles Chaplin, aquele filme que ele está lá naquela empresa batendo aquele martelo e vai passando e vai passando o dia e entra e sai. O que você deu do seu conteúdo? Porque no final, o que você

fez? Porque essa geração vai estar depois aí, o que você fez? O que eu fiz, o que nós fizemos? Porque em que momento nós vamos falar sobre isso? Nos é dado momento ou não? De que maneira eu posso fazer ou não? Porque a impressão que dá é que a gente está caminhando, está caminhando para cada vez mais tornar as pessoas mais violentas, mais agressivas, mais arrogantes, mais sem paciência, mais sem religião, mais sem respeito. Porque é o que a gente vê hoje. Nós somos professores, a escola hoje, nós somos reféns. Reféns das famílias que ditam o que nós temos que fazer, o que nós temos que dar. Nós somos reféns. E isso tudo por causa de quê? Por causa de um sistema que delimita aquilo que a gente tem que fazer e hoje nós só somos meros executores. Então é muito complicado a gente dar uma fala, dar uma sugestão, a partir do momento que chegam as pontuações, em que eles pensam em números, ah essa é 10, essa é 9. Até que ponto essas avaliações me mostram uma realidade ou não? Isso é válido para a gente poder pensar, que bom, que bom seria se nós pudéssemos dialogar. Mas até isso, nós não temos mais. Então assim, a gente, nós somos calados. Na verdade, somos calados e estamos só executando. Muito difícil a gente ter uma ideia, levar uma ideia para uma direção, levar uma ideia, fazer algo, ah, mas vai fazer. E mais semana que vem tem isso e tem aquilo. É tanto fazer que a gente acaba deixando e sendo levado pelo movimento. É triste, é muito triste, mas é a minha opinião. Poderíamos ter mais tempo sobre isso, conversar mais, mas assim, eu não vejo nenhum momento diante do que a gente faz. Eu não vejo um tempo para isso. E eu nem sei se eles vão querer ter tempo para isso. Porque na verdade ninguém quer. Ninguém que pensa, ninguém quer. Ninguém que fala, ninguém quer. Ninguém que articula, ninguém quer. Ninguém que debate, ninguém quer nada disso. Ninguém quer nada. Ninguém no sentido de sistema, no sentido do que se impõe, no sentido do que se coloca e no sentido de que essa taça vai entornando nos outros até respingar na base. E aí a gente vê uma base frágil, fraca sendo levada por qualquer informação. É muito triste.

Moderadora: Obrigada. Eu só vou colocar a última questão porque aí vocês já vão falando e fechando. Porque o CP já fechou a fala dele mais ou menos em cima disso, a Pedagoga também. E aí só para a gente terminar e vocês já vão fechando a fala de vocês, de alguma questão que vocês quiserem falar do que já foi passado ou fechando essa vocês já responderam alguns de vocês. Mas que mudanças vocês gostariam de ver na abordagem da religiosidade na escola para que ela contribua efetivamente para a formação humana, para essa formação integral? E, quando eu falo de formação integral, pode ser esse ser que é constituído pela religiosidade. O outro celular acabou, estou gravando de duas formas para eu não perder nada, mas esse aqui acabou. Mas está sendo gravado lá pelo Meet.

Professor C: Isabelle.. eu acho que vai render umas cinco boas páginas para você.

Moderadora: Pois é, eu queria transcrever uma hora e meia de conversa. Agora eu vou transcrever quase três, mas estou muito agradecida a vocês por isso. Tá? Vai me dar um trabalhinho a mais, mas foi excelente.

Aqui está a versão com a pontuação correta:

Professor C: Mas é o seguinte, eu não gosto muito da palavra formação. Eu acho que a palavra formação é uma palavra que sempre quando eu participo de uma formação, eu pergunto para os meus colegas assim: “E aí, se sentiram formados?”. Porque o que para mim é a formação? A formação é diferente de uma capacitação, é diferente de um curso, é diferente de uma roda de conversa, é diferente de um monte de coisa. Porque a formação, o objetivo dela é dar forma. Eu sempre, quando escuto a palavra formação, eu penso em formar, mas no sentido de dar forma, é trazer a forma. E por que a formação nunca funciona? Ninguém se sai formado, porque parece que a gente está ensinando um padrão. Quando a essência da pedagogia é não ter padrão, é se adaptar a situações, é ter ferramentas que você lança mão quando necessário. Então, quando a gente participa de uma formação, você está querendo dar forma a uma coisa que não deveria ter. Acho que se você for propor alguma coisa que não tem um nome de formação (risos), porque um nome de formação ele já vai assustar todo mundo (risos), porque é essa coisa maçante, enjoada, que vai dar uma forma que no final todo mundo para e olha assim: “Gente, mas isso não vai funcionar nunca aqui”. Porque isso funcionou para alguém em algum lugar, mas não aqui.

Enfim, por lá para frente, eu acho que a única coisa que eu talvez diria é que, em um congresso, eu ouvi de um professor muito famoso de ensino de ciências. Ele disse assim, era uma palestra sobre atendimento educacional especializado. Ele disse assim: “Como que se espera de um professor que ele atenda todas as subjetividades que ele tem dentro da sala de aula, não só dos alunos com necessidades especiais, mas também daqueles sem necessidades especiais, se as suas próprias subjetividades nunca foram atendidas e respeitadas?”. Se durante todo o processo de formação desse professor, que ele se formou professor, ele entrou na forma de um professor, ele aprendeu o que um professor deve ou não pode ou não fazer. Ele não teve a sua subjetividade respeitada. Como? Como que essa pessoa pode fazer? Não que ela não possa, ela pode, mas é muito complexo, porque você não viveu esse processo, você não sabe de onde ele vem. Então, eu acho que talvez o primeiro passo, se a gente quer alcançar o educando, vamos chamar de educando nesse momento, se a gente quer aproximar do educando, acho que talvez o primeiro processo seja ouvir a subjetividade dos professores, o que eles têm, o que eles trazem. Eu falo assim: eu nunca vi um lugar que tivesse apoio psicológico para o professor, porque ele faz parte do processo de aprendizagem também. Nossa, eu vi assim: “Nossa, que

maravilhoso! Nós temos agora atendimento de assistente social e psicólogo para nossos alunos. Que maravilhoso!”. Aí chegam as psicólogas e assistentes sociais e a gente não consegue dar conta dos alunos. E os professores, tadinhos. Projetos de vida (pausa). Lidar com todas as competências socioemocionais de 140 alunos. Ele não consegue lidar com a competência socioemocional dele. Ele está destruído emocionalmente. Como que ele, assim... o que a “Pedagoga” acabou de falar? Acabou de falar. A gente está na lógica do capital, na velocidade da acumulação do capital do neoliberalismo dentro da escola. Uhu! Dane-se ser uma pessoa precisa de um número no final e tem uma pessoa que está ali no meio desse processo de ensino-aprendizagem e ninguém está ouvindo, ninguém está escutando, ninguém está sabendo qual é a subjetividade dele, o que ele vai fazer. Eu acho que, tipo assim, se der para a mão do professor mais alguma coisa para ele fazer, ele desmonta. Ele cai no chão, ele desmaia no meio dessa lógica. Mas como a gente falou, acho que desde o começo, a religião tem um lugar na nossa vida, como tem um lugar na vida dos alunos, tendo ou não uma doutrina a ser seguida. Então, existe esse lugar, e ela faz parte desse aluno. Eu não concordo que ela deva ser institucionalmente uma disciplina, porque eu acho que isso abre institucionalmente para que seja feita a catequese. Porque assim, se eu tenho uma aula institucional de ensino religioso, corre um risco muito grande de ser um licenciado em teologia que esteja dando esse curso. E esse licenciado em teologia é formado em uma instituição confessional. E aí ele vai catequizar os alunos. Isso já é uma opinião minha, e como eu sempre falo, as minhas opiniões elas podem ser jogadas fora porque elas não valem de muita coisa. Mas eu acho que institucionalmente a gente corre esse risco maior tendo essa... Enfim, mas o que eu quero dizer é, talvez a minha sugestão para o curso e para a formação dos alunos como seres é que eles vejam que isso, entre os professores, é uma coisa comum. E depois, seja feita com os pais desses alunos. Porque, quando a gente vai ver LDB, a educação da criança é responsabilidade da sociedade, da família, da sociedade e do estado. Então, a gente precisa ter um projeto não que tenha a finalidade a aprendizagem do aluno, como a gente está tratando aqui dada a sua dimensão. Não é uma habilidade a ser aprendida, a ser alcançada, a gente não vai conseguir medir. Mas talvez seja um processo político-pedagógico que a gente vai ter que abraçar a comunidade escolar toda. Talvez te dê mais trabalho, Isabelle, de sugerir isso na discussão da sua dissertação, mas a sugestão seria essa. Se a gente quer formar um cidadão que tem o seu desenvolvimento integral, o desenvolvimento integral dele é em sociedade. Então, a gente não pode tirar essa pessoa, esse cidadão, esse ser subjetivo da sociedade e querer que ele aprenda uma habilidade que é social. A gente precisa juntar todo mundo, para que todo mundo, toda a comunidade seja um líder religioso. A gente vai lá no terreiro, vai no quilombo, vai no culto também, que ninguém

entende no culto, não sabe como funciona. Vai lá também para a gente conhecer tudo e se entender enquanto sociedade. Acho que é isso.

Moderadora: Ok, obrigada. Mais alguém? (pausa) Não? Então tá bom, gente. Algum assunto mais que vocês gostariam de voltar, que tenha ficado para trás ou que acham importante? Não, né gente?

Aqui está a versão com a pontuação correta:

Pedagoga: Eu queria colocar só um ponto final. Eu penso que tem que ter muita formação continuada. Eu sou uma defensora da formação, tem que ter, porque se a gente não tiver uma formação, se a gente não der continuidade... Como que a gente estudou? Seja, por exemplo, você é um professor que se formou no ano 90. Se você não tiver uma formação, como que você vai estar com aquela ideia lá dos anos 90? Como que você vai atuar e trabalhar com isso, com tanta demanda nova, com uma sociedade totalmente diferente daquele tempo em que você estudou? Então, assim, eu defendo muito a formação continuada, não a formação inicial só. Não. A formação continuada. Eu acredito que a formação continuada não é essa que a gente tem, né, que a SEDU impõe e coloca e define e determina. Porque essa formação que a gente faz na SEDU é água com açúcar, não faz diferença nenhuma, não muda em nada. Porque é uma formação em serviço, que a gente sai do planejamento. Isso não é uma formação, mas é o que eles defendem e eles pré-determinam o que vão ser feito. Mas eu acho que, com relação ao assunto do ensino religioso, nós precisamos ter conhecimento, nós precisamos ter formação relacionada a isso para que a gente possa passar o conhecimento da maneira correta, para que a gente possa estar mostrando para os alunos que cada um ali dentro da sala de aula, ele é de uma religião, e que a gente precisa conversar sobre todas elas. Porque senão esse aluno, ele vai aprender com quem? Em casa ele não vai aprender. A escola é um espaço, assim, que tem que ter a disciplina de ensino religioso. Eu também acredito nisso. São assuntos polêmicos que, se ele não tiver ali um espaço coletivo – que é exatamente o espaço correto para ele ter, já que ali é uma diversidade que tem misturado – é um espaço para ele poder trocar informação, conhecer, aprender e respeitar. A escola também é esse espaço de passar essa questão do respeito e o conhecimento. É ali que tem que ter mesmo. E nós, que possamos ter um tempo para nós também aprendermos e estudarmos sobre isso, porque muitas das vezes a gente tem até a boa intenção em estar passando, em estar ensinando, em estar informando. Mas muitas das vezes essa maneira com que a gente passa não tem um embasamento teórico tão forte assim. Porque tudo que se vai fazer é pensado muito e acaba não sendo feito. É pensado muito porque tem que pensar primeiro no aluno, na família, no pedagógico, na direção, no sistema. E aí, muitas das vezes, não é colocado em prática de tanto que se pensa. Pensa-se tanto, busca-se, fala-se tanto

para tanta gente, que a gente acaba não concretizando. Então, eu penso que tem que ter formação, tem que ter ensino religioso na escola, tem que ter troca de informação, tem que ter espaços de conversa, tem que ter rodas de conversa, tem que ter pesquisa, tem que ter campo de pesquisa. Temos que falar sobre tudo que tem que ser falado com os nossos jovens, porque na família e em casa eles não estão tendo. E aí, se a gente não passa, se a escola não passa, se a gente não passa, eles vão aprender com quem? Como que eles vão falar? Como que eles vão debater? Vão ser levados pelas conversas de TikTok, de coach? Eles vão ser levados por essas pessoas? Eles vão acreditar nisso que eles estão vendo? Porque eles estão com o celular 24 horas na mão. Então, eles vão acreditar nesses personal influencers? Em quem que eles vão crer? A gente tem que estar conversando com os alunos sobre isso. Temos que ter espaço para isso e temos que criar condições disso. Ah, mas hoje nós não temos. Então, vamos criar uma condição para isso. Como? Vamos sentar e vamos conversar. É conversando que a gente consegue algumas coisas. É sempre conversando. Porque somos seres inacabados, não somos completos. Passamos por transformações o tempo inteiro. Não somos os sabedores de tudo, buscamos o conhecimento constantemente, nos transformamos e nos fazemos o tempo todo. E é por aí que é o caminho. Eu penso assim.

Moderadora: Obrigada, Geisa. Pessoal, então eu vou me despedindo. Eu quero muito agradecer, foram muitas contribuições boas para o meu trabalho e para mim enquanto pessoa. Eu amei essa conversa e é isso, gente. Eu não sou pedagoga do matutinho, não estou liberando ninguém para chegar depois das sete da manhã. Todo mundo no horário certo amanhã, senão a Ana vai brigar comigo. Mas fora brincadeira, o coordenador pedagógico está aí. Pelo amor de Deus, vai dar onze horas, a gente precisa dormir. Mas eu estou muito feliz com essa conversa e muito agradecida. Realmente, muito obrigada. Eu que agradeço e é isso, vou me despedindo por aqui. Obrigada, boa noite, gente!

APÊNDICE D

Proposta de Formação Continuada na Escola para professores

O projeto de Formação Continuada para Professores sobre Diversidade Religiosa busca proporcionar uma formação prática e reflexiva alinhada ao conceito de educação integral, abordando temas cruciais para a inclusão e respeito às diferentes expressões religiosas no ambiente escolar. Com o objetivo de promover uma formação que respeite a diversidade cultural e espiritual dos estudantes, espera-se que, ao longo dos encontros, os professores desenvolvam conhecimentos teóricos e habilidades práticas para lidar com situações que envolvem preconceito e intolerância religiosa, promovendo um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos.

Através de metodologias dinâmicas, como exposições dialogadas, dinâmicas de grupo, rodas de reflexão e oficinas práticas, os participantes poderão não apenas compreender os conceitos abordados, mas também aplicá-los em suas práticas pedagógicas diárias. Essas ações buscam desenvolver competências que contribuam para uma educação integral, proporcionando uma formação que considera o estudante como um ser completo, onde o respeito às suas crenças e identidades culturais são fundamentais para seu desenvolvimento pleno.

A criação de materiais pedagógicos, o compartilhamento de experiências e o desenvolvimento de planos de ação permitem a construção de uma escola mais cidadã e inclusiva, que respeita a diversidade religiosa como parte essencial da formação integral dos alunos.

Ao final, o projeto pretende destacar-se como uma proposta eficaz para o fortalecimento de uma escola que, alinhada aos princípios da educação integral, respeita e valoriza a diversidade religiosa, contribuindo para a formação de cidadãos completos e respeitosos com as múltiplas identidades.

Proposta de formação continuada para professores

Duração de cada encontro: 2 horas/ aulas

Objetivo: Proporcionar uma formação contínua, prática e reflexiva, abordando temas relacionados à diversidade religiosa, com metodologias dinâmicas e participativas.

1º Encontro: Religião e Educação Integral: Conceitos e Conexões

Objetivo: Explorar os fundamentos da educação integral e sua relação com a diversidade religiosa.

Metodologia:

- **Exposição Dialogada (40 min):** Apresentação dos conceitos-chave com espaço para perguntas.
- **Dinâmica de Grupo (50 min):** "Mapa da Diversidade" participantes identificam as crenças representadas na escola e refletem sobre a integração no ambiente educacional. (anexo1)
- **Roda de Reflexão (30 min):** Discussão sobre como a escola pode incorporar a diversidade religiosa no currículo e nas práticas cotidianas. (roteiro no anexo 2)

2º Encontro: Preconceitos e Intolerância Religiosa: Como Identificar e Combater?

Objetivo: Sensibilizar os professores para reconhecer e lidar com preconceitos e casos de intolerância religiosa.

Metodologia:

- **Estudo de Caso Simulado (60 min):** Apresentação de dois casos fictícios de intolerância religiosa no ambiente escolar (exemplo: bullying entre alunos) e discussão em grupos sobre soluções práticas. (anexo 3)
- **Debate Guiado (30 min):** Troca de percepções sobre situações reais enfrentadas pelos professores e estratégias adotadas.
- **Reflexão Individual (20 min):** Cada participante escreve como pretende aplicar os aprendizados na prática.

3º Encontro: Práticas Pedagógicas Inclusivas para Respeito à Diversidade religiosa

Objetivo: Fornecer ferramentas pedagógicas práticas para promover o respeito à diversidade religiosa.

Metodologia:

- Apresentação Interativa (40 min): Exemplos de projetos interdisciplinares, como "Religião e Cultura no Mundo". (anexo 4)
- Oficina Prática (50 min): Criação de atividades pedagógicas que abordem temas religiosos de forma inclusiva (cartazes, jogos e materiais didáticos). (Anexo 5)
- Compartilhamento (30 min): Socialização das atividades criadas pelos grupos e feedback coletivo.

4º Encontro: A Escola como Espaço de Diálogo e Cidadania

Objetivo: Refletir sobre o papel da escola na formação de cidadãos conscientes e livres de preconceitos.

Metodologia:

- Vídeo Reflexivo (20 min): Exibição de um vídeo curto sobre o impacto da intolerância religiosa na sociedade. (anexo 6)
- Roda de Conversa (60 min): Professores compartilham suas percepções sobre o papel da escola na promoção do diálogo inter-religioso.(anexo 7)
- Planejamento Coletivo (40 min): Identificação de ações que podem ser implementadas na escola para reforçar a cidadania e o respeito à diversidade.

5º Encontro: Acompanhamento Emocional e Mediação de Conflitos Religiosos

Objetivo: Capacitar professores para lidar com situações de conflito relacionadas à diversidade religiosa no ambiente escolar.

Metodologia:

- Dinâmica de Sensibilização (30 min): "Na Pele do Outro" – exercício de empatia onde os participantes refletem sobre situações de preconceito e exclusão. (anexo 8)
- Palestra Dialogada (50 min): Técnicas de mediação de conflitos com exemplos práticos.
- Prática Simulada (40 min): Encenar situações de conflito em grupos e discutir as melhores formas de mediação. (Anexo 9)

6º Encontro: Avaliação e Planejamento de Boas Práticas

Objetivo: Consolidar os aprendizados e planejar ações futuras para a escola.

Metodologia:

- **Dinâmica em Grupos** (60 min): Reflexão sobre o impacto das formações e elaboração de planos de ação para trabalhar a diversidade religiosa no dia a dia escolar.
- **Roda de Reflexão** (30 min): Compartilhamento dos planos criados por cada grupo.
- **Feedback Coletivo** (30 min): Discussão sobre os aprendizados e sugestões para futuras formações.

Resultados Esperados

- Reflexão contínua e prática sobre diversidade religiosa.
- Produção de materiais e estratégias pedagógicas inclusivas.
- Criação de um ambiente escolar mais acolhedor e respeitoso.

Bibliografia

BRASIL. Ministério da Educação. *Educação das relações étnico-raciais na escola*. YouTube, 22 set. 2015. Disponível em: https://youtu.be/rLPm_BhDT6A. Acesso em: 02 jan. 2025

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e ações para educação das relações étnico-raciais*. Brasília: SECAD, 2006. 262 p.; il.

RAMADAN, Ivan. Tolerância - Curta-Metragem animado por Ivan Ramadan. YouTube, 1 dez. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ecsHNhTkYiY>. Acesso em: 02 jan. 2025.

TEACHY. Diversidade Cultural e Território. Disponível em: <https://www.teachy.com.br/planos-de-aula/ensino-fundamental/4ano/geografia/diversidade-cultural-e-territorio-expositiva>. Acesso em: 02 jan. 2025.

TERRACE, Dave. *What is Diversity and Inclusion?* YouTube, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/mjCLqVLNFPg>. Acesso em: 02 jan. 2025.

VÍDEO EDUCATIVO. *Diversidade Cultural e Inclusão nas Escolas*. YouTube, 10 abr. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/fY8Yv3tV47g>. Acesso em: 02 jan. 2025.

ANEXO 1

Dinâmica de Grupo: "Mapa da Diversidade" (50 min)**Objetivo:**

Estimular a identificação e valorização das diferentes crenças e tradições religiosas representadas na comunidade escolar, promovendo uma reflexão sobre como essas crenças estão integradas no ambiente educacional.

Passo a Passo para Conduzir a Dinâmica**1. Introdução e Contextualização (10 min)**

O facilitador apresenta o objetivo da dinâmica, enfatizando que a diversidade religiosa é uma riqueza a ser reconhecida e respeitada no ambiente escolar.

Ressalte que o exercício é um convite à reflexão, e não ao julgamento ou à imposição de crenças.

Crie um ambiente seguro:

Garanta que todos se sintam à vontade para participar. Diga que os relatos e reflexões são confidenciais e devem ser tratados com respeito.

2. Construção do Mapa da Diversidade (25 min)**Material necessário:**

Papel kraft ou cartolina grande (ou quadro branco).

Marcadores coloridos, adesivos ou post-its.

Cartões em branco (para notas individuais).

Passo a Passo:

a) Exploração Individual:

Distribua cartões em branco e peça aos participantes que reflitam por 5 minutos sobre:

- Quais crenças religiosas ou tradições eles percebem estarem representadas na escola (alunos, professores, comunidade).
- Exemplos de como essas crenças aparecem (festas, símbolos, práticas, etc.).
- Cada participante deve anotar suas reflexões no cartão.

b) Compartilhamento em Grupos Pequenos:

- Divida os participantes em pequenos grupos (4-6 pessoas) e forneça uma folha de papel kraft/cartolina para cada grupo.
- Peça que desenhem um "mapa da diversidade", registrando no papel as crenças identificadas, suas características e exemplos de como essas crenças estão presentes na escola.
- Use cores ou símbolos diferentes para representar cada crença/religião.
- Inclua espaço para observações, como se as crenças estão visíveis ou invisíveis no ambiente escolar.

c) Consolidação em Grupo Ampliado:

- Cada grupo apresenta seu mapa da diversidade em 2-3 minutos, destacando crenças identificadas e pontos de reflexão.
- O facilitador organiza as contribuições em um único "mapa coletivo" (pode ser no quadro ou em outra cartolina).

d) Reflexão Guiada e Discussão (15 min)

- Perguntas norteadoras:
 - Quais crenças são mais visíveis na escola? Quais são menos visíveis?
 - Como a escola reconhece e valoriza as diferentes tradições religiosas?
 - Há algum exemplo de integração positiva das crenças no ambiente escolar? E de exclusão ou invisibilização?
 - Como podemos melhorar a convivência e a inclusão de todas as crenças?

Síntese:

O facilitador finaliza a dinâmica destacando as principais descobertas e sugestões do grupo.

Enfatize que o objetivo é ampliar a compreensão sobre a diversidade e pensar em maneiras de tornar a escola mais inclusiva e respeitosa.

Dicas para Sucesso

- **Evite exposição pessoal:** Ninguém é obrigado a compartilhar sua própria crença ou experiências, apenas percepções gerais sobre o contexto escolar.

- **Adapte à realidade local:** Se a escola for homogênea em termos de crença, amplie a discussão para tradições religiosas menos conhecidas.
- **Use o resultado:** O mapa da diversidade pode ser guardado e usado como base para futuras reflexões ou ações no ambiente escolar.



ANEXO 2

Roda de conversa (30 min):

Discussão sobre como a escola pode incorporar a diversidade religiosa no currículo e nas práticas cotidianas

Objetivo:

Fomentar uma conversa coletiva para identificar estratégias práticas que promovam a inclusão da diversidade religiosa no currículo escolar e nas atividades cotidianas, respeitando os valores da educação integral.

1. Contextualização e Abertura (5 min)

O facilitador inicia explicando o objetivo da plenária:

"Nesta etapa, vamos refletir juntos sobre como a escola pode reconhecer e valorizar a diversidade religiosa no currículo e no dia a dia escolar. Queremos propor ações concretas que fortaleçam o respeito, a inclusão e a convivência harmônica."

Reforce que o espaço é de escuta ativa e colaboração. Cada ideia é válida e merece ser considerada.

2. Levantamento de Ideias (15 min)

Divisão da Plenária em Dois Focos:

Para organizar melhor as discussões, sugira que os participantes pensem em ações relacionadas a dois aspectos:

- 1) **Currículo Escolar:** Como a diversidade religiosa pode ser abordada de forma interdisciplinar?

Exemplo de perguntas norteadoras:

Quais disciplinas podem explorar temas de diversidade religiosa?

Quais conteúdos ou projetos poderiam ser inseridos?

- 2) **Práticas Cotidianas:** Como valorizar as diferentes crenças nas atividades diárias da escola?

Exemplo de perguntas norteadoras:

1. Como as festas, rituais e símbolos religiosos podem ser tratados de forma inclusiva?
2. Que espaços de diálogo e convivência podem ser criados?

Coleta de Sugestões:

3. Metodologia de Discussão Aberta:

- Dê a palavra aos participantes para que compartilhem suas ideias, alternando entre os dois focos (currículo e práticas).
- Incentive o uso de exemplos práticos.
- Registre as sugestões em um quadro ou tela visível para todos, organizando-as em categorias (por exemplo: "currículo", "eventos", "espaços de diálogo").

4. Consolidação e Encaminhamentos (10 min)

Síntese das Contribuições:

O facilitador faz um resumo das principais ideias levantadas, destacando:

Ações de fácil implementação.

Projetos ou adaptações no currículo que podem ser planejados.

Prioridade e Próximos Passos:

Pergunte ao grupo quais ações podem ser colocadas em prática imediatamente.

Sugira formar pequenos grupos de trabalho ou comissões para desenvolver as ideias mais votadas, caso necessário.

Encerramento Inspirador:

Finalize destacando o papel fundamental da escola na formação de cidadãos empáticos e conscientes.

"Ao incorporarmos a diversidade religiosa na nossa prática, estamos promovendo uma educação que reflete os valores da cidadania e do respeito mútuo."

ANEXO 3

Material de Apoio para o Estudo de Caso Simulado (60 min)**Casos Simulados****Caso 1: O Lenço na Cabeça****Descrição do Caso:**

Na sala do 6º ano, Sara aluna muçulmana, começou a usar o hijab (lenço) na escola. Alguns colegas fizeram comentários como “Por que está fantasiada?” e “Está escondendo o cabelo porque é feio?”. Sara ficou retraída e passou a evitar ir ao recreio. A professora percebeu que ela não está participando das atividades em grupo como antes.

Questões para Reflexão em Grupo:

1. Como a professora deve agir diante dos comentários preconceituosos dos alunos?
2. Que estratégias podem ser adotadas para abordar a diversidade religiosa em sala de aula e evitar casos semelhantes?
3. Como engajar os colegas de Sara em uma conversa respeitosa sobre diversidade religiosa?

Caso 2: A Festa de Final de Ano**Descrição do Caso:**

A escola organizou uma celebração de final de ano com músicas natalinas e um presépio no pátio. Miguel, aluno de uma família atea, comentou com os pais que se sentiu desconfortável com a ênfase religiosa da festa. Os pais enviaram um e-mail à coordenação pedindo explicações sobre a escolha das atividades e sugerindo algo mais neutro e inclusivo.

Questões para Reflexão em Grupo:

1. Como a escola pode lidar com a reclamação da família de Miguel?
2. Como planejar eventos escolares que respeitem diferentes crenças ou a ausência delas?
3. Que medidas preventivas podem ser tomadas para evitar que alunos ou famílias se sintam excluídos?

Caso 3: O Canto que Incomodou

Descrição do Caso:

Durante uma atividade cultural na escola, João, aluno do 8º ano, sugeriu cantar uma música tradicional de candomblé que aprendeu em sua comunidade. Antes que a música fosse apresentada, alguns colegas riram e disseram coisas como: "Você vai invocar espíritos?" ou "Isso é coisa de macumba". João ficou visivelmente constrangido e pediu à professora para não mais participar da atividade. A situação gerou desconforto, e outros alunos começaram a evitar João, fazendo comentários preconceituosos nos corredores.

Questões para Reflexão em Grupo:

1. Como a escola pode intervir para garantir que João se sinta respeitado e valorizado?
2. Quais ações podem ser tomadas para combater o preconceito contra religiões de matriz africana no ambiente escolar?
3. De que maneira a diversidade religiosa pode ser incluída no planejamento pedagógico para promover o respeito e a valorização das culturas afro-brasileiras?

Instruções para os Facilitadores:

1. Divida os participantes em pequenos grupos (4-6 pessoas).
2. Entregue cópias dos dois casos (ou projete em uma tela).
3. Oriente os grupos a:

Ler e discutir cada caso.

Anotar ideias e soluções práticas em uma folha ou quadro fornecido.

Quadro de Resumo para os Grupos:

Situação Identificada	Impacto nos Envolvidos	Soluções Propostas

Plenária para Compartilhamento

Após a discussão em grupos, reúna todos os participantes e peça que compartilhem suas soluções.

Roteiro para o Facilitador na Plenária:

1. Peça a um representante de cada grupo que resuma as soluções propostas para um dos casos.
2. Anote as ideias em um quadro visível, organizando-as por temas (exemplo: "ações pedagógicas", "atividades culturais", "diálogo com famílias").
3. Encerre destacando as boas práticas sugeridas e incentive os participantes a aplicá-las em suas escolas.

Materiais Necessários

- Impressões ou slides dos casos simulados.
- Papéis grandes (flip charts) ou quadros brancos para cada grupo.
- Marcadores e canetas.
- Quadro ou tela para a plenária (para sintetizar as soluções).

Reflexão Final

Perguntas para Encerramento:

- O que mais chamou sua atenção nos casos apresentados?
- Como o ambiente escolar pode ser mais inclusivo e preparado para lidar com a diversidade religiosa?
- Que práticas você já aplica ou gostaria de implementar na sua escola para prevenir intolerância?

ANEXO 4

Exemplos de Projetos Interdisciplinares

A apresentação interativa tem como objetivo inspirar os participantes, mostrando exemplos concretos e criativos de projetos interdisciplinares sobre "Religião e Cultura no Mundo", e como essas iniciativas podem ser implementadas no ambiente escolar.

Tempo	Atividade
5 min	Abertura e contextualização: Importância de projetos interdisciplinares.
10 min	Apresentação de 2-3 exemplos práticos de projetos interdisciplinares.
10 min	Dinâmica interativa: Brainstorming de ideias em pequenos grupos.
15 min	Compartilhamento e fechamento: Reflexões e aplicação prática.

Exemplos de Projetos Interdisciplinares

Exemplo 1: Religião e Cultura no Mundo

Descrição:

Os alunos pesquisam diferentes religiões ao redor do mundo, explorando suas práticas culturais, símbolos, festas e valores.

Disciplinas Envolvidas:

- História: Estudo das origens e evolução das religiões.
- Geografia: Localização dos principais grupos religiosos pelo mundo.
- Artes: Representação visual de símbolos e práticas culturais.
- Língua Portuguesa: Produção de textos descritivos ou narrativas sobre rituais.

Produto Final:

Uma exposição cultural com apresentações, maquetes, murais e vídeos sobre as tradições religiosas estudadas.

Exemplo 2: "Calendário Inter-religioso"

Descrição:

Criação de um calendário escolar que inclua datas importantes de diferentes religiões, explicando seu significado cultural e espiritual.

Disciplinas Envolvidas:

- Ensino Religioso: Contextualização das datas.
- Matemática: Planejamento do calendário.
- Informática: Design gráfico do calendário.
- Educação Artística: Ilustrações representando cada celebração.

Produto Final:

Um calendário impresso ou digital, com conteúdo acessível a toda a comunidade escolar.

Exemplo 3: "Religião, Ciência e Meio Ambiente"**Descrição:**

Projeto interdisciplinar que investiga como diferentes religiões abordam o cuidado com o meio ambiente e a sustentabilidade.

Disciplinas Envolvidas:

- Ciências: Discussão sobre sustentabilidade e preservação ambiental.
- Filosofia: Reflexões sobre ética e responsabilidade humana no cuidado com a natureza.
- Geografia: Impactos ambientais em áreas com práticas religiosas específicas.
- Língua Inglesa: Pesquisa de textos em inglês sobre o tema.

Produto Final:

Uma roda de debate, com painéis temáticos e propostas de ações ambientais baseadas nas reflexões do projeto.

Dinâmica Interativa: Brainstorming de Projetos (10 min)**Passo a Passo:**

1. Divida os Participantes em Grupos (4-6 pessoas):

Cada grupo deverá pensar em um tema interdisciplinar envolvendo religião e cultura.

2. Perguntas Norteadoras para o Brainstorming:

- Qual tema relacionado à diversidade religiosa pode ser trabalhado na escola?
- Quais disciplinas podem ser integradas para abordar o tema?
- Qual seria o produto final ou atividade culminante?

3. Ficha para Anotações:

Forneça uma ficha com os seguintes campos:

- Tema:
- Disciplinas envolvidas:
- Atividades principais:
- Produto final:

**Compartilhamento e Fechamento (15 min)****1. Compartilhamento:**

- Peça a um representante de cada grupo que apresente rapidamente o projeto idealizado.
- Anote as ideias em um quadro ou tela, organizando-as em categorias (por exemplo, "História e Cultura", "Ciências e Meio Ambiente").

2. Reflexão Final:

- Pergunte aos participantes: "Qual projeto mais chamou sua atenção e por quê?"
- Encerre com uma mensagem inspiradora:

ANEXO 5

Oficina Prática (50 min): Criação de Atividades Pedagógicas Inclusivas sobre Temas Religiosos

Esta oficina prática tem como objetivo capacitar os participantes a criar atividades pedagógicas que abordem temas religiosos de maneira inclusiva, promovendo o respeito à diversidade no ambiente escolar.

Objetivo da Oficina

- Estimular a criatividade dos professores na criação de materiais didáticos inclusivos.
- Promover o aprendizado sobre diversidade religiosa de forma lúdica e engajante.
- Compartilhar ideias práticas que podem ser aplicadas em diferentes contextos educacionais.

Materiais Necessários

- **Papéis e cartolinas:** Para a criação de cartazes.
- **Marcadores, lápis de cor, tesoura, cola:** Para customização.
- **Modelos de jogos educativos:** Exemplos para inspiração, como jogos de tabuleiro ou cartas.
- **Dispositivos eletrônicos (opcional):** Para criar versões digitais das atividades (jogos ou apresentações interativas).
- **Fichas com temas sugeridos:** Para orientar os grupos (veja ideias abaixo).

Dinâmica da Oficina

Abertura (10 min): Contextualização

1. Breve introdução pelo facilitador:

- Explique a importância de trabalhar temas religiosos de forma inclusiva.
- Ressalte como materiais pedagógicos lúdicos podem ajudar a desmistificar preconceitos.

2. Exemplo Inspirador:

- Mostre um exemplo concreto de atividade inclusiva (como um jogo ou um cartaz sobre diversidade religiosa).

Atividade Prática (35 min): Criação de Materiais

1. Divisão em Grupos:

- Organize os participantes em grupos de 4-6 pessoas.
- Cada grupo escolherá criar um cartaz, um jogo ou outro material didático.

2. Sugestões de Temas:

- **Datas Religiosas:** Criar um jogo de perguntas sobre celebrações de diferentes religiões.
- **Símbolos Religiosos:** Produzir um cartaz explicando o significado de símbolos de várias tradições.
- **História das Religiões:** Desenvolver um tabuleiro com perguntas e desafios baseados em fatos históricos.
- **Cultura e Religião:** Criar um material sobre como as práticas religiosas influenciam a cultura (música, vestimentas, culinária).

3. Roteiro para Criação do Material:

- Escolha o tema do material.
- Defina o objetivo pedagógico (ex.: melhorar o conhecimento sobre datas religiosas).
- Escolha o formato (jogo, cartaz, cards, etc.).
- Desenvolva o conteúdo e finalize a criação.

Encerramento (5 min): Compartilhamento

1. Apresentação dos Materiais Criados:

- Cada grupo apresenta brevemente seu material para os demais participantes.

2. Encerramento:

- Reforce a importância de usar esses materiais em sala de aula.
- Incentive os participantes a compartilhar os materiais com outros professores e a adaptá-los para suas realidades.

Exemplos de Materiais Didáticos

Cartaz: Calendário de Datas Religiosas

- Um cartaz destacando datas importantes de várias religiões com explicações curtas sobre cada uma.

Jogo de Perguntas: Diversidade Religiosa

- Um jogo de cartas com perguntas como:
 - “Qual religião celebra o Diwali?”
 - “Qual o significado do Hanukkah no judaísmo?”

Tabuleiro Educativo: História das Religiões

- Um jogo de percurso onde cada casa apresenta perguntas ou desafios relacionados a temas como “O nascimento do budismo” ou “O impacto cultural do islamismo”.

ANEXO 6

Sugestão para Vídeo Reflexivo**Tema:****1. Impacto da Intolerância Religiosa:**

Título: Tolerância – Curta-Metragem animado por Ivan Ramadan- 6’20”

<https://youtu.be/ecsHNhTkYiY?si=XzjH7sXerJybU2pW>

Título: "Intolerância Religiosa: Reflexões e Soluções" - 6’

<https://youtu.be/mjCLqVLNFPg?si=bRJuvJg0iwmEBIxI>

Título: Intolerância na escola - 5’24”

https://youtu.be/rLPm_BhDT6A?si=HN6KR4JujqzVZ-RE

2. Diálogos Inter-religiosos e Inclusão (Curta Documentário)

Entrevista com Edson Nunes- Teólogo e Doutor em Letras- Diálogo Inter-Religioso- 26’01”

https://youtu.be/fY8Yv3tV47g?si=bgX_xHZOT6HsmcJ-

Perguntas norteadoras:

- Como o preconceito religioso pode ser combatido no dia a dia?
- Qual o papel da educação no combate à intolerância?

ANEXO 7

Dinâmica de Sensibilização: "Na Pele do Outro" – Exercício de Empatia

Esta dinâmica tem como objetivo principal promover a empatia entre os participantes ao vivenciar situações de preconceito e exclusão, ajudando-os a compreender melhor as dificuldades enfrentadas por diferentes grupos sociais, como minorias religiosas, por exemplo.

Objetivo da Dinâmica:

Fomentar a empatia e a compreensão sobre a vivência de situações de preconceito e exclusão em ambientes diversos, como o escolar.

Promover uma reflexão sobre como a intolerância religiosa impacta os alunos e suas comunidades.

Material Necessário:

Cartões ou folhas com situações descritas (exemplos de preconceito ou exclusão).

Canetas para anotações pessoais.

Passos da Dinâmica:**1-Apresentação (5 minutos):**

Explique o objetivo da atividade: refletir sobre situações de preconceito e exclusão, especialmente relacionadas à diversidade religiosa.

Ressalte a importância de criar um ambiente acolhedor e inclusivo, onde todos os alunos possam se sentir respeitados em suas diferenças.

2- Exercício "Na Pele do Outro" (15 minutos):**Distribuição dos Cartões:**

Entregue para cada participante um cartão ou folha com uma breve descrição de uma situação fictícia ou real envolvendo preconceito e exclusão (pode ser adaptado para intolerância religiosa).

Exemplo de situações:

"Um aluno é discriminado por usar um símbolo religioso visível em sala de aula."

"Professores têm dificuldades em abordar temas religiosos em sala devido a conflitos culturais."

"Discussões sobre festivais religiosos geram desconforto e rejeição por parte de alguns colegas."

Reflexão Individual:

Cada participante lê o cartão/folha e reflete sobre como se sentiria vivendo essa situação. Eles devem anotar seus pensamentos e sentimentos por 5 minutos.

3- Discussão em Grupos (10 minutos):**Divisão em Grupos:**

Forme pequenos grupos (3-4 pessoas) para discutir as situações apresentadas nos cartões.

Tarefas dos Grupos:

Compartilhar como os participantes interpretaram a situação fictícia ou real.
Reflexionar sobre os desafios enfrentados pelo aluno/indivíduo envolvido, suas emoções e possíveis soluções.

4- Plenária e Compartilhamento (10 minutos):**Apresentação Coletiva:**

Após o tempo de grupo, cada equipe compartilha uma situação abordada e as reflexões feitas.

Debate Aberto:

Conduza uma conversa sobre o impacto do preconceito e exclusão no ambiente escolar, com foco em diversidade religiosa.

Resolução Conjunta:

Juntos, discutam maneiras de como a escola pode se preparar melhor para tratar casos de intolerância religiosa, promovendo um ambiente mais inclusivo e respeitoso.

5- Conclusão (5 minutos):

Resuma os principais pontos discutidos e reforça a importância de empatia e aceitação das diferenças no ambiente escolar.

Finalize com uma mensagem de incentivo para que os participantes levem essa reflexão para suas práticas pedagógicas, fomentando uma cultura de respeito e inclusão.

Sugestões de Cartões ou Situações para a Dinâmica:

Situação: “Um aluno utiliza um véu em sala de aula e é alvo de comentários inconvenientes por parte dos colegas.”

Pergunta para reflexão: *"Como você se sentiria nessa situação? O que poderia ser feito para melhorar esse ambiente?"*

Situação: “O professor não sabe como abordar questões religiosas em sala devido à diversidade de crenças entre os alunos.”

Pergunta para reflexão: *"O que o professor poderia fazer para ser mais inclusivo e respeitoso?"*

ANEXO 8

Dinâmica: Prática Simulada – Encenar Situações de Conflito e Discutir Mediação

Essa atividade tem como objetivo proporcionar aos participantes a oportunidade de vivenciar situações de conflito relacionadas à diversidade religiosa e discutir formas eficazes de mediação para resolvê-los de maneira respeitosa e inclusiva.

Objetivo da Dinâmica:

- Proporcionar uma experiência prática onde os participantes possam simular situações de conflitos relacionados à intolerância religiosa.
- Fomentar o debate sobre estratégias de mediação eficazes e baseadas no respeito mútuo e na inclusão.

Material Necessário:

- Cartões com cenários conflitantes (descrições de situações fictícias ou reais).
- Papel e canetas para registro das melhores soluções.
- Grupos formados para a prática (3-4 pessoas por grupo).

Passos da Dinâmica:**1. Introdução e Distribuição de Cenários (10 minutos):**

Explique aos participantes que eles irão participar de uma prática simulada de resolução de conflitos, focando na intolerância religiosa no ambiente escolar.

Objetivo: Exercitar como lidar com situações difíceis com empatia e respeito.

- **Distribuição dos Cenários:**

Divida os participantes em pequenos grupos (3-4 pessoas).

Entregue um cartão com uma situação de conflito para cada grupo. Exemplo:

Cenário 1:

"Alunos zombam de um colega que pratica uma religião minoritária, criando um ambiente desconfortável."

Cenário 2:

"O professor tem dificuldade em abordar temas religiosos devido a diferentes crenças, o que gera desconforto entre os alunos."

2. Encenação e Discussão (20 minutos):**a) Simulação:**

- Cada grupo simula a situação descrita em seu cartão.
- A dinâmica deve seguir até que todos os envolvidos no conflito cheguem a uma resolução.

b) Debate e Mediação:

- Após a encenação, cada grupo discute como poderiam ter abordado o conflito de forma mais eficaz.
- Identifique quais estratégias de mediação ajudaram a resolver o conflito e quais poderiam ser ajustadas.

3. Discussão Geral e Compartilhamento (10 minutos):

- Após as simulações, os grupos compartilham suas experiências e as soluções encontradas com o restante da turma.
- Discuta em plenária as melhores práticas de mediação para cada situação, com foco em respeito, diálogo aberto e inclusivo.

4. Resumo e Conclusão (10 minutos):

- Reflita sobre as principais lições aprendidas durante a dinâmica.
- Conclua destacando a importância da comunicação aberta, empática e ética na resolução de conflitos relacionados à diversidade religiosa.
- Incentive a aplicação dessas técnicas em situações reais no ambiente escolar.

Sugestões de Cartões para Cenários Conflitantes:

1. **Cenário:** “Alunos evitam se sentar ao lado de colegas com diferentes crenças em grupos de trabalho.”

Pergunta: *“Como podemos abordar essa situação para promover a inclusão no grupo?”*

2. **Cenário:** “Professores são criticados por suas abordagens ao ensinar religiões diferentes, gerando tensões na sala.”

Pergunta: *“Como podemos garantir um ensino mais inclusivo e respeitoso para todas as crenças?”*



ANEXO 9

Dinâmica em Grupos: Reflexão sobre o Impacto das Formações e Elaboração de Planos de Ação

Essa dinâmica tem como objetivo envolver os participantes em uma reflexão sobre os impactos das formações recebidas e desenvolver planos de ação para implementar a diversidade religiosa no dia a dia escolar.

Objetivo da Dinâmica:

- Promover uma reflexão sobre como as formações oferecidas podem influenciar o ambiente escolar em relação à diversidade religiosa.
- Estimular a criação de planos de ação práticos e inclusivos para trabalhar a diversidade no cotidiano escolar.

Material Necessário:

- Papel e canetas para cada grupo.
- Fichas com perguntas guias para reflexão.
- Post-it ou cartões coloridos para brainstorming.

Passos da Dinâmica:

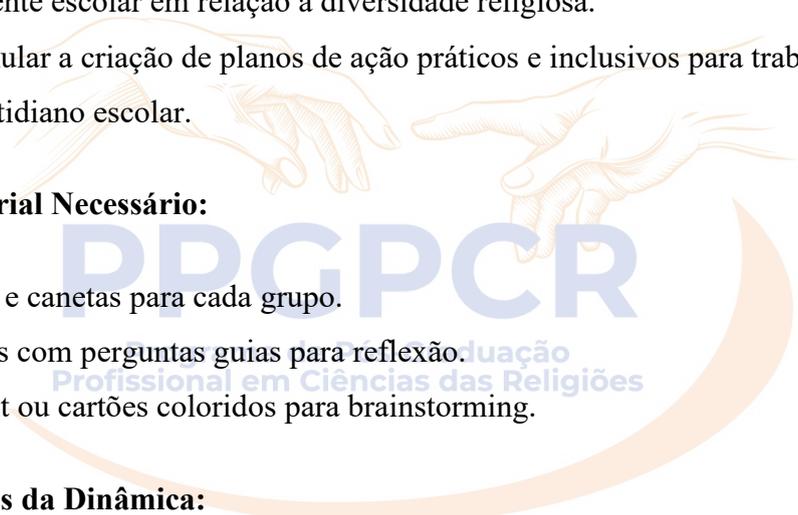
1. Introdução (10 minutos):

- **Objetivo:** Explorar como as formações oferecidas (como workshops ou palestras sobre diversidade religiosa) impactaram o ambiente escolar e o comportamento dos professores e alunos.
- Pergunta inicial: *"Como as formações sobre diversidade religiosa estão ajudando ou não na prática escolar?"*

2. Reflexão em Grupos (30 minutos):

1. Divisão dos Grupos:

Organize os participantes em grupos de 4 a 6 pessoas.



2. Reflexão Guiada:

Cada grupo recebe uma folha com perguntas específicas para guiar a discussão:

Perguntas para Reflexão:

- Como as formações melhoraram o entendimento sobre diversidade religiosa?
- Quais mudanças práticas ocorreram após as formações em sala de aula?
- Quais desafios ainda enfrentamos para implementar a diversidade religiosa no cotidiano escolar?
- Que estratégias podemos usar para superar esses desafios?

3. Brainstorming e Elaboração de Planos de Ação (20 minutos):

1. Brainstorming:

Cada grupo utiliza post-its ou cartões coloridos para listar ideias e sugestões práticas para promover a diversidade religiosa na escola.

2. Desenvolvimento de Planos de Ação:

Organize as ideias para formar planos de ação com foco nas seguintes áreas:

- **Ensino:** como incluir conteúdos sobre diversidade religiosa nas disciplinas.
- **Ambiente Escolar:** como criar espaços de diálogo inter-religioso.
- **Comunicação:** como promover a conscientização entre alunos, pais e comunidade escolar sobre a importância da inclusão religiosa.

4. Apresentação e Discussão (20 minutos):

1. Compartilhamento:

Cada grupo compartilha seu plano de ação com o restante da turma.

2. Discussão:

Incentive a reflexão coletiva sobre como essas ações podem ser integradas ao cotidiano escolar.

Pergunte: *"Quais planos são viáveis a curto e longo prazo?"*

5. Conclusão (10 minutos):

- Resuma as principais ideias apresentadas pelos grupos.
- Reforce a importância de ações colaborativas para a criação de um ambiente escolar mais inclusivo e respeitoso em relação à diversidade religiosa.
- Finalize com uma mensagem motivadora para que os professores e profissionais educacionais continuem promovendo essa integração.

Sugestões de Planos de Ação:

1. Implementação de Oficinas e Dinâmicas

Criação de atividades extracurriculares focadas em temas religiosos e culturais.

2. Criação de Grupos de Discussão

Formar comitês ou grupos para discutir e propor estratégias sobre como lidar com a diversidade religiosa no ambiente escolar.

3. Eventos Culturais

Organizar feiras culturais ou dias inter-religiosos para promover a troca de experiências entre alunos e comunidade escolar.